UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LYDIANE REGINA PEREIRA FABRETTI

A Frente e o Verso da Trama: grupos vivenciais junguianos com mulheres que cuidam, esperam e criam nas rodas de artesanato

São Paulo

2011

LYDIANE REGINA PEREIRA FABRETTI

A Frente e o Verso da Trama: grupos vivenciais junguianos com mulheres que cuidam, esperam e criam nas rodas de artesanato

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientadora: Prof^a Dr^a Laura Villares de Freitas

São Paulo

2011

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Fabretti, Lydiane Regina Pereira.

A frente e o verso da trama: grupos vivenciais junguianos com mulheres que cuidam, esperam e criam nas rodas de artesanato / Lydiane Regina Pereira Fabretti; orientadora Laura Villares de Freitas. -- São Paulo, 2011.

240 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicologia junguiana 2. Maternidade 3. Deficiente físico 4. Processos interpessoais e de grupo 5. Terapia com artes criativas I. Título.

RC506

FOLHA DE APROVAÇÃO

Lydiane Regina Pereira Fabretti

A Frente e o Verso da Trama: grupos vivenciais junguianos com mulheres que cuidam, esperam e criam nas rodas de artesanato

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Orientadora: Profª Dª Laura Villares de Freitas

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Ao clã de transmutadores da matéria que me iniciou na idílica jornada de recriar a realidade:
bivó Ida (em memória), vovó Adalgiza (em memória), tia Ignes (em memória), vovó Luisa, tia
Ruth, Jacirema Cléia Ferreira e Jeanette Mancini.

Dedico também estas reflexões às mulheres-cuidadoras-artesãs na esperança de termos
feito um trabalho belo e significativo na nossa Roda de Artesanato. Sejam felizes!

AGRADECIMENTOS

Meu amor e carinho à minha família amorosa, que suportou os mistérios deste longo processo. Menciono especialmente:

Minha mãe, mulher carinhosa e de fibra, que cuidou de mim, sempre exigiu o meu melhor e rezou por meu Anjo da Guarda.

Meu pai cuja grandiosa herança cultural e criativa me inspirou a partir de seus livros espalhados pela casa e brincadeiras de reaproveitar caixinhas de remédios na construção de móveis para a casa de bonecas.

Erick e Myldret, meus mais amados companheiros, donos de corações bondosos e sensíveis com quem aprendi a brincar e a compartilhar desde a mais tenra infância.

Aurélio, sujeito que chegou à família com seu jeito divertido e confiável, por estar sempre disposto a salvar meus arquivos do limbo dos códigos binários e a resolver os enigmas da Microsoft.

Narrimann por resgatar com seu sorriso infantil, puro e autêntico, aqueles instantes raros de apaziguamento na vida dos adultos.

João Paulo pelo profundo amor que construímos durante este processo, pela simplicidade, compreensão mútua e desafios intelectuais.

*

Minha extensa, intensa e imensa gratidão à equipe do Lar Escola São Francisco sem a qual nenhuma matéria prima poderia ter se tornado um objeto concreto e real:

à Dra. Rosane Chamlian, pela gestão primorosa, otimista e receptiva à inovação dos projetos da equipe.

à Cristina Masiero que generosamente me ensinou a importância das lideranças democráticas, assertivas e serenas. Sua amizade é uma inspiração.

à Janaína de Carvalho e Sandra Rodrigues que além de serem psicólogas éticas e competentes, compõem minha irmandade profissional.

à Luciana Giannico, Marina de Castro, Maria Aparecida Valença, Monica Bevilacqua, Fernanda Simões, pessoas admiráveis, honestas e divertidas. Que bom que passamos boa parte do dia trabalhando juntas.

à Tamires Ricarte, agradeço a maneira doce, prestativa e eficiente com a qual me auxiliou nas situações em que me faltava tempo, ou fôlego, para formular um pedido de ajuda.

à Dra. Valéria Cassefo e à Dra. Anny Binha pelas cuidadosas discussões de casos e prestativas informações sobre diagnósticos e tratamentos.

à Stella Maris Molinari e à Dr^a Roberta Galasso Nardi, por nossa respeitosa parceria. Ressalto ainda as empolgantes conversas que temos sobre literatura e cultura que me tornam uma pessoa mais inteligente.

*

Desejo sempre uma trajetória bem sucedida aos integrantes da Távola Redonda do Laboratório de Estudos da Personalidade da Universidade de São Paulo: Tânia Pessoa de Lima, Elisabeth Magalhães, Simone Correa, Camila Scarabel, Gláucia Covello, Marcia Iorio e Ana Lucia Pandini, Gustavo Pessoa e Guilherme Scandiucci. Obrigada por lerem, relerem e lerem mais algumas vezes os meus escritos. Todos os palpites que compartilhamos foram preciosos.

Gostaria de ressaltar minha admiração pelo trabalho desenvolvido pelas Dr^a Silvana Parisi e Dr^a Gláucia Rosana G. Benute que respeitosamente aceitaram participar do exame de qualificação desta pesquisa. Gostaria agradecer-lhes pela leitura detalhada e pelas coerentes recomendações. Agradeço ao Dr. Lineu Kohatsu pelas reflexões sobre o uso de fotografia enquanto artefato, veículo de nostalgia.

Especialmente à Prof^a Dr^a Laura Villares de Freitas ofereço meus agradecimentos por ter acreditado no potencial do meu projeto e concordado em orientar o desenvolvimento desta pesquisa. Além de ter confiado em mim, acompanhado minha trajetória, me incentivado e contribuído pela ampliação da minha consciência, tive o privilégio de nos últimos quatro anos em sua companhia aprender a ser melhor pesquisadora, psicóloga e docente. É um privilégio atuar na equipe do LEP, ao lado de uma das maiores estudiosas de Jung, ou melhor, da alma humana que conheço.

*

Não posso esquecer de agradecer simbolicamente aos escritores que roubaram minhas horas de sono, me impeliram na busca pelas palavras certas e cujas idéias mudaram os rumos da minha vida. O gosto (exagerado) pela leitura com certeza é culpa daqueles empolgantes contos de fadas que ganhei quando criança...

Sólo le pido a Dios
que el dolor no me sea indiferente,
que la reseca muerte no me encuentre
vacío y solo sin haber hecho lo suficiente.

Sólo le pido a Dios
que lo injusto no me sea indiferente,
que no me abofeteen la otra mejilla
después que una garra me arañó esta suerte.

Sólo le pido a Dios
que la guerra no me sea indiferente,
es un monstruo grande y pisa fuerte
toda la pobre inocencia de la gente.

Sólo le pido a Dios
que el engaño no me sea indiferente
si un traidor puede más que unos cuantos,
que esos cuantos no lo olviden fácilmente.

Sólo le pido a Dios
que el futuro no me sea indiferente,
desahuciado está el que tiene que marchar
a vivir una cultura diferente.

Gieco, L. (1978)

RESUMO

Fabretti, L.R.P. (2011). *A Frente e o Verso da Trama: grupos vivenciais junguianos com mulheres que cuidam, esperam e criam nas rodas de artesanato*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

As rodas de artesanato são uma modalidade de atendimento psicológico baseada nos grupos vivenciais de orientação junguiana. Os aviamentos e outros materiais úteis para a prática artesanal são compreendidos como recursos expressivos, maleáveis e convidativos à imersão num clima psicológico de relaxamento, ludicidade, acolhimento, apaziguamento e partilha, propício à imaginação e transformação criativa. A interação das participantes com os recursos expressivos, com o grupo, com o contexto institucional e com sua realidade de vida mais ampla é compreendida como simbólica, comunicando algo sobre o self grupal. O estabelecimento de um enquadre terapêutico vivencial prioriza mais a convivência do grupo com os símbolos expressos, do que a interpretação verbal e a racionalização. Deste modo, as queixas, experiências, conflitos ou fantasias devem sobrepair ao centro da roda, sendo respeitosa e democraticamente autenticadas como reais e relevantes. Nesta pesquisa, as rodas de artesanato foram formadas por mulheres que acompanhavam crianças e jovens com deficiências físicas em atividades numa escola de educação especial, inserida num centro de reabilitação física. Devido às especificidades do contexto, suas rotinas implicavam em aguardar o período de aulas no pátio, muitas vezes ociosas ou envoltas em conflitos interpessoais. Além disso, devido às limitações no desenvolvimento neuropsicomotor dos filhos, à sobrecarga de tarefas e ao excesso de recomendações terapêuticas e pedagógicas, muitas viviam a inflação da identificação do ego com a persona em sua faceta de cuidadora. As rodas de artesanato foram propostas a fim de ampliar o enfoque terapêutico interdisciplinar ainda influenciado pela perspectiva médico-científica, revelando-se uma proposta maleável e sensível à identificação das necessidades da população atendida e aberta para a constelação de símbolos naturalmente indicativos de caminhos terapêuticos. Entre março de 2009 e março de 2010, foram realizados encontros semanais de uma hora e meia de duração, sendo o conteúdo transcrito para posterior confecção de narrativas. A discussão dos resultados visou à interlocução com a comunidade científica entremeando autores junguianos e estudos publicados em áreas afins como historiografia, ciências sociais, metodologia da pesquisa qualitativa participante e práticas em reabilitação. Os processos vivenciados nas rodas de artesanato indicaram que o respeito às preferências, escolhas, modos e tempos de agir, incentivam a busca por maior autonomia e a integração de potencialidades e habilidades negligenciadas, processos tão preconizados na prática clínica junguiana como no âmbito da reabilitação física.

Palavras-chave: Psicologia Junguiana. Maternidade. Deficiente Físico. Processos Interpessoais e de Grupo. Terapia com Artes Criativas.

ABSTRACT

Fabretti, L.R.P. (2011). *Beyond Immediate Impressions: Jungian Experiential Groups with Women who Care, Wait and Create in Arts and Crafts Activities*. Master's Degree Thesis, Institute of Psychology of the University of São Paulo, São Paulo.

Arts and crafts activities may be used as a modality of psychological treatment based on Jungian-oriented experiential groups. Ornaments and other materials used in arts and crafts are understood as malleable and inviting expression resources for one's immersion in a psychological environment of relaxation, playfulness, acceptance, peacefulness and sharing, which is extremely valid for imagination and creative transformation purposes. Participants' interaction with the expression resources, with the group, the institutional context and with their own reality, from a broader perspective, is understood as a symbol which provides indications on the group self. The establishment of an experiential therapeutic setting is more focused on the group's experience with the expressed symbols than on verbal interpretation and rationalization. The arts and crafts activities, developed in groups of people organized in a circle, will be hence permeated by each individual's complaints, experiences, conflicts or fantasies, which shall be respectfully and democratically authenticated as real and significant. In this study, these arts and crafts 'circles' were comprised of women who accompany physically disabled children and teenagers during their activities at a special education school located in a physical rehabilitation center. Given the specificities inherent to the context, their routines implied waiting for the youngsters during class time, which was often spent either idly or amidst interpersonal conflicts. In addition, because of the limitations to their children's neurological and psychomotor development, the overwhelming number of tasks and excessive therapeutic and pedagogical recommendations, many of these women experienced the inflation of the ego identification with the persona, as a caregiver. The arts and crafts 'circles' were suggested in order to broaden the interdisciplinary therapeutic focus, still influenced by the medical-scientific perspective, and actually proved to be a flexible proposal which is open to the identification of the needs of the treated individuals and to the wide array of symbols that naturally indicate therapeutic pathways. Weekly sessions were held during one hour and a half from March 2009 to March 2010; the content thereof was transcribed for the further preparation of narratives. The discussion of the results was aimed at providing for the interlocution with the scientific community, using Jungian authors and studies published in correlated fields of knowledge such as historiography, social sciences, participant, qualitative result methodology and rehabilitation practices. The processes experiences in arts and crafts 'circles' revealed that the respectful treatment given to preferences, choices, methods and time of action encourage the pursuit for greater autonomy and integration of potentialities and neglected skills, processes largely implemented both in Jungian clinical praxis and in physical rehabilitation.

Keywords: Jungian theory. Group processes. Mothers and caregivers. Physical Rehabilitation. Art therapy.

LISTA DE QUADROS

<i>Quadro 1.</i> Registro de cada participante ao longo dos encontros.....	100
--	-----

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1. A sala dos encontros e o centro da roda	101
Fotografia 2. Os primeiros elos da corrente	112
Fotografia 3. A colorida originalidade dos corações de Gabriela	125
Fotografia 4. Artesanato e seu efeito multiplicador	129
Fotografia 5. Crazy patchwork, um quebra-cabeças criativo	147
Fotografia 6. O jardim florido de Andrea, retalhos e fuxicos	154
Fotografia 7. O alegre e amistoso bordado da vovó no resgate da ludicidade	154
Fotografia 8. Erica reunindo pedaços da mulher.....	170
Fotografia 9. Luciana e seu borboletear no enfrentamento da hospitalização do filho	179
Fotografia 10. Porta pães e o bordado a mão livre de um ser vivo com asas	181
Fotografia 11. Patchwork aplicado às utilidades domésticas	182
Fotografia 12. O tapete de Guilhermina tornando o caminhar mais macio e confortável	191
Fotografia 13. As maçãs alegres e iluminadas por Josefa.....	195
Fotografia 14. As primeiras flores de Guilhermina.....	195
Fotografia 15. A reciclagem de sacolas plásticas e a primorosa bolsa crochettata por Luciana	196
Fotografia 16. O vigor das cores, a vivacidade das tintas	197
Fotografia 17. Um belo colar amarelo amadeirado construído por Paula	199
Fotografia 18. O colar de Lucia e mais pétalas em fuxico.....	201
Fotografia 19. O ninho de tiras em tricô de dedo tecidas por Cristina.....	205
Fotografia 20. O presente de Paula perfeitamente harmonizado à decoração de minha casa	206
Fotografia 21. As asas bordadas de Guilhermina alçando vôos em sua carreira como artesã	213
Fotografia 22. O intrincado vai e vem de linhas construindo a teia da vida	214
Fotografia 23. O vaso presente, apesar da ausência de Josefa.	215
Fotografia 24. Anjinhos coloridos, leves e apaziguadores.....	216
Fotografia 25. A colorida diversidade do círculo e a ousada recriação do antigo	216

SUMÁRIO

1	- LAÇADAS INICIAIS.....	14
2	- PANO DE FUNDO.....	22
2.1	A REABILITAÇÃO	26
2.2	A PSICOLOGIA NO CONTEXTO DAS DEFICIÊNCIAS FÍSICAS.....	27
2.2.1	Conquista da autonomia	28
2.2.2	Enfrentamento e integração das limitações	30
2.2.3	O processo de Individuação	34
2.3	A ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	36
2.4	A FAMÍLIA.....	38
2.4.1	Intervenção psicoeducativa	41
2.4.2	Contribuições psicoterapêuticas.....	43
2.5	MÃES, MULHERES, CUIDADORAS: O FIO DA MEADA.....	45
2.5.1	Entretela biológica: o bebê e os cuidados primais.....	47
2.5.2	Entremeios subjetivos: aspectos arquetípicos e sócio-culturais.....	49
2.5.3	Maternagem: um bordado singular	54
2.5.4	Alinhavando fundamentos e retalhos da rotina	57
3	- BASTIDOR	63
3.1	A PESQUISA NA ABORDAGEM JUNGUIANA	64
3.1.1	Meandros de uma pesquisa tecida da prática	67
3.1.2	Fiando narrativas.....	70
3.1.3	A apresentação de fotografias	73
3.2	RODAS DE ARTESANATO	74
3.2.1	Do agrupamento de pessoas à sabedoria do encontro circular	75
3.2.2	Os recursos expressivos nos grupos vivenciais	81

3.2.3	A arte do artesanato	87
4	- TESSITURA DAS TRAMAS	97
4.1	O INÍCIO	101
4.1.1	Formação da roda	104
4.1.2	A aliança	116
4.1.3	Contribuições do masculino	119
4.1.4	A ciranda da diversidade	126
4.1.5	Doce Sofrimento.....	135
4.1.6	A Ampliação de Personas	145
4.2	O PROCESSO	152
4.2.1	Espaço Ritualístico.....	155
4.2.2	Acesso ao Desconhecido	157
4.2.3	A multiplicidade do grupo	161
4.2.4	A Intimidade	166
4.2.5	As Férias e o Reencontro.....	172
4.2.6	Sentidos da Interrupção.....	181
4.2.7	E após o inverno... a primavera.....	187
4.2.8	Pintando Flores	193
4.3	O FIM E DE VOLTA AO COMEÇO	198
4.3.1	O Colar: completando o primeiro círculo.....	199
4.3.2	O recomeço, uma outra história	211
5	- ARREMATES.....	217
6	- REFERÊNCIAS.....	222
7	- ANEXOS	239
	ANEXO 1: modelo do termo de consentimento livre e esclarecido.....	239

1 - LAÇADAS INICIAIS

Não me lembro mais onde foi o começo, foi por assim dizer escrito todo ao mesmo tempo. Tudo estava ali, ou devia estar, como no espaço-temporal de um piano aberto, nas teclas simultâneas do piano. Escrevi procurando com muita atenção o que se estava organizando em mim e que só depois da quinta paciente cópia é que passei a perceber. Meu receio era de que, por impaciência com a lentidão que tenho em me compreender, eu estivesse apressando antes da hora um sentido. Tinha a impressão de que, mais tempo eu me desse, e a história diria sem convulsão o que ela precisava dizer. Cada vez mais acho tudo uma questão de paciência, de amor criando paciência, de paciência criando amor.

(Lispector, 1999, p. 122)

Recordo o meu primeiro contato com agulhas e linhas que aconteceu quando tinha por volta de oito anos de idade. Devido a um quadro de catapora fui afastada da rotina escolar e da convivência com amigos e irmãos, permanecendo alguns dias na casa da minha bisavó. Não recordo muitos detalhes daquela época, a não ser de uma tarde muito especial em que recebi o convite para sentar ao lado da cadeira de balanço da habilidosa senhora a fim de aprender as primeiras laçadas da técnica de crochê que, em algumas semanas, deram origem a uma pequena toalha rosa. Foi uma experiência marcante, certamente mais do que os desconfortos causados pelos sintomas da doença infantil. Lembro-me vivamente da sensação de bem estar e aconchego daqueles momentos em que estivemos crochêando juntas, da satisfação de ser iniciada em um conhecimento que pertencia ao mundo adulto, algo difícil, que exigia certa dose de responsabilidade, de concentração e de paciência, principalmente diante dos pontos didaticamente desmanchados em busca de aprimoramento.

Analisando essa passagem, enquanto busco os primórdios da minha relação pessoal com o artesanato, compreendo que, naquele momento de reclusão e de afastamento da rotina, a oportunidade de realizar algo artesanal significou manter-me saudável e criativa. Fui definitivamente iniciada na comunidade feminina das artesãs e, apesar de naquele tempo não conhecer a importância do processo criativo, vivenciei a importância de partilhar experiências familiares e culturais. Nos anos seguintes, na companhia de outras mulheres queridas aprendi o tricô, o bordado, o tear e a costura de retalhos.

Curiosamente, um trecho do Dicionário de Sobrenomes Italianos de Ciro Mioranza (1997) explica as possíveis origens do sobrenome de minha família. *Fabretti* refere-se a *Fabro* e *Fabbro* com o complemento do “etti” sufixo plural dos sobrenomes italianos, que quer dizer “os muitos Fabro”. São palavras provenientes do latim “fabri” artesão, artífice. Deste modo, a palavra “fabro” remete ao indivíduo que trabalhava com ferro e que além dos utensílios domésticos fabricava implementos agrícolas, adornos de ferro para palácios e até armas de guerra. A partir de tão sincrônica referência, é possível considerar que aspectos muito mais antigos à minha própria individualidade estejam envolvidos nas bases do

presente trabalho. A vida familiar e cultural compõem uma espécie de pano de fundo sobre o qual bordamos nossa delicada e pacienciosa trajetória pessoal, enquanto nossas experiências pessoais e profissionais permitem a expressão do nosso modo de ser e de recriar o mundo.

Apesar de se tratar da introdução de um trabalho científico, a natureza reflexiva deste prefácio indicou que a presente dissertação harmonizou nuances subjetivas e objetivas de minha própria história: como artesã, profissional e pesquisadora. Furnaletto (2007) aprofunda a questão ao considerar que

Ao reconhecer, em sua história, os símbolos que se constelam e atribuem sentido a seu caminhar (...) o investigador adquire maior clareza a respeito dos rumos que pretende dar a sua pesquisa. Esse movimento parece ser potencializado quando compartilhado com outros pesquisadores, em grupos de pesquisa (p. 70).

Penna (2007) reforça que “a pesquisa, como um processo dinâmico, compreende diversas etapas, as quais se sucedem entrelaçadas e interligadas, formando um todo coeso em que os primeiros estágios preparam e determinam os seguintes” (p. 129). A imagem do trabalho em crochê é ilustrativo neste aspecto, pois a partir de uma simples laçada na linha, cada ponto pode ser continuamente tecido até tramar uma rebuscada e resistente renda.

O interesse em estudar autores que fundamentassem a utilização dos recursos expressivos em psicoterapia surgiu na prática profissional em consultório. Naquele período, foi possível verificar os efeitos positivos da utilização de técnicas facilitadoras da expressão emocional em crianças e adultos, como desenhos, criação de histórias, jogo espontâneo de papéis ou Role Playing Game (RPG), construção de cenas e cenários com massinha de modelar, entre outros.

Aproximei-me especificamente das questões da maternagem durante o aprimoramento em psicologia hospitalar, entre os anos de 2001 e 2002. Na clínica de obstetrícia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HC-FMUSP) acompanhei gestações de risco, enfocando as relações subjetivas que ocorriam entre as gestantes, o bebê em formação e os demais familiares. Além de identificar e intervir frente as ambivalências comuns ao processo de gravidez, havia demandas específicas relacionadas às complicações na saúde da mulher ou do feto, risco de vida, processos de luto, culpa, depressão, ansiedade. O acompanhamento psicológico visava melhorar a adesão

ao tratamento, a elaboração de estratégias mais efetivas de enfrentamento do estresse, diminuição dos sintomas de angústia e ansiedade, e o favorecimento de condições emocionais mais saudáveis (Fabretti, Benute, Pinto, Barros, Quayle, Lucia, Zugaib, 2002; Benute, Fabretti, Galletta, Lippi, Lucia, Zugaib, 2002; Prohaska, Benute, Fabretti, Galletta, Lippi, Zugaib, 2002).

De certa maneira, acompanhar as mulheres e seus bebês também colocou-me em contato com as repercussões da gestação de risco a médio e longo prazo. Muitas vezes bebês prematuros, oriundos de gestações gemelares ou de complicações em medicina fetal, frequentemente, ao longo dos primeiros anos de vida, apresentavam importantes atrasos no desenvolvimento neuropsicomotor que deveriam ser investigados, diagnosticados e tratados por equipe especializada. A partir do ano de 2003 ingressei na Associação Quero-Quero de Reabilitação Motora e Educação Especial e, além dos atendimentos clínicos, acompanhava os participantes do Espaço Criação, oficina de arte e criatividade que reunia estratégias das oficinas pedagógicas e arteterapêuticas. A partir das propostas da professora de artes plásticas, a psicologia acompanhava além da aprendizagem objetiva, outros ganhos subjetivos que se revelavam gradualmente. A medida que se revelavam entre os participantes talentos, aspirações e expectativas, ocorria a elevação da auto-estima, a validação de sua individualidade e maior inclusão psicossocial.

A partir do ano 2006 passei a integrar a equipe de psicologia de um centro de reabilitação física de referência, coligado a uma universidade pública na cidade de São Paulo, na qual permaneço até o momento, e cuja prática inspirou a presente pesquisa. Além de atuar em ambulatório, realizando trabalho psicodiagnóstico e psicoterapêutico, também fui convidada a acompanhar o desenvolvimento emocional e cognitivo dos alunos da escola de educação especial.

Por se tratar de escola especializada, com equipe treinada e com as devidas adaptações arquitetônicas, era possível à maioria dos alunos frequentar o período de aulas de modo independente. Salvo quadros de deglutição graves, em que os responsáveis eram convocados a ofertar o lanche, ou casos de alunos em fase de adaptação. Na maioria dos casos não era requisitada a permanência de cuidadores durante o período de aulas, no entanto, observava-se que por questões de transporte e de distância entre a residência e a

escola, boa parte preferia aguardar entre o horário de entrada e saída no pátio da instituição.

Vale ressaltar que os cuidadores dos alunos eram na maior parte das vezes suas mães biológicas. Em alguns casos, eram mulheres da família como avós, tias ou irmãs que se incumbiam de acompanhar o trajeto casa-escola e também realizar outras tarefas de vida diária como alimentação e higiene. Em casos mais raros eram contratadas amigas ou outros familiares para realizar tais atividades em troca de remuneração. Mais raros ainda, eram os casos em que o pai, irmão ou o avô exerciam tais funções.

Minha carga horária de trabalho semanal era realizada tanto nos ambulatorios de reabilitação como na escola de educação especial sendo que, até aquele momento, atendia a população matriculada na escola no período vespertino, pois a população do período matutino, que era acompanhada por outra psicóloga, só passou aos meus cuidados na época em que o presente projeto já estava formulado. O contato direto com a população que frequentava a escola no período matutino testemunhava que o contexto das deficiências apresentava inúmeros desafios: as cuidadoras eram pessoas sobrecarregadas, havia a falta de apoio da família, persistiam dificuldades de acessibilidade urbana relacionada a questões sociais mas também ao preconceito e à ignorância do povo.

Em meio aquele contexto, o trabalho da Psicologia naturalmente ocupava-se também de aspectos da dinâmica familiar e das delicadas reciprocidades que se estabeleciam entre a saúde mental dos alunos e de seus cuidadores. Os atendimentos psicológicos voltados aos cuidadores podiam ser individuais, familiares ou grupais, e envolver diversas intervenções como acolhimento, orientações, atendimento breve e encaminhamentos a outros serviços. Em meio às queixas pululantes da população atendida, era possível identificar sofrimentos relacionados ao luto por negligenciarem parte de sua própria natureza, seus estudos, trabalho remunerado ou outras experiências criativas, em prol dos cuidados exclusivos ao filho.

A idéia inicial era elaborar um projeto que agrupasse cuidadores dos alunos da escola de educação especial e também cuidadores de crianças e jovens atendidos no centro de reabilitação, a fim de promover um intercâmbio de experiências e alternativas. No entanto, as atribuições da Psicologia Escolar permitiam notar que algumas demandas do grupo de

cuidadoras mereciam um olhar cuidadoso e respeitoso acerca das habilidades daquele grupo de mulheres em torno do ato de *criar*.

No linguajar comum, dizia-se que aquelas mulheres *criavam* crianças e jovens, no sentido de alimentá-los, trocá-los, sustentá-los, instruí-los e educá-los. Ou seja, exerciam a maternagem, dedicando-se aos cuidados de indivíduos que, muitas vezes, apresentavam importantes prejuízos na capacidade de autonomia, locomoção, comunicação, alimentação ou autocuidados. Porém, entre uma tarefa e outra, e enquanto aguardavam as atividades escolares, muitas se reuniam no pátio da instituição e faziam artesanato. Desta forma, também *criavam* algo novo, ou seja, elaboravam, produziam e inventavam seu modo próprio de lidar com sua realidade.

Notável contemplar como as cuidadoras podiam ser ao mesmo tempo *criadoras*, solo fértil para a existência do outro, na medida em que concebiam cuidados vitais. E também serem *criativas*, ao produzirem artesanato como expressão de seu potencial individual, inovador e imaginativo. O Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete (Aulete e Valente, versão digital) indicou a mesma origem latina *creare* para as palavras *criar* e *criativo*, com destaque à palavra *criatividade* em alusão à dimensão subjetiva e imaginativa da habilidade criadora, referindo-se à inovação e originalidade. A habilidade de cuidar de si e do outro, neste aspecto, eram habilidades oriundas de uma mesma raiz.

Por que não oferecer um espaço de atendimento psicológico diferenciado que sustentasse a expressão de queixas, contradições e incoerências mas que ao mesmo tempo oferecesse alternativas de manipulação criativa da realidade, tecendo, desmanchando, recortando e costurando? Teoricamente, o artesanato em sua natureza plástica, lúdica e relaxante seria um adequado recurso expressivo, semelhante aos sonhos, poemas ou obras de arte no que tange ao potencial simbólico (Woodman, 2003). A partir dos pressupostos teóricos da psicologia junguiana, o sincrônico interesse do grupo de mulheres e da pesquisadora pela prática favoreceu a criação das rodas de artesanato, espaço propício à manipulação das mais diversas materialidades que, na perspectiva psicoterapêutica, se tornaram recursos expressivos, catalisadores de experiências psíquicas reveladoras e transformadoras.

O objetivo geral da presente pesquisa foi estudar as possíveis contribuições das rodas de artesanato enquanto atendimento psicológico ao grupo de cuidadoras de alunos de uma escola de educação especial, que se dava enquanto esperavam o período de aulas¹.

Destarte, formularam-se alguns objetivos específicos.

O primeiro partiu da suposição de que as rodas de artesanato continham potencial psicoterapêutico e concentrou-se em oficializar um espaço propício ao acolhimento, à partilha, à revelação e à ampliação da consciência, contribuindo para o desenvolvimento psíquico da população atendida.

O segundo visou a ampliação de conhecimento científico, ao tráfegar em frente e verso pelas experiências do grupo, reconhecendo possibilidades de humanização do arquétipo da Grande Mãe por meio de símbolos e facetas do complexo materno manifestos.

Inspirado a partir dos anteriores, o terceiro objetivo foi reconhecer e avaliar as rodas de artesanato, enquanto proposta de atendimento psicológico que buscou incrementar a atuação da psicologia escolar naquele contexto. Ou seja, analisar a partir de seus objetivos, procedimentos, percalços e percursos, sua aplicabilidade em ambiente institucional e sua utilidade psicodiagnóstica e psicoterapêutica.

A fim de contemplar tais objetivos, a trama dos capítulos foi tecida como se à luz de um lampião, que lança luz circundante, e ilumina o tema e seu entorno, de modo a favorecer a contemplação das relações entre os fenômenos e o contexto em que ocorrem. Neste sentido, foram mencionados autores embasados em fundamentos da psicologia junguiana e autores que partindo de outros referenciais teóricos e de outras áreas do conhecimento humano e biológico, apresentaram temas adjacentes às rodas de artesanato, como reabilitação física, educação especial, maternagem, criatividade e desenvolvimento humano.

O primeiro capítulo, *Pano de Fundo*, apresentou o ambiente em que a pesquisa foi realizada. Caracterizou o centro de reabilitação física em seu breve histórico, desde sua fundação até o panorama mais recente, a partir do paradigma da inclusão. Discutiu as contribuições da psicologia no atendimento às pessoas com deficiências. Descreveu a

¹ O modelo do termo de consentimento livre e esclarecido apresentado às participantes consta no anexo 1.

estrutura e o funcionamento da escola de educação especial inserida naquela instituição, e aspectos da atuação da Psicologia. Justificou a importância do atendimento psicológico à família e às cuidadoras de pessoas com deficiências, intermediadores entre as equipes de reabilitação e pedagógica e a vida domiciliar.

O segundo capítulo, *Bastidor*, explicitou o método de pesquisa qualitativo de inspiração junguiana, ou seja, a pesquisa simbólica. Descreveu as rodas de artesanato enquanto proposta de atendimento psicológico inspirada nos grupos vivenciais, seus procedimentos, enquadre e manejo terapêutico. Discutiu o artesanato como recurso expressivo, eliciador de processos criativos. Por fim, justificou o uso de narrativas como método de apresentação de dados e discussão de resultados, e a apresentação de fotografias dos objetos artesanais confeccionados pelo grupo como ilustrações simbólicas, a fim de compartilhar experiências e inspirar reflexões.

O terceiro capítulo, *Confecção das Tramas*, partiu da experiência de pesquisa e da confecção de narrativas de um ano de encontros das rodas de artesanato. A partir dos pressupostos da pesquisa participante e da pesquisa simbólica foram apresentadas situações ilustrativas do desenvolvimento grupal, entremeadas a reflexões de embasamento junguiano.

Por fim, sob o título *Contemplação do Tecido*, a presente dissertação ao invés de arrematar o assunto, abriu espaço para uma compreensão mais ampla dos processos psíquicos vivenciados pelo grupo e das considerações finais da pesquisa. A expressão “tecido” aludiu ao que passou, às experiências vivenciadas nas rodas de artesanato. Metaforicamente aludiu ao produto final do processo de transformação das fibras de algodão, que emaranhadas após a tosquia, pouco a pouco após serem urdidas, cardadas, fiadas e tecidas formam um tecido maleável, pronto para a manifestação das mais diversas cores e estampas e, quem sabe nas mãos de habilidosos artesãos, participe de outros tantos processos de transformação.

2- PANO DE FUNDO

Quanto mais o universo parece compreensível, mais parece sem sentido. Mas se não há consolo no fruto de nossas pesquisas, existe pelo menos alguma medida de conforto na pesquisa em si. Os homens e as mulheres não se limitam a se confortar com contos de fadas sobre deuses e gigantes, nem a confinar seus pensamentos aos assuntos triviais da vida diária; eles também constroem telescópios e satélites e aceleradores, e sentam diante de suas escrivaninhas por horas intermináveis, trabalhando na compreensão dos dados que reuniram. O esforço de entender o universo é uma das pouquíssimas coisas que eleva a vida humana um pouco acima do nível da farsa, e confere um pouco de graça ao drama

(Weinberg, 1983, p.149).

O capítulo inicial apresentou o panorama em que a pesquisa foi realizada. Para tanto, estendi-me em reflexões sobre a história e os contextos sócio-culturais envolvidos no surgimento e no desenvolvimento das ciências em reabilitação, e também na participação da psicologia como área de conhecimento que contribuiu e deverá continuamente contribuir para oportunidades mais acessíveis e equalitárias de aprimoramento humano, em diversos âmbitos da sociedade, inclusive a partir da perspectiva junguiana.

A escola de educação especial em que o presente trabalho foi realizado integrava um centro de reabilitação física de referência, localizado na cidade de São Paulo. Trata-se de uma instituição filantrópica, sem fins lucrativos, fundada em 1943 com o objetivo de acolher em regime de internato crianças e jovens com deficiências físicas, oferecendo-lhes concomitantemente escolarização e tratamento de reabilitação. Desde sua origem, a instituição recebeu prêmios nacionais e internacionais que destacavam sua prática pioneira e de excelência.

Um breve rememorar permitiu aproximar o contexto de sua fundação ao panorama sócio-político do século XX. Com o fim da segunda guerra mundial o extermínio de pessoas em condições físicas, étnicas e religiosas diferenciadas, então praticado pelo regime nazista, foi fortemente questionado. A partir Assembléia Geral das Nações Unidas em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos estabeleceu o compromisso sócio-político de assegurar a liberdade, respeito, segurança e igualdade de direitos a todos os seres humanos (Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2008). Ao referendar o direito à vida e o respeito às diversidades, a Declaração favoreceu os processos de reabilitação, indicando melhores tratamentos às pessoas com deficiências (Amiralian, 2000).

Se por um lado o processo de industrialização envolvia importantes avanços científicos, por outro era pautado em ideais de produtividade e eficiência. No campo da medicina era feitas descobertas a respeito da etiologia e tratamento das deficiências (Pessotti, 1984). Especificamente no campo da reabilitação física estimulava-se a criação de centros de tratamento especializado, voltados ao grande contingente de sobreviventes das guerras que apresentavam seqüelas motoras e neurológicas, sob o objetivo de treiná-los e promover sua adaptação e integração às demandas da sociedade (Nardi, 2007).

Nos cuidados à população infantil, García e Beatón (2004) referem que

Já se iniciavam as tendências a um melhor tratamento e atenção de crianças com algum tipo de déficit; procurava-se separá-los dos doentes mentais, pensava-se na possibilidade de educá-los e formar neles habilidades para sua integração social e falava-se na criação de centros especializados para sua atenção. (p. 22)

No Brasil, a partir do ano de 1954, foi por meio do trabalho de humanização realizado pela psicóloga Mathilde Neder, e justamente no Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, que se propôs o atendimento a pacientes e seus familiares com deficiências físicas antes e após as intervenções cirúrgicas, com o objetivo de incentivar o envolvimento e a colaboração da família no processo de reabilitação do paciente (Carvalho, 2002). Nos anos seguintes, Mathilde Neder atuou no Instituto de Reabilitação e no Instituto de Psiquiatria, dedicando-se prioritariamente ao atendimento dos aspectos emocionais do indivíduo e de sua família e à orientação interdisciplinar entre os membros da equipe (Masiero, 2008; Maia, 2006)

Apesar dos avanços científicos e ideológicos, qualquer tipo de déficit no funcionamento mental ou motor ainda era considerado pela sociedade uma espécie de defeito que deveria ser avaliado, categorizado e modificado, situação que demonstrava claramente o predomínio da perspectiva médico-científica na saúde e na educação. No âmbito da psicologia fomentou-se a criação de modelos psicodiagnósticos e testes psicométricos, alguns vigentes até a atualidade (Ancona-Lopez, 1984). Tais instrumentos psicológicos de classificação do potencial cognitivo compactuavam com os ideais vigentes na época e, de certo modo, eram utilizados como medidas de exclusão (Singer, 2002). Porém, no mesmo período, alguns pensadores já debatiam as diferenças entre as ciências humanas e as ciências naturais e se contrapunham à interpretação taxativa dos testes, ao defender a importância da subjetividade e da interação do indivíduo com o meio ambiente na construção da história individual, ressaltando a perspectiva sócio-cultural e as linhas humanistas da psicologia (Goodwin, 2005).

Alguns marcos apontam a passagem gradual da perspectiva médico-científica para a sócio-cultural nos tratamentos de reabilitação e educação. Na década de 60, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024/61 promoveu debates acerca do direito de todas as crianças, independente do diagnóstico médico, terem direito a ingressar no sistema regular de educação (Nardi, 2007). A Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes em 1975, bem como a Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens

(CIDID) publicada pela Organização Mundial de Saúde na década de 80, a Constituição do Brasil em 1988 e a Declaração de Salamanca em 1994 (Moura, 2004) foram alguns movimentos políticos que contribuíram para que a deficiência deixasse de ser considerada uma condição clínica para ser considerada uma condição humana, que merecia o estudo mais amplo sobre “os potenciais remanescentes, as atividades passíveis de execução, bem como a participação dos indivíduos na sociedade” (Souza, 2004, p. 212). Mais recentemente, a partir da 54ª Assembléia Mundial de Saúde em maio de 2001, o texto da CIDID foi revisto e oficialmente instituiu-se a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), de modo a “proporcionar uma linguagem unificada e padronizada e uma estrutura que descreva a saúde e alguns componentes do bem-estar relacionados à saúde (tais como educação e trabalho).” (CIF, 2003, p. 13). O modelo central proposto pela CIF propôs o estudo das consequências incapacitantes causadas pela doença, lesão ou outra condição física no desempenho e nas atividades funcionais, considerando que seriam as desvantagens sociais decorrentes da deficiência, e não propriamente as deficiências, que prejudicariam a “adaptação do indivíduo e a interação dele com o meio.” (Amaral, 1995, p.64).

Tais progressos contribuíram para consolidar a luta pela igualdade de direitos e impulsionaram importantes mudanças de paradigmas. A partir de conceitos filosóficos e humanitários a deficiência passou a ser compreendida como um fenômeno complexo que envolvia interações e ajustes entre o indivíduo e a sociedade. O paradigma da *integração social* que objetivava reabilitar e adaptar o indivíduo com deficiência às demandas do mercado e aos costumes da sociedade, gradualmente cedeu espaço ao paradigma da *inclusão social* que propunha discussões, leis e medidas que impulsionavam mudanças de pensamento e de atitude na sociedade, a fim de promover acessibilidade e o direito igualitário à participação, a partir do respeito às diferenças.

Buscaglia (1997) relacionou as mudanças nas crenças e atitudes em relação aos excluídos à mensuração da civilidade e do desenvolvimento de uma sociedade:

Um bom índice do nível de civilização que uma sociedade alcançou encontra-se no modo como ela trata suas minorias, em especial, quando se trata de uma sociedade que se baseia no princípio de “igualdade e justiça para todos”. Essa é uma clara indicação do nível de atitudes humanitárias que as pessoas têm em relação umas às outras (p. 208).

Em consonância com as novas perspectivas no tratamento das deficiências mundiais e no Brasil, por volta do ano 1987 o centro de reabilitação no qual a presente pesquisa foi realizada extinguiu o regime de internato, revendo práticas de caráter assistencialista em prol de práticas de humanização, em respeito às diversidades, crenças e valores, e no incentivo à autonomia. A partir de 1991 a instituição firmou uma parceria técnico-científica com uma universidade pública, fato que ampliou significativamente o volume de atendimentos de pacientes com diagnóstico de deficiência física de origem ortopédica, neurológica, pulmonar, reumatológica, geriátrica, temporária ou permanente, passível de reabilitação. A instituição fortaleceu sua identidade como um centro de excelência humanitário e científico com o objetivo de favorecer o desenvolvimento físico, educacional, social e profissional de crianças, adultos e idosos com deficiência, instrumentalizando-as a desenvolver competências e a participar plenamente da vida em sociedade.

2.1 A REABILITAÇÃO

Apesar da história da instituição de certo modo ilustrar o quanto é recente a oferta sistematizada de tratamentos em reabilitação física, achados arqueológicos como o fêmur de um *Homo erectus* apresentando um quadro de neoplasia óssea reforçam a hipótese de que alterações genéticas e malformações sempre estiveram presentes na história da humanidade (Alonso, 2005). Também as civilizações existentes na América pré-colombiana produziram esculturas que retratavam alterações fisionômicas, sugerindo a ocorrência de síndromes que causavam paralisias ou deformidades devido alterações genéticas. Também foram encontrados sinais arqueológicos da tentativa do homem modificar características físicas de modo a adequar-se a determinados padrões exigidos pela vida em sociedade, conforme nos apresenta Alonso (2005) a partir de um vaso grego cuja pintura retrata um homem com malformação congênita em membro inferior, utilizando uma prótese rudimentar que poderia ser considerada uma das primeiras tentativas de reabilitação. Em período próximo à fabricação do vaso, desenhos árabes também retratam as primeiros intervenções cirúrgicas na tentativa de correção de quadros de hermafroditismo e de dificuldades visuais relacionadas a catarata.

Mais recentemente a reabilitação foi compreendida como o conjunto de atenções em saúde voltadas à “restauração de um estado físico, mental, vocacional ou social satisfatório, após uma lesão física ou mental impeditiva de atividades normais” (Cabral & Nick, 1995). Moura (2004) afirma que todo trabalho de reabilitação “tem como finalidade permitir ao portador de deficiência viver a sua vida da melhor forma possível dentro de suas capacidades e limitações” (p.399). A reabilitação física e motora interdisciplinar, contaria com médicos e terapeutas de diversas especialidades na avaliação das condições físicas, sociais e psicológicas do paciente e na elaboração de planos de trabalho para a recuperação de funções e/ou a readequação da rotina diária, de modo a favorecer o processo de reintegração na vida familiar e em sociedade (Masiero, 2008).

Por acompanhar cuidadoras de alunos matriculados na educação infantil e no ensino fundamental I, esta pesquisa acompanhou aspectos da reabilitação de crianças que apresentavam atrasos no desenvolvimento motor de múltiplas etiologias: doenças metabólicas, síndromes genéticas, mal formações fetais, prematuridade, complicações no estado de saúde da mãe durante a gestação, anóxias de parto, infecções, convulsões e paradas cardio-respiratórias ocorridas no puerpério, entre outras.

A partir de diagnósticos mais precisos e do aprimoramento dos programas de intervenção interdisciplinares houve o aumento da expectativa e da qualidade de vida das pessoas com deficiências. Vivendo mais e melhor, as crianças passaram a ser matriculadas em creches e escolas, a frequentar espaços de cultura, lazer e esporte e a formular sua identidade de modo mais amplo. Ao entrarem na adolescência e a vida adulta puderam vivenciar o despertar da sexualidade, o interesse pela profissionalização e diversas outras demandas, demandando reorganizações familiares e sociais a fim de garantirem o acesso a estímulos e oportunidades, como todas as outras pessoas.

2.2 A PSICOLOGIA NO CONTEXTO DAS DEFICIÊNCIAS FÍSICAS

Masiero, Carvalho, Fabretti, Zanotello e Iriya (2010) afirmam que devido à diversidade de contextos e vicissitudes humanas, dificilmente uma única abordagem teórica ou metodológica poderia ser recomendada no âmbito da reabilitação física. No entanto,

todas as propostas devem, ao mesmo tempo, compreender a evolução histórica das deficiências e dos tratamentos a partir do desenvolvimento da sociedade, das ciências em saúde, da educação e da própria psicologia. Na opinião das autoras as intervenções psicológicas na atualidade

são diretamente influenciadas pelo paradigma da inclusão e do princípio da equidade, fazendo com que os objetivos estejam comprometidos com o desenvolvimento da autonomia das pessoas com deficiência física. Esta autonomia diz respeito não somente às questões da vida prática, que muitas vezes, devido às limitações impostas pela deficiência não são possíveis, mas principalmente pela autonomia intelectual e emocional. (p. 194)

Apesar de todo atendimento psicológico não oferecer receitas prontas, a *autonomia* e a *aceitação das limitações* são temas recorrentes nos tratamentos em reabilitação, tanto quanto consistem pontos fundamentais do desenvolvimento humano ou do *processo de individuação* descrito pela teoria junguiana.

2.2.1 Conquista da autonomia

Na definição de Caldas Aulete e Valente (n/d) *autonomia* é a “capacidade, faculdade ou direito (de indivíduo, grupo, instituição, entidade etc.) de se autogovernar, de tomar suas próprias decisões ou de agir livremente, sem interferência externa”. De modo diverso ao desenvolvimento de algumas espécies animais, o desenvolvimento humano envolve um longo processo de aquisição da independência.

As deficiências manifestas precocemente podem envolver prejuízos no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social (Leister e Reis, 1994). A partir do histórico do tratamento de pessoas com paralisia cerebral, os autores reiteram que as pessoas com deficiências manifestas na primeira infância

sofreram e ainda sofrem as conseqüências de uma história pautada na rejeição e exclusão das pessoas diferentes. Mas felizmente hoje se trilha um caminho em direção à construção de uma sociedade mais justa e igualitária, e desta luta fazem parte a pesquisa, a descoberta, a criação dos recursos da tecnologia assistiva e a inclusão da arte como forma de devolução aos portadores de PC [paralisia cerebral] da condição que lhes foi negada de indivíduos criativos, relacionais e expressivos (p. 461).

Neste contexto, a conquista e a manutenção da autonomia envolve adaptações e esforços práticos do indivíduo, da família, da sociedade e em prol da conquista da maior

independência possível, mesmo quando a deficiência física não for reversível e implicar na ausência total ou parcial da independência motora. Certamente, os avanços técnicos e tecnológicos contribuem para diminuir os prejuízos funcionais a partir da adaptação de recursos como próteses, órteses, acionadores e programas de computador, carros adaptados, cadeiras motorizadas, que favoreçam certa independência nos auto-cuidados, em atividades de vida diária e até mesmo na locomoção. Neste sentido, cada vez mais as medidas de acessibilidade coletivas e individualizadas permitem que tarefas simples e complexas sejam desafios solucionáveis.

Conforme a Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF) todo plano terapêutico deve priorizar as funcionalidades, motivação, inclusão social e qualidade de vida da pessoa com deficiência e sua família, conforme ilustram as palavras de Souza (2004).

(...) Dever-se-ia dar mais ênfase à reabilitação psicológica, ao estudo e à implantação de condutas clínico-administrativas no sentido de se dar melhor orientação à família e ao próprio paciente, visando a orientá-los em relação a suas vidas em face da paralisia cerebral, aos potenciais remanescentes do reabilitando, à importância do processo educacional, ao lazer, ao convívio e a participação social, a uma perspectiva mais positiva e menos sombria da vida, ao direito à infância e à juventude, à preparação para a renda e emprego, e não só ao tratamento. (p.211)

Vale ressaltar que a autonomia envolve aspectos mais amplos do que os físicos ou motores. Sob o ponto de vista psicológico, remete ao desenvolvimento da personalidade ou ao reconhecimento individualidade, de modo que o ego cada vez mais consolidado e seguro quanto à sua individualidade possa equilibrar aspectos conscientes e inconscientes, pessoais e coletivos, subjetivos e objetivos, a criatividade e a racionalidade.

Nestes casos, a psicologia oferece intervenções no sentido de auxiliar ao paciente e seus familiares se ajustarem frente à nova realidade, reorganizando tarefas rotineiras como banho, vestuário e alimentação, e também acompanhando a formulação de novas expectativas de vida e papéis sociais, a fim de promover melhor qualidade de vida, de acordo com suas expectativas e reais condições (Rodrigues, 2009). Além da dimensão exclusivamente orgânica, ou das queixas objetivas e sintomas, a história pessoal, os segredos, sonhos e fantasias do paciente revelam em profundidade seus conflitos, sofrimentos e desejos, guardando as chaves para um tratamento efetivo e que permita reconhecê-lo em sua totalidade (Jung, 1961/1975). Nas palavras de Guggenbühl-Craig (2008) “com bastante frequência, o que temos a fazer é ajudar uma pessoa em dificuldade a

compreender a si mesma tanto quanto possível (...) para que suporte os aspectos trágicos da vida em toda a sua incompreensibilidade” (p.36).

2.2.2 Enfrentamento e integração das limitações

A oscilação de expectativas é um tema recorrente na reabilitação. Há situações em que o paciente e a família alimentam ideais muito elevados em relação aos resultados do tratamento e quanto à recuperação de funções e habilidades. Priorizam a “cura” dos sintomas físicos e por isso valorizam as intervenções fisioterápicas em detrimento de outras terapias, que poderiam oferecer recursos para a melhora no convívio social, na educação e no lazer. Por outro lado, quando as expectativas do paciente e de sua família são pessimistas, podem envolver sentimentos de resignação, fragilidade, impotência e fracasso, dificultando a adesão aos tratamentos, acarretando isolamento social e perda da vontade de viver. A unilateralidade de experiências pessimistas ou otimistas pode prejudicar a compreensão das reais necessidades e potencialidades do paciente e a elaboração de tratamentos e intervenções adequadas a cada situação.

É importante ressaltar que as expectativas, fantasias e crenças não apenas dos pacientes e seus familiares, mas de toda a sociedade, se relacionam às concepções ideológicas, científicas, políticas e sociais em cada época, regulando padrões de saúde, beleza e produtividade (Amaral, 1995). Apesar da escassez de informações acerca do modo de vida das pessoas com deficiências nos primórdios da civilização humana, Alonso (2005), Nardi (2007), Amaral (1995), García e Beatón (2004) e Pessotti (1984) em suas revisões bibliográficas referem que desde a antiguidade greco-romana, passando pela idade média, renascimento, revolução francesa e industrial, até os dias atuais, verificaram-se práticas de abandono, extermínio, afastamento, exclusão social e, até mesmo, superproteção que ressaltam as dificuldades da sociedade em lidar com indivíduos que apresentem características físicas, mentais ou comportamentais divergentes. Ainda que as sociedades tenham evoluído em termos filosóficos e políticos, considerando de modo mais democrático e inclusivo os fenômenos ligados às deficiências (Nardi, 2007), ainda há diferenças entre o

discurso humanitário consciente, e a atitude que “inscreve-se na esfera afetivo-emocional” (Amaral, 1995, p.134).

Na atualidade, grande parte das dificuldades sociais e emocionais das pessoas com deficiências relacionam-se a padrões de estética embasados na concepção fragmentada do ser humano, que ressalta e intensifica as diferenças (Amaral, 1995). Deste modo, as “limitações e restrições impostas pelo mundo social” (Leister & Reis, 2004, p. 456) podem com frequência promover “discriminação, rejeição e atribuição de um status social inferior” (Buscaglia, 1997, p. 198). Além disso, a compreensão biopsíquica do ser humano fundamentada na perspectiva médica, pressupõe a dicotomia de conceitos como normalidade e patologia, localizando o adoecimento e as deficiências na polaridade negativa, atreladas a experiências de fragilidade, sofrimento e invalidez e, por isso, desvalorizadas socialmente (Amaral, 1995). No entanto, não há corpo e mente que sejam apenas saudáveis ou totalmente inválidos, pois desde o nascimento o organismo inicia seu envelhecimento, somando progressivas limitações a seu funcionamento. Portanto, seria possível considerar que “tanto a saúde como a invalidez são fantasias arquetípicas” (Guggenbühl-Craig, 1983, p.103) e que na prática o indivíduo e as sociedades seriam mais saudáveis e felizes se pudessem integrar experiências de saúde-doença e saúde-invalidez de modo mais equilibrado.

É possível que as dificuldades psíquicas presentes na relação entre a sociedade e as situações de deficiência sejam atreladas a temores inconscientes que remontam ao perigo de viver situações extremas, como a vulnerabilidade e o contato com a morte, conforme discutiu Amaral (1988).

Desde tempos imemoriais – e para essa afirmação chamo o testemunho da Mitologia, da Filosofia, das Artes – a simetria, seja estática ou dinâmica, representa de alguma forma a ordem do mundo. Ora bem, o deficiente é a própria encarnação da assimetria, do desequilíbrio, das disfunções. Assim, sua desfiguração, sua mutilação, ameaça intrinsecamente as bases da existência do outro (p. 10)

Marta Gil (1997) também referiu que a deficiência impõe à sociedade o contato com o assimétrico, fenômeno inesperado e surpreendente, que desperta sentimentos com os quais muitas vezes a sociedade não sabe lidar.

Inconscientemente consideramos o deficiente como o Outro, o Diferente, o Assimétrico, o não-eu. Desde tempos imemoriais, o Outro representa perigo, ameaça à frágil ordem do mundo. E essa ordem, tão delicada, parecia assentar-se na simetria que a espelhava, assim, a pintura

corporal, a cestaria, a tapeçaria, a disposição das cabanas, os próprios mitos tinham estruturas simétricas — a geografia do céu correspondia à geografia da terra. A assimetria simbolizava o desequilíbrio, a desordem, o caos. (p.11)

O estudo da arte, folclore, mitologemas, sagas, lendas, mitos e religiões na psicologia foi preconizado por Jung (1951/1997) pois à semelhança dos sonhos e dos pensamentos irracionais ou fantasiosos, seriam manifestações de conteúdos arquetípicos, veículos para a expressão de temas e possibilidades universais, próprias ao psiquismo humano e embasados na esfera instintiva (Sharp, 1993).

A pesquisa de Masiero (2008) a respeito da inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho incitou uma instigante reflexão acerca dos processos de inclusão e exclusão sociais sob o referencial junguiano, remetendo a autores que estudam as manifestações do arquétipo do *inválido* (Guggenbühl-Craig, 1983) e do arquétipo do *bode expiatório* (Perera, 1991). Masiero (2008) lembrou que o organismo humano apresenta tendência natural a manter a constância e o equilíbrio das coisas, e que aspectos aparentemente diferentes ou que fujam do padrão vigente além de incompreensíveis, são desafiantes e ameaçadores. Por remeterem à dificuldade de aceitação das limitações humanas, instauram um mecanismo de projeção em que o mundo externo, ou as outras pessoas, se tornam depositárias dos aspectos rejeitados. A exclusão de aspectos diferentes do normal e, portanto não desejados, remeteria ao conceito da *sombra*, ou seja, o contexto inconsciente que reúne conteúdos psíquicos desvalorizados, “ocultos ou inconscientes de si mesmo, bons ou maus, que o ego reprimiu ou jamais conheceu.” (Sharp, 1993, p. 149).

Masiero (2008) e Nardi (2007) mencionaram o mito de Procusto a fim de ilustrar a natureza excludente e reguladora da sociedade sobre os fenômenos que estão fora dos padrões ditados como norma. Na mitologia grega Procusto era um bandido que vivia na serra de Elêusis. Em sua casa, ele mantinha uma cama de ferro com seu tamanho exato, para a qual convidava todos os viajantes a se deitarem. Se os hóspedes fossem demasiados altos, ele amputava o excesso de comprimento do corpo; quanto aos de pequena estatura, eram esticados até atingirem o comprimento suficiente. Ninguém sobrevivia, pois nunca uma vítima se ajustava exatamente ao tamanho da cama.

Neste sentido, o conteúdo dos mitos lido sob a perspectiva da totalidade da alma, seria capaz de revelar à consciência da humanidade que a criação de estigmas e a

intolerância às diferenças possuem bases intrapsíquicas e fazem parte do conjunto de fantasias, crenças, temores e resistências da coletividade que podem se manifestar em todas as relações, fortalecendo padrões de comportamento como a indiferença, o preconceito, a rejeição, a intolerância e a exclusão. Relacionam-se ao temor do *diferente* que historicamente, em termos individuais e coletivos, sempre foi projetado no mundo externo, e no outro.

A partir de tais considerações seria possível considerar que as pesquisas e reflexões em reabilitação física, além de favorecerem o aprimoramento das práticas de assistência às pessoas com deficiências e suas famílias, também ofereceriam o gradual reconhecimento das diferenças e deficiências tanto em termos individuais como da coletividade. Abordar temas como deficiências-potencialidades, autonomia-dependência e limitações-superação pode ser experiência dolorosa que coloca os indivíduos e a humanidade frente aos limites e finitudes de sua natureza. Por outro lado, representa a oportunidade de reconhecimento de mecanismos complementares, como a empatia, a capacidade de superação e de recriação (Guggenbühl-Craig, 1983).

Considera-se que o reconhecimento e a integração dos aspectos negligenciados pela consciência e a consolidação da identidade pessoal e da autonomia sejam aspectos fundamentais no processo de desenvolvimento psíquico, pois ao longo do desenvolvimento da personalidade uma das tarefas iniciais é separar o ego de outras estruturas psíquicas, como os papéis sociais ou aspectos sombrios, inconscientes e negligenciados da personalidade que, mantidos inconscientes, podem prejudicar sua autonomia e realização (Jung, 1971/2008). Especificamente em relação às deficiências é importante que os indivíduos e a sociedade reconheçam, aceitem e integrem à sua natureza também o que é rejeitado pelos padrões ideais de saúde, beleza e perfeição.

Compreender a influência da história das deficiências e o modo como repercutiu nas atitudes e sentimentos das sociedades e indivíduos é fundamental para compreendermos que em diversas medidas o individual e o coletivo estão em consonância, compartilhando valores e desvalores. No entanto, vale ressaltar que os padrões e potencialidades são constantemente revistos, reeditados e atualizados pela experiência humana, já que cada indivíduo é ao mesmo tempo “produto e produtor da história” (Amaral, 1998, p. 19).

2.2.3 O processo de Individação

O reconhecimento das limitações e potencialidades e o favorecimento da autonomia são aquisições importantes a todos os indivíduos na consolidação da identidade individual. Elaboro, neste sentido, uma correlação íntima entre os objetivos da reabilitação e da educação especial e o próprio desenvolvimento humano, na perspectiva da psicologia junguiana chamado de processo de individuação. Trata-se da ampliação gradual da consciência na qual a “personalidade desenvolve-se e unifica-se, e o indivíduo torna-se consciente de sua identidade profunda como ser único e autêntico no mundo” (Grinberg, 2003, p.227). A individuação favorece que a pessoa se adapte às demandas de seu psiquismo, reconhecendo limitações e possibilidades, e concomitantemente se relacione com as demandas da vida em sociedade, criando um modo particular e autêntico de expressar e vivenciar suas expectativas, desejos e aspirações, tanto nos meios familiares, sociais, culturais, profissionais, conforme Neumann (1991) explica:

Toda adaptação cultural é uma adaptação a um conjunto de demandas internas e externas, que necessariamente deverão entrar em conflito com certas tendências individuais. É necessário impor limites somente onde uma tendência individual não é adequada às exigências culturais. Desde o início existe uma tensão entre automorfismo e adaptação cultural. Se convencionarmos que a imaginação é a realidade interior e os requerimentos culturais a realidade exterior, torna-se dever do indivíduo reconhecer ambas as realidades e aprender a mantê-las em equilíbrio (p.58).

A individuação não alude ao isolamento ou egoísmo, pelo contrário, acontece com seres humanos que se desenvolvem a partir da relação com outros seres humanos, desde sua concepção e ao longo de toda a vida. Também durante a individuação, o reconhecimento de substratos inconscientes profundos, oriundos da natureza coletiva humana e ricos em possibilidades instintivas, permite sintonizar ao mesmo tempo as questões humanas universais e o sentido da vida individual (Cavalcanti, 2007).

Singer (2002) propôs alguns questionamentos que impelem os indivíduos à individuação, tornando-os mais conscientes de sua individualidade e de suas íntimas relações com a vida em sociedade, desde a dimensão comunitária até a planetária.

De onde vim, qual a fonte do meu ser. Quem sou eu, qual a natureza do meu ser. Para que finalidade estou aqui, qual é o meu caminho nesta vida. Qual é o meu destino, de que maneira o meu destino está ligado ao de todas as demais criaturas e ao da própria Terra? (p. 242).

A partir de perspectiva tão ampla e profunda acerca do desenvolvimento humano, é possível afirmar que “a atuação do psicólogo na reabilitação de pessoas com deficiências físicas é pautada nos mesmos conhecimentos teóricos e técnicas de intervenção que se utilizam para o atendimento da população em geral” (Masiero, 2008, p. 22).

No entanto, em concordância com Buscaglia (1997) é reconhecido que as deficiências envolvem especificidades, por exemplo no grau, na intensidade ou no prolongamento das dificuldades e conflitos e, principalmente, nos aspectos de isolamento social.

Rodrigues (2009) aprofundou-se na descrição de atendimentos psicológicos a indivíduos com lesão medular ou seqüelas de acidente cerebral vascular, tendo por base a compreensão do processo de individuação. Na opinião da autora, as situações de deficiência adquiridas envolvem a fantasia de interrupção ou paralisação da trajetória de vida, demandando a elaboração dos conflitos relativos à aquisição da deficiência e a readequação da rotina do paciente, e também a integração de tais experiências à jornada da vida. Evitar a identificação automatizada, rígida e artificial com a persona de inválido, permitiria ao indivíduo descobrir-se para além das limitações físicas e dos estigmas sociais, de modo a retomar a autoria de seu destino.

É importante reiterar que o processo lento e gradual de desenvolvimento da personalidade a fim de conquistar autonomia e autenticidade constitui o objetivo íntimo de todos os seres humanos, e não apenas dos indivíduos com deficiências e em processo de reabilitação. Também os familiares, pais, cuidadores, médicos, terapeutas e professores empreendem a jornada universal de tornar-se si-mesmos, integrando à consciência aspectos inconscientes e profundos (Jung, 1934/2008).

As ciências em reabilitação têm progressivamente ampliado o foco de sua atuação, que anteriormente recaía prioritariamente sobre as pessoas com deficiências, passando a englobar também os contextos nos quais a condição das deficiências é reconhecida e tratada (Omote, 2003). A família e a escola são as primeiras e mais importantes experiências de inclusão social da pessoa com deficiência, são o “meio caminho (ainda quase nunca completado) para outras inclusões maiores, na vida profissional, no mundo do trabalho, na

sociedade em geral” (Moura, 2004, p. 400). Deste modo, antes de discutir as especificidades instrapsíquicas relativas às experiência das cuidadoras, convido o leitor a conhecer o ambiente da escola de educação especial em que convivem, acompanham e participam do desenvolvimento de seus filhos enquanto vivem aspectos de seu desenvolvimento pessoal.

2.3 A ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Apesar de inserida no centro de reabilitação física, a escola de educação especial contava com gestor, metas e orçamentos específicos, resultando em certa autonomia quanto ao seu funcionamento. Pacientes atendidos no ambulatório da instituição podiam ter perfil (cognitivo, emocional e funcional) para frequentar outras escolas e alunos matriculados na escola podiam ser acompanhados em outros centros de reabilitação. No entanto, a instituição como um todo compartilhava os mesmos valores a nortear sua prática: Assistência, Excelência Terapêutica, Educação, (Re)Integração Social.

Por fazer parte de um centro de reabilitação física, a escola de educação especial tinha sua prática voltada às deficiências físicas, mas dependendo do grau de severidade do caso, o aluno podia apresentar déficits mentais, visuais e auditivos leves. A deficiência física de grande parte dos alunos relacionava-se ao diagnóstico de paralisia cerebral (PC), caracterizado por Rosembaum, Paneth, Leviton, Goldstein e Bax (2007) como

um grupo de distúrbios permanentes no desenvolvimento do movimento e postura, causando limitação na atividade, que é atribuída a distúrbios não progressivos que aconteceram no cérebro em desenvolvimento no feto ou na criança. Os distúrbios motores da paralisia cerebral são geralmente acompanhados por alterações na sensação, percepção, cognição, comunicação, comportamento, epilepsia e problemas musculoesqueléticos secundários. (p. 9)

Apesar do caráter não-evolutivo da paralisia cerebral e de sua afecção precoce, limitada aos dois primeiros anos de vida, muitos alunos apresentavam prejuízos nas respostas motoras e sensoriais que potencialmente afetavam importantes áreas do desenvolvimento motor, sensorial, cognitivo e emocional (Silva & Lemos, 2004; Nelson, 2004; Fontenelle et al., 2004).

Devido à parceria com a Secretaria de Educação do Estado, a escola recebia recursos financeiros para manter em funcionamento onze salas de aula, com capacidade para

atender até 120 alunos com deficiências físicas e idades entre quatro e quinze anos. A proposta pedagógica da escola era embasada nos pressupostos discutidos em 1996 pela comissão internacional de educação da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO). Em linhas gerais, objetivava auxiliar o aluno no desenvolvimento de habilidades e competências, instrumentalizando-o à auto-regulação da capacidade de aprender, não apenas na experiência escolar, mas em diversas situações da vida, de modo a tornar-se capaz de enfrentar os desafios da convivência em sociedade de modo criativo, ético e flexível.

A equipe escolar composta pela diretora, professoras especializadas, coordenadora e orientadoras pedagógicas elaborava propostas pedagógicas adaptadas à condição do aluno, considerando, além disso, sua realidade familiar e social, seus talentos, sonhos e aspirações. Concomitantemente, a partir de suas múltiplas competências, a equipe técnica composta por médico, dentista, fonoaudiólogo, psicólogo, nutricionista, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta e assistente social auxiliava a compreensão dos aspectos relativos ao desenvolvimento neuropsicomotor, emocional e social do aluno e propunha intervenções conjuntas que favorecessem o aproveitamento escolar em amplos aspectos, ajustando e adaptando materiais.

Merece destaque o trabalho altamente especializado, realizado pela equipe de atendentes nos cuidados de higiene, alimentação e posicionamento dos alunos motoramente prejudicados. Sua atuação favorecia contribuía para os processos de desapego e autonomia e, conseqüentemente, para o amadurecimento da relação entre os alunos e seus cuidadores.

Na escola de educação especial em que pesquisa foi realizada, a Psicologia atuava em consonância com os critérios descritos pelo Conselho Federal de Psicologia que a partir da Resolução 13/07 prevê a aplicação de conhecimentos psicológicos no atendimento à equipe escolar, à família e ao aluno, no sentido de favorecer o processo de escolarização e promover o desenvolvimento integral do ser (CRP SP, 2010).

Anteriormente ao ingresso do aluno na instituição, o serviço de psicologia escolar avaliava os aspectos afetivos e cognitivos da criança e avaliava a dinâmica e expectativas familiares em relação ao processo de escolarização. Tão logo o aluno fosse matriculado na

escola, passava a acompanhar seu processo de adaptação e, ao longo de suas experiências escolares, realizava observações e propunha à equipe pedagógica práticas e intervenções que favorecessem a construção de sua identidade, seu processo de socialização e seu desenvolvimento cognitivo.

É importante ressaltar que na ocasião em que o projeto começou a ser elaborado, o serviço de psicologia escolar já oferecia escuta e orientações também aos familiares dos alunos, por meio de atendimentos periódicos grupais ou individuais, sessões de filmes, debates, dinâmicas de grupo, entre outras abordagens.

A fim de prosseguir o estudo das situações envolvidas na compreensão e no trato das deficiências, partindo das discussões acerca da sociedade, do panorama da instituição e mais especificamente da escola de educação especial, é importante que na aproximação dos aspectos objetivos e subjetivos que envolvem a vida das cuidadoras, também se considerem as relações familiares. A literatura em reabilitação física, educação especial e psicologia junguiana apontou que, sob certo ponto de vista, os indivíduos, a família e a sociedade formam um *todo*, cujo desenvolvimento acontece na interação entre cada uma das partes.

2.4 A FAMÍLIA

Sob a perspectiva psicanalítica, Maldonado (1997) considera que desde a gestação os comportamentos de dependência, labilidade emocional, hipersonia e voracidade alimentar da mulher manifestam intensas mudanças fisiológicas e hormonais. Também configuram um pedido inconsciente para que o parceiro e a família mais próxima ofereçam cuidados e suporte emocional de modo que, ao ingressar no puerpério, a mulher esteja preparada para desenvolver as habilidades necessárias para cuidar do bebê, sem esquecer de si mesma. A autora considera ainda que a gestação modifica não apenas a rotina de vida dos pais mas também de toda a família, avós e tios, que reorganizam planos e expectativas e reeditam seus papéis sociais.

Entre os séculos XIX e XX mudanças no pensamento e no comportamento das sociedades européias influenciaram o modo como as famílias passaram a se constituir. As

uniões conjugais passaram a ser reguladas por vínculos afetivos entre os cônjuges, contribuindo para que o núcleo familiar se configurasse como um local de intimidade e aconchego. Nesta época, os homens foram incentivados a exercer papéis menos austeros e a demonstrar mais seus afetos em relação aos filhos. Conservar a vida dos filhos passou a ser motivo de alegria, pois no imaginário social a criança era o centro da família, seu mais precioso bem (Badinter, 1985). A autora relembra, entretanto, que os filhos eram melhor ou pior tratados de acordo com o sexo e o lugar que ocupavam na família, permitindo considerar que valores sócio-culturais também naquele período provocavam sentimento de lisonja e orgulho nos pais e, conseqüentemente, influenciavam a quantidade de zelo dispendido nas relações.

Se o nascimento de uma criança saudável reúne sentimentos e atitudes ambivalentes de acordo com as fantasias e expectativas dos pais (Maldonado, 1997), o que dizer das situações em que a criança recebe diagnóstico de malformação, alguma síndrome ou outros quadros que acarretem deficiências físicas no curso inicial de seu desenvolvimento?

Ainda antes que surjam dúvidas e dificuldades práticas no trato com o bebê, os pais vivenciam um forte impacto emocional, pois a deficiência é um evento não-esperado e, de certa maneira, não-desejado, que pode gerar sentimentos complexos e contraditórios, envolvendo culpa, medo, revolta, tristeza e vergonha (Buscaglia, 1997) e “frustrações, insatisfações e conflitos” (Colnago & Biasoli-Alves, 2003). De modo geral “ninguém espera ter um filho com problemas físicos ou mentais. Antes e durante a gestação, os pais tecem suas várias expectativas com relação à criança que vai nascer, sobretudo com relação à sua saúde e perfeição física.” (Araújo, 2004, p. 236). É compreensível que os pais vivenciem a intensa dicotomia entre amar o filho e sofrer o luto da perda do filho idealizado. Podem reagir das mais diferentes formas dependendo de sua história de vida, temperamento, suporte familiar e contexto social e econômico (Vash, 1988).

Além disso, dependendo do grau das deficiências, durante toda a vida o indivíduo pode necessitar de auxílio em tarefas básicas como higiene, vestuário e alimentação, e nas tarefas mais elaboradas como compreender e seguir as orientações da equipe, o correto

posicionamento em cadeira de rodas e a colocação de órteses². Granato e Aiello-Vaisberg (2002) reiteram que a maternidade num contexto de alterações e/ou patologias do desenvolvimento da criança envolve especificidades. Pois a dedicação da figura materna nos primeiros anos de vida, por só uma experiência ambivalente, nas situações em que o percurso do filho rumo à independência é atrasado ou impedido pelo quadro neurológico envolve o prolongamento da demanda por cuidados, que podem gerar sofrimentos difíceis de se admitir. Neste sentido a família deve oferecer o suporte necessário para que as dificuldades do processo sejam admitidas e a cuidadora, em grande parte a mãe, possa viver a vida sem se esquecer de suas próprias necessidades pessoais.

Autores como Chaves (2004), Nelson (2004), Doman (1989), Souza (2004), Buscaglia (1997), Colnago e Biasoli-Alves (2003), Oliveira-Pamplin e Sigolo (2003), Bisceglia, Tanaka e Gaetan (2003), Souza e Goyos (2003) reconhecem a importância da participação da família nas diversas nuances do processo de reabilitação.

O modelo de trabalho interdisciplinar preconiza que os profissionais e a família atuem em parceria. É necessário que a equipe compartilhe seus conhecimentos técnicos sobre terminologias, diagnósticos, medicamentos e tratamentos e permita que a família emita suas opiniões e participe das decisões (Chaves, 2004). No entanto, Buscaglia (1997) alerta que o jargão médico repleto de nomenclaturas, testes e resultados de exames pode aumentar a sensação de abandono e isolamento dos pais e pouco contribuir para o esclarecimento de dúvidas e para o planejamento de vida futura. Muitas vezes ao término das consultas médicas a família permanece repleta de dúvidas, confusa, frustrada e pessimista.

No atendimento a pais de alunos com deficiência mental, Tuleski, Taguchi, Alves, Oliveira e Marques (2003) verificaram que a baixa adesão da família às propostas escolares estaria relacionada às condições sócio-culturais da família que, devido a dificuldades de compreensão dos termos técnicos, vivenciaria sentimentos de alienação, desconhecimento e impotência. Tais experiências, de certo modo, os destituiria do papel de conhecedores e responsáveis pelos filhos. Junto a pais de crianças com Síndrome de Down, Colnago e Biasoli-

² As órteses são aparelhos ortopédicos de uso provisório, destinados a sustentar os pés em alinhamento correto, prevenindo ou corrigindo deformidades, ou melhorando a função das partes móveis do corpo.

Alves (2003) também averiguaram que as queixas mais prementes de sua população a respeito da atuação da equipe médica e terapêutica envolvia a utilização de linguagem técnica e impessoal, acrescentando poucas informações e dificultando o entendimento do diagnóstico e tratamento.

Na observação das queixas da população atendida, Tuleski et al. (2003) e Colnago e Biasoli-Alves (2003) propuseram projetos de assistência psicológica a grupos de pais, nos quais a equipe interdisciplinar além de compartilhar informações claras a respeito das deficiências, seus possíveis impactos no desenvolvimento humano, e dicas sobre as possíveis maneiras de estimular e educar os filhos, também oferecia espaço de acolhimento, expressão de dúvidas e angústias, aberto ao debate de idéias.

Neste sentido, na instituição em que a pesquisa foi realizada não apenas nos tratamentos ambulatoriais, mas especificamente na escola de educação especial, os pais, irmãos e responsáveis eram constantemente incentivados a participar de encontros com a equipe pedagógica e terapêutica visando a consolidação de um

espaço formativo para as famílias, no que diz respeito às especificidades das deficiências, à aprendizagem e desenvolvimento de seus filhos, aos aspectos emocionais, de interação social envolvidos no processo e clareza quanto aos direitos e deveres nas políticas públicas atuais (Nardi, 2007, p. 187).

Diferentes concepções teórico-metodológicas em psicologia têm se dedicado à compreensão, análise e intervenção frente às demandas familiares, propondo novas linhas de investigação e atuação a fim de oferecer “às famílias melhores condições para o amplo gozo de seus direitos como cidadãos” (Nunes, 2003, p.XIII). Dependendo dos objetivos da intervenção, é imprescindível a participação dos psicólogos tanto na elaboração de programas de cunho psicoeducativo, como de cunho psicoterapêutico.

2.4.1 Intervenção psicoeducativa

Nunes, Ferreira e Mendes (2003) realizaram levantamento acerca dos temas mais investigados nas teses e dissertações sobre educação especial nos cursos de pós-graduação em educação e psicologia e constataram que as atitudes e percepções dos familiares acerca

da pessoa com deficiência era o segundo tema mais estudado entre os sete núcleos temáticos categorizados naquela pesquisa. Ganhavam destaque a importância da família como principal espaço de socialização e de formação da identidade da criança com deficiências, indicando a importância da implementação de treinamentos que informassem e instrumentalizassem os pais a superarem a visão fragmentada, deixando de destacar apenas as limitações e dificuldades dos filhos e observando suas potencialidades e possibilidades (Fontenele et al., 2004).

As intervenções psicoeducativas visam reconhecer o sistema de crenças e valores da família e elaborar programas que atendam a tais demandas (Benute et al., 2001). O reconhecimento das nuances biopsicosociais que permeiam a realidade de vida, costumes, crenças e rotinas, colabora na organização de metas e estratégias pautadas em demandas reais, e que sejam viáveis em termos econômicos, e passíveis de serem praticadas cotidianamente.

A família quando bem orientada, apoiada e encorajada, também atua como mediadora entre as intrusões da vida médico-hospitalar e o aconchego preconizado nas experiências primais. Ao absorver e reproduzir as orientações terapêuticas e pedagógicas em ambiente domiciliar, contribui para o oferecimento de estímulos individualizados e constantes ao exercer a “generalização dos conteúdos aprendidos para diferentes contextos, momentos ou comportamentos” (Souza & Goyos, 2003, p.69).

A participação dos pais no tratamento de seus filhos pode gerar efeitos positivos em seu próprio senso de competência diante dos desafios que envolvem os cuidados relativos à deficiência (Omote, 2003). Cabe à equipe formular propostas de intervenção que, além de capacitar os pais a serem bem sucedidos frente às necessidades do filho, proporcionem experiências gratificantes, favorecendo a formação natural do vínculo afetivo mais amplo do que o mero cumprimento das metas terapêuticas.

No entanto, além das abordagens objetivas que instrumentalizam a família a participar das estratégias de estimulação em prol do desenvolvimento da pessoa com deficiência, é necessário considerar que cada um de seus membros são indivíduos que vivenciam concomitantemente seus próprios conflitos emocionais, dúvidas, temores e questionamentos, e merecem cuidados e atenção em saúde mental.

No desempenho do papel de mães, pais, irmãos e irmãs de uma criança que não só pode demandar atenção e cuidados especiais como também pode ser profundamente estigmatizada, podem ser igualmente desacreditados socialmente e necessitar de suporte e orientação para o enfrentamento das dificuldades de natureza psicossocial, que podem ser geradas a partir da atribuição do estigma de cortesia a eles. Significa, então, que o atendimento a famílias deve pautar-se por uma perspectiva dupla: a de prover condições favoráveis para o desenvolvimento da criança deficiente e a de auxiliar cada familiar a enfrentar as dificuldades decorrentes da sua condição de ser mãe, pai, irmão ou irmã de uma criança vista e tratada como desviante. Essas duas razões são solidariamente interdependentes. (Omote, 2003, p. XVI)

Deste modo, o autor reforça a importância de oferecer suporte emocional para os pais e a família mais ampla possam compreender e enfrentar seus dramas pessoais.

2.4.2 Contribuições psicoterapêuticas

Nos casos em que são identificadas alterações no desenvolvimento do feto, ou mesmo diagnosticada gestação de risco, a intervenção psicológica favorece a interação entre a mulher, o parceiro e a equipe médico-terapêutica e prepara a família para o estabelecimento de vínculo afetivo mais prazeroso com o bebê e para a adesão às propostas de tratamento (Fabretti et al., 2002).

Outros trabalhos, como o realizado por Valle (2002), consideram que promover atendimento psicológico hospitalar ao grupo de gestantes e puérperas de bebês de risco favorece a sensação de acolhimento e de identificação entre pessoas que passam por experiências semelhantes, melhorando o quadro global da paciente e diminuindo a manifestação de sintomas de estresse, depressão, hipertensão arterial, entre outros.

Logo ao nascimento, as mudanças na rotina e nos planos de vida dos pais, naturais na chegada de qualquer bebê, tornam-se ainda mais enfáticas no caso das crianças com deficiências, que podem necessitar de intervenções cirúrgicas e internações. Surge a demanda por um grande investimento de tempo, recursos afetivos, financeiros, demandando readaptações em toda a dinâmica familiar “no modo de vida, na profissão, nas esperanças para o futuro e nos planos para alcançar seus objetivos” (Buscaglia, 1997, p. 20).

Nos quadros crônicos, o sentimento de luto familiar ultrapassa o impacto das fases iniciais do diagnóstico. Muitas vezes, as consultas médicas periódicas nas quais o diagnóstico é revisto, e nas quais são discutidos os ganhos e as pioras no quadro, mobilizam-se temores

e sentimentos de pesar. As repercussões das deficiências podem ser frustrantes aos pais, que dedicam afeto e cuidados aos filhos e fantasiam obter o retorno positivo de seu empenho, gratificando-se no sucesso e na saúde deles.

A família pode necessitar de acompanhamento psicológico periódico, pois se o luto não for sistematicamente acompanhado é comum que um dos cônjuges abandone a família ou adote atitudes superprotetoras em relação ao filho (Doman, 1989). Frequentemente as famílias sem apoio e orientação vivenciam situações de isolamento social, podendo manifestar comportamentos defensivos como a racionalização, que atribui ao deficiente todas as dificuldades; a fuga, em que há a adoção de mecanismos de defesa como a rejeição; e o abandono, a negação e a superproteção que minimizam ou ignoram as reais limitações e dificuldades do quadro (Amaral, 1995). Nos casos em que as deficiências motoras se manifestam no início da vida, caso a família vivencie intensas dificuldades para aceitar o diagnóstico, poderão ocorrer prejuízos nas experiências de afeto, aceitação e estimulação, interferindo na formação da identidade, da segurança e da auto-estima da criança (Fontenele et al., 2004 e Vash, 1988).

É bastante complexa a tarefa inerente aos integrantes de uma família: ao mesmo tempo manter as relações de suporte mútuo, e não negligenciar a busca por seu próprio desenvolvimento individual. Buscaglia (1997) reforça a discussão.

É verdade que a família deva assumir sua parte da responsabilidade, pois é dentro dos limites desta unidade social que a criança aprenderá a ser o tipo de ser humano que a sociedade determina como normal. Mas, além disso, é também aqui que se aprende a ser único, a desenvolver a individualidade e a tornar-se uma pessoa criativa, em busca da auto-realização. Este é “um difícil encargo para os membros da família, os quais são produtos de outras famílias e, na maioria dos casos, prepararam-se de forma inadequada para essas complexas tarefas” (p.81).

Nelson (2004) considera que acolher os pais em suas próprias necessidades, favorece que compreendam sua verdadeira natureza e vivam de modo mais saudável e feliz, conseqüente desenvolvendo capacidades para cuidar de seus filhos.

A orientação dos pais de uma criança com incapacidades também é influenciada pela adaptação dos adultos ao problema de seus filhos. Eles precisam ter resolvido, a seu próprio modo, o impacto emocional da incapacidade da criança, muitos pais se sentem inadequados, ignorantes e relativamente impotentes por não serem capazes de remediar a situação de seus filhos. Eles precisam de ajuda para sentir-se bem com eles mesmos antes que eles possam efetivamente guiar a criança em direção à auto-aceitação como um ser humano normal. Os pais precisam de orientação para prover a si mesmos oportunidade de descansar e renovar suas energias (p. 296).

Fordham (2001) também reconhece o processo de desenvolvimento individual dos pais como sendo a oportunidade de conhecerem a si mesmos e as habilidades necessárias ao estabelecimento de relacionamentos mais significativos, responsáveis e respeitosos, refletindo também na possibilidade de oferecerem um ambiente mais saudável aos cuidados dos filhos.

A importância de todos os membros participarem efetivamente da divisão de tarefas e dos cuidados uns com os outros é preconizada não apenas no puerpério mas também ao longo do desenvolvimento de qualquer criança (Bowlby, 2002).

No entanto, na realidade atendida, as habilidades de cuidar, acompanhar, alimentar, criar eram exercidas prioritariamente por mulheres. Era rara a presença do pai ou de outros homens nos processos terapêuticos e escolares dos alunos, situação confirmada por Camargo(1997), Buscaglia (1997) e Chaves (2004) que indicam que mães são as figuras mais participativas nos cuidados dos filhos, responsáveis por acompanhar e cuidar de seu desenvolvimento nas mais diversas instâncias.

Os familiares, especialmente as mães, não podem cumprir apenas o papel de provedores de informações que levam os profissionais a compreenderem melhor todo o processo evolutivo de uma criança deficiente e realizarem avaliação rigorosa; nem de meros auxiliares do profissional que busca atingir suas metas junto a uma criança deficiente. A parceria que o profissional precisa buscar com as família inclui outras responsabilidades, inclusive a de participação nas decisões sobre as metas a serem estabelecidas. Precisam ser criadas oportunidades para serem discutidas e eventualmente atendidas as necessidades especiais das mães ou de outros familiares de uma criança deficiente. (Omote, 2003, p.XV-XVI)

Neste sentido, justifica-se a relevância de prestar atendimento psicológico à população de mães, considerando suas necessidades, opiniões e idéias. A próxima seção discute aspectos que remetem ao ponto crucial deste trabalho: a experiência subjetiva que inspira as mães e outras mulheres no exercício da função de cuidadoras de crianças e jovens com deficiências físicas.

2.5 MÃES, MULHERES, CUIDADORAS: O FIO DA MEADA

Foi extremamente complexa, porém necessária, a tentativa de aproximar discussões acerca da maternagem a partir de perspectivas diversas como a psicologia da saúde, a

reabilitação física e a psicologia junguiana. Pois, ignorar que áreas diversas possam se ocupar de temas afins e, de certo modo produzir conhecimentos complementares, seria restringir de modo negligente a compreensão total do fenômeno. A presente pesquisa não objetivou confirmar ou refutar o ponto de vista biológico, sócio-cultural ou estrutural acerca da maternagem, mas ao compreendê-los enquanto perspectivas em interação, suscitar reflexões e até indicar temáticas para futuras pesquisas.

Na medida em que o foco do trabalho foi o atendimento às *cuidadoras*, foi importante explicitar que na psicologia da saúde e da reabilitação o *cuidador* seria a pessoa dedicada a auxiliar o paciente ou o indivíduo com deficiência em suas necessidades funcionais, transferências, locomoção, higiene e alimentação, e de saúde, exercícios e estímulos terapêuticos, dietas, medicamentos. Sua ação conjunta com a equipe interdisciplinar, permitiria praticar as orientações em ambiente domiciliar e interpretar “para equipe a evolução do paciente em sua rotina diária” (Battistella, Salimene & Macedo, 1997, p.7). Na opinião das autoras o cuidador pode ser um membro da família que assume suas funções por responsabilidade, ou um amigo ou vizinho que se voluntaria por solidariedade. Quando a família contrata e remunera uma pessoa para prestar ajuda ao paciente, o cuidador pode ser denominado *assistente pessoal*.

No contexto das deficiências, era possível estabelecer certa relação entre a figura maternal, que exercia cuidados primais nos primeiros anos de vida do bebê, e a cuidadora, que por muitos anos e, até por toda a vida, se dedicava aos cuidados de pessoas cuja gravidade do quadro físico podiam envolver dependência na locomoção, alimentação, higiene, auto-cuidados, e na expressão de pensamentos e desejos. Quais seriam os aspectos intrapsíquicos que inspirariam tal prática e suas conseqüentes repercussões? Em termos intrapsíquicos haveria relações entre as manifestações do *criar*, enquanto dedicação de cuidados, e do *criar* enquanto habilidade de inovar, convocar a habilidade criativa? Seria possível que o artesanato comum realizado cotidianamente pelas cuidadoras nos pátios da instituição enquanto estavam em situação de espera, configurassem experiências simbólicas, ou seja, comunicassem habilidades, sentimentos, expectativas relativas não apenas à realidade conhecida, mas aos potenciais desconhecidos e imprescindíveis para seu desenvolvimento psíquico mais amplo e profundo?

O estudo de como as cuidadoras vivenciavam a maternidade, a maternagem e o cuidar, deveria avançar além dos preconceitos e lugares-comuns, ao reconhecer a intrincada trama de elementos que impelia ou inspirava o grupo de mulheres a escolher ou aceitar certas experiências em detrimento de outras, criando significados próprios e de modo muito particular.

2.5.1 Entretela biológica: o bebê e os cuidados primais

Badinter (1985) nos lembra que há pelo menos dois hormônios profundamente envolvidos na questão da maternidade: a ocitocina e a prolactina. Mesmo a presença de tais hormônios no organismo masculino não lhes possibilitaria gestar um bebê, tampouco amamentá-lo. Deste modo, a gestação dos seres humanos, sob o ponto de vista biológico e anatômico, ainda acontece predominantemente na intimidade do corpo feminino.

Sob tal ponto de vista, durante a fase embrionária pré-natal o bebê permanece imerso no útero materno, totalmente dependente da mãe até que suas estruturas vitais estejam formadas. Em termos psíquicos, de acordo com Jung (1939/2008) mesmo após o nascimento e, durante os anos iniciais da vida, o bebê humano se mantém próximo ao estado embrionário, totalmente dependente de outra pessoa que ofereça cuidados primais, no que se refere a alimentação, higiene e conforto. Permanece “contido em sua mãe, apesar de seu corpo já haver nascido. Nessa fase, o que existe é uma unidade primária composta da mãe e filho” (Neumann, 2006, p.12). Neste período inicial, chamado *matriarcal*, ainda predomina o funcionamento psíquico regido pelo inconsciente, ou pela não-diferenciação psíquica. Ainda não se desenvolveu a consciência do bebê sobre si e sobre a realidade que o cerca (Jung, 1935/1972).

É irrefutável que a relação afetiva de profunda confiança e proteção estabelecida com a mãe, ou com a pessoa que assume os *cuidados primais*, torna-se um dos mais benéficos meios de sobrevivência do dependente bebê. No entanto, em termos de desenvolvimento humano é a qualidade dessa interação que atuará como continente para que o bebê inicie um processo rudimentar de reconhecimento de sua unidade biopsíquica. “No processo de

tornar-se ela mesma, a criança emerge dessa unidade com a mãe para transformar-se num sujeito apto a confrontar o mundo como ‘tu’ e como objeto” (Neumann, 2006, p. 12). O *ego* estrutura-se como centro regulador da consciência “formado primeiramente por uma percepção geral de nosso corpo e existência e, a seguir, pelos registros de nossa memória.” (Jung, 1935/1972, p.27).

Por volta do segundo ano de vida, com a equilibrada provisão de cuidados, a criança torna-se capaz de perceber sua existência separada da figura materna. Ao adquirir consciência de si e do outro e desenvolver a linguagem, ocorre a estruturação do pensamento racional que permite lidar gradualmente com demandas do contato interpessoal, que pouco a pouco se amplia com a entrada na vida escolar e na convivência comunitária. O indivíduo prepara-se então para a vida adulta, para exercer uma ocupação e estabelecer vínculos de “solidariedade com o seu próximo” (Neumann, 1991, p.65).

O fortalecimento do ego acontece ao longo de toda a vida, possibilitando que o indivíduo desenvolva autonomia e senso de segurança que lhe permitam reconhecer limitações e potencialidades, preferências e aspirações. Além da habilidade de relacionar-se com o mundo externo de modo mais íntegro e eficaz, o ego estruturado também relaciona-se com aspectos intrapsíquicos, na maior parte inconscientes, da totalidade da personalidade, o *self* (Sharp, 1993; Woodman, 2003). O *self* corresponde à matriz do psiquismo coletivo, universo rico em conteúdos psíquicos profundos inerentes à natureza humana. Vale ressaltar que Jung (1971/2008) atribui o nome *self*, à totalidade psíquica que se organiza e reorganiza a partir do fluxo de energia psíquica e dos processos dinâmicos que ocorrem entre o consciente e o inconsciente. Freitas (1990) acrescenta que é o aspecto interacional que promove a “participação da personalidade inteira numa transformação da consciência, que vai se ampliando e estruturando de forma mais abrangente.” (p.97).

Na compreensão da psicologia junguiana, a família constitui o primeiro espaço de reconhecimento da criança como indivíduo. Nas interações entre a criança e seus pais reside o gérmen da capacidade de alteridade, que embasará todos os processos afetivos ao longo da vida, tanto na evolução de seu próprio psiquismo, como nas relações do indivíduo com a sociedade (Neumann, 2006). Araújo (2004) corrobora com tal concepção ao afirmar que a “maneira como a família percebe e lida com o desenvolvimento físico, mental e emocional

da criança vai ter um profundo significado na formação de sua identidade, na construção da consciência de si mesma e em sua interação com o mundo (p. 236).

Tais considerações atestam sob o ponto de vista do bebê, a importância dos cuidados primais para a promoção de vida e desenvolvimento humano. Mas e o ponto de vista da pessoa que exerce tais cuidados?

2.5.2 Entremeios subjetivos: aspectos arquetípicos e sócio-culturais

Diversas linhas da psicologia estudam os sentimentos que envolvem a experiência da maternagem. Autores que estudam o ciclo gravídico puerperal sob a ótica da psicodinâmica Bortoletti e cols. (1996) e Maldonado (1997), afirmam que, ao lado da adolescência e do climatério, a gravidez além de solidificar a identidade feminina também representa o auge da maturação sexual da mulher, pois é repleta de transformações hormonais que modificam seu corpo, suas relações interpessoais e seus papéis sociais.

A partir da psicologia junguiana há autores que consideram a maternidade um fenômeno simbólico a partir do qual se manifestam bases profundas do psiquismo humano. A partir da relação materno-filial é possível observar “cada pólo — mãe e filho — surgindo para o outro e agindo sobre o outro como um arquétipo” (Waiblinger, 1992, p.19).

Neumann (2006) oferece valiosas contribuições ao tema, a partir de estudos sobre o arquétipo da Grande Mãe enquanto “imagem interior na psique humana” (Neumann, 1991, p. 19), inscrita em outro arquétipo mais amplo e primordial chamado *Feminino*. Diversas manifestações simbólicas remetem ao arquétipo da Grande Mãe, revelando suas facetas dependendo do contexto psicológico e cultural.

A expressão simbólica desse fenômeno psíquico são as figuras e as imagens da Grande Deusa, reproduzidas nas criações artísticas e nos mitos da humanidade. O aparecimento desse arquétipo, assim como seu efeito, podem ser observados ao longo de toda a história da humanidade, porquanto estão presentes nos rituais, nos mitos e nos símbolos desde os primórdios do homem, e igualmente nos sonhos, nas fantasias e nas realizações criativas de indivíduos enfermos e sadios do nosso tempo. (Neumann, 1991, p. 19)

De acordo com o autor, a dependência biológica do bebê incita o desenvolvimento psíquico da mulher no aspecto individual, a partir do desenvolvimento de habilidades como

“nutrir e proteger, manter aquecido e carregar no colo” (Neumann, 2006, p.40), e no aspecto coletivo consolidando a *persona maternal*, papel social relacionado à figura da mãe, núcleo fundante da convivência familiar e social desde o nascimento do ser humano até suas relações adultas.

Há dois importantes princípios relacionados ao arquétipo da Grande Mãe que atuam sobre o psiquismo humano, regulando-o de modo estrutural e dinâmico. Em termos estruturais, em sua origem ou nos primeiros anos de vida, o psiquismo humano constitui-se por uma unidade indiferenciada regida pelo *caráter elementar*, que se refere a habilidades como conter, proteger e alimentar. A intensa ligação entre mãe e filho relaciona-se a este princípio, já que

Seus atributos são o “maternal”, simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar de transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, o sedutor e venenoso, o apavorante e fatal. (Neumann, 2006, p. 92)

No entanto, como toda experiência profunda e arquetípica, o caráter elementar contém em seu bojo dimensões complementares que vão desde a proteção, a estagnação, a fascinação, o pavor, a vida e a morte. É o *caráter de transformação* que permite que o fluxo de energia psíquica prossiga, promovendo a diferenciação e a estruturação da consciência e a formação do ego, e tornando-se responsável também pela conexão entre o ego e as instâncias criativas do self ao longo de toda a vida, como fonte de espiritualidade, renovação e criação. Neste sentido, Waiblinger (1992) recorda que basta o contato da consciência com aspectos protetores e férteis da natureza do arquétipo do Feminino, e “o princípio criativo desperta novamente, torna-se cada vez mais perceptível, mais brilhante e atuante do que nunca.” (p.51).

Na compreensão de Neumann (2006), ao vivenciar em seu desenvolvimento biopsicológico experiências como a menstruação, a gestação, o parto e a amamentação, a mulher vivencia intimamente o princípio de transformação, desenvolvendo a habilidade de atuar como instrumento da transformação do outro, do bebê ou daquele de quem cuida.

Não é unânime a compreensão apresentada pelo autor, tampouco a crença de que as habilidades da maternagem estejam diretamente relacionadas às estruturas arquetípicas da

Grande Mãe. Ainda que o potencial da mulher à maternidade sob o enfoque biológico e anatômico seja uma verdade, também “a amamentação no seio e os gritos do recém-nascido estão longe de provocar em todas as mães as mesmas atitudes.” (Badinter, 1985, p.16). Sob o prisma antropológico, a autora defende que a relação materno-filial reúne ampla gama de possibilidades e que os valores de cada sociedade regulam os aspectos da maternidade que são culturalmente aceitos e aqueles que devem ser execrados.

O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. A ternura existe ou não existe. As diferentes maneiras de expressar o amor materno vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou o quase nada. Convictos de que a boa mãe é uma realidade entre outras, partimos à procura das diferentes faces da maternidade, mesmo as que hoje são rejeitadas, provavelmente porque nos amedrontam. (Badinter, 1985, p.23)

Neste sentido, é possível abrir espaço para a constatação de que há mulheres que querem ser mães, outras que não tem esse desejo. Há ainda aquelas que diante da maternidade encontram prazer no cuidado cotidiano das crianças, e aquelas que se sentem profundamente exaustas e deprimidas. O que dizer então, da existência de uma miscelânea de sentimentos ambivalentes revezando-se dentro de uma mesma pessoa?

De acordo com Badinter (1985) houve uma importante mudança no comportamento da sociedade em relação ao cuidado das crianças nos países da Europa entre os séculos XIX e XX. Na época, o difícil acesso a práticas contraceptivas acarretava um grande número de gestações indesejadas. Após o parto as mulheres pobres voltavam ao trabalho, e as ricas aos prazeres da corte. Com isso, geralmente as crianças fossem ricas ou pobres eram entregues aos cuidados de amas mercenárias que, vivendo em condições precárias quanto a higiene, alimentação e afeto, contribuíam para espantosos índices de mortalidade infantil. Havia certo pessimismo social quanto ao dispêndio de tempo e de recursos financeiros na criação de bebês, tornando a gravidez um inconveniente incômodo. No entanto, a partir daquele período, importantes mudanças sócio-culturais aconteciam no ocidente, e pouco a pouco o comportamento de atenção e cuidados das mulheres em prol de seus filhos, foi incentivado.

A pesquisa da historiadora Carvalho (2008) sobre cultura material descreveu que a crescente migração de famílias da área rural e a formação dos grandes centros urbanos a partir do século XIX contribuiu para que pensadores e dirigentes políticos compreendessem

que cuidar da saúde e da educação da população desde a infância, favoreceria aos cidadãos uma vida adulta mais saudável e produtiva, contribuindo para o enriquecimento do Estado. Deste modo, acreditando que os cuidados maternos preservariam os bebês das condições insalubres da maternagem terceirizada, foram lançados livros e campanhas que enalteciam a mulher em seu talento para a maternidade. De acordo com a historiadora Tupy (2003) e reiterado por Badinter (1985) a mudança nas mentalidades não foi rápida nem unânime. Alguns grupos de mulheres da aristocracia e da burguesia entre os séculos XIX e XX aderiram rapidamente aos ideais de maternagem, tanto por ambições intelectuais como por gratificação pessoal, já que encontravam nessa atividade uma maneira de serem valorizadas socialmente, e com isso ganhar maior autonomia e importância dentro do núcleo familiar. Por se tratarem de pessoas cultas e donas de inquietante curiosidade, seus costumes eram divulgados por meio de revistas, livros e artes, sendo gradativamente copiados pelas camadas mais populares.

Ainda que a sociedade tenha se tornado cada vez mais atenta às suas aspirações e desejos, e a vida familiar passasse a ser compreendida como fruto da união consensual do casal, Carvalho (2008) indica que naquele período prevalecia a divisão assimétrica de funções, em que o controle financeiro da casa era atribuído aos homens, e os afazeres domésticos e o cuidados dos filhos às mulheres. A elas era imposto o talento de manter o clima de aconchego do lar e o bem estar de todos os seus membros. Tantas eram suas atribuições que se tornou comum recorrer à ajuda de profissionais especializados em saúde, o que acabou por transformar a figura materna em “interlocutora, sua assistente, sua enfermeira e sua executiva” (Badinter, 1985, p.210).

Analisando as perspectivas mais recentes, a revisão bibliográfica realizada por Bertolini (2002), psicanalista interessada no estudo das relações entre a mulher e o trabalho no século XXI, e a psicóloga junguiana Almeida (2007), que estudou as relações entre o homem e a paternidade, também apontam significativas mudanças sociais, sobretudo nas relações familiares, a partir da década de 1970. O controle da natalidade, a abertura do mercado de trabalho, o acesso à formação universitária e o casamento consensual foram efetivas possibilidades da mulher decidir como e quando expressar seus potenciais, permitindo a ela e ao homem reverem seus papéis dentro e fora da família, inclusive na educação e nos cuidados dos filhos. O estudo de Bertolini (2002) aponta importante ampliação dos papéis

femininos, em que as mulheres além de conservarem os cuidados afetivos da família e da rotina casa, também passaram a abarcar papéis de provedoras e autoridade, outrora exercidos exclusivamente pelos homens. Interessante o apontamento realizado no artigo de Galiás (2001) acerca do papel da mulher no resgate dos potenciais femininos na sociedade atual, ainda mais se considerarmos que até o tempos atuais ainda há fortes resquícios de valores da família tradicional burguesa do início do século XX. Mesmo as mulheres que nos tempos atuais buscam desenvolvimento pessoal e profissional, tanto se sentem mais realizadas e satisfeitas, como também se sentem culpadas por não dedicarem tempo integral aos cuidados dos filhos (Bertolini, 2002).

A partir da perspectiva pós-junguiana, Samuels (1992) acrescenta uma relevante discussão acerca do estudo da psicologia de gêneros, criticando as perspectivas que tendem a atrelar à biologia humana, a fatores hormonais ou herança genética, diferenças comportamentais entre homens e mulheres, como por exemplo, a dominação masculina nos campos sociais, científicos e político. Ainda que se concorde que homens e mulheres apresentem diferenças fisiológicas e que há algo de perene na experiência da humanidade frente ao feminino e ao masculino, não é possível afirmar que o comportamento de crianças e adultos sejam regulados apenas por diferenças estruturais biológicas e psicológicas. Pois ambos os sexos no desenvolvimento de suas personalidades apresentam semelhantes interesse por seus corpos e pelo “fenômeno da diferença” (Samuels, 1992, p.123).

Se habilidades humanas como a agressividade, a razão e a reflexão são possibilidades universais, acessíveis aos homens e às mulheres, que podem vivenciá-las em graus variados, são as influências do ambiente sócio-cultural e as questões psíquicas pessoais que devem ser enfocadas no entendimento de como acontecem as relações pessoais e coletivas frente as diferenças. Ou seja, haverá significados específicos para cada indivíduo desenvolver-se como homem ou mulher, de modo mais submisso, altruísta ou agressivo.

Tais considerações reiteram a importância da presente pesquisa compreender as experiências do grupo de cuidadoras de modo singular, e revelar as matizes que coloriam as relações daquelas mulheres com as habilidades (biológicas, sócio-culturais e psíquicas) da maternagem.

2.5.3 Maternagem: um bordado singular

Neumann (1991) e Navajas Filho (1998) apontam correlações entre o desenvolvimento das habilidades necessárias para o exercício da maternagem na vida adulta à história pregressa da relação do cuidador com sua figura materna, e a qualidade dos cuidados primários que lhes foram dedicados. Um indivíduo bem cuidado na infância tem maiores chances de formar um ego bem estruturado, capaz de se manter como núcleo da consciência, fornecendo senso de identidade e autonomia, mantendo-se maleável às forças internas de seu psiquismo e às demandas da vida em sociedade.

A humanidade é uma unidade psicossocial. Nenhum ser humano pode existir e desenvolver suas faculdades especificamente humanas em isolamento. A existência humana só é possível enquanto existência social. Os arquétipos humanos são, portanto, a expressão de relações entre seres humanos. O fator social é pré-psíquico; então, a psique, que se vai diferenciando na realidade unitária, aos poucos vai formando imagens nas quais esse estado de coisas pré-psíquico se expressa e se torna inteligível (Neumann, 1991, p.70).

É função do ego adaptar-se ao conjunto de crenças, valores e cultura compartilhado por seu grupo social, e ao mesmo tempo absorvê-lo, significá-lo e reeditá-lo de modo dinâmico e singular. É no íntimo de cada ser humano em constante interação com a coletividade que as forças arquetípicas e a cultura se realizam, tornando-se ao mesmo tempo perenes e mutáveis (Singer, 2002).

Neste sentido, vale lembrar que há três conceitos fundamentais na psicologia junguiana envolvidos na relação que cada ser humano estabelece com os aspectos arquetípicos: os *complexos*, a *sombra* e a *persona*.

Certamente as crenças e valores sócio-culturais são as condições ambientais que compõem o repertório de experiências do indivíduo em formação, contribuindo para a constituição de sua consciência, tanto quanto para a constelação de *complexos*, que são idéias, associações e emoções que se aglomeram no inconsciente em torno de um determinado tema arquetípico e que, por serem alimentados pela energia psíquica vivem de modo autônomo, causando repentinas interferências na autonomia do ego. Os complexos podem se relacionar ao arquétipo da *sombra* que reúne valores e potenciais negligenciados ou preteridos pelo ego a partir de suas relações com a sociedade. Nem sempre a sombra reúne apenas aspectos negativos ou prejudiciais, pois seu diálogo com um ego fortalecido,

conforme discutido, pode promover a ampliação da consciência, o reconhecimento de potenciais e outras manifestações criativas (Grinberg, 2003).

No entanto, um ego enfraquecido, diante de experiências materno-filiais traumáticas, pode constelar um complexo materno negativo na mulher, promovendo uma identificação impessoal e estereotipada com o arquétipo da Grande Mãe. Estas situações podem gerar a exacerbação do instinto materno, de modo que se torne inconsciente de si própria, e viva sua vida “nos outros e através dos outros” (Jung, 1939/2008, p. 97). O aspecto oculto por trás de todo o exagero de cuidados e sacrifícios é o desejo de *poder* do instinto materno, que ameaça aniquilar a personalidade da mulher e de todos os envolvidos em seus cuidados.

Woodman (2003) relembra que mulheres que se relacionam com o arquétipo da Grande Mãe de modo irrefletido, correm o risco de sucumbirem ao domínio das forças inconscientes, às projeções de cólera e desconfiança devoradora e manipuladora, como a personagem da mitologia “Medusa que transforma as pessoas em pedra. Se elas tentam fazer qualquer coisa criativa, ficam imobilizadas. Ou petrificadas.” (p.40). A dificuldade do ego comunicar-se com as forças do feminino inconsciente “pode ser a causa real de nossa angustiada situação de vida” (Woodman, 2003, p.11).

Outros complexos na mulher, oriundos de identificações negativas com o arquétipo materno, se relevam na dificuldade de assumir as atribuições do casamento e da maternidade, por comparar-se com a Grande Mãe idealizada e se sentir incapaz; ou na obliteração do instinto materno, compensado pela exacerbação do eros e no estabelecimento de relacionamentos de intensidade orgiástica porém efêmera.

O complexo materno quando vivenciado de modo equilibrado, ou seja, quando a mulher vivencia a experiência enquanto filha e, posteriormente como mãe, amparada por uma rede de significados culturais e pessoais que lhe permita se identificar com os aspectos positivos do arquétipo da Grande Mãe, se tornará capaz de acolher e proteger seu filho, nutrindo-o e provendo-lhe condições para seu desenvolvimento (Waiblinger, 1992).

Além da sombra e dos complexos, outra estrutura psíquica imprescindível para a vivência e integração dos aspectos arquetípicos ao longo do desenvolvimento da personalidade, refere-se à *persona*, ou o conjunto de atitudes e aparências relacionadas ao

exercício de papéis sociais, “um compromisso entre o indivíduo e a sociedade, acerca daquilo que ‘alguém parece ser: nome, título, ocupação, isto ou aquilo’.” (Jung, 1971/2008, p.32). De acordo com sua definição, a persona é enraizada no coletivo, ou seja, possui um conjunto de atributos idealizados socialmente. No entanto, sua manifestação também é individual, na medida em que, ao identificar-se com determinados padrões, o ego além de revelar sua pretensão em atestar socialmente o domínio sobre determinadas habilidades e características, também reconhece partes de sua natureza, revelando e desenvolvendo possibilidades e integrando-as à consciência (Grinberg, 2003).

Especificamente no desenvolvimento psíquico feminino, muitas personas podem ser vivenciadas a partir das experiências enquanto filha, irmã, amiga, aluna, profissional, namorada, esposa, mãe, avó. Todas elas podem acionar habilidades úteis ao desenvolvimento como jovialidade, partilha, aprendizado, racionalidade, sensualidade, parceria, alteridade e sabedoria...

No entanto, Singer (2002) relembra que muitas vezes a persona pode servir para ocultar a verdadeira natureza individual, principalmente nos casos em que a mulher “tem receio de não ser aceitável sendo quem realmente é, ou por simplesmente ainda não ter identificado quem realmente é.” (p. 231). A identificação exacerbada e irrefletida com uma persona, que não corresponda à realidade individual, pode bloquear o fluxo de energia psíquica e tolher a manifestação de sentimentos, aspirações e talentos. A fim de lutar contra a repressão, os “conteúdos contrastantes e compensadores do inconsciente” (Jung, 1971/2008, p.33) podem se manifestar por meio de sintomas, sonhos, fantasias, arroubos e rompantes comportamentais.

A identificação rígida e irrefletida do ego com a persona, além de representar prejuízos ao self, ou à totalidade da personalidade individual, também pode representar prejuízos à convivência grupal, conforme as considerações de Neumann (1991).

Por outro lado, a adaptação do indivíduo ao coletivo, sem consideração por suas próprias necessidades, não apenas castra o indivíduo como também põe em perigo a comunidade, pois uma adaptação assim incondicional à coletividade transforma os homens em componentes de uma massa e, como a história da humanidade tem repetidamente demonstrado, torna-os uma presa para qualquer tipo concebível de psicose de massas. (p. 37)

Em certa medida, vivenciar as atribuições maternagem e de seus prolongamentos nos cuidados aos alunos com deficiências de modo automatizado e idealizado, pode incitar à identificação maciça com a persona de cuidadora. É necessário o reconhecimento deste mecanismo para que a personalidade conquiste sua originalidade e autonomia, e prossiga em seu processo de individuação.

2.5.4 Alinhavando fundamentos e retalhos da rotina

A aproximação com pesquisas, textos, reflexões e considerações acerca da maternidade possibilita compreender que se trata de um tema caro a pesquisadores e pensadores em diversas áreas do conhecimento, provavelmente por remeter ao sucesso da procriação humana, tornando-se um fenômeno intimamente relacionado à sua sobrevivência. No entanto, o ser humano possui mais do que rudimentares instintos biológicos, pois desenvolveu a complexa capacidade de equilibrar forças oriundas da natureza biológica e psíquica, da vida consciente e inconsciente, e da dimensão individual e coletiva, inspirando toda a gama de reações frente à maternidade, desde a mais espontânea empatia entre a mãe biológica e seu bebê, até os casos mais complexos em que os vínculos são dificultados, como nos abortamentos recorrentes, infanticídios e abandonos, ou nas relações amorosas não-biológicas como as adoções, tutela ou na prática dos cuidadores.

Ainda que se considere que a portadora do arquétipo materno seja “em primeiro lugar, a mãe pessoal porque a criança vive inicialmente num estado de participação exclusiva, isto é, numa identificação inconsciente com ela.” (Jung, 1950/2008, p.109), vale lembrar que “não é apenas da mãe pessoal que provêm todas as influências sobre a psique infantil descritas na literatura” (Jung, 1939/2008, p.93). Sabe-se que a mãe é um ser humano individual imerso num contexto coletivo, familiar e social, cujos valores culturais já influenciam sua capacidade de planejar, desejar ou aceitar seu filho antes mesmo da concepção, influenciando “inconscientemente mas de modo efetivo, o desenvolvimento da criança” (Neumann, 1991, p. 10).

A mãe da relação primal é a “Grande Mãe Boa”. É o ser que contém, alimenta, protege e aquece a criança, e que se liga afetivamente a ela. É a base de sua existência não só

física mas também psíquica. É quem dá segurança e torna possível a vida no mundo. Neste sentido, é anônima e transpessoal, ou seja, arquetípica, enquanto componente de uma constelação especificamente humana, que opera entre ela e a criança. Seu comportamento dirigido inconscientemente, que a capacita a coincidir com o arquétipo da mãe, é vitalmente necessário para o desenvolvimento normal do filho. (Neumann, 1991, p. 19)

Jung (1939/2008) acrescenta que tão logo o ego infantil se estruture e se torne capaz de desgrudar do self da mãe, é possível projetar as emoções relativas à experiência com o arquétipo da Grande Mãe, em todo seu mistério e poder na figura de diversas mulheres: “a própria mãe e a avó; a madrasta e a sogra; uma mulher qualquer com a qual nos relacionamos, bem como a ama de leite ou ama-seca” (p. 91).

Neumann (1991) compreende que possivelmente a boa maternagem não possua relação exclusiva

com parentesco biológico, porque a mãe verdadeira é mais ou menos substituível por uma outra figura que desempenhe um papel efetivo análogo. Em outras palavras, não é o indivíduo enquanto pessoa e sim o maternal em termos genéricos que se constitui no fundamento indispensável da vida da criança. (p. 19)

Sob tal perspectiva, a maternagem refere-se a conjunto de cuidados primais passíveis de serem exercidos por outras pessoas que não sejam a mãe biológica, contanto que haja vínculo afetivo saudável e um real envolvimento entre o cuidador e a criança. Vale lembrar que no panorama descrito na presente pesquisa, nas ocasiões em que por motivo profissional ou de saúde física ou psíquica as mães eram impossibilitadas de comparecer à escola, outras mulheres como suas irmãs, tias, parentes ou amigas eram convocadas para substituí-las, minimizando os prejuízos de sua ausência.

Certamente há especificidades nas motivações, fantasias e angústias de cada mulher em relação à experiência da maternidade, da maternagem e do cuidar. No entanto, em relação ao grupo acompanhado durante a pesquisa havia certas similaridades.

No âmbito das deficiências, especialmente diante de quadros crônicos manifestos precocemente, a importância da divisão de tarefas entre a mãe e outros membros da família é reiterada de modo a favorecer que a mulher não se sobrecarregue das tarefas relacionadas exclusivamente à maternagem e possa se dedicar ao desenvolvimento de aspectos mais amplos de sua identidade, por exemplo, a seu relacionamento conjugal, contatos sociais,

lazer, estudos e profissionalização (Marquezine, Almeida, Omote & Tanaka, 2003; Buscaglia, 1997).

Apesar da presença das cuidadoras ser solicitada pela escola apenas nas raras situações, em que devido ao quadro clínico do aluno eram prescritos cuidados específicos, na administração de medicamentos, em episódios de crise convulsiva, ou quando as dificuldades na capacidade de deglutição implicavam em risco de engasgo e asfixia, era fato que a maior parte das acompanhantes atendidas permaneciam durante o período de aulas, cerca de quatro horas, aguardando as crianças nas imediações da instituição. E naquele período tinham que se adaptar constantemente ao amplo repertório de situações institucionais. Por exemplo, houve épocas em que era permitida sua permanência nas dependências da escola, outras em que uma pequena sala foi disponibilizada para que permanecessem acomodadas discretamente. Mais recentemente, por restrições de espaço na instituição, houve alterações na utilização da referida sala, que se tornou espaço reservado à oferta da merenda escolar aos alunos com capacidade de deglutição comprometida. A perda de um local oficial para que se acomodassem gerou certo desconforto e inúmeras queixas.

Importante ressaltar que devido à grande distância entre suas casas e a instituição e às dificuldades de acesso ao transporte para usuários de cadeiras de rodas, algumas famílias utilizavam vans do Serviço público de Atendimento Especial – Atende – um meio de transporte municipal porta a porta, destinado às pessoas com deficiência física com alto grau de dependência. Durante o trajeto era exigida a presença de um acompanhante, e muitas vezes os horários agendados de embarque e desembarque envolvem desconfortos, como longas permanências dentro da van na busca por outros usuários, ou longas esperas na instituição mesmo após o término das atividades.

Além dos aspectos sociais mencionados, existiam também aspectos intrapsíquicos relacionados aos longos períodos em que permaneciam afastadas de suas casas, por abandonarem seus afazeres domésticos e terem que realizá-los em acúmulo, no final do dia, ou aos finais de semana, quando já se sentiam muito cansadas. Queixavam-se da falta de convívio com os cônjuges e com outros filhos, e da falta de suporte familiar. Era comum que a sobrecarga, as preocupações e a falta de tempo e disposição para a interação familiar

causassem alterações de comportamento, irritabilidade, distanciamento emocional e até conflitos conjugais. Algumas vezes, verificou-se na prática e em outros estudos em reabilitação (Buscaglia, 1997; Camargo, 1997) que, em meio ao estresse e sofrimento, muitas mulheres reagiam agressivamente, exacerbando atitudes superprotetoras e negligentes. Também havia a longo prazo as conseqüências de protelar ou relegar aspectos de sua vida profissional, de sua própria escolarização ou de suas expectativas de vida, a fim de viabilizar as atividades do filho.

Ciente da delicadeza de tais demandas, a equipe interdisciplinar oferecia alternativas para que as mulheres em período de espera na instituição participassem de projetos, a priori, elaborados para promoção de sua saúde e bem estar. Historicamente ofereceu-se oportunidade de realizar atividades físicas no clube da vizinhança, participar de curso de alfabetização para jovens e adultos em escolas da região, integrar equipe de confecção de peças em tricô e crochê para a campanha do agasalho promovida em parceria com o Fundo de Solidariedade e Desenvolvimento Social e Cultural do Estado de São Paulo (Fussesp) e palestras sobre saúde da mulher. Por motivos que seria interessante estudar, de modo geral, as propostas eram imediatamente refutadas pela maioria das acompanhantes, ou o número de participantes se esvaía com o passar do tempo. Era importante compreender que talvez a baixa adesão às propostas residisse no fato de a família e a instituição serem entidades separadas, que possuíam necessidades e sistemas de crenças diversos, formulando preconceitos e expectativas uma em relação a outra (Ogama & Tanaka, 2003).

Uma das preocupações centrais que permeavam este trabalho era o excesso de orientações que as cuidadoras recebiam da equipe de professores e profissionais da saúde. Badinter (1985) e Carvalho (2008) nos forneceram importantes pistas do quanto o incentivo à maternagem a partir do século XX sobrecarregou a mulher de responsabilidades e tarefas que iam desde a provisão de alimentos e de condições adequadas de higiene, até o oferecimento de carinho, conforto e educação aos filhos, iniciando uma aliança entre médicos e mães que “fizeram da mãe sua interlocutora, sua assistente, sua enfermeira e sua executiva.” (Badinter, 1985, p.210). Era possível verificar o quanto as orientações da equipe interdisciplinar por um lado incentivavam que as cuidadoras atuassem de modo adequado aos propósitos do tratamento da criança ou jovem com deficiência mas, ao mesmo tempo, contribuíam para o estabelecimento de vínculos pouco espontâneos e experiências pouco

prazerosas. Além disso, apesar da equipe de médicos e terapeutas, e de diversos estudos na área considerarem as cuidadoras, acima de tudo, mulheres abnegadas, sobrecarregando-as de orientações, exigências e recriminações, deixando pouco espaço para a discussão de suas experiências, dúvidas, sentimentos e aspirações, as considerações de Badinter (1985) alertam que a mulher é um “ser específico dotado de aspirações próprias que frequentemente nada têm a ver com as do esposo ou com os desejos do filho.” (p.25)

Nesta perspectiva, era imprescindível à Psicologia permanecer numa postura gestacional, evitando interpretações e propostas estanques. Era necessário oferecer escuta atenta e paciente àquelas mulheres e, ao mesmo tempo, nutrir o potencial criativo que favorecesse o processo de ampliação de sua consciência. Tornava-se cada vez mais claro e premente a necessidade de criar um modelo diferenciado de atendimento psicológico, que respondesse ao desafiante exercício de expressão democrático, a descosturar preconceitos, evitar orientações e imposição de temas, a fim de abrir campo para ideias, necessidades e preferências provenientes do próprio grupo.

Ao trafegar constantemente pelos corredores e pátios da instituição era possível vislumbrar com progressiva clareza que um importante movimento criativo acontecia. Em meio à rudeza de suas rotinas as acompanhantes praticavam, ensinavam e aprendiam artesanato espontaneamente. Eram diversas técnicas: bordados em ponto cruz, tecelagem (com tear de pregos) de cachecóis, tricotagem de gorros e blusas, decoração de panos de prato com bicos em crochê, escultura de bonecos e personagens infantis em porcelana fria. Os atendimentos de rotina acolhiam relatos que se referiam à prática de artesanato como um modo de preencher o tempo ocioso de modo *útil, produtivo e inteligente*; e traduziam que apesar das agruras de suas rotinas podiam *relaxar, obter ajuda de outras mulheres e criar vínculos de amizade*.

Neste ponto, faz-se relevante resgatar minha afinidade pessoal e profissional com a arte e o artesanato, que certamente contribuiu para que frente a tal panorama se configurasse um caminho de atuação psicológica, reiterando o potencial simbólico inerente aos processos de transformação de materiais expressivos. Era possível supor que a prática artesanal além de instigar o potencial criativo, também possibilitasse transformações subjetivas. Era como se, em meio ao emaranhado de queixas, conflitos e insatisfações do

grupo de mulheres, a arte de bordar, costurar e modelar resgatasse o fio da meada, iniciando uma pacienzosa empreitada de desfazer nós, remendar experiências emocionais rompidas e refazer o novelo das identidades pessoais, preparando-as a transmutar a aridez de seu cotidiano em experiências mais maleáveis, coloridas e vívidas.

Enfocar a saúde e o desenvolvimento psíquico das acompanhantes seria de grande importância não apenas para garantir cuidados mais adequados e favoráveis ao desenvolvimento da criança e do jovem, mas também para permitir-lhes ampliar o exercício de papéis, favorecendo o contato com a dimensão criativa, potente, desejante e prazerosa do arquétipo da Grande Mãe em suas vidas. Deste modo, a prática da Psicologia naquele contexto como o pano de fundo para a criação de uma proposta de atendimento psicológico diferenciado às cuidadoras, denominado Rodas de Artesanato.

A seguir, o capítulo *Bastidor* delineou aspectos do paradigma junguiano que embasaram a confecção desta pesquisa, desde a concepção de seus procedimentos, o método de apresentação e de compreensão de dados. Em alguns momentos foram mencionados autores que, mesmo embasados em outros referenciais teóricos, produziram reflexões cuja afinidade com a psicologia junguiana puderam contribuir para a elucidação dos temas abordados.

3- BASTIDOR

A ciência é uma outra avenida por meio da qual o invisível se revela. A disciplina da investigação científica requer que a pessoa tenha consciência do que foi aprendido no passado e, não obstante, considere todas as noções preconcebidas como provisórias, em vez de absolutas. O conhecimento recebido pertence ao âmbito do visível. O novo cientista se situa no limite derradeiro desse conhecimento e contempla o panorama do incognoscível à sua frente.

(Singer, 2002, p. 74)

A enciclopédia Mãos de Ouro (1968) fornece algumas informações a respeito do uso de bastidores em bordado, explicando seus diferentes tipos e aplicações. Popularmente utilizado em artesanato, o bastidor é uma peça de madeira com quatro arestas, que posiciona o tecido, esticando-o e facilitando seu manuseio dentro de limites em que se objetiva trabalhar. Portanto, com o campo de trabalho corretamente delimitado, os delicados e paciosos pontos de bordado podem ser desenhados. As funções deste engenhoso objeto serviram como metáfora para emoldurar o campo da presente pesquisa em relação ao paradigma junguiano e às bases epistemológicas da pesquisa qualitativa e simbólica.

A fim de manter o rigor científico é importante mencionar que a presente pesquisa foi organizada a partir paradigma junguiano. De acordo com Singer (2002), paradigma se refere ao que “os membros de uma comunidade científica têm em comum e, por outro lado, a comunidade científica consiste em pessoas que adotam o mesmo paradigma” (p. 102).

O paradigma junguiano baseia-se em uma concepção ontológica de mundo e ser humano como totalidade que compreende consciente e inconsciente. Do ponto de vista epistemológico, o conhecimento e o autoconhecimento são considerados como indissociáveis e a proposta epistemológica básica da Psicologia Analítica é viabilizar o conhecimento do inconsciente. Dessa forma, a hipótese do inconsciente faz parte da concepção de psique e de ser humano, ocupa lugar central na epistemologia e, portanto, está necessariamente implicada no método (Penna, 2007, p. 128).

De modo resumido, é possível considerar que a pesquisa inserida na abordagem junguiana, denominada por Penna (1997) como pesquisa simbólica, parte da fundamental compreensão de que o psiquismo é uma totalidade, composta por consciência e inconsciente. Ao longo do desenvolvimento humano, o potencial para simbolização é imprescindível, pois a partir da manifestação de símbolos ocorre o reconhecimento consciente de impulsos, desejos e aspirações inconscientes, por meio de imagens, sonhos, obras de arte, textos literários, toda e qualquer experiência humana capaz de promover ampliação da consciência, inclusive a partir da produção de conhecimento científico.

3.1 A PESQUISA NA ABORDAGEM JINGUIANA

De acordo com Jung (1952/1986) o pensamento dirigido ou racional foi uma aquisição relativamente recente no desenvolvimento da humanidade, que permitiu o desenvolvimento da linguagem e o acúmulo e a transmissão objetiva de conhecimentos, fundamentais ao estabelecimento da cultura patriarcal. Historicamente, o predomínio da razão e do raciocínio atingiu seu auge no final da Renascença, a partir da revolução nas artes e nos pensamentos que culminou na perda do poder autoritário da Igreja e permitiu o avanço das ciências. Um dos mais expressivos representantes do movimento racionalista foi o cientista e filósofo Descartes, cuja obra baseava-se na “convicção de que a verdade poderia advir do uso da razão” (Goodwin, 2008, p.48). Porém, apesar de tornar a humanidade mais inteligente, a racionalidade por si não a tornou mais sábia. Como nos lembra Furnaletto (2007) ao mesmo tempo em que as ciências expressaram nossa capacidade criativa também potencializaram nossas energias mais destrutivas.

A devastação da natureza, a bomba atômica, o aumento da miséria e a fome no planeta questionam os ideais da modernidade. Assim, somos estimulados a resgatar outras funções tais como: a intuição, o sentimento, a percepção que, aliadas à racionalidade, podem construir distintas maneiras de decodificar o mundo (p. 62).

Portanto, o método clássico cartesiano que investigava os fatos a partir de sua causa e efeito (Waiblinger, 1992) e o reducionismo das ciências naturais ao abordar apenas o físico e o replicável, já não eram suficientes para a compreensão de aspectos subjetivos que envolvem o comportamento e o psiquismo humano (Singer, 2002). Os próprios avanços da física nuclear nos primeiros anos do século XX, ao despojarem “as unidades básicas da matérias do seu caráter absolutamente concreto” (Jaffé, 1964, p. 231) reuniram à concretude da matéria sua dimensão desconhecida e misteriosa, fazendo com que a relatividade as leis da física clássica fossem válidas até certo ponto. Fez-se necessária a validação de um novo conjunto de pressupostos teóricos e modelos de sistematização de informações, que permitissem que as instâncias subjetivas do conhecimento fossem compreendidas.

A pesquisa de epistemologia qualitativa tem sido cada vez mais discutida e reconhecida nas ciências humanas, como a antropologia, a sociologia, a pedagogia e a psicologia. Rey (2005)³ explica que esta concepção de pesquisa acontece a partir do

caráter construtivo interpretativo do conhecimento, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que se nos apresenta. (...) É impossível pensar que temos um acesso ilimitado e direto ao sistema do real, portanto, tal acesso é sempre parcial e limitado a partir de nossas próprias práticas. (p. 5)

Nesta perspectiva, as experiências humanas e o embasamento teórico do pesquisador é que promovem, por exemplo, o interesse por algum fato, inspirando a criação de hipóteses, a formulação de métodos, embasando o modo de se relacionar, analisar e interpretar aspectos da realidade observada. É imprescindível considerar que “onde há pensamento devem existir especulação, fantasia, desejo e todos os processos subjetivos envolvidos na criatividade do pesquisador como sujeito” (Rey, 2005, p. 8).

Considerar que a subjetividade é inerente também às produções científicas remete às considerações de Jung (1952/1986) a respeito da relevância dos dois tipos de pensamento: o racional e o simbólico. Na perspectiva junguiana, o pensamento não-dirigido seria como “olhar para a realidade percebendo-a não com uma sequência de fatos lineares, mas como uma rede que articula acontecimentos que se apresentam interligados” (p. 64). Na explicação de Waiblinger (1992) ao fundamentar-se no conceito de sincronicidade, no funcionamento simbólico do psiquismo os acontecimentos são ligados não “por causa/efeito, mas por um significado em comum” (p.24). Sua importância residiria justamente na possibilidade de manifestar aspectos inconscientes, ideias que, ao invés de seguirem as premissas da lógica consciente, seguem um fluxo associativo, como nos sonhos e na fantasia. Woodman (2003) nos lembra que o funcionamento simbólico aciona uma espécie de “língua-mãe” (p.54), colocando-nos em contato com nossa natureza inconsciente mais profunda e autêntica.

Nesta modalidade de aproximação, o material [de pesquisa] é tratado como uma configuração psíquica nova. Passa-se a fazer referências aos novos conteúdos simbólicos como aquilo que não se sabe e que, ao ser elaborado, provoca uma ampliação dos quadros de referências tanto do analista como do analisado (Furnaletto, 2007, p. 66).

³ Psicólogo cubano, doutor em ciências e professor em universidades de diversos países. Dedicou-se à fundamentação da pesquisa de epistemologia qualitativa.

Ao considerarmos que “a música e a arte, a matemática e a história, não existem separadas de quem as faz, e não sobrevivem separadas de quem as cultiva” (Singer, 2002, p.200), é possível considerar que a produção científica ao responder a um questionamento do pesquisador também se refira a um símbolo que visa o desvelamento do desconhecido, tanto para o pesquisador, como para a construção coletiva do conhecimento. (Penna, 2007).

O método de investigação em Psicologia Analítica exige atenção e reflexão constantes sobre os aspectos inconscientes do pesquisador, para assegurar que a pesquisa seja realizada de forma apropriada e eficiente (Penna, 2007, p. 128)

Deste modo, a pesquisa qualitativa e a pesquisa simbólica estão em consonância quanto à importância de compreender a ciência como a busca por significados e inter-relações, em que a subjetividade do pesquisado e também a do pesquisador devem ser consideradas.

Furnaletto (2007) estuda o fenômeno da produção científica entre mestrandos do curso de pedagogia e afirma que é possível considerá-la uma oportunidade do autor/pesquisador elaborar conteúdos simbólicos de uma dada realidade, contribuindo para o conhecimento pessoal de algo desconhecido e significativo para seu desenvolvimento individual. Um trabalho intelectual pode também atuar como símbolo, envolvendo o pesquisador como coadjuvante da pesquisa, ao mesmo tempo, modificando e sendo modificado durante o processo.

3.1.1 Meandros de uma pesquisa tecida da prática

Tratou-se de um desafio metodológico exercer ao mesmo tempo o papel de psicóloga contratada pela instituição e de pesquisadora, pois a intersecção da rotina profissional e da prática de pesquisa implicava em certa convivência cotidiana com os alunos e suas cuidadoras, em momentos além dos reservados para as intervenções formais. O esforço para manter uma postura maleável ao acontecer espontâneo, sem abrir mão do olhar e o raciocínio psicológico, inspirou-se nas correlações naturais entre a prática terapêutica e a construção da pesquisa científica, apresentadas por Bohoslavsky (1996), autor argentino, de orientação psicanalítica, estudioso das questões vocacionais e profissionais.

Embora a manipulação de uma estratégia clínica guarde, em parte, relação com o “estilo” pessoal do psicólogo e tem, por isso um caráter artesanal, é fundamentalmente uma atividade *científica*, pois se baseia em certas hipóteses ou predições a serem verificadas, restringindo-se ao imperativo do “controle”, que caracteriza o método científico. Além disso, a estratégia é uma *observação* e uma *atuação* autoconscientes sobre a condição humana. (...) Por exemplo, o psicólogo considera que seu papel de observador modifica, mesmo por sua simples presença, o campo de observação. Portanto, é um observador participante e consciente dessa participação no fenômeno sob sua observação. Portanto, ao observar uma situação, está observando-se a si próprio e ao vínculo que estabeleceu com a mesma, quer dizer, molda um novo campo, do qual, uma vez que toma parte, se distancia, efetuando o que se convencionou chamar “dissociação instrumental”: é objeto que participa da situação e, portanto, a condiciona e, ao mesmo tempo, sujeito que se auto-conserva, a fim de distinguir como e quando sua presença condiciona a situação que está estudando (p.34).

Vale lembrar que qualquer interação entre o psicólogo e o paciente, mesmo fora da situação analítica formal, é permeada por projeções e afetos que se formam de acordo com o lugar que profissional ocupa na fantasia da população atendida.

Sob a perspectiva junguiana qualquer interação humana, incluindo a situação de pesquisa em psicologia, configura-se um processo dialético em que todos se influenciam mutuamente.

Destaca-se o fato do pesquisador ser uma pessoa que estará em contato com outras pessoas, e cuja simples presença já exerce um efeito sobre a realidade, ao mesmo tempo em que também vive as influências deste contato. A questão dialética também é amplificada por Furnalettto (2007):

A pesquisa transforma-se em uma experiência que implica a transformação do objeto e do pesquisador. Para Jung (1983), a experiência pode ser vista como uma ponte na qual sujeito e objeto transitam, distinguem-se e encontram-se (p. 68).

Além do estabelecimento de uma parceria em que cada integrante complementa o conhecimento outro, deve-se considerar a influência inevitável das manifestações conscientes e inconscientes do pesquisador em interação com os elementos conscientes e inconscientes do pesquisado, conforme ilustra Penna (2007):

A perspectiva simbólica arquetípica configura uma relação sujeito-objeto dialética, transformadora, que diferencia o eu e o outro, mas não prioriza um em detrimento do outro. Embora a produção de conhecimento seja primordialmente conduzida pelo pesquisador, a este não é dado, em princípio, o controle egóico da situação, uma vez que o inconsciente – pessoal e coletivo – participa e interfere constantemente. Apenas a manutenção de uma atitude simbólica em relação ao pesquisado pode favorecer o andamento do processo, que busca integrar as polaridades em questão, sem menosprezar ou sobrevalorizar uma ou outra. Dessa forma a atitude do pesquisador, particularmente em relação à participação do inconsciente, deve ser alvo de constante atenção. Desde o início do processo de pesquisa, o pesquisador deve estar atento às demandas inconscientes que permeiam suas escolhas e decisões (p. 133).

Bogdan e Biklen⁴ (1994) afirmam que as habilidades sociais como empatia e respeito são úteis e imprescindíveis para a integração adequada e respeitosa do pesquisador com os colaboradores e participantes. Nardi (2007) refere que em pesquisa qualitativa “um dos pressupostos da observação participante é o de que a convivência do investigador com a pessoa ou grupo estudado cria condições privilegiadas” (p. 39). Bourdieu (1993/1999) alerta que a maneira de conduzir o contato pode suscitar emoções negativas, envolvendo jogos de poder, falta de empatia e preconceitos.

Na medida em que os pressupostos do trabalho junguiano partem da possibilidade do psicólogo exercer o papel de participante e observador, é imprescindível que sua atitude seja respeitosa. Quanto maior o treino e a preparação obtida em seu próprio auto conhecimento e reflexão, maior possibilidade terá de enxergar o outro sem deixar que seus problemas e ideais interfiram nas relações ou interpretações sobre a realidade do outro (Singer, 2002). Portanto, é natural que o psicólogo lance mão do método psicológico, definido por Bohoslavsky (1996) como a habilidade clínica e científica de “abordar uma situação humana — qualquer que seja — em nível de análise psicológica, com o propósito de investigá-la, compreendê-la, explicá-la e, eventualmente, modificá-la mediante recursos psicológicos” (p.40)

Singer (2002) acrescenta que o adequado treinamento profissional implica que o profissional também tenha empreendido a jornada de reconhecimento de seu inconsciente, conhecendo a si mesmo melhor do que ninguém. Isso favorece que os assuntos que dizem respeito à sua vida particular não interfiram no entendimento das questões pessoais do paciente.

Ao defender a importância da observação, da reflexão e da contemplação nos processos de simbolização durante os processos científicos (Penna, 2007) a pesquisa simbólica reitera a importância do pesquisador acrescentar ao relato dos dados coletados em sua pesquisa também sentimentos, sensações e percepções oriundos ao longo do processo. Pois os dados observados pelo pesquisador, quando cuidadosamente transcritos, lidos, relidos e analisados, podem ser reconhecidos em suas diversas dimensões, o que

⁴ Autores dedicados à pesquisa qualitativa em educação.

minimiza as projeções da polaridade inconsciente do pesquisador repleta de negligências, preconceitos, teorizações e generalizações (Bogdan e Biklen, 1994).

Neste sentido, Byington (1993) incentiva a utilização de recursos expressivos nos atendimentos psicológicos, pois se trata de uma experiência em que o analista e o analisando podem vivenciar processo criativos e relevadores, vencendo alguns chavões interpretativos comuns à prática e que remetem ao predomínio da linguagem verbal e da racionalidade sobre as emoções. Este processo retira o terapeuta de sua postura neutra e o coloca em situação mais expositiva que poderá favorecer que ele próprio perceba suas atitudes defensivas e as elabore.

3.1.2 Fiando narrativas

Benjamin⁵ (1994) considera que o narrador invoca a habilidade humana de comunicar algo que ele próprio viveu, ou que conheceu por meio do relato dos outros e de incorporar “as coisas narradas à experiência de seus ouvintes.” (p.201).

A narrativa elaborada pelo psicólogo-pesquisador foi a maneira escolhida para compartilhar situações vivenciadas nos encontros das rodas de artesanato, que sob o ponto de vista exclusivamente racional e informativo, poderiam ser fatos isolados ou de uma realidade particular, mas que se envoltos em compreensão simbólica agregam valor na ampliação do repertório de conhecimentos acerca da existência humana e sua subjetividade.

Diversas pesquisas de mestrado e doutorado vêm sendo realizadas a fim de sistematizar e reconhecer a importância da figura do psicólogo como narrador do encontro psicológico. Menciono especialmente as considerações de Ferreira⁶ (2004) que se apoia em autores da filosofia e da literatura para discutir a diferença entre *narrar* e *descrever*. Em suas reflexões, considera que, ao contrário do *relato descritivo*, que expõe fatos de modo claro e

⁵ Crítico literário, filósofo e sociólogo alemão, aproximou-se das idéias da escola Frankfurt ao discutir cultura e comunicação de massa no contexto da primeira metade do século XX.

⁶ Psicanalista brasileira de orientação winnicottiana, dedicada ao atendimento psicológico a mulheres, por meio de literatura e artesanato.

detalhado, a *narrativa* pressupõe que o autor viva a perspectiva de protagonista ao partilhar acontecimentos humanos. É como se o narrador revivesse os fatos “ao invés de limitar-se à descrição de imagens.” (p.84).

A narrativa em sua natureza não linear, não pretende relatar fatos com a máxima objetividade, nem evitar inferências, acréscimos ou interpretações (Oliveira, 2006). Trata-se da apresentação de uma experiência vivida que além de permitir sucessivos reencontros do pesquisador com seu próprio texto, também convida o leitor a participar da experiência narrada, experimentando, criando e re-criando o conhecimento, conforme as considerações de Aiello-Vaisberg e Machado⁷ (2005):

A apresentação é compartilhamento, diante do qual a busca de objetividade, no campo das ciências humanas, seria um arremedo pobre. O que se busca não seria a objetividade, a replicabilidade, mas o rigor, do qual me aproximo na medida em que cultivo a **transparência possível**. (p.7)

Assim como na pesquisa simbólica, o rigor científico no uso de narrativas em pesquisa reside justamente no reconhecimento do narrador como integrante da experiência narrada, cuja participação de sua subjetividade consciente e inconsciente é pressuposta.

Na presente pesquisa a construção das narrativas aconteceu por meio de três etapas principais.

A primeira etapa foi a própria experiência, o encontro interpessoal estabelecido a partir do enquadre terapêutico.

A segunda etapa envolveu a redação de relatórios ao término de cada encontro, contendo recordações das cenas, falas e acontecimentos, acrescidos de impressões e hipóteses relacionadas à compreensão psicológica dos fatos. De acordo com Aiello-Vaisberg e Machado (2005) esta etapa é semelhante ao processo terapêutico-clínico, já que o narrador deve lançar mão da atenção flutuante em busca de fatos espontâneos e inusitados. De certo modo, remeteu ao exercício do pensamento simbólico, em que a partir de uma atitude associativa, sensível e receptiva objetivou-se desvelar o inconsciente.

⁷ Psicanalistas brasileiras de orientação winnicottiana, dedicadas à pesquisa utilizando o método de narrativas do encontro clínico construídas pelo psicólogo.

A terceira etapa envolveu a construção da narrativa propriamente dita, que objetivou compilar o conteúdo dos relatórios de modo mais sucinto, selecionando trechos emblemáticos que ilustrassem o movimento do self grupal. A partir de então, estabeleceu-se um aprofundado diálogo com o texto, no sentido de discutí-lo cientificamente a partir de uma análise reiterada, “num processo artesanal de superposição de camadas finas e translúcidas” (Benjamin, 1994, p.206).

Apesar do exercício de redação e revisão reiterada das narrativas, é possível que tenha persistido certa rusticidade no texto, redundâncias, mudanças bruscas de assunto e até contradições que revelavam movimentos próprios aos processos psíquicos. Pois durante os encontros era natural que temas surgissem e desaparecessem, ideias e projetos fossem esquecidos, lembrados e esquecidos novamente, sentimentos outrora negligenciados de repente evidenciados...

Houve um esforço por respeitar a cronologia natural dos fatos, imprescindível para observar a sequência e a profundidade em que as coisas aconteceram. Ao mesmo tempo, quando as narrativas apontavam para um acúmulo razoável de idéias em torno de um determinado tema, foram organizados blocos de discussão com os títulos em destaque.

Woodman (2003) defendeu a importância dos trabalhos científicos também lançarem mão da linguagem simbólica, que ela chama de metafórica, pois o equilíbrio entre a dimensão racional e afetiva favorece que conteúdos teóricos sejam integrados à consciência por meio da experiência e não apenas pela informação. Músicas, obras de arte e outras manifestações culturais são relevantes recursos de amplificação de temas da vida humana (Parisi, 2009).

A construção de narrativas permeadas a trechos de mitos, contos e outras manifestações culturais objetivou “realizar leituras diferentes dos materiais que emergiam nos espaços analíticos não os reduzindo, somente, à esfera pessoal, mas pondo-os em analogia com os símbolos da mitologia e de outras fontes, para conhecer os sentidos que eles pretendiam exprimir” (Furnaletto, 2007, p. 69).

3.1.3 A apresentação de fotografias

Fotografar a produção artesanal durante a sua confecção e depois de sua finalização foi combinado com o grupo desde o primeiro encontro, na apresentação e na assinatura do termo de consentimento.

Utilizou-se inicialmente uma câmera digital de 3.2 megapixels de um aparelho celular Samsung. A partir da aquisição de uma câmera digital por parte do setor de Psicologia algumas fotos foram registradas a partir de um dispositivo de 7.0 megapixels, da marca Mitsuca, modelo DC73228BR. Na maior parte das vezes utilizou-se luz solar e luz ambiente de lâmpada fluorescente. Os objetos foram posicionados sobre fundo de cor sólida, o branco da mesa, ou papel crepom marrom escuro ou azul, a fim de obter certo destaque e nitidez de contornos.

Byington (1993) refere que por remeter de modo unilateral à esfera da racionalidade, a dimensão verbal não dá conta da totalidade das experiências humanas. Deste modo, o resgate da dimensão vivencial visa resgatar o equilíbrio, por exemplo, por meio de experiências com o “desenho, pintura e escultura” (p.134) e, porque não acrescentar, com a fotografia? A apresentação de fotografias ao longo da dissertação objetivou entremear certa dimensão vivencial às narrativas e reflexões teóricas, convidando o leitor a se conectar à vivacidade das cores e à textura das tramas. Requião (2009) acrescenta que as imagens podem favorecer o ingresso num estado psicológico ligado à fantasia, em que a mente torna-se mais rica, flexível e compreensiva.

As fotos compartilham algo da subjetividade da própria pesquisadora, exercício recomendado na perspectiva da pesquisa de campo qualitativa. Chataway (2001) concorda que há benefícios do pesquisador compartilhar suas observações, reflexões e seu modo particular de compreender os fenômenos, pois abre-se ao diálogo com seus pares, a outros pontos de vista e à construção dinâmica do saber científico.

Os estudos de Philippini (2009) em arteterapia, apontam para a relevância do uso de fotografias nos processos de criatividade e ampliação da compreensão humana no contexto terapêutico. No entanto, suas considerações podem ser aproveitadas no contexto científico, na medida em que explica a relação entre a etimologia da palavra e de sua função de

registro por meio da luz. As narrativas também são uma forma de registro diferenciadas que ilustradas a partir da prática de “retomar e observar fotografias é beneficiar-se desta ‘escrita luminosa’ que fornece pistas e dados ‘sobre o ontem, no hoje’ permitindo que tantos instantes fugazes deste ‘já, que não é mais’ sejam revisitados e compreendidos.” (p.34)

Na medida em que os objetos construídos pertenciam à artesã, que poderia levá-los para casa, guardá-los, vendê-los ou dá-los, as fotos seriam também um registro dos objetos no momento em que foram concebidos. Devidamente arquivadas em meios eletrônicos ou impressos, as fotos permitiriam a criação de uma espécie de inventário do processo de criatividade grupal, permitindo visitar os símbolos constelados, a despeito da finitude natural da matéria que se desgasta e desfaz com o passar do tempo. O visitar da experiência, processo tão caro na cultura oral e nas narrativas literárias, também se faz relevante na ciência, pois favorece a compreensão mais ampla e profunda do material de pesquisa, prolongando a contemplação, a análise e a reflexão dos fenômenos estudados (Bogdan & Biklen, 1994).

3.2 RODAS DE ARTESANATO

De acordo com Vechi (2008) a peculiaridade do trabalho psicológico inserido em instituições pressupõe a participação do próprio campo simbólico coletivo-social que compõe o self institucional, enraizado na história e na natureza da instituição. Seus símbolos e complexos operam fortes influências sobre todos os indivíduos nela inseridos, pois trata-se de uma realidade “dotada de objetivo e papéis para os sujeitos nela se inserirem” (p.64).

O fato das rodas de artesanato estarem inseridas num contexto institucional remete a um importante movimento de ampliação dos espaços de atuação da psicologia que, até pouco tempo entre nós brasileiros, estava restrita a uma pequena parcela privilegiada da população, selecionada não só em termos econômicos, mas principalmente em relação à educação, saúde e informação (Vitali, 2004)⁸. Se por um lado a popularização do acesso aos

⁸ Psicanalista de orientação winnicottiana, dedicada ao atendimento de pacientes com doenças neurodegenerativas por meio de arranjos florais como recursos expressivos.

tratamentos psicológicos remete a um certo otismo democrático, o volume e a natureza da demanda “tem incentivado a busca de enquadres diferenciados para além da clínica psicológica individual.” (p.27).

A prática da psicologia nos contextos coletivos pode atender à realidade econômica que envolve a saúde pública no país, ao atender a um maior número de pessoas em menor tempo. No entanto, há que se ter cautela a fim de evitar justificativas ideológicas que releguem esta modalidade de atendimento exclusivamente à população carente de recursos, que supostamente não teria condições financeiras de pagar por um atendimento individual. Quando embasado num referencial teórico consistente, o atendimento psicológico em grupos visa, tanto quanto qualquer outra modalidade de atendimento, diminuir o sofrimento e possibilitar que o participante recupere o sentido de sua vida.

Tão logo o projeto recebeu a aprovação da instituição⁹ e do comitê de ética em pesquisa¹⁰ foi necessário organizar os procedimentos que concretizariam sua prática.

3.2.1 Do agrupamento de pessoas à sabedoria do encontro circular

Especificamente no referencial da psicologia junguiana o atendimento em grupos foi por muito tempo uma prática preterida, pois a priori, o foco do trabalho psicológico seria garantir o *processo de individuação* (Jung 1935/1997) ou seja, possibilitar ao psiquismo individual desenvolver níveis cada vez mais elaborados de diferenciação, capacitando-o a lidar ao mesmo tempo com as influências de sua natureza inconsciente e das relações com a coletividade (Vechi, 2008).

As experiências violentas do século XX como as grandes guerras mundiais e o nazifascismo exemplificaram o quanto as pressões da convivência em grupo podem ameaçar a subjetividade individual (Zinkin, 1998), promovendo alienação e sensação de perda da alma,

⁹ O projeto de pesquisa, que também objetivava oferecer assistência à população da instituição, foi apresentado para a coordenadora do setor de psicologia. A partir de sua anuência, foi apresentado para diretora clínica e compartilhado com a diretora escolar.

¹⁰ A proposta deste trabalho recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPH-IP-USP).

ou do sentido da vida (Woodman, 2003). O pessimismo que assolava o ânimo da população mundial possivelmente influenciou Jung em sua leitura desfavorável acerca das experiências coletivas (Zinkin, 1998). Manifestações grupais de qualquer ordem, fossem religiosas, políticas ou educacionais, de certa maneira remetiam ao anonimato, à perda do controle da identidade sobre os impulsos, remetendo à infantilização dos comportamentos e à projeção de conteúdos psíquicos primitivos, propícios ao desrespeito e à violência (Jung, 1945/1997).

No entanto, a atualidade tem valorizado a compreensão do indivíduo e do grupo como polaridades indissolúveis e interdependentes, que merecem ser acompanhadas sem predomínio ou privilégio de uma ou de outra. As dimensões individual e coletiva formam um paradoxo pois, se a conquista da consciência individual consiste uma valorosa aquisição do ser humano, a amplitude e profundidade do inconsciente coletivo primordial inspiram seu desenvolvimento e ao mesmo tempo exercem constante pressão sobre sua liberdade e autenticidade. O agrupamento de pessoas, seja no contexto familiar, grupal ou institucional, constela uma psique própria, que pode ser formada a partir do conjunto de aspectos conscientes, inconscientes, sombrios e criativos de cada realidade. O indivíduo a todo momento vive sua própria dinâmica intrapsíquica em confluência com os dinamismos das relações que estabelece em sua vida social.

Ainda que inspirado pelo *arquétipo do rebanho* Whitmont (1974) tenha indicado a habilidade natural do ser humano de se adaptar aos grupos e à realidade em que está inserido, o objetivo primordial do trabalho psicológico deve ser a realização plena da natureza humana e não a aplicação da técnica psicológica em busca da melhor e mais eficaz adaptação do indivíduo aos propósitos da coletividade e das instituições (Jung, 1945/1997). Toda instituição é composta por indivíduos, que são a única e verdadeira fonte de vida. Se as experiências humanas ao invés de repetir indiscriminadamente o instituído, refletirem sobre ele, ressignificando-o, transformando-o e ampliando-o, torna-se possível viver na dimensão grupal um processo de auto-regulação semelhante ao processo de individuação.

Neste sentido, há um crescente desenvolvimento de trabalhos (Whitmont, 1974; Zinkin, 1998; Singer, 2002; Bolen, 2003; Freitas, 2005a; Freitas, 2005b; Parisi, 2009, Quilici, 2009) que se referem à compreensão dos processos grupais e seu manejo a partir dos conceitos junguianos.

Zinkin (1998) recomenda o trabalho psicológico em grupos a partir da criação de um enquadre, ou de uma atmosfera, de confiança e intimidade, que garanta espaço para expressão de sentimentos, para o diálogo com as imagens simbólicas e para o crescimento criativo. O enquadre configura-se na própria interação entre o grupo e o psicólogo, ainda que, a princípio, dependa de regras e combinados para seu estabelecimento inicial. Além disso, o psicólogo a partir de sua experiência e conhecimento, deve contribuir para o manejo técnico da situação, por exemplo, zelando por um número adequado de participantes. No entanto, com o desenrolar dos processos grupais o ideal é que o enquadre se torne cada vez mais dinâmico e maleável, regulado pela própria dinâmica do grupo.

Na presente pesquisa, quanto à convocação de participantes e à formação do grupo, inicialmente foi considerada a possibilidade de convidar as cuidadoras a participar das rodas de artesanato por meio de cartazes nos murais da instituição, de modo a explicar brevemente a proposta e indicar um período de inscrições. No entanto, a reunião anual de boas vindas às famílias do período vespertino já havia sido agendada pela direção escolar, e usualmente representantes da equipe interdisciplinar aproveitavam aquele momento para compartilhar suas propostas e esclarecer dúvidas. Seria uma boa oportunidade de explicar brevemente os percursos que inspiraram a idéia o projeto das rodas de artesanato e propor uma reunião às mulheres interessadas, a fim de debater idéias e colocar o projeto em prática. Foi animador notar que cerca de dois terços das cuidadoras presentes na reunião revelou interesse e que algumas mulheres que não estavam presentes naquele momento foram informadas pelas colegas e me procuraram nos dias seguintes a fim de comunicar que também desejavam participar. Totalizaram-se, a princípio, dezessete pessoas interessadas.

Se a questão do número de participantes estava dentro das expectativas, também havia a necessidade de zelar para que o grupo fosse composto por pessoas que de fato pudessem se beneficiar daquele tipo de intervenção. Na prática, a formulação de critérios de inclusão e exclusão revelou-se uma tarefa delicada e complexa, que considerei adequado compartilhar com o próprio grupo. A reunião inicial entre nós realizou-se na sala de atendimento a grupos do setor de Psicologia e nela foi explicitado que a roda de artesanato era, por um lado, espaço de expressão emocional, um atendimento psicológico e, por outro, também objetivava efetivar uma pesquisa sobre os possíveis benefícios de utilizar o artesanato como recurso expressivo para possibilitar o reconhecimento e a elaboração de

conteúdos emocionais. Concorde com Bogdan e Biklen (1994) quanto à importância de comunicar aos participantes de qualquer pesquisa “que o interesse do estudo não se centra propriamente naquelas pessoas em particular ou na organização específica” (p. 119), mas que partindo de uma realidade específica, visa contribuir para o conhecimento individual e coletivo quanto a determinados temas e realidades de vida. Também foi informado ao grupo que dependendo da demanda, se fosse indicado atendimento individual ou outros tipos de tratamentos (psicoterapia individual, atendimento psiquiátrico), seriam realizadas orientações e o devido encaminhamento externo.

As características do atendimento grupal remetiam aos grupos vivenciais apresentados por Freitas (2005a), configurando um âmbito de atendimento psicológico em que o arquétipo da deusa grega Héstia, protetora do lar e das reuniões grupais ao redor do fogo, inspirava a criação de um campo de proteção e acolhimento para a vivência de conexão do indivíduo consigo mesmo e o estabelecimento de relações de alteridade com o grupo. A constelação de um contorno simbólico compartilhado, ou *self grupal*, envolveria dinamismos “que põem em contato todos os participantes e, simultaneamente, encarregam-se do estabelecimento de uma coesão tal que torna-se possível falar numa consciência grupal, numa sombra grupal e em símbolos grupais.” (Freitas, 2005, p.133). Além disso, por meio de experiências de aconchego e introspecção, o clima apaziguador e reflexivo inspiraria um modo de funcionamento psíquico mais imaginativo e menos racional, favorecendo a focalização dinâmica da consciência acerca de aspectos psíquicos inconscientes. Em termos grupais, tais experiências seriam predisponentes às constantes ressignificações das experiências emocionais e à ampliação da consciência (Freitas, 2005).

Um belíssimo exemplo da aplicabilidade dos grupos vivenciais no atendimento a grupo de mulheres foi realizado por Parisi (2009). A autora promoveu oito encontros para trabalhar temas relacionados à separação amorosa, utilizando recursos expressivos como pintura, costura e dramatização para a simbolização de afetos relacionados a dor, luto, raiva e também para iniciar um processo de reorganização e ressignificação das experiências de luto.

O Laboratório de Estudos da Personalidade (LEP) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo tem realizado relevantes pesquisas sobre intervenções

psicológicas em grupos no referencial da psicologia junguiana. Menciono especialmente as vivências de confecção de máscaras realizadas com os alunos de graduação do curso de psicologia (Freitas, 1990; Freitas et al., 2009). Neste contexto de ensino-aprendizagem, busca-se ampliar a persona do profissional em formação e as reflexões sobre os diferentes contextos da atuação do psicólogo: estimulando o desenvolvimento psíquico em sua vertente intelectual, por meio leitura de textos sobre o tema, e em sua vertente afetiva, por meio de vivências de confecção de máscaras que remetiam, inclusive, às diversas personas do profissional em psicologia.

O 3º Congresso Brasileiro de Psicologia Junguiana¹¹ a partir do estudo do tema da *violência* suscitou pesquisas sobre a promoção de paz, como a oficina denominada Roda Anti-violência por meio de Danças Circulares, Artesanato e Contos (Fabretti & Lima, no prelo). A proposta da oficina era entrelaçar danças circulares à prática de um artesanato rudimentar, em que a partir de lãs e fios coloridos teciam-se com os dedos longas tiras de tricô. Durante a oficina, estimulou-se uma comunicação silenciosa dos indivíduos consigo próprios e com o grupo, quase prescindindo de palavras, pois se concentrava nas sensações do corpo em contato com a matéria prima. Era uma possibilidade de evocação de experiências antigas e primordiais de contato com a tradição e a cultura humanas, dimensões esquecidas ou negligenciadas na correria da vida urbana em que o racionalismo prepondera. A configuração circular do encontro atuava como símbolo da conexão do participante com as instâncias mais profundas de si mesmo, na alteridade, e consequente conquista da harmonia pacífica com o coletivo.

O encontro grupal pode e deve acontecer em roda. A roda nos coloca em relação direta com o outro, nos torna iguais e nos remete ao movimento circular. O círculo representa as formas orgânicas mais primordiais, como o óvulo, o útero, o rosto humano, os olhos dos pais, os astros do céu. O círculo parece ser a representação simbólica de algo básico na vida do ser humano. A forma circular com o centro marcado evoca o símbolo do Self ou Si Mesmo que (como centro ordenador localizado no inconsciente e ao mesmo tempo como totalidade psíquica) costuma ser percebido em caráter numinoso. (Fabretti & Lima, no prelo)

Permeando os estudos da área, também no ambulatório em reabilitação já vinham sendo desenvolvidos atendimentos psicológicos em grupo. Cito o trabalho psicoterapêutico

¹¹ O Congresso de Psicologia Junguiana foi realizado na cidade de São Paulo, no ano de 2008, sob a organização da Escola Paulista de Psicologia Avançada (EPPA).

a adolescentes e jovens adultas com deficiência física (Fabretti, 2008; Fabretti, 2009), em que a partilha de anseios e inseguranças eram permeadas à confecção de bijouterias com miçangas. As jovens ensinavam-se e ajudavam-se mutuamente, vivendo o resgate de suas potencialidades criativas e autônomas. Suas experiências no grupo e o sucesso de suas obras no meio familiar e social favoreciam o fortalecimento de sua auto-estima e consequentemente os processos de inclusão social. Outros trabalhos expressivos, também com retalhos de tecidos, foram propostos no atendimento psicológico a mulheres com quadros ortopédicos dolorosos que implicavam em tratamentos de reabilitação longos e muitas vezes irreversíveis, como Síndrome do Túnel do Carpo, Lombalgia, Fibromialgia. A convivência no grupo em torno da prática do artesanato ampliava as experiências das integrantes para além das queixas conscientes de dor e angústia. Apesar do trabalho não ter contado com publicação científica, foi possível averiguar que as pacientes atendidas vivenciaram uma espécie de resgate de aspectos de lazer e criatividade, dons esquecidos e negligenciados devido à sobrecarga de funções que as distanciava de si próprias e causava sentimentos de desesperança.

Quilici (2009) propôs grupos de dramatização espontânea em que possam reconhecer aspectos psíquicos sombrios, os quais podem vir a colaborar para a ampliação da consciência e para os movimentos de alteridade, na identificação com o outro e na aceitação da diversidade.

Enfim, pautada na revisão de experiências em grupo tão profícuas, e na própria receptividade da população atendida quanto ao projeto proposto, o início de nossos encontros foi agendado imediatamente. Reservamos a partir do mês de março de 2009, as tardes de sexta-feira entre 15h e 30min e as 17h, após o horário do lanche e da higiene dos alunos, permitindo que as cuidadoras de alunos motoramente mais comprometidos também participassem. A princípio estimou-se cerca de quatro meses de trabalho, até as férias de julho, e no retorno às aulas dos alunos conversaríamos sobre as perspectivas que envolveriam a manutenção dos encontros. No entanto, Sato e Souza (2001) lembram que o trabalho em campo é imprevisível e obedece a um mosaico de fatores imprevisíveis até que se configurem. Nesta perspectiva, o trabalho em campo acaba somente

quando conseguirmos esboçar esquemas interpretativos e testá-los. E isso só é possível quando, após seguidas leituras dos acontecimentos de campo, simultaneamente ao cotejamento das hipóteses, pudermos transformar tais acontecimentos em “fatos”. Isto significa que os “dados” não estão lá, prontos para serem colhidos, mas, ao contrário, os acontecimentos estão lá,

prontos para sofrerem um processo interpretativo e só assim serem transformados em “fatos”, que são, portanto, os acontecimentos significativos. (p. 9)

Deste modo, configurou-se material da presente pesquisa os encontros das rodas de artesanato realizados durante um ano, mais precisamente, entre os meses de março de 2009 a março de 2010.

Combinou-se que os assuntos discutidos durante as rodas poderiam registrados pela psicóloga ao término de cada encontro, e alguns objetos artesanais fotografados. O termo de consentimento foi apresentado e a partir das assinaturas passamos às considerações sobre o símbolo que movia o grupo: a prática do artesanato.

3.2.2 Os recursos expressivos nos grupos vivenciais

A arte como fenômeno expressivo é antiga e central na história da humanidade, sendo possível que, desde as primeiras manifestações pictóricas de animais realizadas nas paredes das cavernas, tenha se iniciado o processo de simbolização que deu origem ao próprio processo de pensamento humano (Wadeson, 1980).

De acordo com Salles (1983) as artes são parte substancial da cultura de todos os povos e envolvem tanto o manejo e a organização do trabalho propriamente dito, como a expressão artística de objetos, indicadores do valor estético e dos usos e costumes de um determinado contexto cultural.

Em tudo a mão do homem constrói utilidades e, no vagar do tempo, coisas que devem compor o ambiente em que vive. Essas coisas podem ter um significado especial: mágico ou religioso, sempre com um caráter propiciatório e/ou devocional daí, parte também para os lares e os ritos que marcam a existência do ser humano.” (p. 1056)

O valor das artes reside no contexto das experiências e crenças dos povos que as criam. Mais do que uma manifestação decorativa ou um retrato dos aspectos importantes de sua vida, o processo de expressão artística criava nos primórdios das civilizações um espaço protegido, um ritual propício à manifestação de anseios e temores, que invocava habilidades como a coragem e a destreza, imprescindíveis, por exemplo, nos rituais de caça (Neumann, 2006; Gombrich, 1993).

A aproximação entre a arte e a psicologia aconteceu com o advento da psicanálise e o estudo do inconsciente. Considerava-se que à semelhança dos sonhos e sintomas, as obras de arte eram manifestações da neurose do artista e sua análise redutiva poderia indicar conflitos psíquicos, impulsos reprimidos pela consciência e sublimados, portanto, passíveis de interpretação (Kofman, 1996).

A partir da psicologia junguiana, o estudo do potencial simbólico e criativo “ampliou os métodos de atendimento psicológico para além da expressão exclusivamente verbal” (Byington, 1993, p.134) e permitiu compreender que à semelhança dos sonhos, religiões e mitos, a arte também se manifesta por meio da linguagem metafórica, ou simbólica. A constelação de símbolos é uma propensão do psiquismo (Jaffé, 1964, p.232), útil na expressão de conteúdos inconscientes que devem ser elaborados, compreendidos e integrados à consciência (Byington, 1993), de modo que o indivíduo reconheça habilidades e potencial criativo, e desenvolva sua personalidade de modo pleno (Singer, 2002). De acordo com Jung (1922/1985), “seja o que for que a psicologia possa fazer com a arte, terá que se limitar ao processo psíquico da criação artística e nunca atingir a essência profunda da arte em si.” (p. 55). Deste modo, a arte deve ser compreendida no contexto em que se manifesta, de modo a reconhecer o processo psíquico que a originou e a “direção” a qual se encaminha o fluxo de energia psíquica do indivíduo ou da coletividade que a produziu.

Barcellos (2004) revisou publicações de escritores e analistas no estudo das relações entre arte, cultura e psicologia, reafirmando que a arte enquanto experiência simbólica, atua sobretudo na revelação do desconhecido e na conciliação de opostos, favorecendo o processo de individuação.

Uma obra de arte é, portanto, em si mesma um *complexio oppositorum*, pois ela faz com que todas as polaridades opostas que entram em jogo coexistam num produto que as combina, ao mesmo tempo que as transcende. (Barcellos, 2004, p. 33)

Os processos psíquicos relacionados a produção de obras de arte visuais, literárias, musicais e até nas obras científicas poderiam ser analisados a partir de dois principais pontos de vista: do desenvolvimento individual do autor e das influências coletivas. sob o constructo teórico que se dedica à compreensão da dinâmica psíquica humana, Jung (1922/1985) descreve dois processos de produção artística. O primeiro envolve o movimento criativo caracterizado pela vontade consciente do artista que, a partir de todo

seu potencial, elabora a obra passo a passo, criando-a e reorganizando-a de acordo com seus talentos e propósitos estéticos. O segundo processo criativo é caracterizado por um movimento de certa dominação da matéria sobre o artista, situação que o impele ao impulso criativo, mesmo que em sacrifício de seu bem estar pessoal. Nestas situações, muitas vezes o artista permanece na marginalidade, um tanto distante e mal adaptado às normas e convenções sociais de sua época. Mesmo que tal situação ocasione prejuízos à sua vida pessoal, favorece seu contato com princípios arquetípicos que permitem constelar um sentido mais amplo e elevado à obra. Nestes casos, por meio do artista o potencial criativo suplanta aspectos puramente estéticos e sensoriais e constela símbolos reveladores de conteúdos primordiais da natureza humana. Deste modo, ao manifestar verdades profundas, amplas e atemporais, a arte pode oferecer experiências compensatórias em relação às negligências e a unilateralidade do espírito da época, relacionando-se também à regulação e ao desenvolvimento das mentalidades em termos coletivos.

De acordo com Wadeson (1980), devido às contribuições de Freud e Jung sobre os processos de simbolização do psiquismo, a expressão artística começou a ser utilizada como modalidade terapêutica, principalmente relacionada aos movimentos de humanização no atendimento psiquiátrico. Na década de 1940 nos Estados Unidos Margaret Naumburg iniciou trabalho analítico utilizando arte, sugerindo que os pacientes desenhassem e posteriormente fizessem livres associações a respeito de suas produções. Na década de 50 Edith Kramer passou a utilizar a arte enfocando o potencial curativo do processo criativo, pedindo para que seus pacientes desenhassem, mas não incentivando-os necessariamente a um trabalho de reflexão ou de expressão verbal sobre o trabalho realizado. A partir da década de 60 a arteterapia foi reconhecida como profissão nos Estados Unidos, período em que foi criado o *American Journal of Art Therapy* (publicado originalmente em 1962 como *Bulletin of Art Therapy*) e, a partir de a partir dos anos 70, fundada a *American Art Therapy Association*.

O atendimento em saúde mental utilizando recursos expressivos e artísticos no Brasil iniciou-se na década de 1940, com o trabalho de Silveira (1992) no atendimento a pacientes em internação hospitalar e psiquiátrica na cidade do Rio de Janeiro. A partir de pinturas e esculturas produzidas pelos pacientes, criava-se uma via de expressão para as imagens das emoções conflitivas, de modo que os terapeutas pudessem compreendê-las e trabalhá-las

terapeuticamente. O processo de expressão em si era potencialmente curativo, pois ao dar forma ao conflito, também despotencializava o investimento de energia psíquica envolvida em sintomas como depressão e desintegração psíquica. Na atualidade, ainda que a arte terapia não seja reconhecida no Brasil como profissão, há diversos cursos de especialização que abrangem arte reabilitação, musicoterapia e arte educação, atuando tanto no diagnóstico como na intervenção frente aos processos de adoecimento e saúde, aprendizado e desenvolvimento humano.

Na cidade de São Paulo na atualidade têm sido realizados trabalhos importantes com arte sob diversos referenciais teóricos. Em arte reabilitação cito o exemplo do Atelier Arte & Inclusão realizado no Museu Brasileiro de Escultura (MUBE). De acordo com Pomeranz & Naso (comunicado na aula A Arte como Instrumento de Inclusão, durante o curso Atualidades sobre a reabilitação e a inclusão de PcD's no mercado de trabalho, na IV Jornada Científica do Lar Escola São Francisco, São Paulo, 13 de setembro, 2009), o ateliê é dirigido por terapeutas ocupacionais com formação em arteterapia e visa à estimulação de aspectos motores, cognitivos, sociais e emocionais para pessoas que possuam deficiência física ou que sofreram dano cerebral.

O núcleo de estudos Ser e Fazer no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo realiza grupos de estudo e diversas publicações justificando a importância da arte e do artesanato nas oficinas artepsicoterapêuticas embasadas na psicanálise winnicottiana (Aiello-Vaisberg, 2004). Nesta abordagem o recurso expressivo é denominado *materialidade* e ocupa papel central no estabelecimento de um espaço transicional, de mediação entre o paciente e o analista, e o paciente e a realidade que o cerca. Ao psicólogo cabe o manejo da situação clínica, de modo a favorecer ao paciente experiências suficientemente boas, ou seja, voltadas às suas necessidades psíquicas, permitindo o *brincar* ou *gesto espontâneo*, voltado à expressão de sua autenticidade criativa, de modo ao mesmo tempo autônomo, mas concernente à vida em sociedade.

Partindo da psicologia social, Cruz (1998) tendo como objetivo o estudo da relação entre o artesanato e a criatividade, imaginação, poética e transformação humanas, entrevistou tecelões do interior de Minas Gerais e buscou identificar os possíveis significados construídos a partir do trabalho artesanal, bem como a compreensão do artesanato

acerca de seus processos subjetivos. Interessada em estudar o trabalho como possibilidade humana de ampliação existencial, a autora percebeu que a tecelagem seria permeada por um impulso lúdico de tecer, que ao mesmo tempo correponderia a dedicar-se à “concretude de um trabalho lento que consome muita energia e concentração” (p.101), e também ao estado de devaneio poético, ou de solidão e tranquilidade, que propiciaria a revelação do desconhecido e o desabrochar da imaginação. Na opinião da autora, assim como a arte, também durante o processo de modificação da matéria por meio da técnica artesanal era possível ao artesão modificar sua consciência, ampliando-a e fortalecendo-a.

O referencial junguiano tem inspirado a aplicação prática dos conceitos, em grupos vivenciais propostos por Parisi (2009), nas oficinas de arteterapia propostas por Bernardo (2010), e em grupos vivenciais e terapêuticos que inspiraram Oliveira (2006) a formular revelantes discussões acerca dos atendimentos em grupo, da arteterapia enquanto recurso para a psicoterapia e as peculiaridades conceituais de termos como *recursos expressivos*, *materialidade*, *imagem* e *símbolo*.

Na área da saúde também nota-se certa valorização pela multiplicidade de recursos terapêuticos, como a arte, o contato com animais, a musicoterapia, a cromoterapia... De acordo com Byington (1993) tal fenômeno pode indicar a necessidade da sociedade ocidental retomar atividades que resgatem a dimensão vivencial, de modo a equilibrar a racionalidade que predominou desde o século XIX. No entanto, o autor ressalta a diferença entre as experiências expressivas em contextos leigos e de lazer, e a utilização de tais recursos em contexto psicoterapêutico. Neste sentido, é necessário reiterar os pilares que norteiam sua prática são específicas da ciência psicológica. De modo resumido, o autor indica como premissa da prática psicoterapêutica o conhecimento das estruturas e dinâmicas do psiquismo humano, e como se relacionam com o processo de desenvolvimento psíquico. Além disso, sob o ponto de vista específico do referencial junguiano, o profissional considera que qualquer manifestação criativa do paciente possa ser compreendida enquanto expressão de símbolos, que abrem caminho para conteúdos inconscientes. O acolhimento e elaboração do conteúdo simbólico promove sua integração equilibrada e criativa à consciência, evitando a eclosão catártica e irrefletida de impulsos e instintos que, muitas vezes, oferecem o risco de desestruturação psíquica e desadaptação às demandas da realidade objetiva. Um último aspecto do trabalho psicoterapêutico se refere ao manejo da

transferência e da contratransferência, que remete ao preparo técnico somado ao preparo psíquico, obtido especificamente por meio de supervisões e análise pessoal. Neste aspecto, Cabral e Nick (1995) concordam com o autor ao afirmar que as intervenções do psicólogo são “cuidadosamente planejadas” (p.301), caracterizadas pela somatória do conhecimento teórico e do treino de competências e habilidades.

O uso de recursos expressivos na abordagem junguiana compreende que o clima coeso, continente e acolhedor, próprio ao contexto vivencial grupal, permite um movimento psíquico de focalização flutuante, propício ao intercâmbio entre consciência e inconsciente. A produção de objetos ou outras formas de expressão não-verbais como a dramatização, favorecem a manifestação de conteúdos afetivos de substratos cada vez mais profundos da psique grupal.

Num grupo vivencial podemos oferecer diferentes linguagens para a expressão de símbolos – por exemplo: desenho, modelagem, palavras, gestualidade, os quais podem ficar à vontade para encontrar a melhor forma de se apresentar à consciência. Não há regras a priori.” (Freitas, 2005, p.137).

Byington (1993) reitera que quando a elaboração verbal se esgota o uso de recursos expressivos pode ser utilizada de modo a aprofundar o trabalho de integração de símbolos à consciência. Na prática, o uso de recursos expressivos estimula concomitante os processos criativos do paciente e do analista, já que “não se pode esquecer que o estilo, o timing e as preferências de cada terapeuta por diferenças técnicas fazem parte de seu processo de individuação no nível profissional.” (p.142).

Deste modo, um importante aspecto que caracterizou as similaridades entre as rodas de artesanato e os grupos vivenciais referiu-se à utilização de materiais de artesanato como recurso expressivo, ou seja, matéria-prima para a construção de símbolos grupais.

Conforme explicitado ao longo da presente dissertação, a escolha de tecidos, lãs, agulhas e diversos outros aviamentos como recursos expressivos aconteceu devido à familiaridade tanto da psicóloga como da população atendida com trabalhos de artesanato. Retalhos de tecido, lãs e linhas eram materiais previamente utilizados em algumas propostas terapêuticas na instituição e esporadicamente doados à Psicologia por pacientes, funcionários e outros colaboradores, tornando-se um material interessante também por assumir baixo custo naquele contexto. Informadas de tal realidade, combinou-se que as

participantes poderiam utilizar suas próprias ferramentas de trabalho e que, de modo voluntário, poderíamos contactar lojas, pessoas conhecidas e outros meios a fim de angariar doações. O manuseio do material seria livre, sem a presença de um professor de artesanato, já que não era objetivo principal dos encontros oferecer aulas ou o ensino de técnicas. Porém, de acordo com a demanda espontânea e criativa, poderia ocorrer a partilha de dicas e sugestões que favorecessem o desenvolvimento das habilidades do grupo.

A fim de enriquecer a compreensão dos símbolos grupais em torno da prática artesanal à luz das experiências das rodas de artesanato e de seu contexto sociocultural, foram úteis e convidativas algumas incursões em textos de autores que discutiram nos últimos anos as diferenças e similaridades entre o artesanato e a arte. Aparentemente, o nascimento de ambas as práticas remete aos primórdios da civilização, desde que o homem passou a manipular os recursos da natureza em prol de seus objetivos. No entanto, no campo de estudo das artes, da cultura, da economia, política, entre outras, há opiniões divergentes e polêmicas que menosprezam uma prática em detrimento da outra, principalmente em termos de reconhecimento social e retorno financeiro. Apesar deste trabalho não pretender assumir um posicionamento frente ao tema, é possível que uma breve reflexão acerca de como ambas as práticas assumiram lugar e relevância na subjetividade humana, justifica alongarmo-nos mais um pouco, em prol de elucidar a delicada questão: em termos de método, existem especificidades no artesanato em relação ao potencial de expressão simbólica no campo da psicologia?

3.2.3 A arte do artesanato

De modo geral, *artesanato* é definido como a técnica de manejo da matéria prima ou o próprio objeto produzido por meio de tal técnica (Aulete e Valente, versão digital). No mesmo dicionário, a palavra *arte* é definida como o conjunto de regras, técnicas, habilidades e destrezas necessárias para a execução de qualquer “atividade criadora do espírito humano, sem objetivo prático, que busca representar as experiências coletivas ou individuais, através de uma expressão estética, sensorial, emocional, como tal apreendida por seu observador” (Aulete e Valente, versão digital).

Andrade (1938/1963) de certo modo reitera a cisão entre arte e artesanato ao postular que o conhecimento da matéria e o domínio da técnica são domínios do artesão. No entanto, o autor valoriza a prática artesanal ao considerar que somente um artesão habilidoso pode se tornar um artista talentoso, pois é no artefazer, ou seja, na intimidade do artista com a matéria é que se pode revelar o talento e o estilo pessoal, revelando obras de arte singulares e originais.

Não obstante, há que se ressaltar certa tendência a considerar a arte uma prática criativa, que envolve subjetividade, percepções, sensações e emoções. E, por outro lado, relegar ao artesanato predominantemente o domínio concreto das técnicas de transformação da matéria.

Tal discriminação pode se relacionar ao que o sociólogo e historiador Sennett (2008) aponta acerca da dissociação entre o trabalho intelectual e manual nas sociedades atuais, e a valorização do primeiro em detrimento do segundo. Nota-se que o processo de industrialização, a tecnocracia e os ideais de produtividade e competitividade do capitalismo valorizam tudo o que se refere ao potencial intelectual humano e desvalorizam dimensões menos racionais como a sensorial, a lúdica e as experiências atemporais. Salles (1983) aponta os prejuízos causados pelos interesses do mercado manufatureiro que não apenas regulam o ensino e aprendizado de certos ofícios em detrimento de outros, como geram crescente automação dos processos e a consequente substituição do homem pela máquina, gerando sérios impactos econômicos e sociais às comunidades artesãs.

No entanto, a unilateralidade de tal panorama tem sido pouco a pouco repensada pela sociedade contemporânea, principalmente em benefício do desenvolvimento de trabalhadores mais criativos, flexíveis e críticos. De acordo com Salles (1983) ao longo dos séculos XIX e XX pesquisadores, historiadores, etnógrafos já discutiam a importância de estudar e reconhecer a arte popular como patrimônio cultural que deveria ser protegido das pressões mercadológicas, preservado a liberdade de idéias e inovações. A partir do século XX no Brasil fortaleceram-se as iniciativas de resgate, proteção e incentivo do artesanato e do folclore regional brasileiro, a partir dos Ministérios da Educação e Cultura, da Agricultura e das Relações Exteriores. A importância do artesanato como atividade econômica e cultural foi internacionalmente reconhecida inclusive com a criação da World Crafts Council (WCC)

que desde 1964 trabalha junto à UNESCO promovendo a união e suporte aos artesãos do mundo todo (Salles, 1983, p.1055). O Estado e os organismos internacionais como o Bureau Internacional do Trabalho, a Comissão Internacional de Artes Populares (CIAP) e a UNESCO formularam programas que visavam em primeiro lugar enaltecer o talento, a dedicação e a habilidade do artesão, e ao resgatar o valor dos objetos “feitos a mão” promover e ampliar suas possibilidades de comercialização. O autor alerta que o apelo comercial do artesanato nos tempos atuais pode remeter a certa nostalgia do rústico e do caseiro, ocasionada pelo crescente distanciamento da sociedade industrializada em relação à natureza em todas as suas rusticidades, imprevisibilidades, irregularidades.

De acordo Sennett (2008) aparentemente as mãos humanas não são capazes de produzir objetos ou realizar tarefas com a mesma precisão das máquinas e computadores. No entanto, é justamente a postura filosófica de aceitação do imperfeito que possibilita que a dimensão artesanal seja valorizada, pois é durante o processo que os erros e o inusitado abrem espaço para experiências de persistência, flexibilidade, intuição e inovações. Valladares (1978) reafirma que a dedicação, habilidade e inteligência humanas agregam valores inestimáveis à construção artesanal dos objetos, cuja tecnologia até o presente momento não conseguiu suplantá-la. Deste modo, a prática artesanal, apesar de realizada em processo lento e trabalhoso, sobrevive de modo digno e valoroso em relação aos processos de industrialização, mantendo-se desejável como processo e produto.

Reflito se não seria justamente a perspectiva simbólica e ambivalente do artesanato que manteria vida certa polêmica a seu respeito. Se por um lado parece haver uma desvalorização de sua tendência mercadológica à produção irrefletida e estereotipada, ao mesmo tempo sobrepõe certa intuição inquietante quanto ao seu valor, de modo que tais práticas sobrevivem de geração em geração, há muito tempo. Parece inerente ao viajante de qualquer parte do mundo o contato com as cores, formas e significados misteriosos dos objetos que produzidos por aquela cultura. São objetos que ora atraem, emocionam, impelem e até repelem. Via de regra o viajante busca adquiri-los ou fotografá-los e, com isso, parece se aproximar não apenas do estilo de vida daquelas pessoas, mas do universo de significados inexplicáveis em que todos habitamos e nos confraternizamos.

Pode-se dizer que a arte e o artesanato são práticas irmãs que nasceram em períodos semelhantes da pré-história quando, após a era glacial, o homem se agrupou em colônias e passou a praticar a agricultura e a pecuária (Cruz, 1998). A autora revisou textos de diversos autores no campo da sociologia da arte, da pesquisa etnográfica e da análise tecnológica e identificou que o aprimoramento da habilidade manual e da construção de ferramentas possibilitou a confecção de objetos utilitários mais elaborados como armas, potes, talheres, pentes, e também brincos, roupas e peças de uso religioso que se prestavam ao coletivo dos povos e tribos, desempenhando papéis nos rituais profanos e religiosos (Gola, 2002).

A relação entre o homem e os poderes desconhecidos da natureza sempre instigou e inspirou as manifestações criativas. Cruz (1998) relaciona as primeiras manifestações de tecelagem às necessidades práticas de cobrir o corpo e a entradas das moradias, imbuindo os tecidos do poder de velar e desvelar o acesso às dimensões conhecidas e desconhecidas do universo. De acordo com a autora, provavelmente foi o contato com a natureza que também inspirou o desejo de representação de formas e imagens por meio de desenhos, prática que muito tempo depois estaria relacionada ao surgimento da escrita, por volta de 6.000 a.C., fundamental para o progresso científico, tecnológico e cultural da humanidade.

No entanto, há que se ressaltar que aparentemente o próprio processo criativo parecia transcender a utilidade do produto final e remeter ao desenvolvimento de um estado psicológico.

Supõe-se que uma vez terminada a caçada do dia e imediatamente depois, satisfeita suas necessidades alimentícias, o caçador precisava de alguns momentos de descanso, de ócio em que, para organizar os pensamentos e inquietações, fazia uma atividade artística criadora. (Gola, 2002, p.14).

Com a evolução das civilizações desenvolveu-se a arte aplicada, ou o ofício enquanto conhecimento técnico de manuseio da matéria prima, que poderia ser ensinado e/ou aprendido e também aprimorado. Neste sentido, Salles (1983) menciona o artesanato utilitário realizado por mestres e aprendizes nos engenhos, olarias, curtumes, na fabricação de embarcações, veículos, relógios ou sapatos. O reconhecimento e a participação do artista ou artesão até aquele período era praticamente anônima (Gombrich, 1993), pois o trabalho manual e braçal eram desvalorizados, muitas vezes relegados a escravos, ou a assalariados em condição livre, porém miserável. No entanto, pouco a pouco pinturas e estátuas

atenienses e romanas passaram a registrar uma certa consciência de valor de classe, pois ricos comerciantes e artesãos retratavam orgulhosamente seu ofício e profissão na construção de seus epitáfios. Apesar da pouca importância social e política atribuída à mulher, já em Roma por volta do século II, uma urna funerária exibia o retrato esculpido de uma pintora em seu ofício (Veyne, 1989).

Na Idade Média, os artistas passaram a se organizar em corporações de ofícios, irmandades ou confrarias que revelavam o espírito associativo e lhes conferia possibilidade de ascensão social dentro de sua classe, visto que existia uma divisão de status entre os mestre e aprendizes. As principais manifestações artísticas eram reservadas à adoração religiosa, na pintura de quadros e afrescos, e nas minuciosas iluminuras desenhadas por monges dotados de certa erudição. Em relação às mulheres, Régnier-Bohler (1990) e Duby (1990) acrescentam que trancadas e sob vigilância no interior de seus quartos, era-lhe recomendado alternar orações e atividades manuais em equipe, com suas parentas e criadas a fim de domar o espírito fraco, instável e susceptível ao pecado.

O ideal era uma divisão equilibrada entre a oração e o trabalho, o trabalho e o tecido. No quarto, fiava-se, bordava-se, e quando os poetas do século XI fazem tentativas de dar palavra às mulheres, compõem canções de “fiar”. Das mãos femininas saíam, de fato, todos os enfeites do corpo e os tecidos ornamentados que decoravam o próprio quarto, a sala e a capela, isto é, uma parte considerável do que chamaríamos de criação artística, sacra e profana, mas assentada em materiais tão perecíveis que dela só subsistem hoje ínfimos fragmentos. (Duby, 1990, p.90).

Ainda do período medieval, de acordo com Roncière (1990) e Veyne (1989) verificava-se nas casas mais abastadas, a família reunida ao redor da lareira. A mulher se dedicava a fiar enquanto o senhor dedicava-se a se aquecer e a ouvir seus filhos ensaiando música. Também na classe dos trabalhadores era possível verificar mulheres nas oficinas do marido dedicadas às atividades de fiação e tecelagem.

Na época dos descobrimentos e durante o processo de colonização, a dominação político-econômica exercida pelas metrópoles implicou, entre outras violências, na despersonalização e na quebra da identidade cultural dos povos nativos e subjugados. No Brasil colonial, o trabalho artesanal atendia exclusivamente às concepções estéticas e aos usos e costumes de Portugal. A formação de mão de obra especializada ficou a cargo das escolas de artes e ofícios dirigidos por missionários religiosos que ensinavam índios, escravos e em “caráter filantrópico (...) órfãos e crianças desvalidas” (Salles, 1983, p.1043). De acordo

com a necessidade da nova sociedade em desenvolvimento, eram formados mestres em ofícios, como pedreiros, ferreiros, tecelões, alfaiates. Era possível verificar a presença de homens e mulheres.

Era ela a ceramista, pintora, tecelã, renderia, entre outras atividades. Nas estampas de Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), vemos a mulher indígena ocupada no artesanato. O homem dedicava-se preferentemente ao trabalho com os metais, construções civis e militares, carpintaria e trabalhos gerais com a madeira, confecção de armas de caça e pesca, embarcações e veículos, escultura e estatuária, etc. (Salles, 1983, p.1044)

Na Europa a partir do Renascimento, os princípios da racionalidade impeliram a pesquisa experimental da beleza estética e a crescente valorização do ser humano possibilitou que cada vez mais os artistas deixassem o anonimato. “Vários elementos foram se desenvolvendo aos poucos no fenômeno da criação artística, assim, por assim dizer, se tornando mais conscientes ao artista.” (Andrade, 1938/1963, p.19). O pintor Giotto foi um dos primeiros artistas reconhecidos por sua genialidade em sua própria época. Seu trabalho e suas obras passaram a ser disputados como um bem de consumo de alto valor econômico (Gombrich, 1993). Uma das primeiras mulheres admitidas na arte, Artemisia Gentileschi foi uma importante pintora barroca italiana, reconhecida no século XVI por seu talento na pintura e inovação nos temas, pois pintava heroínas mulheres em temas trágicos. Apesar de ter sido aceita em um ateliê de pintura o que representou um grande avanço quanto às restrições sociais impostas às mulheres foi violentada sexualmente por seu mestre o pintor Agostino Tassi.

Ainda que a pintura e a escultura tenham sido iniciadas em seu processo de valor artístico e financeiro, as demais técnicas como a ourivesaria e a tecelagem, o curtume, a olaria e marcenaria mantiveram-se como práticas “infamantes” (Salles, 1983, p.1041). Andrade (1938/1963), Salles (1983) e Valladares (1978) indicam que com o avanço das tecnologias e do entendimento humano acerca de sua cultura, intensificaram-se discussões sobre os diferentes objetivos e processos de elaboração de objetos, inspirando diferenciações entre a arte erudita, arte popular, arte decorativa e o artesanato.

Com a revolução industrial, após o século XIX, ocorreu a crescente migração de famílias da área rural estimulando a formação dos grandes centros urbanos. No Brasil, a burguesia formada basicamente por latifundiários, comerciantes, profissionais liberais, funcionários públicos e industriais consistia uma camada social repleta de pessoas cultas e

donas de inquietante curiosidade. Mais atenta às suas aspirações e desejos, e identificada com os ideais estéticos da corte francesa, a sociedade burguesa priorizava os cuidados com a ornamentação dos ambientes e com o vestuário, atribuindo às mulheres o dom natural de transformar os ambientes domésticos em redutos de conforto e elegância. (Carvalho, 2008). Neste período, por ambição social e cultural a sociedade brasileira já prezava pela clara diferenciação entre a suposta arte erudita e a arte popular (Cruz, 1998).

Apesar das discussões anteriores terem apontado para a desvalorização do trabalho braçal, já que as mulheres das classes mais abastadas não tinham as mesmas oportunidades em relação ao acesso a informações, técnicas e formação acadêmica, pouco a pouco se apropriaram das práticas de artesanato e da arte, que desde que utilizadas para fins domésticos, não remunerados, eram bem aceitas pela sociedade.

No Brasil, o caráter amador e não produtivo do artesanato doméstico mantém-se não tanto pelo seu poder disciplinador, mas como forma de marcar a distância da dona de casa dos trabalhos braçais sujos, pesados e repetitivos considerados atividades degradantes. Para ser eficaz, portanto, o artesanato doméstico tinha que mostrar afinidade com a arte, com isso provando ser uma prática criativa e não-repetitiva, e manter-se fora do mercado, para não questionar a competência do chefe de família em prover a casa. (Carvalho, 2008, p. 76)

Socialmente acreditava-se que a harmonia, a graciosidade e a delicadeza eram padrões estéticos ligados à feminilidade, que desabrochariam se estimulados desde a infância, e seriam extensivos não apenas às suas roupas e trejeitos, mas também aos cuidados da casa. Naquele tempo, as prendas domésticas seriam um conjunto de aprendizados que suavizariam a natureza instável, misteriosa e instintiva da mulher, tornando-a apta de abrir mão de seus próprios interesses em prol da família. A mulher culta e interessada por arte seria uma valiosa educadora dos filhos, apta a prepará-los como cidadãos do futuro. Ao viver em reclusão, aprendendo culinária, desenho e costura, a dona da casa seria capaz de organizar objetos e móveis e produzir seu próprio artesanato, de modo a produzir ambientes confortáveis para acolher a família e principalmente o marido em seu merecido refúgio frente aos desafios crescentes da cidade e do processo de urbanização.

A prática do artesanato pressupõe como ponto de partida uma relação orgânica entre corpo e objeto, em que o sujeito, reproduzindo técnicas e padrões transmitidos de geração a geração, exerce pleno domínio sobre cada etapa de seu trabalho, sendo a agulha, o tear ou a tesoura de costura meras extensões do próprio braço. O trabalho manual doméstico insere a mulher nesse universo simbólico que guarda raízes com um mundo telúrico, nostálgico, estável, que vai estar agora representado pela casa e serve de contrapeso à fluidez da experiência urbana. (Carvalho, 2008, p. 78)

Ainda que os trabalhos manuais tenham continuado sob a regulação de interesses e padrões estéticos da elite burguesa, neste período mesmo as classes menos abastadas tinham acesso ao conhecimento de novas técnicas por meio de manuais e revistas voltadas ao público feminino. Eram oferecidas dicas de moda, decoração, regras de etiqueta e técnicas de confecção de objetos como as almofadas, rendas, bordados e flores artificiais. As mulheres que por questões financeiras não podiam comprar objetos caros passaram a produzir peças de artesanato que tornassem os ambientes da casa mais agradáveis, podendo ocultar objetos de uso doméstico ou até mesmo valorizar um móvel comum. Neste período, por exemplo, a técnica do crochê apesar de considerada uma técnica rústica, servia como substituição às rendas européias.

Se por um lado as práticas criativas manuais foram organizadas sob a égide das artes decorativas ou artes aplicadas a fim de manterem-se acessíveis às mulheres e aos contextos populares da época, permanecia a cisão entre os ideais de uma arte erudita em detrimento da reprodução pura e repetitiva da técnica, que remeteria ao trabalho e à profissionalização que na época ainda não eram permitidos às mulheres.

Em relação às artes plásticas, denominadas artes maiores, Gombrich (1993), Kandinsky (2000) e Andrade de certo modo concordam que deva transcender as dimensões utilitárias, decorativas, aristocráticas ou estritamente sensoriais, pois o objetivo central seria comunicar algo original ao mundo, quebrando tabus e rompendo com os padrões culturais vigentes, inovando e contribuindo para a construção do futuro.

No entanto, Gombrich (1993) desmistifica a suposta erudição da arte na medida em que manifestação humana, ela sempre serviu a propósitos práticos e subjetivos ao mesmo tempo.

Nada existe realmente a que se possa dar o nome de Arte. Existem somente artistas. Outrora, eram homens que apanhavam um punhado de terra colorida e com ela modelavam toscamente as formas de um bisão na parede de uma caverna; hoje, alguns compram suas tintas e desenham cartazes para os tapumes; eles faziam e fazem muitas outras coisas. Não prejudica ninguém dar o nome de arte a todas essas atividades, desde que se conserve em mente que tal palavra pode significar coisas muito diversas, em tempos e lugares diferentes, e que a Arte com A maiúsculo não existe. Na verdade, Arte com A maiúsculo passou a ser algo como um bicho-papão, como um fetiche. (Gombrich, 1993, p.3)

Ainda que originalidade e individualidade não sejam particularmente exigidos no que se refere ao artesanato, Andrade (1938/1963) reitera que em qualquer fazer artesanal a

“impessoalidade geral não deixa nunca de ceder aos pormenores pessoais de fatura, da mão que treme ao fazer, da criatura que sente ao criar.” (p.19). Pois a arte não é fruto de uma atividade misteriosa, inacessível e restrita a homens e mulheres especialmente talentosos ou eruditos, mas sim “objeto feito por seres humanos para seres humanos” (Gombrich, 1993, p. 12).

A partir dos autores consultados confirmou-se a diversidade de pontos de vista que por inúmeros motivos visam definir e delimitar as fronteiras entre a arte e o artesanato. Apesar de servirem para o enriquecimento das reflexões e não para chegar a conclusões redutivistas, tais discussões são especialmente úteis a fim de ressaltar que, assim como qualquer prática inerentemente humana, as práticas artesanais também foram reguladas no embate entre a necessidade do ser humano individual, e suas relações com as crenças e preconceitos dominantes em cada época, como se pôde constatar na desvalorização do trabalho artesanal por se tratar de trabalho manual relegado a determinadas classes sociais e/ou determinado gênero. No entanto, Valladares, (1978) defende que apesar de todos os argumentos sociais, culturais, políticos e econômicos, na medida em que o artesanato nasce da criatividade artística, torna-se mais do que uma evidência de civilização, ou puramente do conhecimento técnico útil. Torna-se uma “evidência de cultura”, ou seja, atrelado ao desenvolvimento da dimensão subjetiva e afetiva da humanidade.

Sob a perspectiva psicológica, mais precisamente em relação à compreensão do artesanato como recurso expressivo em atendimentos psicológicos de embasamento junguiano, é possível concordar com Salles (1983) ao considerar que assim como qualquer obra criativa, no artesanato a habilidade e a inteligência do ser humano permitem agregar aos conhecimentos técnicos aprendidos de geração em geração, sua “própria compreensão do seu universo cultural e da sua experiência” (Salles, 1983, p.1034). Pois, o artista talentoso é aquele que corajosamente se entrega à instigante tarefa de traduzir conteúdos humanos universais à linguagem adequada à sua época (Jung, 1922/1985). Ou seja, mesmo interagindo a partir de pressupostos inerentes à matéria e à técnica artesanal, as escolhas da cor, do tamanho da obra, do conteúdo a ser trabalhado, e tantos outros elementos, incluindo as sutis diferenças no modo como a obra é realizada, finalizada e como o autor se relaciona com ela depois de pronta, remetem ao potencial psíquico criativo. Isto é, podem são compreendidos enquanto símbolos que expressam da melhor maneira possível uma

realidade emocional em sua complexa ambivalência entre a tradição e a inovação, a alma e a matéria, a individualidade e a cultura, a subjetividade humana e o conhecimento técnico.

4- TESSITURA DAS TRAMAS

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

(Bondía, 2002, p. 24)

As narrativas dos encontros das rodas de artesanato foram apresentadas em três etapas.

O *Início* foi composto pelos cinco primeiros encontros ocorridos entre março e abril de 2009, período em que cerca de vinte participantes passaram pela roda, sendo que entre faltas e presenças, havia em média onze pessoas em cada encontro. Neste período inicial, cinco mulheres compareceram uma única vez ao grupo, outras cinco compareceram de duas a três vezes. Cerca de dez mulheres compareceram periodicamente e tiveram participação expressiva na dinâmica grupal. Foi um período marcado por certa voracidade, dependência e impulsividade no trato com o material, e também pelo processo de estabelecimento do enquadre.

O *Processo* foi composto por narrativas do sexto ao 19º encontro, ocorridos entre maio e dezembro de 2009. Nesta etapa houve efetivamente a constelação de um self grupal, envolvendo cenas e temas que descrevem possíveis transformações psíquicas vivenciadas pelo grupo. Algumas mulheres deixaram de participar dos encontros e outras iniciaram sua participação, ou porque seus filhos começavam a frequentar a escola no segundo semestre, ou por indicação de amigas participantes. Neste período, houve três mulheres que compareceram apenas uma vez ao grupo, quatro mulheres que compareceram esporadicamente (entre duas e três vezes) e sete mulheres que se tornaram frequentadoras assíduas, totalizando quatorze participantes.

O *Fim e de Volta Ao Começo* relatou o encontros finais (19º ao 21º encontro), ocorridos entre dezembro de 2009 e o início do ano letivo em março de 2010, período em que avaliou-se o processo vivido, expressaram-se as novas expectativas e foram planejados os rumos das rodas de artesanato a partir dali. Naquele período de arremates, cinco mulheres deixaram de participar devido a saída de seus filhos da escola, ou por questões de saúde pessoal ou desinteresse, duas mulheres cuja presença sempre se mostrou esporádica compareceram a pelo menos um encontro, sete participantes continuaram assíduas e houve a entrada de duas novas integrantes. Doze cuidadoras integraram a roda naquele período.

O quadro abaixo demonstrou um olhar panorâmico acerca dos movimentos de absenteísmo e assiduidade das participantes ao longo dos 22 encontros. A primeira coluna à esquerda representou cada participante, algumas anônimas e outras representadas por nomes fictícios. Recorrer a tal representação foi uma tentativa de contextualizar algumas falas, atitudes e silêncios mencionados ao longo das narrativas. No entanto, reitero que cada situação ou fala não deva ser rigidamente atribuída a uma determinada pessoa, em termos de análise das psiques individuais, pois o interesse da pesquisa foi incrementar a compreensão dos processos psíquicos do self grupal naquele determinado contexto.

A frequência de presenças de cada participante foi marcada com um asterisco. No quadro foram separadas três colunas que representam as fases das rodas de artesanato: os encontros iniciais, o processo e os encontros finais. Nas linhas horizontais, a cor vermelha corresponde às mulheres que participaram dos encontros apenas uma vez, a cor amarela a mulheres que participaram entre duas e três vezes, e a cor verde a mulheres que compareceram a mais do que quatro encontros. A cor azul indica mulheres que no primeiro encontro do ano de 2010 voluntariamente ingressaram no grupo, demonstrando-se participativas, animadas e repletas de idéias inovadoras.

A partir da ilustração, verificou-se que durante o ciclo de um ano, 27 mulheres integraram as rodas de artesanato. Por se tratar de um grupo aberto, que permitia o trânsito de participantes sem prejuízos ao processo de atendimento psicológico, também o absenteísmo e a assiduidade foram compreendidos como símbolos que comunicavam sentimentos, anseios, desejos, protestos, enfim, conteúdos próprios ao self grupal.

		ENCONTROS																							
		2009																					2010		
		março		abril			maio		junho		setembro			outubro			novembro			dezembro		março			
		1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	11º	12º	13º	14º	15º	16º	17º	18º	19º	20º	21º	22º		
PARTICIPANTES	Geni	*				*	*													*				*	
	anônima	*	*			*																		*	
	Leontina																							*	
	anônima		*																						
	Gabriela	*	*	*	*	*			*										*						
	Cristina						*				*	*	*	*			*		*		*	*	*	*	
	anônima			*	*		*																		
	anônima	*	*	*	*																				
	Josefa		*	*	*	*	*	*	*		*			*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	
	anônima		*																						
	Guilhermina								*		*		*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	
	anônima			*	*	*												*							
	Andrea	*	*			*	*	*	*		*	*	*	*	*	*	*		*		*	*		*	
	anônima																	*							
	anônima	*		*															*				*	*	
	Paula		*			*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
	anônima	*																							
	anônima	*	*	*	*	*																			
	Erica	*	*	*	*	*	*			*									*						
	anônima				*																				
	Rafaela	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
	anônima	*	*	*	*	*																			
Edna														*	*		*		*		*		*		
anônima																*	*		*						
anônima			*																						
anônima																							*		
Luciana	*			*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	
TOTAL		12	12	9	12	10	7	6	6	2	3	5	3	5	4	6	5	2	6	7	7	3		10	

Quadro 1. Registro de cada participante ao longo dos encontros

Legenda:	Participação única		Participação esporádica	
	Participante assídua		1ª participação em 2010	

4.1 O INÍCIO

Localizada no agitado centro expandido de São Paulo, a sede da instituição gozava do privilégio de ter sido erguida em meio às árvores centenárias e aos canteiros floridos de um dos maiores parques da cidade. A luminosidade esverdeada da região e a silenciosa tranquilidade eram sentidas por entre os imensos janelões de madeira da sala ampla e quadrada reservada para os encontros das rodas de artesanato.

Ao centro da sala, disposto sobre dois cavaletes, estendia-se um tampo de madeira branco e retangular que servia como mesa, rodeado por muitas cadeiras de plástico. Sobre sua superfície destacavam-se alguns materiais comuns à prática de artesanato: retalhos de tecidos, linhas, lãs, agulhas e toalhas de mão com trama quadriculada para bordar.

Fotografia 1. A sala dos encontros e o centro da roda

Havia pequenas mesas auxiliares ao redor com outros materiais de apoio como régua, tesouras, estiletes, ferro de passar roupas, máquina fotográfica e folhas em branco, lápis e uma prancheta para eventuais anotações.

Um grupo de mulheres surgiu na porta da sala pontualmente. Após os devidos cumprimentos acomodaram-se ao redor da mesa compondo uma ciranda informal. Compartilhei um pouco de minhas experiências pessoais com artesanato e o interesse como psicóloga e pesquisadora de compreender os benefícios psicológicos que a prática poderia oferecer na estimulação e expressão da criatividade e, conseqüentemente, na melhoria de sua qualidade de vida. Admiti que acompanhava a realidade de seu cotidiano e sabia que a permanência por longos períodos na instituição gerava inúmeras dificuldades. Também compartilhei a crença de que o projeto das rodas de artesanato seria um espaço voltado a elas, construído a partir de suas necessidades, propício à expressão e reflexão de aspirações, sonhos, desejos e necessidades. Acreditava que a partir da conscientização, poderiam se inspirar a elaborar estratégias para melhorar suas rotinas.

Comprometi-me a organizar o material que tínhamos disponível na instituição para iniciarmos nossos trabalhos, mas cada participante poderia trazer materiais para uso próprio e também doações ao grupo.

Enquanto conversávamos, cada integrante do grupo a seu modo começou um interessante movimento de exploração e reconhecimento do material disponível. Empolgavam-se ao encontrar materiais de trabalho usados em suas técnicas preferidas, ou materiais que relembravam trabalhos feitos há muito tempo. Também demonstraram especial interesse pelas caixas de papelão repletas retalhos de tecidos. Questionaram que tipo de trabalho poderiam realizar com aquele material e eu respondi que conhecia algumas técnicas simples que poderia compartilhar com elas, como os fuxicos¹² e os blocos de patchwork na técnica crazy¹³. Já tinham ouvido falar da técnica, ou visto trabalhos prontos, mas nunca praticado e

¹² Fuxicos são rosetas de tecido (Caldas Aulete, versão digital) costuradas a partir do alinhavo das bordas de um pequeno retalho cortado em formato circular. Podem ser aplicados na decoração de roupas, adereços e objetos e quando unidos entre si, podem construir mantas, roupas e bolsas.

¹³ A costura de retalhos, popularmente conhecida por sua denominação em inglês, patchwork, pode ser realizada por meio de diversas técnicas. Uma das mais populares e fáceis de realizar é denominada crazy, pois a junção de retalhos acontece de modo aleatório. A facilidade da técnica reside em não ser necessária a utilização da máquina de costura, pois os retalhos são alinhavados manualmente e não obedecem a cortes e encaixes predeterminados. Após o alinhavo de todos os retalhos ao pano de fundo, podem ser realizados

a maioria das participantes se interessou em aprender. Ofereci-me para ensinar-lhes o que eu sabia a respeito, mas expliquei que para começarmos seria necessário um tecido branco que seria a base de sustentação dos trabalhos. Como não tínhamos aquele material naquela semana, mas eu tinha em casa e poderia doar, combinamos de iniciar aquela prática na semana seguinte.

O grupo concordou e espontaneamente surgiu um relato positivo acerca da expectativa de participar dos encontros para a prática de artesanato, amenizando as dificuldades do período de espera.

“Minha vida melhorou muito quando comecei a cuidar da minha bisneta e acompanhá-la à escola. Antes disso, sentia-me inútil com a velhice.” – explicou a simpática dona Rafaela, justificando suas motivações a respeito de ter assumido o papel de cuidadora. E acrescentou: “Esperar todos os dias aqui na escola não é fácil, mas fazer artesanato ajuda a passar o tempo.”

A mãe de um aluno matriculado na escola há pouco mais de um ano, concordou que sua auto-estima melhorou quando começou a frequentar a instituição e aprendeu com outras cuidadoras a cuidar de sua aparência, fazer escova nos cabelos, a se maquiar e também a fazer bordados em ponto cruz, técnica que até então considerava difícil, quase impossível de aprender.

Algumas participantes relataram conhecer trabalhos semelhantes voltados para as mães e/ou acompanhantes de crianças em tratamento médico ou em processo de escolarização, em outras instituições na região. Andrea, a falante mãe de um aluno adolescente que frequentava a escola há muitos anos, relatou:

“Lá [no centro de reabilitação que freqüentava antigamente] tinha vários cursos de artesanato. As mães aprendiam a fazer bijouterias, bordados em chinelo de dedo, pintura de pano de prato. E durante o ano organizam bazares para vender as peças.”

Eu não conhecia profundamente o trabalho realizado em outras instituições, mas considerei muito interessante saber que tais projetos tinham sido bem sucedidos pois, de alguma forma, poderiam oferecer alternativas futuras. Concordei que a partir da análise dos resultados daquela pesquisa, poderíamos formular novos projetos, buscando patrocínio para a compra de material, organizando exposições para divulgação do trabalho do grupo, e promovendo bazares para vender a produção e angariar recursos financeiros.

Algumas participantes relataram que muitas vezes faziam peças em crochê e ponto cruz para vender e complementar a renda da família. Andrea era uma delas. Naquele momento, retirou de sua bolsa uma toalha que vinha bordando em ponto cruz e, após perguntar se poderia continuá-lo em nossa companhia, admitiu que era uma encomenda feita por outra mãe, para que bordasse o nome de seu filho na toalhinha que usaria em sala de aula. Admitiu que tinha muita prática naquela técnica e se ofereceu para ensiná-la às participantes do grupo que quisessem aprender.

4.1.1 Formação da roda

A empolgação do grupo frente ao material de artesanato era de certo modo previsível, pois o recurso foi escolhido justamente a partir de suas preferências e afinidades previamente observadas. No entanto, era notável a espontânea criação de um clima psicológico (Bolen, 2003), em que conteúdos emocionais se revelavam não apenas por meio de relatos verbais, mas também por atitudes e relações transferenciais.

A fim de inaugurar as reflexões acerca da dimensão vivencial das rodas de artesanato tornou-se inspirador mencionar Héstia, deusa grega protetora do lar, do templo e das cidades, também cultuada entre os romanos sob o nome de Vesta (Bolen, 2007). Seu culto

intimista e introspectivo acontecia na congregação de “pessoas ao redor de si à imagem de uma lareira” (Lima, 2003, p.135). Na antiguidade, o culto a Héstia relacionava-se aos rituais de casamento, natividade, banquetes sagrados e na cremação dos mortos, ligando às principais cerimônias do ciclo vida-morte. Também na fundação de novas cidades e novos lares, era imprescindível a transferência de uma centelha do fogo da lareira de templos mais antigos ou da casa dos pais dos noivos à nova lareira (Lima, 2003), remetendo à transmissão cultural, de valores como aconchego, retorno às origens e pertencimento.

Héstia pode ser compreendida enquanto dimensão arquetípica, a partir da experiência afetiva de intimidade, aconchego, repouso e apaziguamento que propicia a introspecção, a sabedoria meditativa e da focalização flutuante, dinâmica de equilíbrio entre aspectos conscientes e inconscientes, que ora desvela, ora encobre, respeitando um ritmo tênue de reconhecer, rever e o ressignificar (Freitas, 2005). Foi certamente a partir desta concepção, da circularidade das rodas de artesanato em torno da mesa e do material expressivo, do zelo com o ambiente, com a luminosidade, temperatura e conforto que o encontro grupal configurou um ambiente diferenciado, adequado à reflexão e ao trabalho psicológico (Bolen, 2003).

No culto à Héstia, o círculo era um importante símbolo que também ilustrou importantes aspectos da estrutura e dinâmica das rodas de artesanato.

Se tomarmos o círculo por seu contorno ou formato remetemo-nos ao enquadre, ou o conjunto de fatores como local, horário, objetivos e regras que diferenciaram os encontros de outras atividades por meio de sua constância e confiabilidade. Além disso, o formato circular, composto por um lado ascendente e outro descendente, em seu movimento de partida e retorno ao mesmo ponto, ao remeter à natureza ao mesmo tempo transitória e cíclica da vida (Cirlot, 2007), ilustrava a rotina das cuidadoras que, por um lado, em seu ciclo diário viviam as imposições de horários rígidos, excesso de incumbências e diversas regras institucionais, mas também, no desenrolar de suas vidas naturalmente amadureciam a medida que saíam de casa, frequentavam novos lugares, conviviam com outras pessoas, e constantemente eram convidadas a mudar comportamentos, aprender novas coisas, cuidar melhor de si e tecer por si próprias a história de suas vidas.

Em contraposição ao traçado periférico do círculo, haveria o centro, a totalidade de conteúdos internos que se assemelhava ao self, enquanto arquétipo da totalidade psíquica. No self enquanto totalidade compreende a consciência e o inconsciente, nele os opostos coexistem e de onde também brota uma espécie de “centro organizador de onde emana esta ação reguladora [que] parece ser uma espécie de ‘núcleo atômico’ do nosso sistema psíquico. Poder-se ia denominá-lo também de inventor, organizador ou fonte das imagens oníricas.” (Von Franz, 1964, p.161). A experiência circular muitas vezes inspira o contato com as dimensões mais profundas do psiquismo, favorecendo os processos criativos rumo ao processo de individuação.

Diversos estudos indicam a correspondência simbólica entre o *círculo* e o arquétipo do Grande Feminino, na representação da totalidade da personalidade (Bolen, 2003). De modo ilustrativo, o desenho gnóstico do uruboros, ou do círculo composto pelo dragão mordendo a própria cauda, evocaria conceitos como “unidade, multiplicidade, retorno à unidade; evolução, involução; nascimento, crescimento; decréscimo, morte” (Cirlot, 2007, p.164). Diversas manifestações de arte representariam por meio dos círculos o útero, a terra, o cosmos, instâncias em que a vida era concebida, gerada e tecida (Neumann, 2008). Jaffé (1968/n/d) ilustra que era no interior úmido, escuro e de difícil acesso das cavernas que as civilizações pré-históricas de cerca de 60.000-10.000 anos A.C. realizavam seus desenhos ritualísticos, de modo que à semelhança de um útero, sua experiência de ligação com os mistérios da vida e da morte pudesse ser protegida.

Outro símbolo presente no culto de Héstia e significativo para a compreensão da proposta das rodas de artesanato era a lareira. Em sua prática ritualística a lareira continha a brasa queimando a madeira, emitindo uma luminosidade âmbar e bruxuleante, promovendo sutis contrastes entre luz e sombra. Em termos psicológicos remete ao clima de relaxamento, propício ao sonho, à meditação, à imaginação e fantasia, típicos do pensamento simbólico. Nos grupos vivenciais, o trabalho psicológico consiste justamente na focalização tênue de conteúdos psíquicos, cujas formas e contornos são dinamicamente redesenhados e as memórias e experiências ressignificadas (Freitas, 2005).

A brasa da lareira também era comparável ao movimento psicológico que permeava o manuseio de tecidos, tesouras, linhas, lãs e agulhas. Na medida em que cada participante se

relacionava com o material, explorando o conteúdo das caixas, admirando a estampa dos tecidos e iniciando pequenos testes em pontos de tricô e crochê, trafegavam entre o conhecido e o desconhecido. Ao mesmo tempo que transportavam consigo uma centelha da lareira de Héstia, ou o conhecimento transmitido de gerações anteriores a partir de suas próprias recordações, habilidades, sensações e aprendizados prévios, também o contato com cores, texturas e materiais desconhecidos iluminava um novo tempo de experiências, atualizava emoções, inspirava ideias para outros projetos e suscitava o interesse pelo aprendizado de técnicas até então nunca praticadas.

Repentinamente, algumas mulheres irromperam pela porta da sala de modo agitado e falante, justificando seu pequeno atraso por estarem com os filhos nos cuidados de higiene após o lanche. Ao acomodarem-se ao redor da mesa, repetiram quase que espontaneamente a atitude de curiosidade e entusiasmo das colegas, lançando-se avidamente à conversa e ao manuseio do material exposto.

Retomei com o grupo a apresentação dos objetivos das rodas de artesanato, reiterando que não se tratava de um curso de artesanato, tampouco de uma oficina de produção e venda de produtos artesanais para angariar fundos. Apesar de configurar um espaço protegido para a prática de artesanato, envolto num clima de descontração e certa ludicidade, minha presença como psicóloga visava oferecer atendimento psicológico, conhecer e intervir frente à dimensão emocional do grupo. Seria um espaço de encontro, voltado para o reconhecimento das emoções e necessidades, aberto à troca de ideias, à partilha de conhecimentos e oferecimento de ajuda mútua.

Naquele momento percebi troca de olhares e um lampejo de sorriso nos rostos de uma dupla de mães que chegara ao grupo bastante agitada. Gabriela e Erica frequentavam a escola há pelo menos três anos e eram notórios os episódios em que ambas agiram de modo resistente às convocações e às orientações da equipe, e algumas situações em que tinham se envolvido em discussões com funcionários, por argumentarem tenazmente em favor de suas opiniões. Considerei que sua expressão revelava certa desconfiança, curiosidade ou incredulidade.

Porém, o fato de terem se interessado e comparecido ao grupo já revelava, de antemão, certa esperança. Seria importante ouvi-las e perguntei se gostariam de compartilhar seus sentimentos e expectativas. Uma das jovens lançou sorrisos ao resto do grupo e se embuiu de fôlego:

“Tudo bem, eu vou falar! Lydiane, as mães aqui na escola sofrem muito preconceito e exclusão.”

Pedi que explicasse melhor os motivos que as chateavam. A porta-voz do grupo naquele momento continuou o seu relato, referindo-se aos momentos em que se sentiram injustiçadas ou menosprezadas. Deu o exemplo da comemoração dos alunos aniversariantes do mês que acontecia durante o horário das atividades pedagógicas em que não era permitida sua participação.

Também foi mencionada a suspensão do antigo serviço de venda de refeições a baixo custo aos frequentadores da instituição, devido ao fechamento do refeitório. Apesar de se tratar de uma estratégia de gestão institucional, aquela mudança impactava diretamente em suas rotinas, pois tinham pouco tempo para cozinhar em casa, transportar alimentos e conservá-los era difícil e arriscado, e na região havia poucos restaurantes com preços acessíveis. Além disso, uma saleta que utilizavam para se reunir e descansar havia sido transformada numa pequena copa, deixando de ser um espaço para seu uso livre. Nela alguns alunos com grave quadro de deglutição passaram a ser alimentados por sua família na hora do lanche da escola, implicando em novas regras de utilização com restrições e normas de segurança e higiene.

Ao ouvir o relato da colega, algumas cuidadoras permaneceram em silêncio, outras menearam a cabeça em concordância, e outras acrescentaram breves comentários. Considerei bom prognóstico para o trabalho psicológico que logo nos momentos iniciais o grupo já me confiasse parte de sua demanda. Porém, pareciam confiar a mim habilidade de

resolver seus conflitos junto à instituição, tanto quanto certa desconfiança de que naquele aspecto eu não seria capaz de ajudá-las.

Optei por manter a conduta acolhedora, ouvindo-as atentamente e concordando que aquelas situações eram muito difíceis. Verbalizei que a sucessão de situações difíceis na vida das pessoas poderia causar repercussões emocionais como raiva, desânimo, tristeza e desmotivação. Além disso, pontuei que um dos objetivos das rodas de artesanato era a melhora da qualidade de vida, a partir da expressão de sentimentos e da busca por experiências de vida diversificadas e mais felizes. Porém, era importante a ideia de que trabalharíamos juntas, em igualdade e que eu não era detentora de soluções, mas que iria acompanhá-las em seus próprios processos.

Não parecia unânime no grupo o desejo de expressar-se apenas por meio de queixas. Após certo silêncio reflexivo, ainda manuseando o conteúdo das caixas e descobrindo os materiais disponíveis alguém comentou:

“A gente precisa desse tipo de atividade. Você não sabe como é ruim ficar todas as tardes esperando aqui na escola, o tempo não passa. Será que você não consegue mais horários para a gente?”

De fato, aquele intervalo de uma hora e meia, das 15:30 as 17:00, era um curto espaço de tempo em comparação às várias horas de espera que compunham seus dias, suas semanas. Combinamos que no futuro avaliaríamos a possibilidade de ampliá-los. Antes, tínhamos que começar a trabalhar, definindo juntas quais técnicas de artesanato o grupo escolheria para suas obras iniciais.

A manifestação queixosa logo no primeiro encontro, expressava importantes aspectos a serem compreendidos no trabalho psicológico.

Primeiramente, a dupla de jovens mulheres que expôs de modo tão enfático seus conflitos em relação às regras da instituição, compreendidas como componentes do grupo

poderiam atuar como porta-vozes do drama grupal (Bolen, 2003). No entanto, ao terem chegado ao encontro com atraso, interrompendo a conversa e mudando o foco de nossa atenção, de forma que poderiam representar forças opositoras e defensivas do self grupal, na tentativa de se contrapor ao início do processo criativo. Era como se apresentando a queixa de modo direto, escancarando pontos cruciais de conflito, manifestassem fantasias heróicas em relação à irremediabilidade de sua situação, automaticamente lançando à mim e às rodas de artesanato certo desafio: e então, esta proposta de atendimento vai dar conta de todo o nosso sofrimento e propor soluções?

Por outro lado, talvez as queixas funcionassem como uma narrativa de apresentação, uma forma de compartilhar a visão particular que tinham a respeito da história de suas próprias vidas. Assim como Cruz (1998) identificou nas entrevistas que realizou com artesãos que suas histórias “são como uma estrutura que sustenta o desenvolvimento dessa comunidade e controla seus dramas existenciais” (p. 108), também considereei que o relato de seus sofrimentos e conflitos em relação às normas da instituição revelava aspectos da subjetividade da população atendida, em que mecanismos muito semelhantes à licença poética dos contos de fadas tendiam a caracterizar suas histórias de modo cindido, vilões e mártires separados, sem uma integração mais ampla e ponderada de valores envolvidos naquela complexa situação.

Uma terceira possibilidade seria que a própria natureza do encontro grupal em círculo instantaneamente as instigasse à experiência de olhar para si, para seus sofrimentos e desejos, e compartilhá-los. Arcuri (2006) reforça a importância de resgatar as tradições antigas de um “tempo em que as mulheres faziam um recolhimento (no período do ciclo menstrual) e juntas visavam sintonizar com as mudanças corporais ocorridas (que sempre provocavam alterações de humor e comportamento)” (p. 17). Nesse período, as mulheres deixavam as atividades cotidianas e se dedicavam a rituais de purificação, em que se libertavam de antigas energias e se abriam para um novo período de fertilidade. Era um período de alívio, em que, de acordo com a autora

eram transmitidos ensinamentos fundamentais que permitiam relacionar-se com as energias femininas, aprofundando o papel social da mulher. Sendo assim, as mulheres eram consideradas portadoras de sabedoria e por isso, também, desempenhavam o papel de videntes e oráculos em suas tribos ao longo dos séculos. (Arcuri, 2006, p.18)

Considerando que em nosso tempo e no contexto urbano tem se tornado cada vez mais raro o tempo de recolhimento e aquietamento para a escuta de si e de seu próprio corpo, há certa dificuldade em captar sinais como cansaço, tristeza e dores. De modo geral, reserva-se pouco tempo para as reflexões introspectivas que favoreceriam processos cíclicos de elaboração emocional de processos vivenciados, de modo a encerrar e renovação idéias, recriando maneiras de lidar com a vida prática. As técnicas expressivas como o artesanato ao promovem o contato entre a carne e a matéria prima (Freitas, 1990), atuando como facilitadoras da reconexão da mente com a dimensão corporal e evocando experiências diferenciadas, menos racionais e mais imaginativas.

A queixa do grupo também poderia ser a expressão do luto pela perda de um lugar de encontro, não apenas da saleta de descanso transformada em sala de alimentação, ou do extinto refeitório onde se reuniam na hora do almoço, como locais concretos. Aparentemente era difícil à realidade institucional reservar um espaço para a existência subjetiva do grupo de mães, de modo que fossem compreendidas em suas vicissitudes e obtivessem mais espaço para participar do estabelecimento de regras e valores. Duby (1990) relembra que desde a idade média tornou-se evidente certo ressentimento e temor da sociedade patriarcal em relação ao potencial das mulheres de se reunir e transmitir conhecimentos e experiências sobre a vida e a morte, como o parto dos bebês e a manipulação de ervas. Talvez dificultar a reunião de mulheres no contexto instituição, de certa forma remetesse ao temor do homem frente ao poder arquetípico do Feminino.

Todas as concepções acerca da queixa proferida pela dupla de mães mais participativa naquele encontro tinham como ponto pacífico a compreensão de que o excesso de atribuições relativas ao cuidado dos alunos e à permanência na instituição poderia atuar como causa, mas também como consequência, dos dinamismos psíquicos vivenciados pelo grupo. Sintomas de estresse não eram apenas atribuíveis à situação de suas vidas, mas também ao modo vinham atuando frente aos desafios e se relacionando com o mundo à sua volta e consigo próprias. A intervenção psicológica primou pelo acolhimento e autenticação da queixa, visando favorecer um primeiro movimento de empoderamento do grupo por meio da expressão de suas idéias e sentimentos. E assim como preconiza Estés (2007) a partir do trabalho de coesão do grupo,

para que a menos experiente e a mais experiente possam um dia encontrar o seu lar... o lar: aquele lugar da alma habitado com maior persistência à medida que a mulher aculuma em torno de su seus anos de sabedoria... o lar: qualquer lugar onde haja necessidade do Amor, abrigo para o Amor, enaltecimento do Amor... (p. 101)

Na concepção poética da autora, na medida em que as mulheres se reúnem e trabalham para ser mãe-irmã-filha umas para as outras, há a criação de um verdadeiro refúgio maior e mais confortável do que qualquer sala. E o melhor, inabalável.

O fluxo de elucubrações de repente tornou-se intenso. Havia pessoas que consideravam que o grupo deveria trabalhar em coesão, ou seja, todas as participantes produzindo o mesmo tipo de artesanato. Outras sugeriam que a escolha dos materiais e da técnica fosse espontânea e individual em cada encontro. No entanto, considerando que se tratava de um grupo vivencial e que o predomínio da dimensão verbal, mesmo que livre e associativa, remetia à certa racionalidade, convidei-as a adentrar na experiência do fazer, por meio de um breve aquecimento lúdico. Propus a técnica de tricô de dedo, que permitia de maneira simples, rápida e fácil trançar sem agulhas longas tiras de lã, que posteriormente costuradas umas às outras, possibilitavam formar roupas e mantas.

Fotografia 2. Os primeiros elos da corrente

O grupo aderiu imediatamente à proposta, e cada participante escolheu um novelo para trabalhar mantendo-se atenta à explicação passo a passo. Após a demonstração, as participantes iniciaram seu treino envoltas a um silêncio concentrado, apenas quebrado periodicamente por interjeições breves, suspiros e risinhos. Em seus rostos alternavam-se expressões sérias e aflitas, expressando possivelmente momentos de concentração, outros de satisfação, de diversão, sucesso ou dificuldade. Algumas demonstravam persistência, outras irritabilidade. Houve aquelas que trabalharam aquietadas e emudecidas, as que perscrutavam o trabalho das colegas e tentavam copiá-las, aquelas que, de certo modo, proferiam críticas e aquelas que se dispunham a ajudar. As participantes que trançaram suas tiras rapidamente, logo manifestavam planos para transformar seu trabalho em objeto de uso prático como um cinto, ou um cachecol. As que não terminaram a tempo, ou queriam recomeçar em busca de aprimoramento, pediram para levar a lã consigo e treinar durante a semana.

O mesmo aconteceu em relação ao restante do material, pois algumas mulheres interessaram-se por algumas toalhinhas para bordar, e temiam que na semana seguinte outra participante escolhesse o mesmo material.

Expliquei que por se tratar de um atendimento psicológico em grupo, o material disponível preferencialmente deveria ser trabalhado durante as vivências. Elas insistiam em procurar em casa meadas de linha em determinadas cores e em suas próprias revistas algum gráfico interessante. Compreendi que a insistência era significativa e útil a fim de conhecer como se relacionavam com a prática de artesanato também nos espaços além das rodas de artesanato. Concordei mas sugeri que na semana seguinte mostrassem o trabalho realizado ou em andamento ao grupo, a fim de acompanharmos sua evolução e fotografá-lo.

A respeito das diferentes técnicas de expressão emocional utilizadas nos atendimentos psicológicos, Furth (2006) refere que não há uma melhor do que a outra. O acesso à psique do indivíduo pode ser facilitado por inúmeras técnicas expressivas e projetivas que deverão ser escolhidas de acordo com as preferências e afinidades do terapeuta e da população atendida.

A técnica específica usada depende da situação atual do indivíduo e de quais ferramentas funcionam melhor para o terapeuta e para o paciente. (...) O que costuma funcionar para um pode não funcionar para outro. (...) Na verdade, tudo depende da pessoa e pouco ou nada do método. (p.65)

Singer (2002) apresenta concepção consonante ao considerar que

Não existe uma maneira única de entrarmos em contato com o mundo invisível assim como não existe um exercício que sirva a todos. Entre os muitos caminhos que os buscadores descobriram ao longo dos séculos, cada pessoa pode achar um que a leve ao reino interior e à chave que abra “as portas da percepção”. Não há um jeito especial de começar; o começo vem quando se encontra uma abertura. Todo mundo gostaria de ter uma técnica infalível que desse certo sempre que posta em prática. (p.249)

Na medida em que não existiriam regras pré-determinadas na escolha do recurso expressivo, escolhi compartilhar com o grupo a técnica do tricô de dedo, demonstrando que seria possível o estabelecimento de experiências de partilha e ajuda mútua, tornando nossa *Roda* um espaço de acolhimento e confiança, semelhante aos Círculos de Mulheres descritos por Bolen (2003). Ao facilitar a prática de artesanato, estávamos em busca de melhor qualidade de vida possível (Amaral, 1995), trabalhando na criação de algo útil ou bonito, a partir de um pouco de lã e paciência. A técnica que necessitava apenas de habilidade manual elementar e de alguns metros de fio, e ao prescindir de quaisquer artefatos e podendo ser praticada em qualquer situação e lugar, era favorável ao resgate do funcionamento psíquico sensorial (Freitas, 1990) e ao tipo de pensamento fantasia (Jung, 1952/1986).

O enquadre vivencial, favoreceu a experiência intimista, já que o clima protegido, acolhedor e apaziguador inspirou que ao redor da lareira de Héstia o grupo e entregasse ao devaneio, sem se perder (Freitas, 2005). O devaneio é um estado psicológico em que ocorre o rebaixamento da consciência e a oportunidade de manifestação do pensamento fantasia. Singer (2002) considera que tal estado psicológico no adulto é semelhante às experiências lúdicas da criança, imprescindível para o contato com percepções e conhecimentos inconscientes.

Fantasia não é de forma alguma a mesma coisa que princípio do desejo interior de prazer; é antes um órgão interno dos sentidos, que percebe e expressa mundos e leis interiores, da mesma forma que os órgãos externos dos sentidos percebem e expressam o mundo exterior e suas leis. O mundo do brinquedo é de extrema importância não apenas para a criança, mas também para os adultos de todas as culturas; não é um mundo a ser transcendido. Ele é especialmente importante para as crianças. Só um indivíduo imerso nessa realidade simbólica do brinquedo pode vir a tornar-se um ser humano completo. (Singer, 2002, p. 59)

Manifestações culturais como as cantigas de roda, as danças circulares, as rodas de samba e as rodas de capoeira demonstram a importância da circularidade no resgate da fantasia, da dimensão lúdica não apenas na vida das crianças, como também na idade adulta. Mesmo no âmbito da pedagogia recente, as experiências grupais circulares como as *rodas de conversa* de Célestin Freinet e os *círculos de cultura* de Paulo Freire buscam equilibrar as dimensões intelectual e vivencial nos processos de aprendizagem, incentivando que o grupo se identifique enquanto unidade e participe do processo de construção coletiva do conhecimento (Boleiz Junior & Pons, n.d.).

Quanto ao pedido das participantes para levar o material consigo, colocou-se uma importante questão. A princípio, compreendia que o material de artesanato ao ser inserido no grupo vivencial assumia um papel simbólico que deveria ser manifesto e elaborado no encontro grupal. No entanto, o artesanato era uma prática de domínio público, realizado rotineiramente pelas cuidadoras. Seria uma atitude contraditória que o material disponibilizado para as experiências psicológicas fosse rigidamente mantido sob supervisão da psicologia, sob o risco de perder seu caráter plástico, mediador e democrático. O meio termo para que se constelasse uma situação psicológica, diferenciada da prática artesanal rotineira, residia na postura reflexiva, que respeitava a profundidade dos significados subjacentes, evitando interpretações desnecessárias enquanto o grupo não se abrisse para refletir sobre eles; acolhia manifestações verbais como queixas, pedidos e sugestões e, acima de tudo, primava pelas decisões compartilhadas.

Seria importante acompanhar o modo como cada participante se relacionaria com o material de artesanato emprestado, pois o uso da matéria-prima era amplamente expressiva e na medida em que a atuação da Psicologia era voltada à melhora na qualidade de vida cotidiana do grupo, o fato do grupo naturalmente buscar transcender as paredes da sala em que nos encontrávamos e mesmo os limites de horário dos encontros, era de certo modo uma atitude de autonomia e ampliação de experiências criativas. Sob certo ponto de vista,

levar consigo o material de artesanato seria como levar uma centelha da brasa da lareira de Héstia, possivelmente para acender novas lareiras.

4.1.2 A aliança

Em resumo, a extensão e intensidade de fatos descritos a partir do primeiro encontro demonstrou que as rodas de artesanato eram potencialmente um espaço propício ao estabelecimento de uma aliança, uma rede de aceitação e de ajuda mútua, favorável à formação do self grupal (Freitas, 2005). A partir dos conteúdos emergentes, tanto nas relações interpessoais, no contato com o material ou nas queixas expressas verbalmente, a proposta vivencial remetia à constelação de um espaço psicológico, de expressão de pontos fundamentais para o processo de ampliação da consciência. As experiências de plenitude e criatividade oriundas de tal processo seriam intensas, a ponto de inspirar, manifestações de alteridade mais autênticas e prazerosas. Pois, de acordo com Lima (2003) “a constelação dessas realidades promove a plenitude em quem as experimenta e, ao mesmo tempo, promove a demanda por ocupar-se do outro, pelo bem-estar do outro” (p.135).

O comportamento livre, lúdico e fantasioso frente ao material de artesanato era concomitante à expressão verbal do desejo para que os horários das rodas fossem ampliados, revelando polaridades opostas, ora sofrida, ora prazerosa da experiência de ser cuidadora. Sua presença e disponibilidade para compartilhar a queixa em relação a seu período de espera já apontava para o potencial criativo que se manifestava não apenas no fazer artesanal, mas abrindo também caminho para mudanças frente à vida.

Vale a pena destacar três momentos específicos de atuação psicológica que marcaram o manejo da situação grupal.

O primeiro envolveu clarificar que a proposta transcendia os objetivos psicoeducativos comumente propostos no contexto da reabilitação física e da educação especial. Ao posicionar-me como alguém que não detinha soluções, tampouco orientações verticais, reforçava o clima democrático e igualitário, de modo que as relações interpessoais se estabelecessem de modo menos hierárquico (Bolen, 2003). A experiência ao redor do círculo

partia da premissa de que as integrantes da roda, deveriam ser posicionadas ombro a ombro, dinâmica que Amaral (1995) apregoa em defesa do verdadeiro conceito de inclusão. Cada mulher do grupo ocupava o seu lugar e, a partir de seu ponto de vista e de seus objetivos, se expressava a seu modo: algumas verbalmente, por meio de depoimentos e desabaços, outras na exploração dos recursos materiais disponíveis, retirando de suas bolsas trabalhos já iniciados em casa, ou preferindo levar o material para casa a fim de treinar em um momento solitário. No entanto, seu posicionamento era equidistante, sem ocupar posição de destaque a priori, pois todas podiam aprender ou ensinar, oferecer e ouvir sugestões, decidindo em conjunto. Havia um movimento natural de apaziguamento das diferenças e diversidades, permitindo que o grupo conservasse um objetivo central: praticar artesanato e, a partir de experiências de aprofundamento afetivo, avançar em busca da plenitude de suas individualidades e de seu potencial criativo.

A fim revelar atitudes mais autônomas e criativas frente à vida cotidiana e institucional, era premente a ampliação das relações interpessoais além das personas mais habituais (Bolen, 2003). O fato de coordenar o grupo, porém convidá-las a decidir sobre o enquadre democraticamente, de ser acolhedora a seus sofrimentos e dores, porém incentivar o grupo a transcender a atitude queixosa e vivenciar experiências de criatividade e bem estar, era uma intervenção psicológica que visava incentivá-las a acreditar em sua capacidade de autonomia e autenticidade, muitas vezes obliterada pelo sofrimento e padrões incentivados pela vida em sociedade que as congelavam no papel de eternas mães, cuidadoras abnegadas, depositárias e executoras das orientações da equipe terapêutica de educacional.

Tuleski et al. (2003) propuseram atendimentos psicológicos a pais de alunos com deficiências a partir de técnicas do psicodrama e notaram excelentes resultados que diferenciam estes tipo de proposta, daquelas mais diretivas e educativas. Na opinião dos autores, as vivências no grupo ofereceram “a oportunidade de compartilhar idéias sem medo, sem vínculos hierárquicos que impedem, muitas vezes, a troca de informações legítimas. Estabeleceu-se um vínculo afetivo e de conhecimento que permitiu o desenvolvimento e aprendizagem de todos os envolvidos” (p.107).

Interessante refletir que manifestações humanas ao longo dos tempos, como a literatura, a ciência, as lendas, mitos e contos de fadas também ofereceram ricos exemplos da importância conformação grupal circular para os processos de conscientização e modificação de comportamentos. No universo dos esportes no Brasil na década de 1980, por exemplo, Florenzano (2009) relatou a experiência de um clube de futebol paulistano cujas reuniões administrativas aconteciam no centro do gramado, em formação circular, de forma que o grupo de jogadores e dirigentes eram impelidos a discutir e conciliar interesses nas decisões importantes do time. O jogador deixava de ser considerado *atleta-peça* e para assumir o papel de *atleta-cidadão*, de modo que, naquele período, o grupo de jogadores ultrapassou o universo esportivo e se engajou no movimento político brasileiro *Diretas Já*, que lutava pelo restabelecimento da democracia no país. Tal estudo antropológico ilustrou o potencial dos encontros realizados em *rodas*, em que além de favorecer que cada indivíduo ganhe voz e seja respeitado no grupo, também participe de tamanha coesão que o grupo possa atuar na regulação da realidade mais ampla, inclusive no âmbito sócio-político.

As lendas do Rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda amplamente difundidas na Europa medieval celta e bretã (Megale, 2008) mantêm até os dias atuais a relevante discussão acerca do agrupamento circular democrático. Apesar de papéis sociais – reis, duques ou cavaleiros – os integrantes da Távola Redonda assumiam seu lugar à mesa em igualdade, confraternizando, debatendo, compartilhando decisões, aventuras e experiências de busca pela transcendência, a partir da busca do Graal (Zinkin, 1998).

O segundo aspecto do manejo terapêutico do grupo consistiu em resistir às explicações causais e interpretativas diante dos fenômenos, evitando o reduativismo racional, e lançando mão da postura expectante apregoada pela pesquisa simbólica (Penna, 2007). Conforme as palavras de Freitas (2005), “quem coordena o grupo cuida da manutenção de um campo fértil para a vivência do self grupal e põe-se, tal como Héstia, à espera do que virá a emergir e colocar-se no foco da consciência grupal.” (p.137). Portanto, ao invés de instigar a verbalização e interpretar os motivos subjacentes à queixa, naquele primeiro encontro optei por ouvi-las em seus desabafos, na crença de que o acolhimento às palavras implicaria na aceitação “empática, aceitadora” (Freitas, 1990, p.96), dando continência que o movimento próprio da energia psíquica prosseguisse na direção dos símbolos do self grupal.

O trabalho manual articulado à imaginação favoreceria o contato com o inconsciente, buscando superar os limites impostos pela racionalidade e pela discussão predominantemente verbal (Jung, 1952/1986). Deste modo, a terceira característica do manejo da situação grupal nas rodas de artesanato era incentivar o uso de “diferentes linguagens para a expressão de símbolos” (Freitas, 2005, p.137), ou seja, propor a utilização de recursos expressivos não-verbais que exerceriam o papel de “estruturar a consciência e ligá-la ao inconsciente” (Grinberg, 2003, p. 104). Singer (2002) explica que as atividades artísticas libertariam as pessoas das constrições impostas pelas palavras e descrições, e desta maneira “permitem que a imaginação brinque com os sons e as imagens. Quando esse jogo não é estruturado, ele serve de abertura para o que não foi planejado, para o inesperado” (p.74). Os recursos expressivos possibilitaram acionar o campo simbólico que acompanha as experiências concretas de sua vida cotidiana, como o “conjunto de interações, impressões subjetivas, fatos e dados objetivos, fantasias, expectativas, intuições, emoções, avaliações, discriminações e indiscriminações” (Freitas, 1990, p. 77).

4.1.3 Contribuições do masculino

Logo no princípio do segundo encontro das Rodas de Artesanato, Gabriela e Erica, a dupla de jovens mães queixosa avisou:

“A gente tem que sair do grupo às quatro e meia em ponto. Na semana passada o motorista da van da prefeitura que nos leva para casa reclamou de nosso atraso. Disse que se nos atrasarmos de novo, vai nos deixar aqui.”

Concordamos em finalizar os encontros do grupo um pouco mais cedo, de modo a facilitar que as participantes se preparassem calmamente para a saída dos alunos. Como naquela ocasião não havia possibilidade de iniciarmos os encontros antes das 15:30, algumas reclamaram novamente que os encontros seriam muito curtos.

Lembrei-as que a princípio conseguimos disponibilidade em comum naquele dia e horário. Além disso, era preciso consolidarmos o nosso espaço, nossos objetivos, e neste quesito era

mais relevante a qualidade do que a quantidade de encontros. Também seria importante delimitarmos nosso círculo, amadurecermos os planos, deixando que o fluxo de ideias e desejos se estabilizasse, para que compreendêssemos com maior profundidade quais eram os caminhos e as demandas mais autênticas do grupo. Desta maneira, respondi que aquela não seria uma má ideia, mas que deveríamos pensar mais a respeito.

Perguntei se durante a semana tinham realizado algum trabalho com osovelos de lã que levaram para casa, e elas disseram que não conseguiram devido à correria da rotina.

Algumas participantes admitiram que a despeito de terem levado o material para casa sob o propósito de fazer algum trabalho artesanal durante a semana, não lhes sobrou tempo. Era como se o pedido de ampliação de horários automaticamente atribuísse aos nossos encontros a capacidade de tornar-se espaço protegido para aquela prática, que lhes era tão cara, e tão rara. Interessante que as rodas de artesanato em sua circularidade protetora assemelhassem-se às mandalas, desenhos circulares comumente construídos em contextos religiosos, oferecendo experiências de equilíbrio, encontro com o self e continência ao sofrimento mental (Jung, 1934/2008).

O relato da dupla de mães representavam incursões do tempo ou do funcionamento racional da psique, impondo limitações e regras à suas rotinas. Gabriela transmitia um recado do motorista do transporte público e ele, por sua vez, era representante do mundo das obrigações, lembrando que não importava o quanto quisessem permanecer brincando, criando, ou buscando seu próprio espaço, o tempo real cronológico (kronos) estaria presente, limitando e, de certo modo punindo, se não seguissem suas recomendações.

Neste ponto é importante lembrar as palavras de Freitas (2005) a respeito dos grupos vivenciais, em defesa dos espaços de relaxamento e reencontro com forças criativas, pois “quando estamos regidos por Héstitia, é freqüente perdermos a noção de tempo, e essa experiência costuma ser muito nutritiva e apaziguadora de tensões, do ponto de vista psicológico” (p. 141). Neste sentido vale lembrar dos dois conceitos gregos de tempo, Cronos, o tempo cronológico e racionalmente medido, e o tempo Kairós, subjetivo e vivencial, que

Philippini (2009) descreve como o “tempo circular e subjetivo do afeto, da memória e da criação” (p.34).

Andrea escutava a conversa e defendeu os motoristas, dizendo que sempre faziam favores e atendiam às suas solicitações. Muitas vezes, quando o filho não tinha se alimentado bem no almoço, ou quanto tinham excursões ou piqueniques organizados pela escola, pedia para parar no mercado durante o trajeto a fim de comprar lanches e guloseimas. E justificou: “Para serem aceitos em sua profissão, eles são avaliados por psicólogos! A empresa tem que ver se eles têm o perfil para trabalhar com crianças.”

Luciana, mãe de um aluno cuja condição respiratória era delicada, fato que acarretava internações hospitalares freqüentes, admitiu que quando faltavam na escola, o motorista da van que os transportava ligava para sua casa ou os visitava no final da tarde para saber o estado de saúde da criança.

Andrea acrescentou que muitos choravam quando a empresa de transporte ameaçava transferi-los para outras linhas, pois além de se acostumarem e dominarem o trajeto, eles também se apegavam às crianças.

Paula mãe de um aluno que já estudava na escola há muitos anos, mostrava ser uma das mulheres mais habilidosas no artesanato. Era notória a qualidade das peças de crochê e bordado que fazia a fim de presentear amigos. A artesã que permanecia concentrada, trabalhando em silêncio, opinou que muitas vezes os motoristas eram transferidos justamente porque algumas mães eram folgadas e pediam muitos favores. Burlavam as regras, por exemplo faltando à escola sem justificar e pedindo para que colocassem presença em seus diários, a fim de não perderem a vaga.

Era constante nas conversas com as mães de alunos a menção aos motoristas das vans que as transportava no trajeto entre a casa e a escola. Realizar seu trabalho de modo gentil e atencioso era a atribuição inerente a seus cargos. No entanto, os motoristas esporadicamente abriam excessões, faziam favores, e demonstravam certo interesse quanto

à saúde e bem estar das crianças. Deste modo, as relações que se estabeleciam entre eles envolviam também experiências afetivas como o apoio, o companheirismo e a atenção. Era notável que muitas vezes parecessem mais próximos à rotina das mulheres e alunos do que quaisquer outras figuras masculinas da família. Era comum que os próprios maridos fossem mencionados como pessoas distantes, desinteressadas, grosseiras e indisciplinadas na educação dos filhos.

As deficientes interações entre as mulheres e seus companheiros, ou entre as mulheres e as figuras masculinas de sua família, poderiam ter inúmeras motivações e origens. Certamente o tema merecia um estudo específico, mais aprofundado, em que os próprios pais e familiares do sexo masculino pudessem ser ouvidos em suas dificuldades e impressões a respeito de seus papéis sociais, relações conjugais e convívio familiar, e a pluralidade pudesse ser incentivada. Apesar do presente estudo não se prestar a um estudo de gênero, a ausência observável dos homens no cotidiano da reabilitação e da educação especial indicava os prejuízos que poderiam advir da unilateralidade, não apenas no cuidado dos filhos, mas na saúde afetiva dos membros da família.

Certamente o atendimento ao grupo de cuidadoras permitia uma compreensão limitada da situação familiar, na medida em que baseava-se nas experiências e depoimentos sob o ponto de vista das mulheres. Uma das considerações possíveis era que a intensa identificação com a persona de cuidadora envolvia sentimentos dúbios. Ao mesmo tempo em que se sentiam impelidas a negligenciar aspectos de sua vida mais ampla, a fim de cumprir obrigações, metas e horários, também seu funcionamento psíquico organizava-se a partir de certa rigidez, que se manifestava no excesso de exigências e críticas dirigidas em relação às outras pessoas e situações, por exemplo, em relação ao funcionamento da instituição e aos seus funcionários, às mães de outros alunos, aos maridos e outros familiares.

Um exemplo que ilustra a situação, remete à própria dificuldade das cuidadoras entregarem seus filhos aos cuidados da equipe de atendentes. Havia períodos em que surgiam queixas que remetiam à ideia de que apenas elas, as mães, em sua convivência íntima com os alunos, eram capazes de compreendê-los e desenvolver métodos supostamente infalíveis de cuidados. Será que de certo modo, seus discursos e atitudes

repeliam as tentativas dos homens da família e da comunidade se aproximarem e compartilharem as incumbências da maternagem?

Pensando no histórico da instituição, muitas vezes a ajuda oferecida pela equipe, os projetos e convites não eram aceitos. Permitir e reconhecer a importância da ajuda não apenas da equipe escolar, das atendentes e principalmente de outros familiares, incluindo os do sexo masculino, traria importantes benefícios não apenas para as situações concretas no trato com o aluno, mas também para seu próprio desenvolvimento psíquico. Pois o estabelecimento de parcerias, incluindo os desafios naturais à diversidade de gêneros, também colaboraria para a admissão consciente das limitações e fragilidades de mulheres e homens, estabelecendo uma relação de alteridade mais integrada.

Acerca da liberdade e do amor, Koltuv (1992) alerta para o risco da mulher que não desenvolver seu psiquismo de modo a integrar os aspectos masculinos e os femininos, tende a procurar as habilidades do masculino no amor pelos homens, podendo perder a chance de construir em sua própria personalidade tais habilidades que conferem a sabedoria e a sagacidade naturais à dimensão do Feminino. De certo modo concordante, Bolen (2007) acrescenta que há dois caminhos podem ser seguidos pela psique feminina a fim de integrar aspectos culturalmente atrelados à dimensão do Masculino, como a praticidade, a lógica, a racionalidade, a perspicácia... Em uma perspectiva, a mulher extremamente identificada com a persona em sua faceta feminina só consegue vivenciar tais aspectos por meio do animus¹⁴, voz interna em seu psiquismo que é a contraparte à sua natureza sexual, ajudando-a a enfrentar seus desafios. Nos outros casos, a mulher identificada com aspectos emocionais mais racionais e independentes, simbolizados pela deusa da mitologia grega Atenas, torna-se consciente de que os potenciais culturalmente atribuídos à psique dos homens também são inerentes às mulheres. A atitude do grupo até aquele momento em relação aos indivíduos do sexo masculino parecia apontar para a longa distância em que se encontravam, homens ausentes, homens como seres autoritários ditando horários e ameaçando-as, homens aposentados podendo aproveitar a vida...

¹⁴ Koltuv (1992) explica que o animus é um potencial arquetípico que na mulher é formado “a partir da experiência do nosso pai, do animus ou lado masculino da nossa mãe e do inconsciente coletivo (...). Como energia masculina positiva, o animus oferece focalização (...) ele segura uma lâmpada que nos permite entrar em contato com aquilo que já conhecemos num nível inconsciente. (p.62)

Naquela tarde a maioria de participantes concordou em conhecer a técnica de costura com retalhos. Gabriela leu no jornal algo a respeito da feira anual para artesãos de patchwork que aconteceria na cidade nos próximos dias. Admito que fiquei surpresa com seu interesse e recomendei que fossem ao evento de metrô durante o período em que os alunos estivessem em aula. Pois além da venda de materiais para praticantes, haveria também a exposição de belos painéis que concorriam a prêmios, e da técnica aplicada a objetos de uso doméstico: toalhas, almofadas, bolsas e peças de enxoval de bebês.

Enquanto conversávamos, o pedaço de tecido branco que dispunha em casa foi suficiente para que cada participante cortasse uma base quadrangular com cerca de 20 cm. O passo seguinte seria riscar uma margem de cerca de 2 cm por toda a volta do quadrado, separando o centro do trabalho de sua margem de costura. Ao emprestar lápis e réguas, fazer e refazer os riscos em busca de correção, muitas riam de sua falta de jeito no manejo do material.

À medida que principiavam o criativo processo de encaixar os pedaços de tecido escolhidos sobre o pano branco, recomendei alguns detalhes técnicos como dobrar em cerca de cinco milímetros a borda dos retalhos que ficariam por cima, pois desta forma o acabamento ficaria mais bonito e protegido para não desfiar com o passar do tempo. Interessante notar que a maioria das participantes silenciou, compenetrada na tarefa de criação.

Chamou-me novamente a atenção a interatividade da dupla Gabriela e Erica, que escolhia retalhos euforicamente e os distribuía também às outras participantes, palpitando de modo alegre e brincalhão. Ouvi Gabriela recriminando a amiga, para que não copiasse suas ideias. Aproximei-me para compreender o que se passava e percebi que recortava um retalho em formato de coração e pretendia costurá-lo ao centro de seu trabalho.

Fotografia 3. A colorida originalidade dos corações de Gabriela

Emudecida, Erica desenhava algo no verso de um pedaço de tecido. Explicou que queria representar uma menina, teria cabelos compridos, e vestiria saia e blusa. Sentada ao lado, Gabriela ria e e a acusava de não ter cortado os retalhos corretamente, e que a figura estava desproporcional. Erica sorria timidamente, se defendia das críticas, mas pedia para que eu a ajudasse a desenhar a roupa de sua recém-criada personagem. A fim de favorecer maior liberdade à sua criação, sugeri que fizesse com os tecidos apenas a base do desenho e que os detalhes mais finos e delicados, difíceis de serem recortados, fossem bordados posteriormente.

A atitude crítica de Gabriela em relação ao trabalho de Erica, e a acusação de que tentava de copiar sua ideia, poderia relacionar-se às reflexões de Koltuv (1992) acerca do processo de elaboração das projeções da sombra. De acordo com a autora, em situações em que o ego da mulher se encontra mais saudável, ou seja, mais cômico de si e de seus reais desejos, o animus atuaria como um parceiro protetor, encorajador, que a inspiraria a constituir foco e objetividade em suas ações. Porém, em momentos de maior fragilidade, o ego se conectaria à sua dimensão sombria, constelando excesso de críticas negativas, restrições, regras e impecilhos, tolhendo os processos de criatividade.

Em certa instância, as colocações de Koltuv (1992) reforçam a idéia de que num próximo estudo seria relevante conhecer mais profundamente aspectos da interação das cuidadoras com os homens que permeiam sua história de vida, por exemplo, os pais de seus filhos, seus próprios pais e seus filhos do sexo masculino. Quais elementos de suas histórias de vida e de suas relações interpessoais podem ter favorecido ou prejudicado o contato com aspectos psíquicos complementares à consciência feminina?

4.1.4 A ciranda da diversidade

Enquanto a maior parte do grupo dedicava-se ao patchwork, duas participantes relataram o desejo de aprender bordado em ponto cruz. Uma escolheu uma toalha de mão e a outra um babador para seu bebê recém-nascido¹⁵. Eu e outra participante oferecemos instruções para que comesçassem o aprendizado da técnica. Até então entretida desenhando e recortando os tecidos, Erica nos acusou de ensinar errado e se dirigiu às colegas assumindo a liderança das orientações.

Na roda de artesanato a escolha quanto ao aprendizado de patchwork ou de bordado revelava por si, algo sobre os interesses subjetivos da artesã. A partir de suas preferências e escolhas abriam-se outros leques de opções como o tipo, a cor e o tamanho do material que seriam trabalhados.

O patchwork na técnica crazy oferecia ampla gama de possibilidades, na profusão de retalhos de diversas cores, estampas e formatos de retalhos. Apesar de obedecer a recomendações mínimas de manuseio do tecido, como alisar os retalhos a ferro quente para alinhavá-los com maior correção, e dobrar as bordas a fim de evitar que com o tempo desfiassem, de modo geral, o grande objetivo daquela técnica não era o domínio nas habilidades de costura, mas a junção de retalhos livre mas criteriosa, de modo a formar uma

¹⁵ Refiro-me às toalhas que possuem em sua borda uma faixa de etamine, tecido cuja trama quadriculada favorece diversos tipos de bordado, sendo os mais populares o bordado com fitas, o vagonite e o ponto cruz.

composição harmoniosa. A tarefa de escolher pedaços e juntá-los a partir de algum impulso, ou “lógica” inconsciente, era o que assemelhava a prática do artesanato às técnicas artísticas como o desenho e a pintura, mais propícias aos estados de fantasia e expressão inconscientes (Brutsche, 2006).

Foi possível testemunhar, a partir daquela prática, a espontaneidade e inventividade de Gabriela e Erica ao recortarem desenhos a partir dos retalhos. Um coração poderia representar os sentimentos que a todo momento afluíam e dominavam o discurso de Gabriela. E a figura de uma mulher talvez correspondesse ao desejo de Erica de desenhar sua persona de mulher, provavelmente imaginando novos modos de colorí-la e apresentá-la ao mundo.

Por outro lado, as mães que não ainda sabiam fazer bordado em ponto cruz demonstravam o desejo de aprender aquela popular técnica, usualmente empregada para bordar a barra das toalhinhas de mão solicitadas na lista de material escolar. Geralmente as toalhinhas eram bordadas com motivos infantis, personagens de filmes e desenhos, símbolos de times de futebol, com o nome ou suas letras iniciais. Curioso notar que, de acordo com pesquisadores, o bordado se popularizou no Brasil, entre os séculos XIX e XX, quando bordar as iniciais dos nomes de cada membro da família em suas toalhas e roupas de cama era uma medida profilática, que visava diminuir a contaminação por doenças infecciosas. Além disso, os monogramas também personalizavam o objeto e catalogavam o patrimônio da família (Carvalho, 2008). Certa similaridade poderia ser estabelecida com os bordados das cuidadoras, pois além de cumprir as normas de higiene propostas pela escola, também marcava sua propriedade, evitando que o material de um aluno fosse confundido com o de outro. Além disso, o cuidado com o material do filho simbolicamente seria uma maneira de atestar seu zelo, rementendo à qualidade de sua maternagem também no período em que permaneciam em sala de aula, único local em que de certa forma o aluno prescindia da presença da cuidadora.

Especificamente em relação ao processo criativo na execução do ponto cruz, a escolha de cores, linhas e tamanhos dos desenhos permite certa autonomia. No entanto, o desenho, para ser confeccionado corretamente, dentro dos padrões de proporção e formas, deve ser realizado em tecido quadriculado especial. Trata-se de um processo minucioso, envolvendo

contagem e execução de pontos de acordo com os gráficos indicados nas revistas, deixando pouco espaço para a formulação de um desenho autoral o que, de certo modo, torna-se restritivo à imaginação e espontaneidade. A preferência das cuidadoras pela técnica de ponto cruz, poderia demonstrar o quanto suas vidas eram ajustadas dentro das arestas incumbências e horários rígidos, restringindo experiências de maior amplitude e liberdade. Por outro lado, podia demonstrar que a realização de atividades rotineiras e regradas também proporcionava certa segurança e tranquilidade. Philippini (2009) indica que o bordado em seu ritmo cadenciado remete a um estado de concentração quase meditativo, em que habilidades como minúcia, delicadeza, paciência e ordenação são requisitadas. A dedicação ao ponto cruz simbolizaria o potencial para se ajustar, para produzir dentro dos moldes, desde que pudessem realizar suas atividades de modo minimamente amoroso e autônomo.

Diante das aprendizes de ponto cruz Erica sentiu-se impelida a deixar sua própria atividade e assumir o ensinamento da técnica. O ímpeto de ajudar, ser generosa, sábia e útil, poderia ser uma resposta de auto-valorização e autonomia frente às críticas emitidas pela amiga.

Lembrei-me também de Estés (2007) em sua crença no potencial das mulheres se identificarem com a velha sábia arquetípica, tornando-se “guardiãs de qualquer alma necessitada” (p.95). Sua atitude poderia repetir automaticamente o costumeiro ato de largar seus objetivos para cuidar do outro. Erica que há pouco improvisava a partir de tentativas e erros ao recortar retalhos para formar a figura de uma mulher de tecido, revelava aspectos pueris e senis de sua personalidade, assumindo o posto de conselheira, crítica e perfeccionista.

Enquanto isso, a avó de um pequenino aluno que ingressara na escola naquele ano, chegava ao grupo pela primeira vez, perguntando se era ali que estavam acontecendo as aulas de artesanato que as amigas falaram tanto. Dona Josefa trazia consigo um cachecol confeccionado a partir da técnica tricô de dedo. Muito orgulhosa e comunicativa, admitiu ter aprendido a técnica durante a semana com a jovem colega Geni. Em sua casa Josefa pegou

restos de lã e trançou as tiras e na escola a amiga a ajudou a emendá-las e a colocar os fios da franja.

Fotografia 4. Artesanato e seu efeito multiplicador

A interação entre Geni e Josefa demonstrou o potencial das rodas de artesanato, de transcender os limites dos encontros formais, favorecendo o empoderamento de suas participantes. Os encontros grupais equilibravam a importância da reunião introspectiva como fonte de inspiração para novas potencialidades, e da interação extrovertida do grupo em relação a seus pares e em sua rotina.

O artesanato envolvia um conhecimento técnico transmitido das pessoas mais experientes às novatas. Mas também era favorável às inovações criativas das aprendizes. Remetendo novamente às palavras inspiradoras de Estés (2007) “que nos dediquemos a novas iniciativas e a outras velhas e confiáveis. Assim agindo, uniremos o que há de melhor na velha sábia ao que há de melhor na mais jovem.” (p.22). primeiro porque de acordo com a autora, por trás de toda tradição há sempre uma verdade arquetípica que deve ser respeitada por conter aspectos da vida que sobreviveram de geração em geração e, por isso, remetem à parte essencial, aos ensinamentos e lições sobre assuntos que realmente importam. Por outro lado, por trás de toda inovação há a busca por viver a vida “profundamente a seu próprio modo e da melhor forma possível.” (p.70).

Permanecendo em pé, de tão animada, Gabriela brincava de encaixar e costurar seus retalhos e comentou.

“Tem uma mãe aqui com vergonha de perguntar, mas quer saber se poderíamos fazer pintura em tecido.”

Expliquei que até aquele momento a instituição não tinha o material para pintura em tecido mas, que se elas quisessem se organizar, poderiam trazê-lo e aprenderíamos a desenvolver a prática juntas.

Paula, contou que participava com a amiga Andrea de aulas gratuitas de pintura em tecido, oferecidas por um clube do bairro.

“Nós vamos à aula para nos distrair, pois ficamos muito tempo ociosas durante a semana. A gente acaba se divertindo, relaxando. Tem umas alunas engraçadas, e tem até um homem sério, um senhor oriental que depois de se aposentar resolveu aprender a pintar!”

Perguntei se elas poderiam ensinar ao grupo a técnica, mas responderam modestamente que ainda estavam aprendendo, que não sabiam ensinar. Luciana comentou:

“Não tem muito segredo, a professora não ensina uma técnica, mas deixa cada um fazer do seu jeito. Ajuda mais aquelas que não conseguem fazer nada, mas acaba pondo a mão na massa e finalizando o trabalho para elas.”

Conversamos então, sobre outros cursos de artesanato. Luciana foi à feira de artesanato da cidade de Embu das Artes e viu muitos trabalhos com tecidos e em crochê. Outras comentaram que numa praça na região também acontecia uma feira de artesanato e que em frente à feira havia um armarinho que oferecia cursos de patchwork, muito caros.

Uma outra participante me perguntou se eu iria cobrar pelo curso, aproveitando que já estavam muito interessadas em continuar participando e aprender novas técnicas. Sorrimos diante da inusitada ideia, mas reforcei que as rodas de artesanato eram parte da proposta de acompanhamento psicológico inerente ao trabalho da Psicologia na instituição. A

participação das acompanhantes era voluntária, democrática e nunca envolveria cobrança de taxas.

A palavra *roda* remetia ao agrupamento e à convivência de pessoas (Aulete e Valente, versão digital) e neste aspecto era importante que as participantes alimentassem a capacidade de união, cooperação e consenso, de modo a constituir uma experiência grupal, ainda preservando suas individualidades, prioridades, interesses e talentos. Eram assim os encontros em que Paula e Andrea aprendiam a pintar os panos de prato: sua professora como colaboradora que nem tudo conhecia, o homem presente aprendendo e relaxando em igualdade com as mulheres.

As rodas de artesanato não envolviam custos, mensalidades ou taxas. No entanto, envolveria um contrato em que todas tínhamos nossos direitos e deveres. Como coordenadora dos encontros das rodas de artesanato, novamente remeti-me a Héstia (Freitas, 2005), cuja presença não seria rigidamente estruturada, mas sentida, de modo que cuidava da manutenção de um campo simbólico, acolhendo e protegendo a experiência psicológica. Mantive o zêlo pela coesão do grupo, para que todas estivessem voltadas para o centro, ou seja, para o objetivo de trabalhar em busca do centro de si mesmas. Para isso era permitido que escolhessem a técnica, o material o modo e o local em que realizariam seus trabalhos. Neste aspecto, me aproximei de alguns conceitos da pesquisa participante apresentadas por Bogdan e Biklen (1994), na qual o pesquisador deveria se inserir no grupo tentando não ser demasiado intrusivo, porém esforçando-se “por ser sensível aos seus problemas e às suas exigências.” (p.118).

A diversidade de recursos expressivos disponíveis, como os tecidos, toalhas, linhas e lãs, permitia que o grupo passeasse por entre diversas possibilidades. Mesmo a sugestão de desenvolvermos pintura em panos de prato, uma técnica aprendida no clube da vizinhança que envolvia materiais que não tínhamos disponíveis, demonstrava que a *roda* ganhava pulsação e assemelhava-se a um organismo vivo, maleável e com pequenos poros em sua borda que se expandiam e retraíam para se ajustar ao fluxo de experiências de suas participantes entre si e também com o meio que as circundava.

Foi importante lembrá-las que aceitaríamos doações, que o material também era reunido pelo grupo e não doado pela instituição, e assim reiterar a importância de atitudes menos dependentes. Preconizávamos que as decisões do grupo seriam democráticas? Pois seria democrática também a elaboração e execução de planos para viabilizar seus desejos e sugestões, bem como a construção do contrato das rodas de artesanato, contemplado os direitos e deveres das participantes.

Além disso, reforçávamos o potencial do artesanato enquanto recurso expressivo, multiplicador e promotor de autonomia. Era um elemento da cultura que deveria ser compartilhado, aprendido e ensinado além dos espaços de cursos que, de certo modo tentam gerenciar um conhecimento que é popular, muitas vezes a custos dispendiosos.

Expliquei também que apesar de utilizarmos o material da instituição, todas as obras construídas pertenceriam às suas autoras, mas que seria muito valioso fotografar a produção do grupo a fim de registrar e analisar seu processo criativo. Garanti que por questões de sigilo seus nomes não seriam divulgados. Algumas sorriram divertidas e imbuídas de certo orgulho admitiram:

“Ah, a gente quer mais é que o nosso trabalho apareça! Ser entrevistada pelos programas de televisão, tipo o da Ana Maria Braga, ou o Globo Repórter!”

O grupo caiu na risada.

Aproveitei o tom lúdico e contei-lhes a respeito do evento promovido pela Associação de Assistência à Criança e ao Adolescente Cardíaco e aos Transplantados do Coração (ACTC) em parceria com a Pinacoteca do Estado no ano de 2008¹⁶. Além da notável exposição de peças bordadas por mães de crianças atendidas pela instituição, ao final houve uma significativa arrecadação de recursos financeiros com o leilão das obras, revertendo benefícios não apenas para a instituição, mas principalmente para as famílias das artesãs.

¹⁶ Catálogo da exposição disponível em http://www.actc.org.br/catalogo_bordando_arte.pdf

Elas gostaram da ideia e sugeriram que fosse organizada uma exposição de seus trabalhos no saguão de entrada da escola.

O tempo de nosso segundo encontro chegava ao fim, e as cuidadoras já demonstravam certa inquietação quanto ao horário de saída dos alunos e à chegada de seu transporte.

As participantes começaram a guardar os trabalhos em andamento em uma grande sacola.

“Mas a gente vai guardar tudo assim mesmo? E se misturar? Eu não quero perder esses tecidinhos que escolhi.”

Providenciei no almoxarifado da Psicologia envelopes plásticos em formato A4, normalmente utilizados em fichário, para que guardassem seus trabalhos e etiquetassem com seus nomes. O material seria guardado numa ampla prateleira do armário daquela sala, especialmente reservada para nossos trabalhos.

Ajudaram mas o empilhamento das cadeiras e a colocação do material no armário ficou por minha conta. Depois que foram embora esbaforidas, dediquei algum tempo para colocar a sala em ordem.

Refletindo a respeito daquele segundo encontro, sentia um misto de empolgação por testemunhar o grande fluxo de energia compartilhada no grupo, ânsia por transcrever detalhes instigantes das situações vivenciadas e, devo admitir, certa exaustão física. O encontro durou pouco mais de uma hora, mas durante todo o período permaneci em pé, locomovendo-se pelo círculo como se seguisse concretamente o fluxo de energia grupal, intermediando a interação das participantes entre si e com material.

Ao compartilhar com o grupo o interesse por fotografar sua produção artesanal, considerei interessante que ao contrário de mobilizar resistências, como pensamentos persecutórios e desconfianças, resgatou-se sentimentos de orgulho e vaidade, enaltecendo seu talento e capacidade produtiva.

A sugestão do grupo de expor seus trabalhos no saguão de entrada da instituição, ou ainda, em entrevistas nos programas de televisão em rede nacional, indicava o poder imaginativo que, a partir da fantasia de reconhecimento público, resgatava o potencial de experimentar outros papéis sociais além dos já vivenciados. O sucesso, o reconhecimento, o talento, experiências muito mais amplas e prazerosas do que aquelas usualmente atreladas à posição de vítimas de preconceito e injustiças, sufocadas pelas normas, regras e conflitos institucionais. Além disso, também sob o ponto de vista contratransferencial, podia envolver minhas próprias expectativas de que a experiência das rodas de artesanato obtivessem reconhecimento no âmbito profissional e científico, sendo divulgadas, valorizadas e consolidadas de modo a também reverter benefícios.

Ao mencionar a exposição de bordados feitos pelas mães de crianças atendidas na ACTC senti o desejo de compartilhar a realidade de outros círculos de mulheres que também dedicavam-se quase que exclusivamente a seus filhos, muitas vezes deixando de investir tempo, atenção e cuidados ao lar, ao marido e a outros filhos. Apesar do sucesso da arte produzida por aquela população, durante seu processo nem tudo havia sido fácil. Tanto quanto em nosso grupo, as mães do contexto narrado pela autora reuniam sentimentos de incapacidade, baixa auto-estima e medo frente ao desconhecido e, no entanto, naturalmente encontravam no material para a confecção de artesanatos (crochê, tricô, ponto cruz e costura) oportunidade de enfrentar ativamente o período de espera (Tomaz, 2009).

À semelhança do mito grego de Penélope recontado por Draper (1991) em que a personagem tecia um tapete para burlar o tempo e manter-se fiel a seus sentimentos e intuição, as participantes das rodas de artesanato não necessariamente bordavam, teciam ou costuravam para se distrair ou exclusivamente para sua subsistência financeira. Parecia que, assim como mencionou Silveira (1992), o trabalho expressivo seria um processo psicoterapêutico de recuperação da dimensão total da pessoa humana, para além da persona de cuidadora. Utilizando suas habilidades artesanais as mulheres do grupo se reconectavam a seus talentos, auto estima e valor. As mãos que acumulam experiência em artes de bordar, costurar, tecer, etc., são mãos de pessoas que também acumulam experiência e conhecimento, que sabem tecer a vida preenchendo-a harmoniosamente com fios de ousadia, impetuosidade e sabedoria, e que sendo generosas com as outras pessoas resgatam o elixir de cura para suas próprias feridas emocionais, tornando-se aptas a não

apenas suportar, mas também desabrochar durante o processo (Estés, 2007). Ou seja, o artesanato relaciona-se a uma espera passiva, a ter algum controle sobre a realidade.

Philippini (2009) acrescenta ainda que o paciencioso processo de bordar e costurar à mão possibilita redimensionar o tempo para além da agitação urbana, evocando a paciência para ver “pequenos resultados decorrentes de um lento processo, feito de pequenos passos.” (p.65). A respeito das peculiaridades do manuseio tradicional de agulhas e tecidos, considero elucidativas as considerações apresentadas na Enciclopédia Mãos de Ouro (1968), importante referência em trabalhos manuais.

A costura feita à mão, que é a base de todos os trabalhos feitos com agulhas, além de agradável passatempo é insubstituível para a execução de certos afazeres, apesar do aparecimento e difusão da máquina de costura. Portanto, a costura à mão não é somente um passatempo; se não houvesse outro estímulo seria suficiente a satisfação que proporciona um trabalho executado pessoalmente, ponto por ponto. Por outro lado, bastaria pensar no valor que se costuma atribuir às confecções executadas, ou pelo menos acabadas à mão, para compreender que, também e especialmente neste setor, a máquina não pode substituir completamente a mão humana. (p.1)

Terminado o encontro, era como se uma ventania tivessem passado pela sala. Um dos próximos passos era que vencida a etapa inicial de ambientação e estabelecimento do enquadre, os comportamentos de dependência e voracidade fossem cedendo espaço também por certa cooperação e alteridade, de modo que também se sentissem de fato zeladoras do espaço grupal.

4.1.5 Doce Sofrimento

Gabriela e Erica chegaram ao *terceiro* encontro novamente atrasadas. Enquanto remexiam as caixas e sacolas, em busca do trabalho começado na semana anterior, queixavam-se da difícil fase que atravessavam. Imaginavam que provavelmente seus trabalhos tinham sumido, assim como recentemente outros objetos seus...

Não entendi exatamente o motivo da queixa e aproximei-me a fim de ajudá-las em sua busca. Encontramos um saco plástico em que estavam seus trabalhos iniciados e os retalhos que tinham separado. Elas sorriram aliviadas e admitiram estarem estressadas devido às

crises de relacionamento entre as cuidadoras, principalmente em relação ao uso da sala de alimentação.

“A gente guarda coisas na geladeira e elas somem. Ninguém viu quem pegou. Todo mundo usa aquela sala, mas ninguém ajuda a cuidar, arrumar, varrer, passar um pano na mesa.”

Erica concordou e acrescentou:

“A gente tenta colocar um pouco de ordem, mas as mães mais encenqueiras ainda nos acusam de ser mandonas. Até a diretora da escola nos chamou para conversar para entender melhor o que estava acontecendo.”

Era mais um episódio de conflito relacionado à sala reservada para a alimentação de alunos, espaço que visava beneficiar seus filhos, mas que na história recente da instituição vinha causando muita comoção. Concordei que era uma situação injusta e desrespeitosa e perguntei às outras participantes se aquele tipo de situação também as afetava.

As demais mães concordaram e algumas admitiram ter desistido de tentar utilizar o espaço, pois quando chegavam para o período vespertino, ainda havia usuários do período matutino que, em sua percepção, praticamente se apossavam do espaço, sem deixá-las adentrar.

Parecia que a dupla de mães se mantinha como porta voz das questões mais contundentes vivenciadas cotidianamente pelo grupo. De certo modo, a queixa favoreceu o movimento de expressão e validação das sérias rivalidades que existiam não apenas entre cuidadoras do período matutino e do vespertino, mas também entre o próprio grupo vespertino. Aquele tipo de relato precisava ser acolhido ao centro da roda para que aos poucos suplantasse a dimensão queixosa e revelasse de fato a raiz de seu sofrimento, sinalizando caminhos para mudanças e melhorias.

Era clara a correlação entre a perda dos objetos na sala de alimentação e o temor de perder o material de artesanato. A manifestação de sentimentos de indignação e desconfiança encontravam nas rodas de artesanato espaço propício para a projeção de conteúdos emocionais que, ao serem expressos e acolhidos, já permitiam certo alívio de

sintomas. No entanto, encontrar o material bem guardado e protegido mostrava concretamente que seu espaço de subjetividade estava preservado dentro do grupo.. As projeções de emoções sobre os materiais podiam se manifestar em fluxo inverso, ou seja, favorecia que experiências de respeito, confiabilidade, e ajuda mútua ultrapassassem o universo simbólico do grupo vivencial aliviando os temores e cansaços da vida concreta e cotidiana.

Também, em termos de conteúdo, a queixa do grupo reiterava a dificuldade de permanecer muitas horas sob as regras da instituição, e em meio à convivência de um grupo grande de pessoas donas de hábitos diferentes frente a tarefas como lidar com a organização do espaço. Ao serem impedidas de utilizar a sala para suas necessidades plenas, ou para se dedicar à limpeza e arrumação a seu modo individual, muitas relacionavam-se com aquele espaço de modo negativo, afastando-se de seu uso, ou agredindo as demais usuárias.

Enquanto o grupo trabalhava, o assunto foi naturalmente mudando de foco, do sofrimento na relação com o ambiente, para o pesar interno, na relação com a maternagem. Uma participante admitiu que frequentar as rodas de artesanato permitia que ela resgatasse o antigo hábito de costurar, que foi preterido desde que se tornou mãe.

“Eu gostava de fazer essas coisas, já fiz até curso de corte e costura. Mas depois que a minha filha nasceu tive que parar. Ela tá me dando muito trabalho, quer atenção o tempo todo. Há uns dias estava com tanto ciúmes que eu não estava lhe dando atenção que ameaçou se jogar do berço. Você precisa conversar com ela!”

Abri ao grupo espaço para comentar sentimentos suscitados a partir daquela declaração. Andrea, outra participante concordou:

“Quem tem filho especial é assim mesmo. Essas crianças são terríveis, muito bagunceiras. Enquanto estou em casa fazendo o serviço, meu filho se agita na cadeira, grita, fica chamando. A gente tem que ficar o dia inteiro dando atenção.”

Achei curioso, porque o filho de Andrea era muito quieto e tranquilo em sala de aula. De fato, ocorreram poucos momentos em que ele havia se comunicado com a equipe verbalmente. Compartilhei aquelas minhas impressões e ela respondeu:

“Eu falo e ninguém acredita. Em casa ele é muito agitado e fala tudo!”

Perguntei se tinham outros filhos ou contato com outras mulheres que fossem mães, e se viam similaridades entre a criação das crianças, independente de terem ou não deficiências. Uma delas comentou:

“A minha irmã teve um filho normal e ela sofre a mesma coisa. Meu sobrinho também dá trabalho e depois que ele nasceu, ela não tem mais tempo para nada.”

Dona Rafaela ponderou. Não eram exatamente as necessidades de sua bisneta, mas sim as tarefas do lar que a impediam de durante a semana ir ao bazar próximo à sua casa comprar linha verde para bordar seu bloco de patchwork.

O desabafo das acompanhantes a respeito das dificuldades na criação das crianças e jovens escolares acionava o assunto central de nossa proposta de atendimento psicológico: o entendimento dos fatores que as inspiravam o exercício do cuidar, tangenciando a busca do que é específico de ser mãe de uma criança com deficiência e do que não é. Ou seja, de que modo a maternidade e a maternagem vivenciada pelas mulheres atendidas naquele contexto relacionavam-se ao equilíbrio de potenciais biológicos e arquetípicos, influências sócio-culturais e dinamismos intrapsíquicos. Apresentada ao longo do primeiro capítulo da presente pesquisa, a revisão da literatura sobre o assunto indicou perspectivas díspares, mas também complementares.

Relembrando os estudos de Badinter (1985) é curioso perceber que ainda nos tempos atuais a sociedade vivencia similaridades com o panorama descrito dos séculos XIX e XX. Haveria um incentivo social à perspectiva médico-científica que atribui à mulher o papel de mãe devotada e sofredora, como se fosse sua única virtude sofrer as dores do parto, e conhecer por *instinto* um misterioso repertório de técnicas que garantem o bem estar do

filho e de outros membros da família. Mesmo o relato de mulheres que exercem atividade remunerada fora de casa e sentem-se satisfeitas com seu processo de desenvolvimento intelectual e social, indicam sentimentos de culpa por se ausentar da companhia dos filhos, envolvendo o luto convivência familiar, e por perder a oportunidade de testemunhar o desenvolvimento dos filhos (Bertolini, 2002). Waiblinger (2002) acredita que tais movimentos psíquicos estão relacionados aos mecanismos sociais que incentivam a mulher desde sua mais tenra idade a exercer o papel de cuidadora, conforme compreende Tupy (2003).

Lendas, mitos, histórias, narrativas, acalantos, contos de fadas, cantigas de roda, brincadeiras infantis, preceitos religiosos são, entre outros, exemplos das inúmeras alternativas de catequese que predestinaram a um inexorável destino feminino: o servir a alguém, o existir para o outro, e o realizar-se fora de si. Paradigmas que fundamentaram a construção milenar da identidade de uma mulher, a eterna exaltação de seu papel de filha, esposa e mãe. (p. 23)

Waiblinger (2002) também busca referências culturais que indiquem o potencial heróico das mulheres cuidarem e zelarem pela vida do outro, mesmo que o indivíduo não seja seu filho.

(...) Na fábula “dos seis cisnes” a fiel irmã precisa tecer camisas para os irmãos transformados em cisnes, para que eles possam ser libertados. Nesse caso, o feminino é tecelã e redentora. Isso toda mulher sente em relação a si própria: assim que ela sabe que está grávida, ela se apressa a fazer crochê, a tricotar ou costurar a primeira peça de roupa para o seu nenê. Mesmo mulheres que estão na companhia de uma outra grávida — a avó, as tias ou as amigas — sentem a força deste evento arquetípico e iniciam trabalhos manuais para o filho que está para chegar. (p.37)

Na perspectiva da autora, há situações em que a mulher vivencia intensa identificação com o arquétipo da Grande Mãe de modo a esquecer-se de si mesma e projetar sua felicidade na felicidade do outro. A medida de seu altruísmo e sacrifício, ou seja, o valor e a bondade poderiam ser avaliados pela saúde e felicidade daquele que recebe seus cuidados.

Tomaz (2009) ao acompanhar cuidadoras de crianças em tratamentos cardíacos também identificou relatos semelhantes, ao identificar no teor das frases popularmente divulgadas pelas próprias mães a imposição do dom de proteger, amar e suportar sofrimentos.

Na nossa sociedade, outras noções sobre a maternidade podem ser apreendidas por meio de expressões populares como “ser mãe é padecer no paraíso”, “Mãe é mãe”, “Deus não pode estar em todos os lugares e por isso fez as mães”, “Coração de mãe sempre cabe mais um” que colocam a mãe como fonte de sacrifício, potência, abnegação e dedicação incondicional. (p. 106)

As agruras da maternidade se manifestavam na população atendida em reabilitação de modo muito semelhante ao descrito por Tomaz (2009) e identificado na literatura consultada. As acompanhantes se mostravam profundas conhecedoras das necessidades não-verbalizadas, das características de personalidade e de potencialidades dos alunos que muitas vezes eram desconhecidas por outras pessoas, como a habilidade de comunicação verbal de seu filho, relatada por Andrea.

Era natural que a condição da deficiência impactasse profundamente e por muito tempo a vida das acompanhantes. Reiteradas vezes quando mencionavam os motoristas das vans públicas ou o senhor aposentado que frequentava as aulas de pintura no clube da região, podíamos pensar o quanto a ausência de homens nas rodas de artesanato podia sinalizar para a ausência de maridos, pais, irmãos e outros familiares na rotina escolar, refletindo, de modo mais amplo, na ausência em outros aspectos da vida das mulheres e de seus filhos. A falta de apoio familiar, o desamparo social, e o excesso de tarefas muitas vezes as impediam de exercer plenamente outros aspectos relativos à plenitude de suas personalidades, por exemplo, em relação ao trabalho, aos estudos, ao lazer e aos contatos sociais mais amplos (Amiralian, 2005). Nesta perspectiva era possível considerar que vivenciavam em certa medida as restrições e conflitos psicossociais da deficiência. Amaral (1995) ilustra profundamente a questão, comprando as doze heróicas tarefas impostas ao personagem Hércules da mitologia grega às repercussões biopsicossociais vivenciadas pelos familiares e cuidadores de pessoas com deficiência.

Quanto mais as cuidadoras se mantinham doadoras e zelosas, negando sofrimentos e seus próprios interesses (Galiás, 2001), mais suas angústias, inconformismos e preconceitos eram mantidos na dimensão sombria e projetados no mundo externo, na deficiência física, na malcriação do filho, nas regras intolerantes e inflexíveis da instituição, nas mães de outro período que frequentavam a sala... enquanto o grupo de acompanhantes se identificavam exageradamente com o papel de vítimas de exclusão, de maus tratos e de desrespeito.

Ampliando a discussão, vale lembrar que independente de serem mães, avós, tias ou cuidadoras contratadas, as experiências das cuidadoras apresentavam similaridades, mas também certas diferenças.

De acordo com Jung (1939/2008) o potencial misterioso e protetor do feminino naturalmente é projetado pelo bebê na figura mais próxima da mãe que, na maior parte das vezes, é a mãe e se dedica aos cuidados primais. Progressivamente a projeção se desloca para outras figuras femininas, como por exemplo, a avó. O relato das participantes da presente pesquisa revelou que aquelas que não eram mães, mas assumiam o papel de cuidadoras em todo o seu sofrimento e altruísmo, resgatavam de certo modo o sentido de suas vidas. A escolha benevolente e corajosa, apesar de todas as dificuldades, permitia preencher seu tempo e recuperá-las da sensação de vazio e inutilidade. Talvez a questão da escolha fizesse toda a diferença, pois atendia a um desejo, a um comportamento que encontrava ressonância interna.

Por outro lado, as mães biológicas eram as participantes que mais formulavam queixas relacionadas tanto às situações cotidianas, como ao comportamento dos filhos, revelando cansaço e desmotivação, admitindo sentirem-se sobrecarregadas e impedidas de escolher realizar outras atividades. Uma das maneiras de compreender a diferença de percepção entre as mães e as demais mulheres era que, de alguma forma, as mães biológicas poderiam nutrir fantasias de culpa a respeito de não ter conseguido gerar e/ou manter a saúde plena de seus filhos. Sentimentos de baixa auto estima e inabilidade puderam ser observados, por exemplo, no relato de uma mãe, admitindo o quanto aprender ponto cruz a surpreendeu e melhorou sua auto-estima, pois anteriormente acreditava-se incapaz de realizar algo que admirasse.

A impactante experiência de perda pelo filho idealizado, necessitava de constante revisão e elaboração, pois envolvia tristeza, decepção e raiva, como era observável por meio das queixas, conflitos interpessoais, intolerância às diferenças, e resistências ao nascimento de ideias e novas possibilidades. Vale lembrar o sorriso desdenhoso de Gabriela diante da apresentação dos objetivos das rodas de artesanato, ou a postura crítica que ela e Erica revelaram na interação grupal em situações menos estruturadas em que se primava pelas experiências de tentativa e erro.

Alguns tipos de deficiência por sua característica e gravidade remetem a experiências de invalidez. Porém, sentimentos de limitação, imperfeição e insuficiência possuem raízes arquetípicas que ultrapassam as deficiências, atingindo a humanidade em diversas

instâncias, gerando intensos temores e rejeição. De acordo com Guggenbühl-Craig (1983), a invalidez

sempre acompanhou a nossa existência, seja por meio de deficiências congênitas ou por experiências e fatos da vida que vão nos tornando menos inteiros, dificultando o funcionamento de órgãos e sistemas. Feridas da alma ou lacunas inatas são também fatores que podem dificultar o mau funcionamento de nossas habilidades mentais (p.105).

Em sua polaridade mais sombria, a experiência arquetípica relativa à invalidez se manifesta a partir de uma identificação exagerada com os aspectos negativos do arquétipo do inválido, cindindo por um lado incapacidades e limitações, e por outro os aspectos heróicos do cuidador abnegado e sofredor. Tal mecanismo era observável na cristalização das mães no papel de cuidadoras sofredoras e abnegadas, referindo-se aos filhos como “malcriados, ciumentos e bagunceiros” que demandam cuidados e atenção constantes.

À medida que se instaura uma díade cuidador-inválido engessada, em que um existe em função do outro, as queixas tornam-se perpétuas. O filho se mantém dependente e a mãe superprotetora, ou

demasiadamente preocupada com alimentação e calor; há uma ausência de moralidade, não há ideais, não há espírito; para ela existe unicamente seu filho [ou indivíduo sob cuidados] no centro do mundo, um instrumento usado pelo poder e domínio, um prolongamento biológico dela mesma. (Guggenbühl-Craig, 1983, p. 105)

Corria-se o risco das mães manterem suas próprias limitações inconscientes e, deste modo, seu cansaço, suas fragilidades manifestarem-no no excesso de queixas, críticas e comportamentos de vitimização. Em alguns momentos, quando eram excessivamente impulsivas, agiam como se parte de suas existências também fosse inválida e necessitasse de ajuda para encontrar seus trabalhos iniciados e perdidos, ou para tornar suas tardes melhores, ou ainda para arrumar as cadeiras e material de volta aos devidos lugares.

Porém, à medida que todo evento arquetípico possui natureza bipolar, as experiências frente à invalidez permitem também a ampliação da consciência e mudanças no modo de ver e lidar com o mundo. A capacidade de aceitação da vulnerabilidade humana, suas limitações e necessidades, justificavam a tendência das cuidadoras doarem seu tempo e carinho aos alunos e também criarem com as rodas de artesanato uma rede de suporte e ajuda mútua.

O arquétipo da mãe quando aparece com Eros, entretanto, ama seu filho de forma desprendida; deseja o melhor para sua alma, espera que lute por outros valores, que desenvolva o espírito e os ideais que ela como mãe acredita importantes para o grupo, a nação ou mesmo a humanidade. (Guggenbühl-Craig, 1983, p. 105)

As complexas experiências entre mães e filhos com deficiências e os mecanismos de rejeição à invalidez podem ser ilustradas por trechos da mitologia grega, a partir da história da deusa Hera que enciumada com as constantes traições do marido decidiu gerar um filho sozinha. No entanto, ao constatar que seu filho nasceu manco e com os pés tortos, a deusa sentiu-se tão frustrada e humilhada que imediatamente o rejeitou jogando-o pela janela, para fora do Olimpo. Hefesto caiu nas profundezas do mar, onde foi acolhido por duas deusas que viviam numa gruta. Durante o tempo de asilo, aprendeu com suas mães substitutas diversas artes e desenvolveu habilidades de “artífice, ferreiro, artesão, criador de objetos mágicos, jóias, armas, armaduras, armadilhas, dotado de fértil criatividade” (Cordeiro e Palomo, 2007, p.186). Por ter conhecido a dor do orgulho ferido e da rejeição de sua mãe, Hefesto inspira a compreensão de experiências psíquicas relacionadas à dificuldade de aceitação das feridas, limitações e incapacidades. No entanto, o potencial terapêutico das rodas de artesanato, residiam justamente no aspecto habilidoso Hefesto, que ao se tornar um artífice demonstrou que a dor e a rejeição podem ser transformadas por meio do trabalho e das artes.

Outro trecho da mitologia relacionada ao Feminino, mais especificamente à frustração e ao sofrimento da mulher identificada com o arquétipo da Grande Mãe, é a história da deusa Deméter cujo vínculo simbiótico, superprotetor e dominador em relação à filha Perséfone, culminou em experiências de ódio e destruição. Diante da união de sua jovem filha com o deus Hades, Deméter enciumada e possessiva lançou uma vingança que tornou a terra estéril, impedindo a fertilização dos campos e o cultivo do alimento, destinando os seres vivos à morte. Transpondo os aspectos do mito para a realidade das cuidadoras, era possível que cuidar e zelar em excesso, fomentasse o desejo de que os filhos correspondessem de modo integral às suas expectativas. No entanto, as cuidadoras tinham que lidar com os desafios emocionais de um corpo que, ao mesmo tempo em que usava fraldas e era dependente de cuidados íntimos como um bebê, também apresentaria características da puberdade, como nascimento de pêlos pubianos. Quando seus filhos deixavam a infância e tornavam-se jovens, e apesar de suas limitações desenvolviam

capacidades de escolher e expressar suas preferências e subjetividades, suas cuidadoras deviam ser capazes de transformar o pesar e o desespero de Deméter em otimismo, cooperação e incentivo.

Neumann (1991) justificou a importância de oferecer cuidados em benefício da saúde mental da mãe, principalmente para que no contexto das deficiências vivenciasse os aspectos do arquétipo da Grande Mãe além de sua polaridade terrível, situação em que se utiliza a figura do filho como forma de preencher o vazio de sua existência, o que “as torna não apenas não-criativas, mas também impotentes ou frígidas.” (p.55)

No atendimento à população de familiares de alunos com necessidades educativas especiais, Jesus (2003) propôs uma “releitura de sua condição, de sua percepção sobre filhos com necessidades especiais, bem como de suas possibilidades de assumir um novo papel para si – o de sujeito que se compromete com o meio numa relação criativa e modificadora.” P. 113. A autora verificou queixas semelhantes às explicitadas nas rodas de artesanato, ou seja, a identificação maciça das mulheres com o papel de cuidadores, as críticas exacerbadas em relação à equipe, o sofrimento de ver o filho deficiente sofrer preconceito social, e o estabelecimento de relações transferenciais em relação à escola que revelavam dependência e passividade. No entanto, o atendimento psicológico favoreceu que reconhecessem em si próprias a fonte de suas aspirações e decepções, deixando de projetar no filho e na instituição sua angústias de inabilidade e incapacidade.

Além de acolher e compreender o desabafo expresso pelo grupo, as rodas de artesanato também propiciaram a reflexão e a *ressignificação* de suas experiências (Amaral, 1995). Quando a discussão a respeito da dificuldade de cuidar dos filhos aproximou-se da compreensão de que a maternagem naturalmente envolve dedicação e certas mudanças na rotina dos pais, as acompanhantes podiam livrar-se dos seus próprios preconceitos, bem como do jugo que elas próprias se impunham: culpa, sofrimento, desvalorização, negativismo, deficiência de recursos e de prazer e, porque não dizer, de certo orgulho em desenvolver *superpoderes*.

4.1.6 A Ampliação de Personas

O trecho a seguir ilustra a continuidade destas reflexões, na busca pela realização mais plena da identidade pessoal, a partir da composição de novas maneiras de agir frente o mundo e revelando facetas da persona. Nas palavras de Estés (2007) há que se enaltecer a mulher que pode manter “as mãos não só no berço, mas também na roda do leme do mundo ao seu alcance” (p. 106) no sentido de favorecer que além das experiências atreladas à maternidade, a mulher também viva um pouco de cada sonho.

Muitas me perguntaram se eu também gostava de artesanato, e se eu sabia fazer alguma coisa. Respondi positivamente, contando brevemente minha afinidade com o artesanato por ensinamento de minhas avós quando criança, e de amigas ao longo da vida. Elas perguntaram qual técnica eu preferia, bordado, tricô ou crochê. Disse a elas que não era especialista em nenhuma técnica, gostava de aprender várias técnicas e variar de acordo com a época, com a necessidade ou a ideia que vinha à cabeça. Também compartilhei que, assim como elas, em muitos momentos da vida tive que me engajar em outros projetos pessoais e profissionais e optar por não me dedicar tanto ao artesanato como eu gostaria. Mas acreditava que trabalhar com artesanato naquele momento também seria uma forma de resgatar meu antigo interesse e uni-lo ao momento profissional.

Há que se refletir sobre diversas situações na vida em que as potencialidades inspiradas pelo Feminino, enquanto arquétipo descrito por (Neumann, 2006), como o caráter de transformação, a espiritualidade, a inspiração e a força auxiliadora que “presidem o novo que está por nascer” (p.41) devem ser evocados: no cuidado de nossa dimensão mais autêntica, preservando interesses, aspirações e no acesso ao potencial criativo.

Ao mesmo tempo em que as acompanhantes eram cuidadoras de alunos, crianças e jovens em formação, também deveriam ser cuidadoras da própria *criança interior*, como é chamado “o campo de energia para o espontâneo, para a riqueza das ideias, para todas as ideias e impulsos criativos. A criança (...) é a força da transformação, da força do amor, a luz

do futuro.” (Waiblinger, 1992, p.52). Ainda que haja momentos em que os desejos profundos têm que ser mantidos em espera, em prol da realização de outros objetivos, há maneiras de conciliar interesses, adaptando as potencialidades e talentos pessoais às demandas da vida em sociedade.

A curiosidade do grupo em compreender qual era a minha relação com artesanato foi muito interessante ao revelar o estabelecimento de uma relação transferencial. O grupo intrigava-se frente à possibilidade de ampliar seu modo de agir na instituição, sendo ouvidas e valorizadas em seus conhecimentos. Já não eram apenas receptoras de informações ou rebeldes e transgressoras. A partir da proposta de ao mesmo tempo serem aprendizes e mestres de artesanato, eram convidadas à novidade de viver concomitantemente dois pólos de uma mesma realidade (Freitas, 1990).

Surpreendia-as também que o artesanato, conhecimento popular e pouco valorizado pela sociedade moderna em termos financeiros, pudesse ser valorizado por mim que, de certa maneira naquele grupo, representava um estilo de vida dedicado à profissionalização da mulher e ao interesse científico. Era mais uma oportunidade para refletirmos sobre os diversos papéis que se revezavam, ou que se interpenetravam, compondo a harmoniosa maneira de cada pessoa existir como indivíduo.

A partir de nossa conversa naquela tarde, e da tarefa cumprida de localizar o trabalho de Gabriela e Erica, sugeri novamente que fizessem uso dos saquinhos plásticos, guardassem seus trabalhos e escrevessem seus nomes, para que pudéssemos localizar seus materiais facilmente nos próximos encontros. Elas foram as únicas a permanecer na sala após o término do grupo. Enquanto ainda conversavam a respeito de várias dificuldades enfrentadas no uso coletivo da sala de alimentação, ambas mostravam-se sorridentes e colaboravam na arrumação da nossa sala. Ao deixarem a sala me desejaram bom final de semana.

Senti na atitude de Erica e Gabriela um movimento de aproximação relevante. Sua presença até o final me pareceu uma demonstração de gratitude, de desejo de participar e zelar por aquele espaço. Já não precisavam exhibir tanto sofrimento, agressividade ou desconfiança pois suas contribuições eram aceitas, e poderiam agir sem serem consideradas “mandonas”.

No quarto encontro a maioria das participantes localizou rapidamente seus trabalhos e dedicava-se à confecção do bloco de patchwork. As participantes mais concentradas no trabalho conseguiam compor a junção dos retalhos coloridos encaixando-os com um quebra cabeças, sem deixar buracos que revelassem o pano de fundo. Então passavam o trabalho a ferro a fim de assentar as bordas dos tecidos para alinhavá-los grosseiramente, preparando o campo para os bordados decorativos à mão livre. Muitas participantes não sabiam como bordar à mão livre, e aceitaram conhecer alguns pontos e desenhos no livro e nas revistas que disponibilizei de meu acervo pessoal. Paula deu a dica de usar cores harmoniosas para trabalhar a borda de cada pedaço de tecido. Apresentei uma caixa com fitas e outros materiais decorativos e ofereci agulhas, linhas e miçangas. Escolhiam o material e pediam ajuda umas às outras, improvisando e adaptando pontos de bordado.

Fotografia 5. Crazy patchwork, um quebra-cabeças criativo

Enquanto iniciavam suas incursões no mundo dos bordados pareciam alternar comportamentos de recolhimento, concentração e silêncio, e euforia, agitação, e interação social. Seu comportamento lembrava o próprio desenho da linha colorida em suas idas e vindas pelo pano de fundo – o eterno mergulhar nas profundezas do desconhecido e do invisível para ressurgir à luz da visibilidade, da consciência.

Exatamente no sentido de afirmar o potencial meditativo e fantasioso do bordado recorro novamente ao contexto de mães e acompanhantes que esperam o tratamento médico de crianças que apresentam fragilidades físicas, e ao entendimento compartilhado pelo psicanalista Nosek (2008) na introdução do catálogo da exposição de trabalhos em bordado promovida pela ACTC.

O bordado tem uma característica particular: trafega em frente e verso, é um desenhar que também tem uma face oculta e uma face visível. Imita, portanto, a natureza dos sonhos. Parece permitir o espaço em que, acordadas, as mães podem realizar este processo tão necessário de pensar e elaborar o que é necessário para o trajeto de vida naquele momento. Permite a construção de imagens e cria o período de tempo em que os sonhos se estabelecem. Bordando se permite este “ócio”, onde o trajeto de pensamentos sem consciência se estruturam. A partir dessas construções, as mães podem estabelecer os recursos necessários para a retaguarda que seus filhos precisam, a fim de seguir no caminho que se lhes apresenta. (p.11)

De acordo com Tomaz (2009), diante de um mundo marcado por regras o bordado a mão livre seria uma importante aquisição, exigiria paciência, abertura para aprendizado e ligação com o mundo interno. Em minha compreensão, bordar seria uma espécie de aventura por caminhos desconhecidos, de testagem, de pesquisa nos livros, de aprendizado, de invenção, de adaptações, permitindo que deixassem o crivo quadriculado do ponto cruz e encarassem o tecido sem crivos, totalmente em branco e, desse modo, fossem convidadas a adentrar num estado de criação mais próximo à fantasia.

Erica e Gabriela irromperam a sala já quase no final do encontro. Estavam transpirando e muito agitadas. Demonstraram não ter disposição para o trabalho artesanal naquela tarde, queriam conversar, compartilhar com as colegas um desabafo.

“Precisamos passar um fax para a coordenação do Atende para desmarcar o serviço na emenda do feriado. Pedimos para alguns funcionários da instituição passarem o fax em seus setores, mas disseram que não podiam.”

Começou uma discussão no grupo a esse respeito. Algumas mães queriam entender porque o fax tinha que ser enviado. Elas explicaram que se não avisassem com antecedência poderiam ser punidas com a suspensão do serviço. Algumas comentaram que havia uma papelaria nos arredores, mas não seria possível ir até ela e voltar antes do horário de saída dos alunos. Sugeri que procurassem o serviço social para orientações aquele respeito. Elas concordaram e deixaram suas bolsas e sacolas para se informar.

O encontro chegava ao fim, o material, as mesas e cadeiras eram recolhidas e algumas mães já deixavam a sala, quando a dupla retornou satisfeita por finalmente ter conseguido que um determinado setor da instituição fizesse o favor de enviar o fax.

“Conseguimos desta vez, mas fomos avisadas que teríamos que ter ido procurá-las com antecedência. Da próxima vez não vamos pedir favor para ninguém, não. Vamos direto lá na papelaria. Muito chato ficar dependendo do favor das pessoas e ouvindo sermão!”

Antes de saírem, me desejaram bom feriado.

O desejo de Erica e Gabriela em prolongar o feriado remetia à ânsia por descanso e liberdade compartilhada pela maioria do grupo que naquelas ocasiões costumava fazer um acordo não-oficial de faltar à escola. Apesar de genuíno, tal desejo exigia certa adaptação à realidade das burocracias, como a comunicação do fato com antecedência à empresa de transporte. Havia outras maneiras de ter resolvido aquela questão, como alegaram algumas mulheres que entregaram com antecedência o comunicado, ou contrataram na papelaria o envio do fax.

Como coordenadora do grupo era co-responsável por proteger o enquadre e a experiência emocional das participantes que atingiam estados de quietude e concentração e se dedicavam à experiência íntima com o artesanato. Por outro lado, o fogo da lareira também deveria aquecer aquela parte mais tumultuosa e demandante que fazia parte da realidade grupal.

Considerando que somente quando o ego atinge um controle mínimo sobre os problemas práticos da vida diária é que se pode atingir um estado de apaziguamento necessário para o desenvolvimento profundo, ou “para refletir em silêncio e sensatamente sobre seu lugar no esquema maior das coisas” (Singer, 2002, p.80), provavelmente eram as participantes mais agitadas que expressavam os conflitos que precisavam da continência oferecida pelo círculo. Quem sabe à medida que eram depositados no centro de nossa lareira, os conflitos pudessem ser reconhecidos e transformados? Ao chegarem atradas aos encontros das Rodas de Artesanato e irromperem na sala de modo abrupto e agitado, demonstravam sua dificuldade em se organizar frente às regras em geral, incluindo o funcionamento do serviço de transporte, e tantas outras situações que sempre acompanharam suas histórias no cotidiano da instituição. Porém, ao serem aceitas, ouvidas, questionadas e orientadas poderiam, enfim, harmonizar o processo de realização da natureza pessoal mais profunda e as demandas do ambiente. Tal processo chamado individuação consistiria em viver da melhor maneira possível, o que não significaria a busca pela perfeição, mas sim pela ampliação do conhecimento, pela busca por maior equilíbrio e conciliação das situações opostas.

Ser tudo o que ela pode ser exige que a mulher mantenha sua capacidade de avaliar as exigências de sua alma e as do mundo com flexibilidade suficiente para saber que completar não quer dizer atingir perfeição. Ela precisa deixar que a alma, como órgão da consciência, se torne permeável aos dois lados: às suas experiências/ interiores e ao impacto do ambiente. Sua visão do que é possível necessita ser implementada no mundo do aqui e agora. (Singer, 2002, p. 350)

O artesanato em si, enquanto atividade expressiva e repleta de potencial simbólico poderia ser de grande ajuda para o processo transformador psíquico. Práticas culturais e histórias comprovam que a prática possui raízes arquetípicas evidentes em relação ao arquétipo Feminino. Diversos contos de fadas, representações mitológicas e religiosas, entre os egípcios, gregos, romanos, germânicos e maias, relacionam o artesanato a figuras femininas, como as Grandes Deusas que tecem a vida e o destino. “Atividades tais como o tecer, o trançar, o coser e o alinhar pertencem ao rol das atividades da mulher que governam o destino, cuja natureza é ser a Grande Tecelã e a Grande Fiandeira” (Neumann, 2006, p.200). A título de ilustração, Tomaz (2009) e Waiblinger (1992) mencionam inúmeros exemplos de personagens na mitologia, nos contos e na cultura popular que representam o Feminino como detentor da vida e do destino, e muitas delas trazem nas mãos aparatos como roca, agulhas, teares e fios. Na mitologia as deusas Ariadne, Atena e Aracne, as

Moiras¹⁷, Ísis entre os egípcios; na música popular brasileira Mulher Rendeira e A Velha a Fiar; nos contos de fadas A Bela Adormecida, Os 12 Cisnes Selvagens, As Fiandeiras, A Moça Tecelã e a Mamãe Neve.

Sob o ponto de vista da psicanálise winnicottiana, Aiello-Vaisberg, Silva, Granato e De Felice (2001) estudaram a usual prática do tricô entre mulheres gestantes em nossa cultura e consideraram que as roupinhas e mantas tecidas além de simbolizarem um útero externo pronto a recepcionar o bebê, tão logo seja expelido pelo útero real representam também o ser humano concreto e ainda desconhecido que está sendo gerado, preparando a mulher para o estado de preocupação materna primária, necessária para o estado devocional da maternagem. Além disso, a prática do tricô conteria o estado de angústia devido à passividade da espera, na medida em que seria um modo de se manter em atividade e criação.

Por outro lado, Pattis (2000) alerta para o fato de a maternidade e as atividades criativas serem instâncias que ocupam espaços tão semelhantes na alma e exigem tanta atenção, energia e paixão a ponto de serem “difícilmente conciliáveis” (p.136). Isso pode explicar a sensação das acompanhantes de que após o nascimento dos filhos tiveram que abandonar suas antigas práticas artesanais. Deste modo, a autora discute a existência de inúmeras outras forças do Feminino, além da postura maternal de eterna solicitude, exemplificada pela deusa. O artesanato oferece oportunidade de refletir sobre a importância do desenvolvimento de outras habilidades do Feminino, de forças psíquicas como as representadas pelas deusas Ártemis e Atenas.

Ártemis contemplaria a força individual da mulher aplicada ao auto-cuidado, à luta pela preservação de seus interesses e de sua liberdade. Atenas representaria a racionalidade, a capacidade de analisar as situações e ser capaz de propor soluções, além das pressões emocionais, ilusões ou desejos. O potencial arquetípico evocado por Atenas combateria o predomínio dos sentimentos que, na prática, subtrairiam a energia psíquica,

¹⁷ As Moiras na mitologia grega, Parcas na mitologia romana ou Mornas na mitologia Germânica, são três deusas responsáveis pela sorte, fortuna ou pelo percurso da vida humana, representando a caráter tríplice do arquétipo da Grande Mãe como detentora da vida. São representadas por Nona ou Clato, que fiava em sua roca (no útero materno) a vida por nove meses, Décima ou Láquesis, que após a saída do útero cuidava da extensão da vida terrena do indivíduo, e Morta ou Átropos que era quem cortava o fio da vida com sua tesoura. (Waiblinger, 1992)

impedindo o pleno desenvolvimento da personalidade. Seria o domínio das técnicas e sua justa execução, que conferia à deusa grega Atenas à função de protetora dos artesãos? (Bolen, 2007)

Frente a tantas peculiaridades que envolveriam os quadros de deficiência física, seria difícil se dedicar a crianças e jovens que demandavam cuidados a longo prazo, sem superprotegê-los ou negligenciá-los. Considerava que a prática de artesanato permitiria às dedicadas mulheres retomarem também o controle de seu tempo e de aspectos de suas vidas, inspirando-se em diversas instâncias pelo poder criativo e criador do Feminino.

4.2 O PROCESSO

A partir do sexto encontro era possível perceber que os encontros das rodas de artesanato se tornavam rotineiros, consolidando alguns hábitos. Esporadicamente recebíamos doação de retalhos de tecidos e restos de lãs que as próprias participantes angariavam junto a pessoas conhecidas. Algumas traziam seu próprio material comprado durante a semana para a realização de um projeto particular, que era trazido ao grupo para ser compartilhado, mesmo antes de finalizado.

As participantes mais assíduas revezavam-se, comparecendo em torno de cinco a sete mulheres por encontro, mas preocupando-se em justificar suas faltas nas semanas seguintes. Quando chegavam adiantadas sentavam-se na área de espera em frente à sala de nosso atendimento e iniciavam seus trabalhos de artesanato enquanto conversavam animadas em alta voz. Quando adentrávamos a sala, o espaço de trabalho era montado em conjunto, com a ajuda de todas para ajeitar a mesa ao centro, distribuir cadeiras e retirar o material do armário. Também ao final do grupo esforçavam-se para organizar o material de volta às caixas e prateleiras. Havia mulheres que compareciam esporadicamente, ou chegavam um pouco atrasadas. Algumas compareciam sozinhas, outras junto a pequenos grupos de amigas mais próximas. Acompanhantes de alunos que nunca tinham participado pediam para nos conhecer ou conhecer ver os nossos trabalhos. Também acompanhantes de

peessoas que não estudavam naquela escola, crianças ou adultos, de vez em quando paravam à nossa porta curiosas ao perceberem o movimento de pessoas em torno do artesanato e algumas chegaram a pedir para participar.

Entre as cuidadoras dos alunos, das vinte e sete mulheres que participaram ao menos de um encontro das rodas de artesanato, algumas voltaram nas semanas seguintes, outras não voltaram mais. Algumas participaram do encontro inicial, deixaram de participar por meses, mas ressurgiam em encontros no final do ano. Algumas participavam do grupo como uma ventania, efêmeras e cheias de energia, mas sem se fixar. Outras eram discretas, começavam vagarosamente e em silêncio e aos poucos revelavam seu interior, como o desabrochar de uma flor em botão.

Houve momentos em que participantes adentravam a sala com o rosto enfurecido, reclamando de briga com outras mães ou com funcionários da instituição. Em outros momentos aproveitavam o espaço para relatar situações em que seus filhos manifestavam comportamento voluntarioso, a fim de buscar dicas ou pedir ajuda. Esporadicamente alguém apresentava-se esbaforida, ao chegar atrasada, falante e animada, de algum passeio ou compromisso externo. Em todos os casos, era possível acreditar que estivessem buscando um espaço para afirmarem suas individualidades.

No papel de coordenadora dos encontros procurava acompanhar suas explosões de ideias, a voracidade frente ao material, as inúmeras sugestões de materiais, técnicas, inovações e adaptações, bem como críticas e pedidos de ajuda, que compunham o self grupal como numa ciranda de complementaridades.

Aparentemente as queixas mais estereotipadas tinham sido apaziguadas. Havia um movimento de concentração, de dedicação ao trabalho artesanal em si. Cada mulher cuidava de seu bloco de patchwork, mas trocava ideias e planos a respeito de como alinhavaria os retalhos, quais bordados utilizaria, sobre as tentativas de aprender a fazer um determinado ponto que viu nos livros ou nas revistas. Outras que necessitavam de ajuda eram orientadas pelas colegas e por mim.

Andrea já tinha terminado a junção de retalhos e os bordados de seu bloco de patchwork. Ainda não sabia o que faria com ele, mas sentiu vontade de costurar uma flor em fuxico e aplicá-la ao centro. O resultado ficou lindo, o grupo demonstrou admiração e a parabenizou.

Fotografia 6. O jardim florido de Andrea, retalhos e fuxicos

Paula referiu também ter terminado seu bloco, mas esqueceu de trazê-los para vermos. No entanto, a experiência de bordar a remeteu aos antigos bordados a mão livre feitos em enxovais. Sentiu vontade de bordar mais, então levou para vermos o pano de prato com desenhos de paisagens e de coloridas vaquinhas abraçadas e sorridentes no qual vinha trabalhando.

Fotografia 7. O alegre e amistoso bordado da vovó no resgate da ludicidade

4.2.1 Espaço Ritualístico

As rodas de artesanato foram concebidas como um espaço propício ao encontro entre as mulheres e seu grupo, e das mulheres com aspectos de si próprias. Neste sentido, o enquadre zeloso buscava proteger a experiência subjetiva da relaxamento e fantasia e, por isso, não necessitava de regras rigorosas e punitivas, mas firmes e voltadas para o objetivo central de proteger o espaço de partilha, apaziguamento e democracia.

Tratava-se de um grupo aberto, ou seja, participantes em situação de espera podiam participar do grupo a qualquer momento. Esta característica do enquadre favorecia o natural revezamento das participantes, justificado por compromissos escolares ou externos, problemas de saúde ou dificuldades com relação ao transporte. No total, cerca de vinte e sete mulheres participaram entre os meses de março de 2009 e março de 2010, número surpreendente na medida em que era notória a baixa adesão das cuidadoras às propostas. Especificamente no período processual, a partir do sexto encontro, o número de participantes por encontro era variável entre dois e oito pessoas, apresentando o movimento natural de revezamento que, de certo modo, demonstrava o modo como o grupo desejava, necessitava e podia se apropriar daquela experiência. Talvez o efeito de cada participação não fosse visível a curto prazo, mas como processo, e os encontros esporádicos mantivessem seu potencial simbólico, vivo e fumegante em suas psiques, mesmo fora do ambiente terapêutico e do encontro formal.

Ainda que os atendimentos psicológicos em grupos seja recomendado em instituições a fim de viabilizar a camadas menos favorecidas da população o acesso a esse tipo de tratamento, o setor de Psicologia da instituição zelava por uma flexibilidade quanto ao número de integrantes de cada grupo, respeitando a natureza e os objetivos terapêuticos, tanto quanto com a própria dinâmica psíquica do grupo. Particularmente considero que até dez pessoas por grupo seja um número recomendável, de modo num encontro de uma hora, ou uma hora e meia, se possa estabelecer um ambiente acolhedor, facilitador da expressão emocional, experimentação e integração do conteúdo psíquico emergente ao modo como preconizam Freitas (1990) e Zinkin (1998).

Pensando nos atrasos e na assiduidade irregular das participantes, questionava-me se seria necessário o estabelecimento de regras mais rígidas, como definir um número máximo de participantes ou mudar a natureza aberta dos encontros, definindo um número exato e não permitindo a entrada de novas integrantes no meio do processo. Percebia, porém, que o grupo se configurava de modo natural, possuía um movimento próprio, autônomo e que em inúmeras instâncias era positivo e salutar dentro da realidade da comunidade atendida. O grupo podia não obedecer exatamente às minhas expectativas de obter certa estabilidade quanto à assiduidade de participantes, ou um ritmo de inicialização e finalização dos projetos mais coeso e uniforme, ou até mesmo uma uniformização do número de participantes por encontro. Porém, era possível notar que acontecia um processo de transmutação de sentimentos e experiências próprios e que, desta maneira, era importante confiar que os caminhos, mesmo que a princípio desconhecidos e incompreensíveis, continuariam se revelando ao longo do processo (Singer, 2002).

A partir do momento em que as participantes passaram a se dedicar às tarefas de manutenção do enquadre, chegando no horário, colocando a mesa ao centro da sala, distribuindo cadeiras, colaborando com doações de materiais, de certo modo vivenciavam maior autonomia, ou seja, capacidade de cuidar do enquadre e, conseqüentemente, de si. A rotina permitiu aos poucos automatizar os procedimentos de organização do espaço, criando a tranquilidade necessária para que a energia psíquica se deslocasse para reflexões mais profundas, ampliando as percepções acerca do processo emocional que envolvia o fazer artesanal.

O trabalho de preparação do material e da sala de atendimento no início e no final do grupo tornavam-se rotineiros. De acordo com a compreensão de Freitas (2005) nos grupos vivenciais as tarefas repetitivas e tediosas oferecem oportunidade para um estado aquietado e silencioso voltado à acomodação das experiências vividas e ao aprofundamento reflexivo, típico de atividades meditativas. Era como se arrumar a sala no início e no fim dos encontros remetesse a uma espécie de ritual que marcasse a passagem entre dois mundos: da realidade objetiva, para aquela dimensão em que o relaxamento e a imaginação eram incentivados. Singer (2002) reitera tal compreensão, referindo que nos templos religiosos, tarefas braçais como limpar e lavar fazem parte dos rituais, são também consideradas formas de oração, pois além de servirem ao propósito de cuidar e proteger o espaço

sagrado, são tarefas automáticas que exigem pouca consciência, abrindo oportunidades para outras formas de percepção e contato com a realidade.

As rodas de artesanato atualizavam a dimensão ritualística, operando na transposição da matéria prima concreta, enquanto símbolo da vida material e cotidiana, para o espaço subjetivo, ou do contato com o self. Naquele universo mais amplo de possibilidades poderiam ser conciliadas experiências de sucesso, de fracasso, de limitações, de autonomia, de dependência, de cuidar e receber cuidados.

Sob certo aspecto, as rodas de artesanato assemelhavam-se aos espaços ritualísticos, pois protegiam experiências mais amplas, emocionais, criativas, fantasiosas e imaginativas, em contraponto à vida concreta e impositiva. Ao longo do tempo, a partir de sua experiência ritualística, era possível que as rodas de artesanato se tornassem ninho acolhedor para a manifestação de temas cruciais da vida, práticas que acompanham os momentos cruciais da vida como o nascimento, a sexualidade, o matrimônio e a morte, tornando “suportáveis as passagens e mudanças” Parisi (2009, p.62).

4.2.2 Acesso ao Desconhecido

No intervalo de duas a três semanas em que trabalhávamos nos blocos de patchwork, houve uma redução do número de participantes. Alguns blocos permaneceram abandonados na caixa de papelão reservada para guardar os trabalhos em andamento. Alguns estavam acondicionados dentro de pacos plásticos com o nome das artesãs, outros não contavam sequer com a identificação.

O grupo das participantes mais assíduas continuava se dedicando à práticas de seu interesse.

Dona Rafaela desenvolvia quieta e concentrada alguns bordados em seu bloco de patchwork. Disse que não estava copiando de nenhum lugar, mas fazendo a seu modo, mesmo que os pontos ficassem errados, mais “gordinhos”. As outras participantes quiseram ver como ela estava fazendo e elogiaram, dizendo que estava ficando bom.

A mãe de uma aluna, que não se interessava por patchwork, naquela semana dedicava-se ao fuxico na expectativa de fazer uma colcha. Há alguns dias já tinha se queixado do comportamento malcriado e ciumento da filha, e admitiu que naquela semana tinham brigado novamente. Admitiu que na ocasião ficou tão nervosa que chorou. Seu marido tentou acalmá-la, dizendo que ela não podia se mostrar vulnerável e se igualar à filha. Tinha que impor autoridade.

Andrea também reforçava as queixas em relação ao filho. Disse que finalmente naquele ano ele estava demonstrando na escola o mau comportamento que exibia em casa. De fato, naquelas últimas semanas o filho de Andrea vinha apresentando alterações de comportamento em sala de aula, mostrando-se mais expansivo e expressivo, chegando a atrapalhar o desenvolvimento de algumas atividades pedagógicas.

Geni comentou que sua filha talvez fosse ser transferida para uma escola regular no próximo ano e ela temia que suas manifestações de comportamento atrapalhassem na adaptação. Questionou se eu poderia continuar atendendo a jovem mesmo quando deixasse de freqüentar a instituição.

Conversamos um pouco a respeito de tais queixas. O quanto o processo de amadurecimento dos jovens também implicava em momentos em que tentavam expandir sua participação nos espaços sociais e que, muitas vezes, por imaturidade agiam de modo voluntarioso. Discutimos algumas maneiras da família reagir em tais episódios, de modo a oferecer regras e limites, sem impedir que se expressassem e interagissem com a realidade.

Conversamos também a respeito das regras da instituição, de que a psicologia poderia acompanhar as crianças e jovens que saíssem da escola, desde que fossem pacientes do centro de reabilitação e acompanhados pelo médico fisiatra.

O assunto prosseguiu com boa parte das mães admitindo seus temores em relação à futura inclusão de seus filhos em escolas regulares. Sentiam medo e descrença, pois muitos ex-alunos conhecidos tiveram experiências ruins. Nas escolas públicas freqüentavam salas de aula superlotadas, com indisciplina geral dos outros alunos e falta de recursos adaptados às

necessidades de pessoas com deficiências. Mesmo quando os pais das crianças que iam para a inclusão escolar se sacrificavam para pagar escolas particulares, muitas vezes seus filhos eram ignorados, deixados de lado, pois no entendimento da população os professores estavam totalmente despreparados para recebê-los.

Sincronicamente naquele ponto da conversa Luciana terminou o bordado de seu bloco e se deparou com um questionamento:

“Mas... e depois que terminarmos o bordado? O que vamos fazer com os blocos?”

Perguntei o que ela desejava fazer. Após pensar por alguns instantes ela decidiu que queria fazer uma bolsa. Contei-lhes que havia muitas alternativas para a costura dos blocos e que na semana seguinte traria algumas revistas com ideias. Sugeri que para a confecção de bolsas providenciasse um pedaço maior de tecido (para as tiras que uniriam os blocos e as alças), e também de máquina de costura.

Enquanto Luciana permanecia imersa em processo imaginativo, tentando definir quantos blocos de patchwork seriam necessários para fazer uma bolsa retangular, Dona Rafaela disse que gostaria de comprar lã acrílica para fazer o recheio de uma colcha e começou a procurar nas caixas que guardavam retalhos faixas de tecidos mais longas que pudessem servir para costurar a emenda entre os blocos. Sugeri que as participantes se unissem para comprar o material que faltava. Também me propôs trazer a máquina caso necessário.

Algumas participantes perguntaram se o bloco que estavam produzindo deveria ficar para elas, ou se deveriam uni-los para fazer uma coisa do grupo, tipo uma colcha de retalhos. Achei a ideia bem interessante. Porém, na medida em que terminava os bordados a maioria planejava fazer trabalhos para si. Paula disse que compraria um tecido de lona para fazer uma bolsa mais encorpada. Luciana pediu para que eu a ajudasse a cortar nova base de tecido branco para fazer outro bloco. Andrea admirava o primeiro bloco finalizado por Luciana dizendo que se colocasse uma moldura poderia fazer um quadro.

Chegamos ao tempo final. As mães comentaram que o encontro passou muito rápido.

“Tudo o que o que é bom, dura pouco! Em casa também é assim. A gente tenta fazer um trabalho e quando está concentrada tem que parar, cuidar da casa, fazer comida!”

O grupo ajudou a guardar os tecidos e as cadeiras e saíram rapidamente, dizendo que nos encontraríamos durante a semana nos corredores da escola.

A relação sincrônica entre as dúvidas que envolviam o término dos blocos em patchwork e a finalização do período de escolarização dos alunos era admirável! Indicava uma característica relevante do clima instituído: a natureza profilática de nosso trabalho, contemplando os dramas vivenciados pelo grupo na perspectiva diagnóstica e terapêutica.

Por se tratar de uma escola de educação especial, voltada predominantemente à educação infantil e ao primeiro ciclo do ensino fundamental, os alunos que alcançavam a pré-adolescência e/ou o processo de alfabetização eram incentivados a não postergar o processo de inclusão e buscar escolas regulares em seu bairro. Porém, o processo era temido por muitos alunos e familiares, pois envolvia ter que deixar a situação conhecida e acolhedora de uma instituição especializada, para enfrentar experiências desconhecidas. De acordo com os relatos de ex-alunos, ainda que as escolas regulares gradativamente se adaptassem para acolher as diversidades, havia limitações de toda ordem, tanto em relação aos recursos de acessibilidade e tecnológicos, como em relação aos recursos humanos, pois era possível reconhecer sob o ponto de vista psicológico que muitas barreiras permaneciam arraigadas nos temores inconscientes da sociedade frente ao desconhecido e revelavam preconceitos. A partilha do grupo em torno de suas preocupações reforçava a importância do agrupamento de mulheres para elaborar situações comuns mas relevantes de sua história de vida.

Por outro lado, as elucubrações que cada integrante realizava sobre a utilidade dos blocos de patchwork demonstravam as inúmeras estratégias de enfrentamento possíveis frente ao desconhecido. Na história do patchwork foi possível verificar que a técnica em si passou de uma construção utilitária, voltada para o reaproveitamento de matéria prima, para a costura detalhada e reforçada de retalhos que possibilitavam a construção de roupas quentes e mais resistentes, até que aos poucos, com a evolução da vida em sociedade já nos

últimos dois séculos passou a ser um interessante campo de expressão artística, atendendo à construção de roupas, caminhos de mesa, bolsas, colchas, painéis para as paredes e bandôs de cortina (Medeiros & Branco, 2008). A partir de cada possibilidade aventada pelo grupo, a construção de objetos em patchwork confirmava seu potencial plástico e versátil, uma obra de arte, por isso mesmo relacionada ao contexto e às manifestações emocionais de seu criador: uma colcha uniria todos os blocos e, depois de pronta, serviria para aquecer e proteger o grupo; uma bolsa de lona seria resistente para carregar muitas coisas ou muito peso; uma bolsa retangular serviria para unir vários blocos, numa composição de diferentes ideias ou diferentes facetas da persona de uma mulher que ao mesmo tempo deve ser amorosa, prática, determinada, pacienciosa; uma colcha de fuxico permitiria um trabalho minucioso de juntar elementos bons e maus, pedaço a pedaço; um quadro seria útil para registrar o talento, para presentear.

Além dos significados atribuídos a cada um dos objetos construídos, a liberdade de escolher o que fazer com seus trabalhos revelava por si o exercício de diversos papéis. Algumas mulheres bordavam toalhinhas em ponto cruz para seus filhos usarem, mas muitas já pensavam em fazer bolsas para si, colchas e quadros. Acionavam-se elementos de diversos dos arquétipos da psique feminina, Deméter, a mãe, mas também Héstia, a promotora do aconhego e, quem sabe Afrodite, na construção de belas bolsas.

4.2.3 A multiplicidade do grupo

Naquela tarde cheguei cinco minutos atrasada, pois encerrava uma intervenção em sala de aula junto aos alunos. Enquanto subia as escadas em direção à sala de grupo encontrei Cristina, a mãe de aluno que exibia importantes alterações de comportamento. Nas últimas semanas o casal de pais havia sido convocado à escola para tratar daquele assunto e a equipe pedagógica considerou imprescindível que a mãe permanecesse na instituição durante o período de aulas, a fim de participar de algumas intervenções. A situação estava tensa, pois os pais além de estarem chateados com a piora de comportamento do filho

também teriam que mudar a organização de suas rotinas para cumprir a recomendação escolar. A mãe tinha fortes dores na coluna e costumava aproveitar as tardes livres enquanto esperava o filho para fazer atividades físicas no clube vizinho, e diante daquela situação teria que deixar seus exercícios. Vinha há algum tempo convidando a entristecida Cristina a participar das rodas de artesanato mas ela, que era proveniente de um país da América Latina, com formação superior em direito, apresentando um bom nível cultural e boa situação sócio-econômica admitiu que não tinha qualquer habilidade para trabalhos manuais. Talvez aqueles fatores fossem importantes para que percebesse no dia a dia pouca interação entre Cristina e as cuidadoras, e talvez até, interferissem na adaptação de seu filho à rotina escolar. Naquele rápido encontro na escada que levava ao andar da sala de atendimento, insisti para que participasse de nossos encontros, mesmo que fosse para conversar. Surpreendentemente Cristina resolveu aceitar o convite.

Ao nos aproximarmos já havia quatro participantes assíduas nos aguardando. Elas sorriram e comentaram:

“Ficamos em dúvida se teria o grupo hoje porque só estávamos nós. Somos as CDF’s do grupo!”

“As mães vivem reclamando da vida e dizendo que não têm nada para fazer. Mas não levam nenhuma atividade a sério!”

De modo generalista atribuíram ao *grupo de mães* uma dificuldade em se engajar nos projetos propostos pela instituição. Disseram que a maior parte delas preferia sair, passear, ou ficar conversando com os amigos nos arredores da instituição, do que assumir o compromisso de participar de um curso ou de uma proposta séria. Citaram novamente as aulas de pintura em tecido que ocorrem num clube vizinho. Apesar de não saberem pintar muito bem, faziam questão de se reunir toda semana. Lá conversavam, se divertiam, comemoravam aniversários e outras festas de confraternização.

Justifiquei meu pequeno atraso e reiterei que trabalharíamos juntas, independente do número de participantes. Que as rodas de artesanato eram um espaço aberto, e que cada

pessoa escolheria como participar dele, desde que se identificasse com a proposta. Relembrei que havia muitas pessoas que não se identificavam com trabalhos manuais e que o próprio grupo teria que pensar em outras atividades que pudessem ser úteis e prazerosas, e propor tais projetos para a instituição.

Logo que nos acomodamos na sala ofereci ensinar a Cristina o tricô de dedo. Ela escolheu um novelo de lã amarelo e começou a treinar.

Aos poucos foram chegando outras participantes e naquela tarde, Andrea demonstrou-se mais falante e agitada. Trouxe-nos uma reclamação acerca das dificuldades de relacionamento com outros usuários do Atende, que embarcavam na van antes do que ela e pegavam os melhores lugares. Remeteu-se às semelhanças dessa situação também em relação ao uso da sala de alimentação, pois algumas mães que chegavam antes não cuidavam de sua arrumação e limpeza.

Concordei que além das dificuldades da rotina, de terem que acompanhar seus jovens e crianças em terapias e aulas, era desafiante ter que lidar com as dificuldades do relacionamento interpessoal. Pelo que me relatavam, entre o próprio grupo de acompanhantes havia pessoas pouco colaborativas.

As mães que frequentavam a instituição há mais tempo revelaram que a situação das acompanhantes mudou diversas vezes. Houve tempos em que tinham que esperar o período de aulas em frente às casas da vizinhança. Outros em que por reclamações de vizinhos sobre o excesso de barulho na porta de suas casas, foram proibidas de permanecer nas redondezas. Houve também a proposta de que ficassem numa salinha no clube da vizinhança, porém tinham que permanecer reclusas, não podiam circular pelo clube, nem entrar e sair da sala quando quisessem, e era obrigatório o uso de roupa social. A sugestão não foi aceita principalmente porque a saúde de seus filhos era instável, o que exigia que tivessem liberdade para ir ao encontro deles a qualquer momento, para ofertar algum medicamento ou acompanhar crises convulsivas. Além disso, a rotina de cuidados exigia que usassem roupas simples, que as facilitassem carregar os filhos no colo.

Eu já tinha ouvido alguns comentários a respeito das épocas que envolviam tais situações, porém nunca sob o ponto de vista das próprias acompanhantes. Aquela oportunidade revelava alguns fatores que justificavam a baixa adesão às propostas anteriores. O grupo admitiu que apesar das propostas tentarem beneficiá-las, as pessoas não conheciam de fato sua realidade e, mesmo que tentassem explicar suas necessidades, não eram ouvidas. Lembrando-me que há alguns meses a gestão anterior da instituição havia realizado uma reunião para ouvir suas queixas em relação às mudanças do refeitório, sugeri que organizassem uma comissão que liderasse uma reunião com a nova gestão, levando sugestões voltadas às suas necessidades e não apenas queixas.

Andrea disse que primeiramente teria que haver uma reunião entre as mães para chegarem num consenso, pois havia muitas opiniões divergentes dentro do próprio grupo de mães.

Naquele momento Cristina finalizava a primeira tirinha de seu tricô. Rindo de sua obra, questionou como transformaria aquela tira no cachecol que viu as outras participantes produzirem. Expliquei que deveria fazer outra tira igual, no entanto, o tempo do nosso encontro chegava ao fim. Ofereci que levasse o material para casa e continuasse seu trabalho, mas ela respondeu que não tinha tempo para artesanato, chegava tarde da escola com o filho e tinha que preparar o jantar e dar atenção para o marido. Imaginou que ele ao vê-la se dedicando àquela atividade acharia engraçado, pois nunca tinha gostado, nem tido talento para aquele tipo de tarefa! Perguntei como se sentia diante daquela novo conhecimento e ela disse que gostou. Insisti para que levasse o material consigo, lembrando-a que enquanto estivesse convocada pela escola a aguardar o período de aulas do filho, poderia se distrair um pouco. Ela admitiu que estava muito chateada com aquela situação e aceitou ficar com a lã, tentaria melhorar o período de espera.

Paula aproximou-se e comentou: “Tá vendo, Cristina? Eu não te falei que participar daqui seria legal?”

Durante a semana ao passar pelo pátio da instituição vi ao longe Cristina dedicando-se à tricotagem de mais uma tira de seu cachecol.

Conforme explicitado anteriormente, uma das maiores dificuldades da equipe institucional era a baixa adesão das acompanhantes às propostas educativas e terapêuticas, mesmo àquelas propostas que visassem diretamente a melhora em sua qualidade de vida e bem estar. Conforme também já foi discutido, também poderia estar envolvido na baixa adesão o fato dos projetos serem propostos prontos e, por vezes, um tanto distantes de suas reais necessidades. Naquela tarde, o próprio grupo se ressentia quanto às intervenções propostas pela instituição que visavam ajudá-las mas que, na prática, funcionavam de modo um tanto restritivo e autoritário. Além disso, as cuidadoras admitiam que entre elas muitas também demonstrava-se falta de interesse e perseverança nos projetos, pois mesmo diante da oportunidade das rodas de artesanato, muitas desistiram, faltavam ou chegavam atrasadas.

Além da focalização de tais conteúdos, foi possível compreender que em termos transferências meu atraso também tenha despertado temores e desconfianças quanto à seriedade e empenho dispendido ao grupo que, na figura das mulheres assíduas demonstrava a sua dedicação, persistência, fragilidade e desejo de estabelecer uma parceria equitativa, em que recebessem atenção e cuidados na mesma medida em que doavam.

Importante ressaltar que cada vez mais explicitavam-se importantes conflitos internos ao grupo de cuidadoras, já que eram marcantes em seus relatos situações de intolerância, rivalidade e a falta de solidariedade. Aos poucos em seus desabafos e queixas evidenciava-se dificuldades para lidar com a *multiplicidade* de ideias, opiniões, atitudes, interesses e habilidades que compunha a população de cuidadoras que frequentava a instituição

Difícilmente uma única atividade ou projeto contemplaria em *totalidade* as necessidades e anseios de todas as frequentadoras da instituição. Havia entre as acompanhantes algumas que gostavam de artesanato, outras que não gostavam. Deste modo, dentro de um movimento natural, por afinidades que poderiam ir além das habilidades manuais, as participantes das rodas de artesanato configuraram um grupo dentro de um outro grupo. No entanto, ao contrário de outros projetos, as rodas de artesanato primavam por se manterem amorfas tanto quanto possível, semelhantes ao próprio material expressivo, maleáveis e convidativas à modelagem, o que permitia que também em seu

interior houvesse espaço para as diversidades, acolhendo participantes assíduas, faltantes, expansivas, retraídas, habilidosas, principiantes, experientes...

Tais considerações aproximaram novamente as rodas de artesanato da pesquisa participante, pois ambas preconizavam que a pesquisa pudesse expressar a subjetividade do grupo atendido, reconhecendo o modo como as pessoas veem sua realidade, o que fazem, pensam e no que acreditam. Inserida em tal campo de pesquisa, Delamont (2005) justifica a importância do pesquisador permanecer próximo ao grupo durante suas atividades, ajudar quando necessário e, acima de tudo, manter-se disponível para observar a realidade, perceber suas nuances, refletir e eventualmente realizar anotações. Neste sentido, “o termo ‘participante’ não significa fazer o que aqueles que são observados fazem, mas interagir com eles enquanto eles fazem” (p. 218). Acrescento ainda, que meu papel como pesquisadora ao utilizar pressupostos da pesquisa participante e da prática psicológica junguiana, objetivava observar, compreender e propor intervenções de modo compartilhado, pois na medida em que processo de individuação envolve o contato do indivíduo com a natureza autêntica e sua plena realização, deve-se zelar para que os indivíduos vivenciem suas vidas de modo criativo e produzam símbolos que indiquem seus próprios caminhos de cura e plenitude (Jung, 1922/1985).

4.2.4 A Intimidade

Naquela tarde, por volta do oitavo encontro das rodas de artesanato, o grupo estava preocupado com a ausente Luciana que não compareceu à escola pois o filho estava internado novamente, com mais uma crise de broncopneumonia.

Andrea tinha levado seu bloco de patchwork para casa, mas se esqueceu de trazê-lo, então optou por naquela tarde fazer uns fuxicos para aplicar num pano de prato que pintou na aula do clube vizinho.

Dona Rafaela tinha conseguido doação de retalhos com conhecidas que faziam terapias na instituição e sabiam do trabalho do grupo. Levou também uma revista sobre trabalhos em

fluxico para as outras integrantes do grupo. Todas dedicaram um tempo olhando as revistas, admirando a técnica de construção de fluxicos em formato de pétalas de flor, folhas e borboletas.

Dona Rafaela quis ver a revista mas tinha esquecido seus óculos em casa. Pediu que Josefa lhe emprestasse o seu, mas a colega lhe respondeu que não enxergaria nada se lhe emprestasse. Andrea brincou que poderia emprestar os óculos de seu filho “fundo de garrafa”, pois apostava que ele não os estaria usando em sala de aula. Fiquei curiosa em saber se aquela era uma crítica ao comportamento do aluno ou uma desvalorização por seu trabalho em sala de aula. Porém o assunto prosseguiu, com Andrea relatando que seu filho podia não enxergar bem, mas que sua audição era muito sensível, e que ao frequentar culto religioso junto com a família era capaz de pressentir acontecimentos futuros. O grupo concordou que em ambiente doméstico seus filhos apresentavam comportamento participativo e até voluntarioso, expressando desejos, participando da conversa dos familiares e até demonstrando interesse por curiosos programas de televisão, como de culinária, chamando-as para assistirem junto.

Também referiram que os filhos gostavam muito de frequentar a escola, nos finais de semana, feriados e férias escolares acordavam cedo, queria colocar o uniforme, as vezes choravam. repentinamente o grupo retomou o assunto da saída da escola em relação ao ensino regular. Admitiram que sentiriam muita falta da instituição pois seus filhos gostavam de estudar lá, choravam nas férias e feriados. Gostavam especialmente da tradicional festa junina que aconteceria dali a alguns dias, acontecimento muito aguardado que reunia também ex-pacientes, ex-alunos, familiares e amigos e configurava um momento de reencontros e confraternização.

Paula desabafou que sentia muito ter que transferir seu filho adolescente para outra escola por conta da idade e do processo de inclusão, justamente naquele momento em que se acostumava à rotina como acompanhante. Por aproximadamente cinco anos desde que ele ingressou na escola ela trabalhava fora, era instrumentadora em cirurgias oftalmológicas e sua mãe o acompanhava à escola. Conforme ele foi crescendo, ficando maior e mais pesado,

sua mãe não conseguia carregá-lo e manuseá-lo nas atividades de banho e troca, então ela teve que deixar seu emprego e assumir seus cuidados. Foi uma época difícil, em que se sentiu muito chateada e sobrecarregada.

Perguntei se no momento em que tinham recebido o diagnóstico do médico a respeito do desenvolvimento de seus filhos, tinham dimensão de como suas rotinas seriam. Todas foram unânimes em afirmar que não. Na época receberam poucas informações, e só perceberam as limitações e dificuldades no decorrer do tempo. Paula referiu muito sofrimento em relação a um suposto relatório médico que alegava que seu filho tinha deficiência visual, que não teria compreensão e não conseguiria interagir com as pessoas. Ela admitiu que chorou muito, pois além do problema da perna, não conseguia imaginar como ele poderia se virar sozinho no futuro com tantas limitações. Porém, aos poucos o filho desenvolveu seu próprio modo de enxergar e se comunicar.

O clima de confiança estabelecido a partir de uma rotina semelhante a um ritual, era favorável à progressiva aproximação em relação temas recorrentes da vida subjetiva do grupo, além das queixas comuns e estereotipadas, aprofundando-se como num processo espiral. Era-lhes possível falar de sua tristeza frente ao diagnóstico, da surpresa em perceber que os filhos tinham outras habilidades preservadas, da culpa em deixar os cuidados do filho, da dificuldade em assumir o papel de cuidadora e abandonar a vida profissional, da dificuldade em confiar na equipe que cuidaria do filho durante a aula, do apego e gratidão à instituição, do luto de ter que mudar para outra escola...

Considereei que adentrávamos em um nível mais profundo do trabalho psicológico devido ao clima intimista e respeitoso. O desabafo verbal aconteceu naturalmente, entremeado às vivências tranquilas e seguras da expressão sensorial.

O encontro de despedida que precedeu as férias de julho foi sereno. O grupo fez menção à necessidade de comprar tecidos para costurar peças em que pudessem ser colocados os blocos de patchwork que lentamente e entre outros projetos iam sendo finalizados. No entanto, não havia voluntárias que propusessem estratégias para a compra do material.

Ofereci-me para ajudá-las a procurar, entre os retalhos, algumas tiras mais longas que servissem para trabalhos menores. Achemos algumas e as participantes interessadas em finalizar o trabalho pediram para levar para casa, pois acreditavam que nas férias teriam tempo.

Gabriela e Erica surgiram em seu ritmo agitado e falando em alto volume. Disseram que naquela semana estavam muito cansadas e que só queriam ficar com a gente, olhando-nos trabalhar e conversando. Mas, depois de alguns minutos mudam de ideia e pediram que eu resgatasse seus blocos de patchwork inacabados. Gabriela não se lembrava mais onde tinha parado e o que deveria fazer em seguida. Erica também manipulava seu trabalho pensativa e admitiu sentir-se triste, pois sua irmã viajaria naquela semana para sua terra natal no nordeste. Eram apenas três irmãs que moravam em São Paulo e por isso tinham se unido. Sentiria falta da irmã naqueles trinta dias, ainda mais porque as férias se aproximavam e ficaria o tempo todo em casa sozinha com os filhos. Perguntei se elas (as acompanhantes) não moravam próximas e se costumavam se encontrar em outras situações. Gabriela e Erica admitiram que conversavam diariamente por telefone, por quase uma hora, tanto que seus maridos e filhos ficavam enciumados. Mas elas precisavam conversar, fofocar sobre coisas que não podiam falar no ambiente da instituição. Andrea brincou dizendo que ao invés de fazerem patchwork tinham que fazer fuxico¹⁸, já que gostavam tanto de fofocar.

Todas riram. Gabriela dedicava-se a cortar os pedaços de tecido para Erica compor seu desenho, formando o corpo e a cabeça da figura feminina. Erica perguntou com qual cor deveria fazer os cabelos. Andrea respondeu brincalhona:

“Escolhe uma cor, mulher! Pelo menos aqui a gente pode escolher.”

Brincamos que na vida real não se pode escolher a cor do cabelo ou dos olhos. Gabriela comentou: “Dizem que a medicina está tão avançada que logo vai dar para escolher até o sexo dos bebês. Vocês não viram Xuxa que fez inseminação e escolheu como a filha seria?”

¹⁸ Palavra que na linguagem popular também remete à intriga, mexerico e fofoca (Aulente e Valente, versão digital).

As participantes deram risada com aquela informação controversa e continuaram trabalhando.

Fotografia 8. Erica reunindo pedaços da mulher

Nos grupos vivenciais é possível compreender que o grupo forma uma realidade coesa e coerente, capaz de se sustentar e prover manifestações psíquicas e auto-regulações pertinentes. Trata-se mais do que a soma dos psiquismos individuais, mas da composição do self grupal. Deste modo, a presença de Fernanda e Gabriela no último encontro do semestre, ao apresentarem um comportamento mais reflexivo e cooperativo, demonstra que apesar de não terem comparecido aos encontros anteriores, em que as outras mães desabafaram suas tristezas, angústias e expectativas, houve o estabelecimento de um certo equilíbrio grupal, a partir do qual a dupla pôde desincumbir-se do papel queixoso e conflitante, participando de outras experiências de acolhimento, intimidade e confiança junto ao grupo.

A discussão a respeito da escolha da cor do cabelo, ou do biotipo dos filhos, poderia se relacionar à fantasia de que em algum lugar do mundo seria possível às mães dominarem o destino dos filhos, garantindo sua beleza, perfeição e saúde. De certo modo os recursos expressivos remetiam claramente à experiências subjetivas, simulando o desejo de controle do ser humano sobre os processos naturais: o desejo e o poder de escolher, fazer prevalecer a vontade.

Erica escolheu uma meada de lã e acatando minha recomendação de que desse alguns pontinhos para prender os fios ao tecido, costurou junto umas miçanguinhas “para enfeitar os cabelos”.

Depois comentou que as mães que freqüentavam um dos centros de reabilitação vizinho estavam aprendendo a bordar chinelos de dedo com miçangas daquele tipo. Disse que os trabalhos eram lindos e que custavam cerca de R\$7,00 e que podiam ser vendidos por até R\$20,00. Muitas mães se interessariam em aprender a técnica.

Concordei com a ideia. Disse que tínhamos um pouco de material para trabalhos com miçangas, sobra de outros trabalhos expressivos com grupos terapêuticos. Se quisessem comprar revistas que ensinassem a técnica e também os chinelos a serem trabalhados, tentaríamos realizar aquele tipo de trabalho no retorno às aulas.

Despedimo-nos naquela tarde de modo afetuoso e alegre. A escola programava passeios na conclusão do semestre letivo e havia uma certa euforia entre alunos, famílias e funcionários também com a proximidade da tradicional festa junina da instituição.

Sob a perspectiva psicológica, as rodas de artesanato durante aquele semestre se consolidaram um importante canal de comunicação entre a Psicologia e a população de acompanhantes que anteriormente vinha demonstrando cansaço, desmotivação e baixa adesão às propostas da equipe interdisciplinar. O convite à participação, pouco a pouco demonstrou-se aberto às suas sugestões e necessidades, primando pela democracia, pela liberdade, mas sem perder o respeito pelos objetivos da proposta. Deste modo, o grupo pôde estabelecer um espaço de intersecção, não totalmente pertencente a elas pois ficava no interior da instituição, mas que lhes permitia a participação de seu modo de ser, dando vazão aos seus potenciais psíquicos e transmutando a realidade por meio de mudanças de pensamentos, atitudes e compreensões. A prioridade não era mais a queixa e o pedido de ajuda nos moldes assistencialistas. Era a partilha, que ao mesmo tempo que era referendada, possibilitava que assumissem suas dificuldades, tristezas e desejos em outro patamar, como mulheres criativas, criadoras, repletas de ideias, que mesmo que não

pudessem escolher seu destino podiam trabalhá-lo com as cores e formatos mais próximos aos seus profundos desejos.

Como ponto de reflexão quanto à prática psicológica reitero que não foi crucial estabelecer momentos de interpretação verbal nos momentos em que pressentia-se que o grupo não me autorizava a proferi-las. Mas que a atitude interpretativa, que compreende e interage a partir dos símbolos expressos e de determinados propósitos terapêuticos, confirma a relevância e os benefícios das propostas vivenciais e dos recursos expressivos.

4.2.5 As Férias e o Reencontro

Naquele ano, com a intensificação do frio de inverno, durante as férias escolares houve o aumento do risco de epidemia da gripe Influenza A, transmitida pelo vírus H1N1. No Brasil, umas das recomendações do ministério da saúde era que a população evitasse conglomerados de pessoas e por isso, em grande parte das escolas, o retorno às aulas seria postergado em pelo menos quinze dias.

Aproveitei o tempo disponível para organizar o armário onde guardávamos o material das rodas de artesanato. Intrigou-me recordar que alguns blocos de patchwork que tinham sido iniciados nos primeiros encontros ainda estavam guardados, praticamente esquecidos, em sacos plásticos no armário. Outros tinham sido levados por elas, mas não se tinha comentado qual teria sido sua finalização. Decidi que no retorno às aulas levantaria junto ao grupo o assunto.

Na semana agendada para o retorno às aulas reencontrei algumas mulheres nos corredores da instituição. Dona Rafaela, Andrea, Paula, Luciana queriam confirmar se apesar do número diminuto de alunos retornando às aulas, se continuaríamos a nos encontrar nas tardes de sexta-feira. Reforcei que manteríamos os encontros do projeto no mesmo dia e horário e que não era necessária a presença da maioria para retomá-los.

Sistematicamente as participantes mais assíduas reiteravam críticas em relação às outras cuidadoras que não participavam das rodas de artesanato, ou que eram faltosas. Era como se o empenho das participantes em trabalhar dentro do enquadre das rodas não fosse compartilhado pelo restante do grupo, acionando justamente os sentimentos de sobrecarga que vivenciavam em suas rotinas em relação às outras pessoas da família, abrindo um espaço para o desabafo quanto à sensação de abandono e de situações compartilhadas não eram respeitadas e valorizadas por todos com a mesma seriedade. Por outro lado, poderia relacionar-se ao próprio temor quanto à permanência do projeto, se as rodas se manteriam acontecendo independente do número de participantes.

Foi na última semana do mês de agosto que o grupo voltou a se reunir de fato, num processo lento de reaquecimento. Pairavam algumas conversas informais a respeito das atividades durante as férias e relatos do trabalho que os alunos deram em casa, a ponto das cuidadoras não terem conseguido se dedicar tanto quanto esperavam ao artesanato.

Como coordenadora do grupo, senti a necessidade de zelar pelo círculo, alimentando a brasa ao centro da lareira. Conteí-lhes que durante meu período de férias havia feito uma viagem à cidade de Fortaleza e lá conhecera várias manifestações do artesanato local. Conteí-lhes de uma oficina de confecção de bolsas em crochê a partir da reciclagem de sacolas plásticas e mostrei as fotos e uma amostra do material produzido.

As participantes demonstraram muito interesse pela técnica e pelo inusitado material, considerando o resultado bonito, resistente e funcional, principalmente para a confecção de bolsas de praia e de feira. Alguém pensou em reunir como matéria prima sacolas coloridas para a confecção de bolsas em tons mesclados. No entanto, perceberam que seriam necessárias muitas sacolas a fim de tramar um trabalho inteiro. Pensamos em criar um mutirão para angariar doações junto à população que frequentava a instituição, e dona Rafaela acrescentou que seria um bom incentivo à reciclagem. Concluindo que precisaríamos de tempo para reunir a matéria prima, comprometi-me a conseguir caixas para a coleta de doações e cartazes apresentando a campanha.

Considero que foi importante para o reforço de nosso vínculo que eu também pudesse narrar parte de minhas experiências durante as férias e compartilhar algumas fotos. De certo modo, compartilhar era ampliar o leque de cuidados possíveis, num processo de mão-dupla, em que não apenas eu narraria as experiências do grupo na presente pesquisa, mas também narrasse ao grupo as experiências da vida que pudessem interessá-las. Deste modo, reiterava que não estavam sozinhas, mas havia um investimento de afeto que sustentava nosso espaço compartilhado em equidade.

O ingresso de novos alunos no segundo semestre oportunizou a chegada de uma nova integrante à roda. Guilhermina e eu nos conhecemos durante o processo de avaliação de seu pequenino sobrinho e no início das aulas a obstinada senhora ouviu outras cuidadoras mencionarem as rodas de artesanato. Apesar de não saber fazer trabalhos manuais, admirava aquela prática, então resolveu comparecer. Surpreendeu-se ao ver que era a psicóloga quem coordenava os encontros. Expliquei nossa proposta e deixei que ela contasse um pouco sua história.

O sobrinho de Guilhermina era filho de sua cunhada, cujo comportamento agressivo e instável sugeria algum tipo de doença mental. Compadecida dos maus tratos que o sobrinho vivenciava, agravando suas condições físicas e cognitivas, resolveu assumir seus cuidados apesar de ser mãe de dois jovens adultos que já cursavam universidade e se preparavam para casar. Sua história de vida envolvia dificuldades financeiras, conflitos familiares reverberando em períodos em que se sentia muito angustiada, num estado que ela chamava de “crises de depressão”.

Estava disposta a investir no desenvolvimento do sobrinho, mas temia que ele não conseguisse se adaptar à rotina escolar, pois chorava muito. Além disso, admitiu que seria sofrido para ela ter que esperar diariamente pelas aulas de Guilherme.

“Eu sempre fui tão ativa, não sei se vou conseguir esperar todas as tardes aqui na escola sem fazer nada. Por isso vai ser bom me ocupar com artesanato. Eu não sei mexer com agulhas e

tesouras mas estou aqui porque sou teimosa, quero aprender. Sempre quis aprender a bordar e a fazer crochê. Mas prefiro o bordado à mão livre, deve ser mais fácil.”

Naquele período, Josefa a avó de outra aluna passou a participar do grupo com mais afinco, revelando um estilo alegre, sorridente e ousado de interagir com as companheiras e com o material. Relatou que durante as férias aprendeu a fazer uma boneca de fuxico e tampinhas de garrafa e se propôs a nos explicar detalhes sobre o tamanho dos fuxicos e como fazer a cabeça e o rosto da boneca. Admitiu que seu maior talento era trabalhar com massa de biscoito e que costumava aceitar encomendas. Contou-nos sua história com o artesanato, pois nunca soube fazer nada até que uma vizinha ofereceu-se para ensiná-la como esculpir as formas básicas. Então começou com poucos recursos, improvisando o material e usando palito de dente e canudo de plástico como ferramentas de trabalho. Quando terminou as primeiras peças pediu para que seus netos tentassem vendê-las. Eles venderam-nas nos faróis de uma avenida próxima e voltaram com dinheiro para que comprasse mais material, deixando-a muito empolgada. A partir de então ela nunca mais deixou de fazer artesanato.

Perguntei se a prática era uma boa fonte de renda e ela respondeu que sim. Atualmente estava fazendo lembrancinhas encomendadas para o batizado de uma criança. Teve uma tarde em que trouxe seu material e outras mães a ajudaram. Também costumava vender muitos chaveiros a um real e cinquenta centavos, mas só podia confeccioná-los aos domingos à noite pois, durante a semana, cuidava do neto e o acompanhava às terapias e à escola. Aos sábados trabalhava como faxineira e no domingo cuidava da casa e da família.

O número reduzido de participantes e o clima intimista do grupo permitiu que continuasse seu relato, revelando outros detalhes de sua rotina e de como tornou-se cuidadora do neto. Foi uma história contada com detalhes e de modo comovente, ressaltando a difícil trajetória da filha que teve gestação gemelar e morte intrauterina de um dos bebês. Após inúmeras negligências do hospital que a atendia, a jovem mãe aos 21 anos foi encaminhada para cesárea prematura e, além de constatar a perda de um dos filhos, recebeu a notícia que o outro bebê tinha nascido com malformação cerebral e que apresentava poucas chances de vida. A filha de Josefa ficou deprimida e só melhorou quando a família garantiu-lhe que o

bebê se recuperava na unidade de terapia intensiva neonatal. Disseram que era necessário que ela se mantivesse forte, pois o filho sobreviveria e precisaria dela. Após receberem alta, aos seis meses de vida foi diagnosticado o quadro de Paralisia Cerebral e o bebê encaminhado para a reabilitação. Os avós maternos decidiram assumir os cuidados da criança a fim de ajudá-la a retomar seu emprego. Por fim, Josefa admitiu que cuidar do neto era a coisa mais importante de sua vida, que a transformou e lhe devolveu o gosto de viver.

Naquele momento, Guilhermina identificada com o relato da colega, comentou que a decisão de assumir a guarda do sobrinho também envolveu muitas dificuldades. A princípio, a mãe do garoto convidou-a para ser sua madrinha de batismo. Mas Guilhermina sabia que o papel da madrinha seria substituir a mãe quando necessário, e temeu que o quadro de deficiência demandasse um grande dispêndio financeiro, recurso que ela não tinha. Por fim, com o apoio do marido compreendeu que a criança precisaria muito mais de carinho, atenção e dedicação aos tratamentos do que dinheiro, e aceitou o convite de batizá-lo. Tempos depois, ao constatar a situação negligente em que era criado, Guilhermina decidiu assumir seus cuidados, mesmo sob críticas de sua família, que criticava a atitude displicente da mãe da criança, e considerava que Guilhermina ia se prejudicar, já que não tinha a obrigação de assumir tamanha responsabilidade. O marido sempre a apoiou e ajudava a cuidar e a brincar com a criança. Porém, nos últimos poucos meses ele perdeu o emprego e devido à crise financeira ficou deprimido e irritado, prejudicando as relações familiares.

A participação das duas cuidadoras reitera a experiência diversa das tias e avós que após vivenciarem suas experiências como mães biológicas, se compadecem frente às dificuldades de maternagem de suas filhas ou sobrinhas e se propõem a ajudar, numa via de mão dupla, pois ao mesmo tempo que se dedicam às crianças, também atendem a necessidades interiores. Em alguns casos voltam a se sentir úteis, e percebem aceitar desafios pode ser oportunidade de novas experiências sociais, novos aprendizados.

Luciana, uma das participantes mais assíduas e produtivas do grupo, geralmente reservada quanto aos seus sentimentos mas proativa na realização de trabalhos em artesanato, também compartilhou seu desabafo:

“Eu estava pensando em te procurar para conversar sobre o meu filho que está vivendo uma fase de muita rebeldia. Quando o pai está em casa, ele se recusa a comer comigo. Faz birra, grita, chuta e se contorce todo. Só sossega quando o pai concorda em alimentá-lo.”

Escutei sua queixa com atenção e questionei um pouco mais suas percepções a respeito. Era viável que o marido participasse mais? Qual tinha sido o início e coincidências que envolviam aquele comportamento? Como aconteciam outras situações de alimentação fora de casa? Como se comportava no período de lanche na escola?

Luciana acrescentou:

“O pai dele também sabe alimentar e quando está em casa me ajuda. Mas no dia a dia sou eu quem cuida dele. Aqui na escola ele também prefere não comer quando tem outras pessoas por perto. Fica olhando para as outras mães e quando eu pergunto se ele quer que elas lhes dêem o alimento ele faz que sim com a cabeça. Em vários momentos a Andrea e a Paula tiveram que me ajudar.”

Luciana achava que era uma forma do jovem manipular e chamar a atenção dela e pediu que eu conversasse com ele, na tentativa de resolver a situação. Acolhi sua frustração diante do comportamento do filho, que apesar de toda sua dedicação e empenho parecia rejeitar seus cuidados. Concordei em acompanhá-lo na escola para buscar elementos que contribuíssem para a compreensão da situação.

Comentei que deveria ser frustrante vê-lo preferindo a ajuda dos outros. Porém, talvez fosse uma oportunidade do jovem se relacionar com mais pessoas, não ficar tão dependente dela. Ele se tornava adolescente, era natural que tivesse o ímpeto de expandir seus aprendizados, suas experiências sociais. Isso também seria uma oportunidade das outras pessoas se

aproximarem dele, desenvolverem suas habilidades para cuidar. E que ela poderia aproveitar e fazer coisas diferentes também.

“Minha principal preocupação é evitar a perda de peso. Ele é complicadinho para comer, eu sou uma das únicas pessoas que consegue alimentá-lo direito.”

Perguntei se ela considerava a possibilidade das restrições motoras e de fala interferirem na autonomia para conversar e brincar, e que o jovem utilizava o momento da refeição como uma oportunidade de ampliar seu contato social, e para interagir com outras pessoas, obter a atenção delas. Ela pensou nessa possibilidade enquanto manuseava livremente o material disposto sobre a mesa, buscando ideias sobre qual trabalho começar.

Comentou que seu filho tinha passado boa parte das férias de julho internado devido a um quadro de broncopneumonia (situação que era recorrente devido às fragilidades pulmonares) e enquanto o acompanhava aproveitou para aprender com voluntários do hospital a tecer macramé. Mostrou alguns trabalhos realizados durante as férias, uma toalha de rosto com o barrado tecido em macramé, caminhos de mesa e panos de prato com detalhes em forma de borboleta tecidos em crochê.

“Na verdade eu é que tenho que cuidar dele o tempo todo, então o artesanato acaba sendo o único modo de eu trabalhar. Eu vendo meus produtos para as enfermeiras do hospital e para os outros pacientes, e aceito encomendas. Até que foi possível conseguir um bom dinheirinho!”

Naquele momento, Luciana encontrou numa das revistas um trabalho que a interessou, uma bolsa de fuxicos. Começou a procurar entre o material disponível tecidos semelhantes aos da foto, mas não encontrou e ficou pensativa. Disse a ela que não precisava seguir as recomendações da revista de modo idêntico. Naquele momento podia criar e adaptar, diferente da maioria das situações da vida.

Fotografia 9. Luciana e seu borboletear no enfrentamento da hospitalização do filho

Desde o início das rodas de artesanato, Luciana agiu de modo proativo, concentrado e colaborativo. Na relação com o artesanato demonstrava-se competente e muito talentosa, dominando as mais diversas técnicas. Tais características também se refletiam no modo como aderiu às demandas e propostas da escolarização e do tratamento de seu filho, sendo que queixas e conflitos interpessoais não eram comuns em seu comportamento. Apesar de naquele momento sua queixa remeter a um tema unânime entre as mães, o “mau” comportamento dos filhos, a habilidade insubstituível das mães, e a consequente sobrecarga de funções, a voz da estável Luciana continha as contradições do Feminino. Permitia perceber conteúdos emocionais para além da queixa impetuosa ou estereotipada, diretamente relacionada à tradicional figura sofredora perpetuada pela cultura judaico-cristã. Pois, ao lado de toda competência, zelo, dedicação e prestreza, havia também o desejo de que a Psicologia “consertasse” a situação, restabelecesse a polaridade das relações, em que a cuidadora centralizaria potenciais e o *controle* sobre o filho, enquanto a criança se manteria paciente, passivo e dependente. Também reiterou o quanto seria benéfico insistir na participação dos pais e de familiares aos processos que envolviam a

criação dos filhos, no sentido de colaborar com os processos naturais de quebra da relação simbiótica estabelecida entre mãe e filho, apoiando o movimento de ambos de vivenciarem outras possibilidades, outras relações.

Paula também expressou preocupações a respeito do desenvolvimento sexual de seu filho. Disse que seu corpo ainda não tinha apresentado mudanças, como o nascimento de pelos, mas que em alguns momentos ele tinha ereções. Tinha a impressão de que ele era muito imaturo, que não compreendia o que sentia e acabava irritado. Conversamos um pouco a respeito das dificuldades em torno do assunto. Os pais geralmente ficavam constrangidos, mas era um processo natural de conhecimento do próprio corpo. Seria importante que o deixassem explorar as sensações do corpo em situações íntimas e apropriadas. Também era adequado que conversassem e dessem parâmetros a respeito do que era aceitável ou não socialmente. Não seria necessário estimular a excitação, mas também não deveriam reprimir.

Era interessante averiguar que as limitações físicas relacionadas à deficiência não isentavam os jovens de apresentar alterações de comportamento comuns à adolescência, algumas atreladas às mudanças hormonais e outras ao próprio processo de amadurecimento que a convivência escolar e social estimulava. O trabalho em reabilitação preconizava que apesar de suas dificuldades pudessem identificar, expressar e vivenciar, do melhor modo possível, suas opiniões, sentimentos e necessidades. Muitas vezes o choro, a agitação motora e o comportamento voluntarioso mais do que *birra* ou *malcriação* eram comunicações, expressões afetivas, que devido às limitações do quadro não se organizavam em pensamentos, compreensões lógicas, ou na formulação e vocalização de palavras racionalmente aceitas pelas regras sociais.

Apesar de tal compreensão ser uma premissa nos tratamentos em reabilitação, ainda predominavam nos contatos interpessoais entre os alunos, suas mães, familiares e até na equipe escolar certa resistência em aceitar manifestações como choro, gritos, sonolência, distraibilidade como manifestações autênticas, naturais, talvez a única autonomia possível, na expressão da subjetividade de pessoas com graves quadros de deficiência. Via de regra, as cuidadoras interpretavam as alterações de comportamento como mais uma dificuldade

no trato com o jovem, ou como uma afronta à disposição que tinham em cuidar deles com tanta eficiência.

4.2.6 Sentidos da Interrupção

Sincronicamente aos meus questionamentos pessoais a respeito da interrupção do processo de construção do bloco de patchwork, em meados do mês de agosto Luciana mostrou-nos dois belíssimos trabalhos realizados a partir de seus blocos.

Suas elucubrações a respeito de costurar uma bolsa com os blocos foi alterada. Com o primeiro costurou uma cesta de pano para guardar pães. Na base o bordado a mão livre de um ser vivo com asas.

Fotografia 10. Porta pães e o bordado a mão livre de um ser vivo com asas

Com o outro bloco, confeccionou um rolinho de pano, aberto no topo e no fundo, que servia para afixar na parede como porta-sacolas.

Fotografia 11. Patchwork aplicado às utilidades domésticas

O grupo mostrou-se admirado diante do talento da colega. Após alguns instantes de festa em que fotografamos os trabalhos, aproveitando o ensejo, perguntei como as demais tinham se sentido ao trabalhar com tecido.

Josefa admitiu que não terminou seu trabalho, pois gostaria de alinhar as bordas e pensava em criar um modo de fazê-lo com algumas fitas de cetim que tinha em casa. Achou muito interessante a técnica porque sentia que encaixar pedacinhos de modo correto e combinar as cores estimulou muito seu cérebro. Mas considerou o bordado das emendas de retalhos trabalhoso, pois tinha que trocar a linha da agulha muitas vezes e não enxergava muito bem.

Grande parte das participantes gostaram de trabalhar tecido, mas admitiram que era um processo muito demorado e trabalhoso. As participantes mais produtivas, que já trabalhavam inclusive com artesanato comercialmente, admitiram que o crazy era uma técnica muito detalhada, desde cortar o tecido, afixá-lo, passar a ferro, bordá-lo ao pano de

fundo, decorar com bordados... Durante a semana se dedicavam a fazer trabalhos mais rápidos, que valessem a pena, a fim de vender mais.

Dona Rafaela acrescentou outro ponto de vista. Acreditava que o trabalho com patchwork seria uma espécie de resposta às próprias dificuldades da realidade das mães.

“O problema do grupo é o egoísmo. Eu imagino, Lydiane, que como psicóloga o seu intuito ao propor esse trabalho com retalhos seria fazer as mães se unirem. Porém, cada uma fez o trabalho para si. Podíamos ter feito vários quadradinhos e depois costurado uma colcha de retalhos para usar na mesa da sala de alimentação. Aquela sala está sempre uma bagunça, uma sujeira. Eu não uso muito aquela sala para alimentar minha bisneta, mas seria útil deixar o ambiente mais bonito, arrumado.”

Guilhermina que ouvia o debate, concordou com a colega. Disse que estava chegando à instituição e não conhecia muito a sala, mas que se ensinassem a técnica ela concordaria em ajudar.

As considerações de Rafaela não foram aceitas em unanimidade, pois outras participantes já tinham desistido de utilizar a sala de alimentação em crítica à postura descuidada e egoísta outras cuidadoras.

“As mães não conseguem se organizar nem para usar a sala. Tem umas que chegam cedo e ficam lá conversando, ao invés de desocupar o lugar para as crianças que chegam e precisam almoçar. Além disso, quando saem da sala, deixam tudo bagunçado e sujo. Se colocássemos uma toalha lá, quem ia se responsabilizar por lavá-la?

Questionei o quanto sabiam a respeito de uma reunião ocorrida durante a semana, na qual a administração da escola e da instituição definiram algumas regras para impedir o uso inadequado da sala, fixando horários de funcionamento, inclusive para focar o uso exclusivo do espaço para alimentação de alunos, e para facilitar que a equipe de limpeza da instituição se responsabilizada pela faxina do espaço. O grupo de mães admitiu ser uma medida justa,

pois era necessário zelar acima de tudo pelo bem estar dos alunos e não daquelas cuidadoras que consideravam *folgadas*.

De modo mais amplo, a população de cuidadoras ainda revelava dificuldades em harmonizar diversidades, pois os diferentes modos de agir, de pensar e de se relacionar com o espaço compartilhado ainda eram permeados por preconceitos e rivalidades. As cuidadoras assíduas que frequentavam as rodas de artesanato com dedicação e delicadeza repetidamente atribuíam às *outras* a polaridade preguiçosa, egoísta e desordeira, características que seriam naturais e aceitáveis dentro da complexidade da vida de qualquer cuidadora. Deste modo, se distanciavam umas das outras, deixavam de compartilhar a sala de alimentação, e refutavam a ideia se dedicar à construção de uma toalha que melhorasse o espaço coletivo, perdendo oportunidades de trabalhar processos de alteridade.

Surgiu naquele momento de reflexão a expressão de vontades e opiniões concomitantes. Eram vozes diferentes, autônomas e autênticas, mas que revelavam em uníssono a empolgação diante da liberdade de escolher.

“Vamos produzir uma oficina de fantoches e de roupinhas para o teatro da escola? Temos tecido para as roupas, temos lã para os cabelos.”, “Eu quero aprender crochê, só sei uns pontinhos básicos.”, “Eu quero aprender a fazer ponto cruz, para bordar uma toalhinha para o meu filho.”; “Estou aceitando encomendas para fazer jogos de toalha de macramê.”, “Eu estou sempre aprendendo coisas diferentes nas revistas e com a minha irmã. É bom variar o tipo de trabalho, para não enjoar.”, “Vou cortar tecido para fazer uma bolsa de fuxicos como a desta revista.”, “Ainda não terminei aquela colcha de fuxicos que comecei, acredita?”, “Ah, eu quero fazer bordado de miçanga em chinelos. Fica tão bonito e custa caro!”, “Eu não sei fazer nada, o que vocês me ensinarem será ótimo”, “Eu aprendo o que vocês me ensinarem, mas somente para fazer aqui na escola. Não posso me comprometer a fazer nada em casa porque o tempo é escasso.” ...

Seria necessária alguma reformulação no enquadre? Questionei se era melhor determinarmos uma única proposta para que o grupo pudesse trabalhar em conjunto, com começo, meio e fim, a fim de melhorar a produtividade e a finalização dos projetos. Será que eu respondia a um anseio pessoal de impor um funcionamento mais linear, na tentativa de organizar o fluxo espontâneo do processo criativo do grupo? Ou será inconscientemente tentava responder aos anseios das participantes, assumindo o papel de líder e de provedora de cuidados a fim de tentar resolver os problemas do grupo?

As próprias participantes disseram que o método de trabalho livre adotado no primeiro semestre era bom. Daquele modo, cada uma poder escolher o tipo de artesanato com o qual se identificava e de acordo com seus gostos poderia formar frentes de trabalho e se ajudar. Admitiram que se sentiam otimistas e ansiosas pelo retorno aos encontros da roda.

Era desafiante à coordenação do grupo o manejo zeloso e não intrusivo, que favorecesse os processos de auto-gestão do grupo. Porém, a partir do depoimento das próprias participantes, a manutenção de um modo de funcionamento dinâmico e democrático em torno das decisões era um ponto positivo, que permitia a cada mulher se engajar nas atividades de acordo com sua própria demanda, escolher o quê, como e quando fazer e, ainda assim, contar com a ajuda das parceiras dentro e fora dos encontros “oficiais” do grupo.

Brotavam muitas ideias sobre o que fazer, mas o grupo sabia que seria necessário ir em busca de mais recursos, outros materiais, revistas, e até de outros espaços que oferecessem professores de artesanato. No meu entendimento, tal movimento sugeria saúde, criatividade, energia psíquica em movimento. Não obstante, era possível perceber certa resistência em trabalhar com costura, fato que deveria ser respeitado, mas também compreendido. Havia abundância de tecidos, matéria prima suficiente para realizarem-se trabalhos em fuxicos ou retalhos que prescindiam da máquina de costura. A queixa de que se tratavam de trabalhos demorados causava estranheza, considerando que a dedicação a outras técnicas como o bordado em ponto cruz e o macramé, eram igualmente delicados e minuciosos.

O fato era que os blocos de patchwork iniciados jaziam esquecidos, ou melhor, sem finalização no armário da sala da Psicologia. Mesmo que o grupo tivesse concordado em trabalhar com aquele tipo de material e relatasse ter gostado da experiência, nenhum movimento era esboçado no sentido de retomá-los. Em sua maioria, os trabalhos permaneciam acondicionados em sacos plásticos, semana após semana, sem luz nem ar. O estancamento ou desinvestimento de energia daquele trabalho, primogênito do grupo, poderia ser revelador de aspectos do self grupal?

O grupo referiu certa resistência ao caráter minucioso da técnica de patchwork que, em certa instância, poderia se assemelhar aos cuidados dos filhos que elas desejariam evitar.

Em certo sentido, a interrupção do processo de criação assemelhava-se a um aborto. Pattis (2000) estudou o aborto biológico em diversas comunidades e verificou uma interessante relação com práticas ritualísticas e iniciáticas, que ligam a vida ordinária e os mistérios da natureza. A prática abortiva pode assumir significado simbólico, na medida em que por meio dele a mulher pode retomar o controle de seu destino, tornando-se consciente de suas suas potencialidades e escolhendo como e quando vivenciá-las. Nesta perspectiva, “só quem sabe dizer conscientemente não à criação é que pode também dizer-lhe consciente sim” (Guggenbühl-Craig, 2000, p.18). Nos tempos atuais a questão do aborto gestacional é um assunto sério e complexo, envolvendo debates controversos em diversas áreas do conhecimento humano. O atendimento psicológico se consolida um dos únicos espaços em que a mulher pode debater seus sentimentos, crenças e necessidades em torno do tema, de modo aberto, acolhedor e sem julgamentos prévios (Benute, Nomura, Pereira, Lucia e Zugaib, 2009; Benute, Nomura, Lucia e Zugaib, 2006). A promoção de um espaço de acolhimento, promove a ruptura com os preconceitos e estereótipos, e permite o contato em *carne viva* com a totalidade dos fatos e experiências, a fim de resgatar os significados desconhecidos da interação entre a vida que quer vir à tona e a figura de sua *criadora*. Assim como o aborto biológico, o aborto do processo criativo diante do artesanato pode ser aceito, conversado e compreendido, para que os processos criativos se constelem à seu modo, *como* e *quando* façam sentido aos propósitos mais autênticos da vida.

Uma compreensão ainda mais aprofundada do processo de abandono das peças em estado de incompletude e imperfeição, alude à experiência simbólica de ser mãe de uma

pessoa com deficiência. Simbolicamente, um trabalho inacabado e abandonado remete à fantasia de ter produzido um filho “imperfeito” e não ter como reverter a situação de sua deficiência. O armário da Psicologia representava o acolhimento e a ajuda no processo de aceitação, em ter que simplesmente conviver com pedaços disformes, tortos e sem utilidade. Apesar do reconhecido talento de algumas cuidadoras para o artesanato, mais do que produzir uma peça artesanal até o final como num curso de artesanato, o que diferenciava as rodas de artesanato era a possibilidade de expressar e vivenciar conflitos e dramas psíquicos. Num contexto de vida permeado por pouca autonomia de decisões, a relação ambígua com o patchwork seria um modo saudável de constatar e aceitar, para posteriormente poder decidir, abandonar, prosseguir, abortar, distanciar ou aproximar.

4.2.7 E após o inverno... a primavera

Era o mês de setembro e as rodas de artesanato mantinham-se acolhendo as diversidades: Andrea, a bordadeira; Luciana, a artesã eficiente e produtiva; Paula, a crocheteira; dona Rafaela, a colaborativa; Josefa, a animada e eclética; Cristina, a estrangeira. Guilhermina, Edna e Carolina eram mães de alunos novos que, admitindo terem pouca prática em artesanato mas muita vontade de aprender, também passaram a integrar o grupo regularmente.

Em um momento de elucubrações, o grupo decidiu que gostaria de se lançar à pintura de panos de prato, e sugeriu que Paula e Andrea, conhecedoras da prática, as ensinassem. Ambas concordaram e se prontificaram a emprestar tintas e pincéis até que aos poucos o grupo se organizasse para comprar seu próprio material.

Paula foi a primeira a surgir na porta da sala de atendimento com quarenta minutos de atraso, carregando uma pesada sacola com o material. Espantou-se ao perceber a ausência das outras. Disse que não seria necessário arrumarmos a mesa e as cadeiras, pois só tinha comparecido a fim de trazer as tintas para o grupo experimentar conforme combinado.

Mesmo assim, arrumei a sala em sua configuração usual, espalhando mais cadeiras ao redor da mesa. Ela sentou-se e questionou um tanto indignada:

“Será que elas vão querer pintar realmente? As mães teriam que testar a pintura hoje, ver se iam mesmo gostar. As tintas são muito pesadas, eu não vou ter o trabalho de trazer a sacola na próxima semana de novo!”

Perguntei se para poupar seu esforço gostaria de deixar seu material guardado no armário da sala, mas ela refutou, pois no final de semana pintaria na companhia de sua irmã, “uma talentosa artesã.”

Enquanto conversávamos, a tímida e Cristina adentrou a sala transpirando. Sentou-se ao nosso lado e retirou de sua bolsa um pacotinho com material de artesanato. Em seu sotaque castelhano alegou ter chegado atrasada, pois foi até um bazar a distância de aproximadamente um quilômetro comprar uma toalhinha de mão, linhas e agulhas para bordar. Mostrei-lhe algumas revistas com monogramas e ela escolheu um gráfico com poucos detalhes.

“Quero aprender ponto cruz, não para fazer desenhos, mas para escrever o nome do meu filho de modo simples.”

Ofereci minhas revistas emprestadas para que durante a semana continuasse trabalhando. Ela, que não esteve presente nos encontros iniciais, se surpreendeu ao saber que eu fazia artesanato. Muito sorridente, comentou: “Ah que gracinha! Agradeço, mas como te disse, eu não posso bordar durante a semana. Meu filho não dá sossego em casa, quando chegamos da escola tenho que cuidar de tudo e fazer o jantar, dar atenção para o meu marido. Aqui, no pátio, enquanto a gente espera eu também não terei paciência.”

Andrea que chegou quase no mesmo instante, inteirou-se do assunto e, por considerar ponto cruz sua especialidade, se propôs a ensiná-la como iniciar o trabalho. “Você pode deixar o bordado na sua bolsa e trazer todos os dias. Quando a gente tiver tempo durante a semana te ajudamos. Mesmo sem a revista, eu já sei algumas letras de cor.”

Então Andrea retirou uma toalha de dentro de sua sacola para nos mostrar o bordado que vinha realizando e explicou. “Estou bordando dez toalhinhas de rosto em ponto cruz encomendadas por uma mãe da escola. Cobrei R\$3,00 por toalha, mas já não está compensando porque a linha custa R\$1,20 e a tolha R\$1,00. Acho que não vale a pena financeiramente, mas que eu faço por lazer. Conheci mães na outra instituição em que levava meu filho que cobravam R\$3,00 por letra bordada.”

Houve uma relevante novidade naquela semana que levei à discussão no grupo. Fui informada de que a nova gestão da instituição convidou mães cujos filhos estavam matriculados no período da manhã e da tarde a fim elaborar um projeto com sugestões para preencher o tempo em que aguardavam. O grupo admitiu não ter participado de tal reunião, mas uma das mães chamada Geni havia espontaneamente se voluntariado a organizar um documento com a opinião das mães. Pediu para que todas assinassem e levou para a reunião.

Perguntei o que continha o documento e Paula resumiu os pontos principais.

Suas sugestões envolviam a organização de uma oficina de trabalho terceirizado para confecção de produtos sob encomenda (brindes, bijouterias). A ideia seria que as mães pudessem trabalhar por escala, e que elas mesmas determinassem o número de horas semanais que teriam à disposição. Deste modo, manteriam a liberdade de sair, de ir ao banco e ao médico sempre que necessário. Também queriam que o trabalho fosse vendido e que 70% da verba fosse repassada para as mães, de acordo com a proporcionalidade do quanto trabalharam, e 30% fosse destinado aos custos da instituição.

“Quem sabe envolvendo dinheiro as mães se motivam mais, assumem o compromisso? Tantos outros projetos já foram oferecidos mas no fim, nada vai para a frente.”

Ao ouvir o relato da colega, Cristina e Josefa acrescentaram que as mães também sugeriram um espaço para fazer ginástica. Aquele tipo de atividade era muito importante pois sentiam muitas dores nas costas ao cuidar e carregar os alunos. Outras participantes acrescentaram

que fazia parte do projeto a organização de palestras educativas com temas sobre a saúde da mulher.

Paula disse que qualquer coisa que fosse oferecido ela toparia. Por exemplo, um curso de culinária, ou curso de fazer tapetes de arraiolo. Ela e as amigas sempre iam até um mercado nas redondezas para participar de oficinas de culinária. Admitiu que era bom estar ali nas rodas de artesanato, por exemplo, conversando, fazendo artesanato, falando de seus filhos.

Ela terminou de falar e dirigiu-se a Cristina para inspecionar o andamento de seu trabalho. Percebeu que estava executando o ponto de um modo diferente. Desmanchou o pequeno trecho feito até aquele momento, e explicou novamente as instruções de como iniciar e continuar o bordado enquanto admitia: “Eu sinceramente não gosto muito de ponto cruz, prefiro tricô e crochê que aprendi com minhas tias, quando tinha por volta de dez anos.” Paula retornou à sua cadeira e tirou de sua sacola o trabalho que estava fazendo em tricô, uma manta para o bebê de uma amiga. “Este é um presente. Estou mesclando um ponto que vi numa peça pronta e um outro ponto que vi uma revista. Estou fazendo uma manta pequena para o recém-nascido, quando sair da maternidade”.

Andrea as observava e contou que aprendeu a fazer ponto cruz há sete anos, quando o filho começou a estudar naquela escola. Ela via uma outra mãe fazendo e ficava olhando para aprender até que um dia a mulher lhe ensinou alguns macetes e desde então ela não parou mais de bordar. No início arrematava fazendo nós no verso, mas aos poucos aprendeu com sua irmã a arrematar escondendo a linha por dentro do ponto, o grande segredo para tornar o trabalho de ponto cruz mais bonito e limpo.

Guilhermina estava concentrada, trabalhando na tessitura em crochê de um tapete de barbante. Durante a semana a vi trabalhando sob as explicações de dona Rafaella e naquela tarde constatei que seu trabalho já media cerca de cinco centímetros. Comentei que seu sobrinho estava exibindo comportamento adaptado à rotina escolar. Ela admitiu que sentia-se mais tranquila com a adaptação dele, e que estava muito feliz em poder aprender. Contou que há muitos anos, quando teve seu filho, enquanto a cunhada tecia-lhe um casaquinho a

ensinou a fazer os pontos básicos do crochê. Na ocasião ela aprendeu os pontos, mas não como transformá-los em algo estruturado. Desta vez, resolveu começar pelo tapete porque era um trabalho reto, mais simples. Planejava colocar o tapete no banheiro e ficaria muito orgulhosa ao vê-lo enfeitando a sua casa e servindo para o conforto de sua família. Não queria ganhar dinheiro com isso, mas fazer para se distrair. Admitiu que naquela madrugada tinha ficado das três horas da manhã até as cinco sem perceber, pois ao crochetar o tempo passava muito mais rápido. Já imaginava que seu próximo trabalho seria um cachecol para o sobrinho e uma cacharrel.

Fotografia 12. O tapete de Guilhermina tornando o caminhar mais macio e confortável

Acrescentou que também gostaria de aprender a bordar. Ficava em dúvida se o ponto que sua mãe bordava quando ela era criança, chamado *ponto atrás*, era igual ao ponto cruz. Compartilhei o que eu sabia sobre o assunto: que o ponto atrás era diferente, mas também utilizado nos trabalhos em ponto cruz para fazer o contorno de desenhos.

Edna, uma jovem mulher de comportamento muito pacato e delicado, mostrou-nos duas toalhinhas bordadas por uma colega com o nome de seu filho. Também relatou sua antiga vontade de aprender artesanato e que nunca teve oportunidade de aprender. Sabia fazer alguns pontos de tricô, o ponto básico de fazer a barra, mas que não sabia montar nada. Indiquei a semelhança entre a sensação descrita por Guilhermina, e o quanto em poucos dias, com a devida orientação das colegas, foi capaz de realizar um antigo sonho e divertir-se, tecendo o tapete para sua casa. Edna sorriu animada.

Ainda que o grupo postergasse o início de suas experiências com a tinta em tecido, era importante compreender os sentidos mais profundos atrelados ao processo. O sentido de resgatar lembranças dos primeiros aprendizados de artesanato junto à mãe bordava, à irmã uma ótima artesã, à cunhada que a ensinou a tecer pontos em crochê, à colega que ensinou o ponto cruz quando começou a frequentar a escola...

Também o sentido de retomar o ponto cruz, técnica que vinha se consolidando como uma das mais populares entre o grupo, remetia à interrupção do processo de criação, uma preparação do terreno, buscando o enraizamento de suas histórias pessoais para a manifestação de novos aprendizados e para o acolhimento de conteúdos emocionais que porventura emergissem daquela experiência. As mulheres relembavam os percalços de seus aprendizados, as dificuldades, a falta de experiência, a falta de conhecimento dos macetes. No entanto, ao revisitar conhecimentos consolidados, podia vivenciar a experiência de saber e transmitir conhecimentos.

Cristina, que desde o início deixava claros sua inexperiência e falta de tempo para realizar artesanato, passou da simplicidade do tricô de dedo, primeira sugestão oferecida por mim, ao desejo autônomo e espontâneo de aprender o ponto cruz, de modo que comprou seu próprio material na crença de que teria liberdade para escolher, apresentar suas dificuldades e, ainda assim, ser acolhida no grupo. Escolher pelo aprendizado daquela técnica que, de certo modo caracterizava um dos dons predominantes das cuidadoras, revelava sua gradual inclusão à população de cuidadoras, e a consequente aceitação de sua rotina, de ter que aguardar na instituição, e colaborar com os processos escolares do filho.

Considero que acompanhar a população de mães no espaço das rodas de artesanato oportunizou que também minha prática como psicóloga fosse revista e ampliada. Pude compreender que, independente da adesão aos encontros, o self grupal estava em movimento, mulheres cuja adesão aos encontros era deficiente revelavam, à seu modo, maneiras de pertencer ao grupo. A própria liderança de Geni (que participou apenas dos encontros iniciais das rodas de artesanato) mostrava um caminho possível de participação, pertencimento, partilha e alteridade. Entrevistando outras mães e elaborando um relatório

de suas necessidades, Geni indicava que apesar das diversidades era possível tecer teias de mediação.

4.2.8 Pintando Flores

Era o mês de outubro e Cristina ainda estava às voltas com seu bordado. Queixava-se de ser incapaz de aprender a técnica e prosseguir o trabalho sozinha durante a semana. Também sentia-se intimidada a “incomodar” as colegas pedindo orientações.

Numa tarde ensolarada e com a temperatura por volta dos 30°C enquanto propunha-me a ajudá-la, algumas participantes adentraram a sala animadas, retornando de um passeio em que foram comprar sorvete para se refrescar do calor. Continuei auxiliando Cristina a bordar na toalhinha mais uma letra do nome do filho. Ela mantinha-se tensa, desmanchando alguns trechos que por si identificava ter feito errado. Naquele processo em que solicitava minha supervisão constante, agradecia minha paciência e se desculpava pela lentidão.

Andra e Paula tinham voltado atrás e tornado a levar suas tintas para tecido. Cheias de energia, inquiriram se as colegas levaram os panos de prato para pintar.

Guilhermina, Edna e Josefa apesar de interessadas, alegaram não ter tido tempo para comprar o material. Lembrei que em meio às doações de tecidos, havia pedaços de algodão cru, úteis para um primeiro exercício. O grupo se animou e prendou os pedaços de tecidos esticados sobre cartolinas, riscando os desenho de moldes escolhidos e iniciando a pintura sob a orientação das artesãs mais experientes naquela prática. Andrea e Paula se comprometeram a emprestar o material novamente na próxima semana, mas já incitavam as colegas a arrecadar dinheiro para comprar pincéis especiais e tecido por metro.

A experimentação da pintura em tecido tinha realmente produzido um efeito positivo sobre a motivação do grupo. Nos encontros seguintes, o clima era alegre. Vez por outra,

queixavam-se das inabilidades e criticavam o resultado de suas tentativas. Mas, de modo geral, estavam otimistas e concentradas em aprender a pintar.

Empolgado com a nova experiência, o grupo voltou a sugerir que nos encontrássemos mais vezes por semana pois, naquele período, a equipe escolar vinha programando diversas atividades pedagógicas como reuniões entre pais e mestres, festas comemorativas e eventos culturais e algumas datas coincidiam com as de nossos encontros.

Considerando outras frentes de trabalho que integravam as atribuições de meu cargo na instituição, expliquei que eu não dispunha naquele momento de outro horário para nossos encontros. Caso quisessem se comprometer a agendar o uso da sala da Psicologia, podiam trabalhar em grupo em outro dia além da sexta. Elas não pareceram interessadas naquela opção.

Neste ponto, vale realinhar a importância da transferência no processo psicoterapêutico que acontece em movimento dialético, em que

*(...) cada um dos participantes traz a sua valiosa contribuição. O psicoterapeuta tem um entendimento amplo de como as pessoas se relacionam com seu processo interior, com outras pessoas, e com sua própria visão de mundo. O cliente possui um profundo conhecimento de sua história pessoal e de suas vivências. Como cada um desses é especialista em uma parte do processo, complementam-se um ao outro ao trazerem novas informações desafiadoras e *insights* que o outro ignora (Singer, 2002, p.227).*

A possibilidade de Andrea e Paula terem sugerido a técnica de pintura de tecido e terem assumido o papel de instrutoras reafirmava a democracia que, na prática, cumpria o objetivo psicoterapêutico de vivenciar novos papéis e ampliar suas consciências acerca de seus próprios talentos e potencialidades. Deste modo, os efeitos oriundos dos encontros grupais referendavam a validade da proposta.

Nos nossos encontros seguintes, as participantes mantiveram-se empolgadas frente aos desenhos de flores e frutas em seus panos que pouco a pouco ganhavam um rico e caprichado colorido.

Fotografia 13. As maçãs alegres e iluminadas por Josefa

Sob orientação das colegas mais experientes, as maçãs pintadas por Josefa adquiriam vida, com técnicas de sombreado e profundidade. Guilhermina pintava em tons mais fortes e escuros, pois dizia gostar de cores vivas. Não se atentava para as dicas das colegas sobre os efeitos que poderiam produzir efeitos tridimensionais e enquanto sorria admitiu: “Eu já vi panos de prato mal pintados como o meu para vender por aí”.

Fotografia 14. As primeiras flores de Guilhermina

Luciana esteve ausente por alguns dias, pois seu filho foi novamente internado por problemas pulmonares. Voltou à roda de artesanato com alguns trabalhos de crochê feito com saquinhos plásticos e disse que vendeu algumas bolsas para as enfermeiras do hospital. Contou-nos também que nos últimos dias continuou trabalhando com as sacolinhas recicláveis enquanto esperava o filho no pátio da escola e que a coordenadora do setor de voluntariado da instituição se interessou muito por seu trabalho e talento. Convidou-a para integrar a equipe de voluntárias, produzindo peças para vender em bazares promovidos pela instituição. Disse-nos que se sentiu feliz por ser reconhecida, e que iria conversar com a

equipe de voluntárias e avaliar a proposta. No entanto, não poderia apenas doar seu tempo pois precisava atender às encomendas de suas clientes.

Fotografia 15. A reciclagem de sacolas plásticas e a primorosa bolsa crocheta por Luciana

Interessante notar que a valorização do potencial de artesãs contemplava as expectativas iniciais do grupo, de que se sentissem úteis e valorizadas por outros setores da instituição. Expor peças em bazares externos seria uma possibilidade de atestarem que também eram detentoras de conhecimentos e, quem sabe, oferecesse o tão almejado retorno financeiro?

Enquanto supervisionava o desempenho das colegas e lhes dava dicas, Paula contou-nos que havia terminado a manta em crochê que vinha fazendo para o enxoval de bebê de uma amiga. O trabalho ficou bonito, mas não pôde trazê-lo ao grupo, pois já o tinha entregue o presente no chá de bebê. Passou a dedicar-se ao bordado a mão livre, técnica extraída de uma revista de artesanato popular chamada “Bordados da Vovó”. Além disso, depois aprendeu com sua irmã a rápida técnica de pintar madeiravinha confeccionando porta-jóias e porta-retratos para presentear a equipe de funcionários da escola. Acreditava que tais presentes seriam úteis, pois todos gostam de ter fotos pela casa e, além disso, sempre teriam

uma recordação de seu filho. Lembra que há muitos anos aprendeu a pintar quadros a óleo, mas desistiu porque o material era caro, as telas grandes e tinham pouca utilidade prática. Por isso, poucas pessoas se interessavam em comprá-las.

Em sua história de vida, Paula havia nos contado como foi difícil assumir os cuidados do filho e se adaptar à escola. Naquele momento, sua adaptação mostrava sinais de alteridade, gratidão e generosidade, de modo que utilizava seus talentos para formar alianças com a equipe escolar. Mostrava com orgulho que o porta-retrato remetia ao resgate de memórias que mereceriam ser recordadas, como a passagem de seu filho pela escola e as amizades por lá estabelecidas.

Se tive a oportunidade de comprar panos de prato a preço de custo e espontaneamente doá-los às vivências, havia notadamente um ganho na autonomia do grupo. Algumas participantes nas semanas seguintes compraram seus próprios panos desenhados para pintar, alguns potes com tintas de cores básicas e pincéis para fazer acabamentos específicos. Deixavam de depender totalmente do material oferecido na roda, e atestavam suas escolhas, seus gostos pessoais, organizando-se para investir inclusive recursos financeiros naquelas compras.

Fotografia 16. O vigor das cores, a vivacidade das tintas

Conforme terminavam a pintura de seus panos de prato, algumas participantes imediatamente escolhiam outros desenhos para pintar um novo pano. Outras dedicavam-se ao acabamento do trabalho, como aprender a tecer um barrado em crochê. Guilhermina teve a original ideia de bordar o contorno de sua pintura com ponto haste e, além daquela atividade, continuava em seu tempo livre tecendo tapetes em crochê. Terminado o tapete para o banheiro, aprendeu com Dona Rafaela um novo ponto e fez outro tapete para a porta de entrada de sua casa. Depois começou um outro tapete com barbante, sem se preocupar com o tipo de ponto, só para se distrair e para enfeitar o chão de seu quarto.

Era muito marcante a experiência simbólica que emergia dos encontros grupais. Ao mesmo tempo que cada participante se tornava mais segura para realizar escolhas, investir, pedir ajuda, finalizar trabalhos e dar-lhes significados, o grupo atingia níveis admiráveis de coesão, respeito e interação, de modo a fortalecer cada vez mais os contornos de seu círculo e, ao mesmo tempo, sua porosidade e permeabilidade frente às demandas da realidade da casa, que necessitava ser enfeitada, dos funcionários da instituição, que mereciam ser presenteados.

4.3 O FIM E DE VOLTA AO COMEÇO

A partir do mês de novembro, os encontros das rodas de artesanato aconteciam envoltos num especial clima de alegria, agitação e intimidade, sendo perceptível a influência da proximidade das festas de fim de ano.

Minhas férias também estavam programadas para a primeira semana de dezembro e comecei a avisá-las quanto à minha ausência. Além disso, a programação escolar estava repleta de atividades extra-curriculares como passeios, eventos recreativos, festas de confraternização, ensaios para o coral da missa de encerramento do ano letivo, compromissos que dificultavam o comparecimento das acompanhantes aos nossos

encontros. Sincronicamente, iniciamos um *delicado processo de finalização* daquele ciclo das rodas de artesanato.

4.3.1 O Colar: completando o primeiro círculo

Os três últimos encontros do ano foram marcados por uma situação curiosa. Numa das tardes, usava um colar feito com miçangas e fuxicos que aprendi a fazer durante uma visita à feira de artesanato da Praça Benedito Calixto. O trabalho chamou a atenção do grupo, que pediu para manusear a peça e iniciou elucubrações sobre seu modo de confecção. Conteí-lhes que vinha percebendo um aumento da utilização de fuxicos na moda da época e que na feira de artesanato encontrei brincos, pulseiras e fivelas feitos a partir daquele material.

Aproveitando que tínhamos tecidos e miçangas, ofereci-lhes a possibilidade de tentarem trabalhar com aquela técnica. Guilhermina concordou imediatamente. Disse que uma grande amiga faria aniversário no sábado, e que adoraria confeccionar um colar para presentear-lá. Começou a escolher entre os tecidos um belo retalho de estampa azul com pequenas e discretas flores. Admitiu não saber fazer fuxicos, mas me propôs a ensiná-la e a também ajudar na produção.

Fotografia 17. Um belo colar amarelo amadeirado construído por Paula

Enquanto outras participantes do grupo também escolhiam seus tecidos e miçangas e começavam o processo de riscar, cortar e costurar, Guilhermina compartilhou que desde que o sobrinho passou a estudar naquela escola, surpreendentemente encontrou mais tempo para si. Graças ao nosso grupo aprendeu várias técnicas de artesanato e, com isso, passou a ficar mais tempo em casa, fazendo crochê e descansando. Antes, devido a seu comportamento ansioso e agitado, saía muito farto que já estava prejudicando suas pernas, pois sentia muitas dores. Ainda que só soubesse fazer dois tipos de pontos em crochê, fez vários tapetes e um cachecol para presentear sua sobrinha. Ela deu uma pausa em seu discurso e sorriu alegremente.

“Estou cuidando mais de mim, até a psicóloga que atende meu sobrinho percebeu que estou melhor. Brincou que melhorei muito mais agora, fazendo artesanato, do que ao longo de todas as conversas que tive com ela anteriormente.”

Perguntei se sua família percebia as mudanças em seu comportamento e humor, e ela desabafou:

“Meu marido não gosta muito, reclama porque me dá dinheiro para comprar linhas e eu não vendo os trabalhos depois. Eu não ligo, tenho que fazer o que gosto, prefiro presentear os amigos e enfeitar minha casa. Meu filho foi me visitar e ‘tirou um barato’ quando me viu *crochetando*, disse que eu estava parecendo uma ‘velha’.”

Guilhermina rapidamente captou o modo de fazer os fuxicos e admitiu ter gostado muito. “Estou orgulhosa de mim mesma! É gostoso costurar isso, mais gostoso do que pintar ou do que ficar lá embaixo sem fazer nada!”

Josefa separou uma bonita combinação de miçangas pretas e vermelhas em harmonia com o tecido floral escolhido. Enquanto costurava, perguntava em tom brincalhão se podia fazer mais colares desses para dar de presente de natal, pois seu dinheiro estava curto para presentear os parentes e amigos.

Disse-lhes que ao contrário dos tecidos, as miçangas eram compradas pelo setor de psicologia para utilização em diversos atendimentos. Se decidíssemos trabalhar com grande quantidade daquele material, nas próximas vezes precisaríamos nos organizar para adquiri-lo, fosse por meio de projetos para captação de recursos, ou por investimento financeiro próprio.

Comentei que era notável a interação leve e divertida que acontecia entre o grupo e aqueles materiais. Observava alguns movimentos interessantes como a avidez em terminar o trabalho para poder levá-lo no mesmo dia, e a atitude daquelas que pediam auxílio para outras participantes e criavam uma espécie de “linha de produção”. Enfim, reinava o clima de descontração e prazer perceptível na beleza de cada trabalho finalizado, tão originais e diversos uns dos outros.

Fotografia 18. O colar de Lucia e mais pétalas em fuxico

Devido ao avanço do horário não foi possível a algumas participantes terminarem o colar naquela tarde. Na semana seguinte, a notícia havia se espalhado e algumas participantes menos assíduas ressurgiram no grupo curiosas, após terem ouvido falar muito bem da experiência de confecção de colares com miçangas.

Aquele era um momento muito especial na trajetória do grupo, pois reiterava o quanto o estabelecimento de uma transferência criativa (Byington, 1993) exercia efeitos benéficos no psiquismo do grupo. Como representante da instituição, meu esforço em reconhecer suas ideias, doando miçangas que viabilizavam a concretização de seu impulso criativo, resgatou a habilidade natural de brincar, sorrir, aprender e imaginar. Tal experiência

remeteu a situações prazerosas da vida, como a comemoração do aniversário de uma amiga, ao desejo de presentear e às habilidades de cooperação e proatividade. Neste sentido, confirmava-se a compreensão de diversos autores (Omote, 2003; Maldonado, 1997; Neumann, 1991; Waiblinger, 1992) de que a mulher quando cuidada em suas necessidades, se torna capaz de *cuidar* e de *criar*.

Especificamente a partir das características materiais que envolvem a construção de colares a partir de miçangas e fuxicos, foi possível lembrar do estudo dos artefatos e adornos realizado por Gola (2002) que indica que desde os tempos primitivos o homem construía colares, broches e anéis, de modo a representar seu status social, suas habilidades como líder político, chefe religioso e caçador. Neste sentido, o desejo de construir um colar para uso pessoal difere da construção de objetos de artesanato voltados apenas para os filhos ou para a casa, pois aprimora a representação dos papéis sociais e reforça aspectos valorosos da auto-imagem. Construir colares para si, ou mesmo para um amiga que poderia representar papéis femininos admirados e desejados, seria como investir afeto em seu desenvolvimento pessoal. Representaria o processo de empoderamento que vinham fortalecendo.

Também a característica técnica do trabalho com fios, miçangas e fuxicos remetia à simplicidade e à agilidade, capazes de gerar resultados belos esteticamente e de modo rápido. Ser recompensado por sua dedicação e empenho era extremamente prazeroso em comparação às situações do dia-a-dia que exigiam a dedicação das cuidadoras, mas cujo retorno era a longo prazo.

Enquanto o grupo manuseava o material e conhecia o que suas colegas tinham começado a fazer na semana anterior, Erica reapareceu após um longo período de ausências e disse que precisava conversar comigo. Perguntei se preferia marcar um encontro individual em outro dia, mas ela disse que estava ansiosa e que preferia conversar rapidamente. Resolvi ouvi-la e nos colocamos ao lado da roda, um pouco afastadas das outras mães que trabalhavam empolgadas.

Antes de relatar a conversa que se seguiu, faz-se necessário compartilhar que durante o ano houve importantes prejuízos na saúde do filho de Erica que incluíam risco de vida, caso não

se submetesse a um determinado procedimento cirúrgico. A equipe interdisciplinar da escola orientou-a veementemente a procurar o médico especialista. Porém, verificou-se resistências da mãe em aderir àquela recomendação, gerando sério embate e mobilizando emoções complexas de ambas as partes. Durante aquele processo, tentei agendar encontros com Erica no sentido de acolhê-la, almejando favorecer a compreensão dos temores e fantasias que envolviam uma decisão tão difícil, oferecer suporte, talvez convocar o marido para dividir a importância daquele momento. Porém, acredito que por fazer parte da equipe, tampouco consegui a adesão de Erica às sessões de acompanhamento psicológico e, apesar de compreender as delicadezas daquela situação, possivelmente senti-me tão impotente e desvalorizada por Erica quanto o restante da equipe.

Portanto, no final do ano, a reaproximação da jovem mãe foi surpreendente e, mais surpreendente ainda, o conteúdo de suas revelações. Coloquei-me à escuta enquanto ela compartilhava sua mais recente decisão: iria seguir as orientações da equipe e procurar um cirurgião para avaliar a situação de seu filho. Perguntei o que tinha mudado, porque ela tinha tomado aquela decisão, e ela respondeu que precisava do meu apoio, sentia-se envergonhada em voltar atrás, depois de ter enfrentado toda a equipe. Mas, a princípio, tinha se chocado e se sentido desrespeitada diante das declarações da equipe de que seu filho poderia morrer. Em sua opinião, a cirurgia iria agravar e fragilizar ainda mais seu estado de saúde. Porém, aos poucos, percebeu qual seria a coisa certa a se fazer, não porque os outros mandaram, mas porque observou as condições do filho em seu dia a dia.

Erica ao comparecer ao nosso espaço revelava uma tentativa de aproximar-se de mim e consequentemente de toda a equipe escolar. Acima de tudo, finalmente se abria à aceitação do prognóstico grave que envolvia a saúde de seu filho. Deste modo, era possível perceber que a roda de artesanato ratificava-se como espaço de mediação simbólica, apaziguando, colocando em contato, harmonizando. Erica justificava sua ausência em nossos encontros, por ter vivido um período de recolhimento, em que o filho afastou-se da escola em licença médica e ela aproveitou para estar mais próxima dele, observando-o, reconhecendo suas reais necessidades. Neste sentido, o comportamento contestador e

pouco aderente exibido pela jovem nos últimos meses frente à equipe interdisciplinar, revelava o desejo de retomar seu potencial como mulher, de modo a ser capaz de *criar* por si própria alternativas para *cuidar* de seu filho. Novamente vê-se a importância da equipe interdisciplinar evitar orientações impositivas, já que as decisões de cada indivíduo devem ser elaboradas num processo de cooperação e alteridade.

O retorno de Erica mostrava que a roda era muito maior do que a sala, e do que o horário fixo de nossos encontros às sextas-feiras. A roda assumia um campo além da nossa experiência palpável e visível, permeando: o trânsito informal de informações e ensinamentos durante a semana; os momentos de apaziguamento em domicílio quando conseguiam dar continuidade aos seus projetos de artesanato; mesmo quando não compareciam ao encontro do grupo, mas se mantinham cientes de que nossa roda continuava existindo para que um dia voltassem, em busca de um espaço de aceitação e apoio, como o templo de Héstia ao qual os viajantes poderiam sempre se hospedar (Lima, 2007).

Foi o que demonstrou Cristina, ao surgir no grupo e me estender em suas mãos em formato de concha um emaranhado de lã amarelo-ouro.

“Eu trouxe as tirinhas que fui tecendo com aquele novelo de lã que você me deu, lembra? Foi muito importante para mim naquela fase em que tive que ficar na escola para administrar o lanche para meu filho e deixei de frequentar minha ginástica, tão boa para as minhas dores nas costas! Naquela fase eu estava muito deprimida com a morte da minha mãe e da minha sogra ocorridas na mesma época, em minha terra natal, e coincidiu com a piora do comportamento do meu filho em sala de aula. Acho que ele sentia o sofrimento da gente e ficou mais agitado. Naquele período, enquanto eu era obrigada a permanecer esperando no pátio da escola, dona Rafaela sentava-se ao meu lado e me ensinava como tecer as tirinhas do cachecol.”

Nos abraçamos em acolhimento mútuo e perguntei porque ela não ficava com as tiras. Ela respondeu que no próximo ano, quando voltássemos a nos encontrar, gostaria que eu a ajudasse a emendá-las para construir um cachecol. Como novidade, contou que durante a

semana tinha terminado o bordado da toalhinha com o nome de seu filho. Admitiu que inventou um outro modo de bordar, mais rápido e que talvez nem estivesse certo, mas que estava satisfeita em ter terminado a tarefa.

Fotografia 19. O ninho de tiras em tricô de dedo tecidas por Cristina

Cristina me surpreendeu em sua atitude cerimoniosa, que parecia oficializar o fechamento daquela etapa das rodas de artesanato e reafirmar a importância de sua continuidade. Ao pedir para deixar o trabalho guardado no armário da sala de Psicologia repetia-se a compreensão daquele espaço no acolhimento dos processos incompletos e imperfeitos. Não apenas na perspectiva depositária, mas gestacional e nutridora para a transformação em próximas etapas. Era interessante observar a mudança em seu comportamento que, apesar de simpático, mantinha-se distante da população de cuidadoras. Sua assiduidade às rodas de artesanato, seu empenho em aprender e a realizar trabalhos durante a semana a despeito de sua falta de tempo e suposta inabilidade, cederam lugar à gradual aceitação do prazer de praticar artesanato e de ousar criar seu próprio modo de fazer remetendo, acima de tudo, ao fato de ser mulher e cuidadora como todas as outras, indentificar-se com elas sem deixar seu modo próprio de ser.

Paula aproximou-se e me presenteou com um porta retrato em madeira pintado em pátina, com detalhes de fuxico nas bordas. Sorridente, imaginou que o porta-retrato seria útil para enfeitar a minha casa.

Fotografia 20. O presente de Paula perfeitamente harmonizado à decoração de minha casa

O presente de Paula manifestou outro aspecto da transferência positiva estabelecida ao longo das rodas de artesanato. À luz de sua declaração há algumas semanas acerca da utilidade dos porta-retratos, presentear-me com aquele objeto seria um meio dela e do filho serem lembrados em meu mundo, mantendo a continuidade de nossa aliança.

Também chamava a atenção no comportamento de Paula sua postura prática e ágil no grupo, sempre realizando trabalhos manuais rapidamente, buscando novos conhecimentos técnicos com outras artesãs e em revistas. Sempre realizava seus trabalhos com primor e os terminava rapidamente, cumprindo os prazos que se impunha, por exemplo, a fim de presentear uma amiga no chá de bebê, atender à encomenda de algum conhecido, ou produzir os presentes para a equipe de funcionários da escola. Talvez, por sua história pessoal remeter à necessidade de deixar a carreira profissional de instrumentadora cirúrgica para cuidar do filho crescido, demonstrava ser uma das mais ferrenhas entusiastas da instituição criar uma cooperativa de artesãs para venda dos produtos em bazares. Canalizando, deste modo, seu potencial profissional.

De acordo com Salles (1983) o artesanato esteve historicamente ligado à população de baixa renda e pequenas populações marginalizadas pelo sistema capitalista, que encontraram no aprendizado e na reprodução de peças padronizadas uma oportunidade de inclusão cultural e econômica. Na atualidade brasileira, o artesanato se mantém como um importante modo de subsistência devido à sua originalidade, garantida pela diversidade de

matérias-primas e pelo sincretismo de conhecimentos milenares, oriundos da cultura de diversos povos que compõem a história do país: indígenas, africanos, europeus, asiáticos. Nos grandes centros urbanos brasileiros, como a cidade de São Paulo e Rio de Janeiro, o artesanato também é influenciado pela utilização de materiais reciclados, como retalhos, garrafas plásticas e outros recursos provenientes da sobra de processos industriais.

Apesar de ter se firmado nos últimos anos como uma prática recomendada às mulheres (Carvalho, 2008), pessoalmente como admiradora de objetos artesanais e praticante de algumas técnicas, concordo com Salles (1983) e com Senett (2008) que os processos de industrialização e informatização incitam a resistência de alguns grupos quanto ao valor do “feito a mão”. Além da valorização mercadológica das rendas, cerâmicas e cestarias descritas na obra *Arte do Artesanato Brasileiro* lançada pelo Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) em 2009, há também um forte nicho de mercado, que imagino ser rentável, quanto ao fornecimento de ferramentas de trabalho que modernizam a prática artesanal tornando-a cada vez mais precisa, rápida e prática, bem como a venda de revistas populares que ensinam passo a passo diversas técnicas, atrelando a prática artesanal não apenas à possibilidade de complementação da renda familiar, mas também ao lazer.

Neste sentido, seria possível às futuras pesquisas avaliar o quanto a prática artesanal também pode ser compreendida como instrumento para a análise das mudanças das mentalidades da sociedade. Ao menos, a partir do grupo acompanhado na presente pesquisa, a prática artesanal na atualidade confirma a ampliação das habilidades e interesses da mulher para além das tarefas da maternagem. De modo rápido e despretensioso, a observação do conteúdo das capas das revistas de artesanato mais populares¹⁹ revelou a utilização de termos que remetem a ideias como “arte”, “inovação”, “estilo”, “moderno”, “sucesso”, “arrase”, “criatividade”, “capricho”, “decoração”, “útil”, “ganhar dinheiro”, “lucrar”, “fácil de entender”, “prático”, habilidades que certamente permeiam as fantasias, desejos e aspirações da população feminina. Ou seja, o artesanato deixou de remeter à elaboração de objetos para atestar exclusivamente os dotes de dona de

¹⁹ Observação do conteúdo das capas das revistas à venda no site da editora Escala, <http://www.escala.com.br/grupos.asp?grupo=10&categoriaid=195&te=0&oe=2> e no site da editora Minuano, https://www.edminuano.com.br/catalogo/default.asp?acao=LISTA_CATEGORIA&categ1=4. Ambas consultadas em 02/04/2010.

casa e mãe, e hoje favorece o contato das pessoas com outros talentos e potencialidades, mais criativos e propensos à manifestação do self em sua amplitude.

Sempre que surgia nas rodas de artesanato o assunto da criação de uma cooperativa, ou da venda dos produtos artesanais em bazares, mantinha-me atenta às projeções das fantasias e expectativas do grupo. Era importante atestar o reconhecimento de suas habilidades, também quanto a exercerem seu potencial profissional e conquistar autonomia financeira por meio de uma cooperativa, por que não? Bolen (2007) no estudo das potencialidades arquetípicas descritas pela mitologia, usualmente encontradas no psiquismo das mulheres, descreveu que uma das deusas gregas mais conhecidas por seu talento racional e empreendedor era Atena, a deusa da sabedora, da racionalidade e do fazer artesanal. Atena representava simbolicamente a união da mente e das mãos por meio do planejamento, previsão e execução metódica e paciente, habilidades imprescindíveis ao fazer artesanal.

Vale ressaltar que em meio à realização dos atendimentos do projeto rodas de artesanato, a gerente do setor de desenvolvimento institucional me procurou para que incluísse o ponto de vista psicológico acerca de um outro projeto voltado à população de cuidadoras. Seria uma oficina de costura que tercerizaria empreitadas das grandes confecções, ajudando em linha de produção a realizar costuras mais detalhadas, bordados, arremates, entre outros. Pleiteando o financiamento de grandes instituições financeiras, o projeto de oficinas de mães que vinha sendo elaborado, seria organizado de modo a prover-lhes uma remuneração de acordo com escalas, ou seja, cada mãe se comprometeria a um determinado número de horas e dias para prestar serviço. Perguntei às participantes o que achavam daquela proposta e elas concordaram que seria uma boa opção, pois poderiam escolher o número de horas a trabalhar, de acordo com as necessidades do filho e de outros compromissos como idas ao banco, consultas médicas e compromissos relacionados a outros membros da família.

Diante das possibilidades aventadas pelo projeto de oficinas de mães, era importante considerar que a opção de trabalhar por escalas envolvia inúmeros benefícios a uma

população sobrecarregada de incumbências e horários restritos. No entanto, as participantes das rodas de artesanato mais assíduas, por terem se adaptado à rotina, aos horários e regras do enquadre, demonstravam maiores habilidades para realizar um trabalho mais consciente, responsável e significativo também nas oficinas. As outras mulheres menos assíduas teriam pela frente o desafio de atender aos prazos e normas de qualidade das encomendas assumidas pelo grupo, comprometendo-se a frequentar as oficinas com maior assiduidade. Certamente as oficinas seriam uma nova oportunidade de desenvolvimento ao grupo e as rodas de artesanato manteriam-se como espaço de acolhimento, acompanhando-as em mais uma etapa de suas jornadas, do modo que fosse possível e necessário.

Alcançávamos um período em que os registros para a presente pesquisa seriam encerrados. No entanto, havia planos para mantermos as rodas de artesanato como recurso psicoterapêutico. Preparei um espaço dentro da roda para conversarmos a respeito. O grupo relatou que como sua representante, Geni vinha apresentando o projeto elaborado pela população de mães do período vespertino às reuniões junto à gestão institucional. As participantes do grupo estavam otimizadas com aquela possibilidade, no entanto, sobrepairava certa desconfiança, pautada na queixa de que a maior parte dos projetos anteriores não tinham vingado.

Expressei algumas reflexões no sentido de dar-lhes um retorno acerca do processo vivenciado. Reiterei que devíamos primar pela aceitação das diversidades e que, mesmo que algumas mulheres tivessem descoberto que aquele espaço ou que a prática de artesanato não lhes eram prazerosos, o fato de optarem por utilizar seu tempo livre passeando, conversando com os amigos ou fazendo atividades físicas em outros espaços era saudável e devia ser respeitado.

Junto à atividade artesanal em que eu podia estar presente, era possível notar o processo de empoderamento de cada mulher, na medida em que ampliavam cada vez mais o espaço de expressão de seu modo de ser e de aceitar o próximo, lutando para a abertura de espaço em que pudessem se manifestar comportamentos lúdicos, curiosos, habilidosos, de superação das dificuldades, ou de realização de antigos sonhos. A partir de nossas experiências em

roda, houve participantes que ensinaram, outras que aprenderam, outras que descobriram predileções, as que só queriam relaxar e se divertir, e as que almejavam um retorno financeiro.

Reiterei a importância de mantermos sonhos, expectativas e metas, mas também olharmos para as conquistas do grupo até aquele momento, a fim de integrarmos aspectos que a caminhada nos oferece. E seguir em frente.

A partir das conquistas observáveis, já não era coerente reforçar o estereótipo de pobres sofredoras em relação à sociedade e à instituição (Amaral, 1995). Concordávamos que suas rotinas eram difíceis e poderíamos falar a respeito, desde que falássemos também, acerca das possibilidades do grupo e de sua participação em busca da melhor qualidade de vida, da realização de suas aspirações e desejos ou, pelo menos, da seriedade com a qual começavam a tratar daqueles assuntos entre si e nas reuniões com a gestão institucional.

Certamente havia expectativas das cuidadoras em relação à instituição, tanto quanto da instituição em relação à população de cuidadoras. Tais expectativas deviam ser reconhecidas, compreendidas e reajustadas, a fim de favorecer o estabelecimento de parcerias, evitando projeções frustradas e intolerantes de ambas as partes (Ogama & Tanaka, 2003; Tuleski, Taguchi, Alves, Oliveira & Marques, 2003). Por isso, consistia um bom prognóstico que as mulheres por iniciativa própria tivessem se organizado para transformar suas queixas em um projeto e passado a frequentar reuniões e argumentar junto à gestora da instituição ao invés de agir impetuosamente, ou apenas reclamar.

Naqueles momentos em que se aproximava o fim da pesquisa, busquei ampliar junto à roda a percepção acerca de suas experiências e potenciais observáveis ao longo processo. No entanto, mantive o cuidado de não depositar no grupo minhas interpretações, evitando colocá-lo no lugar de eterno núcleo de conflitos, passível de ser analisado e orientado sempre. A natureza das rodas de artesanato primava pelo estabelecimento de um clima vivencial expressivo, de modo que mais do que interpretar verbalmente, priorizava-se acolher, ouvir, compreender, suscitar pensamentos, sugerir experiências e acompanhar no processo de construção de espaços e caminhos. Deste modo, a “convivência com os

símbolos pode ser mais importante para sua integração do que a sua explicação racional” (Byington, 1993, p.135).

O fazer artesanal superava a característica repetitiva relacionado apenas ao trabalho técnico, e retomava sua dignidade ao configurar-se expressão humana, na medida em que era permeado pelas histórias e subjetividades de mulheres que viviam um determinado contexto, sendo fundamentalmente atrelado a suas histórias de vida (Cruz, 1998).

Especificamente em relação à maternagem no contexto das deficiências, era possível que uma das manifestações simbólicas mais contundentes do self grupal por meio das experiências artesanais tenha sido o aborto do processo de construção de blocos de patchwork, que em sua maioria foram iniciados, mas “esquecidos” no nas prateleiras do armário da Psicologia. Talvez, aceitar o abandono do projeto à sua própria incompletude e imperfeição remetesse à tentativa de integrar a presença de um filho deficiente para sempre. A partir do potencial criativo, cada integrante pôde trilhar um caminho próprio, a seu próprio tempo, de modo que seus blocos em construção, mesmo identificados com a sombra do ego nos porões do self, ou melhor, na escuridão das gavetas do armário de nossa sala, eram imbuídos de potencial revelador, aguardando que aos poucos fossem absorvidos e compreendidos conscientemente.

Outro aspecto revelador que vale mencionar foi o processo de fotografar os produtos artesanais. Muitas vezes as integrantes do grupo não trouxeram seus trabalhos finalizados, conforme combinamos, o que dificultava o registro dos processos artesanais “bem sucedidos” em termos de produto final. Foi possível considerar que de modo inconsciente tal processo também tenha remetido ao potencial eterno e nostálgico das imagens fotográficas que revelem apenas um olhar sobre a realidade dos fatos. Talvez no psiquismo grupal houvesse processos de transformação intensos, profundos e complexos para serem captados pela objetividade das câmeras.

4.3.2 O recomeço, uma outra história

A partir deste trecho das narrativas termina o relato dos encontros entre março de 2009 e março de 2010 das rodas de artesanato. No entanto, vale compartilhar como esta história terminou, para mostrar como as rodas, enquanto símbolos da totalidade, são circulares e permitem um movimento de continuidade, na sucessão espiral de acontecimentos da vida.

Logo após as longas férias de verão, nas semanas que se seguiram ao retorno às aulas, a gestão da instituição retomou reuniões com a representante da população de cuidadoras do período vespertino. Geni expressou planos do grupo para o futuro, que envolvia a criação de uma cooperativa, ou da oficina de costura terceirizada, mas também remeteu aos benefícios do trabalho realizado nas rodas de artesanato, como espaço de partilha, encontro, descanso.

Tal consideração teve pelo menos dois importantes desdobramentos.

Primeiro, a Psicologia Escolar foi convidada a integrar uma espécie de comissão em prol da melhoria de qualidade de vida das acompanhantes. Composta pela diretora da escola, pela coordenadora do serviço social e por representantes das cuidadoras do período matutino e vespertino, tal comissão reunia-se frequentemente a fim de levantar demandas, coletar idéias e sugestões, buscar parcerias com organizações não governamentais, espaços culturais e informativos voluntários e serviços terapêuticos universitários. Também buscou-se angariar materiais como lã e tecidos junto a reconhecidos colaboradores no âmbito público e privado.

Especificamente no período matutino, formou-se espontaneamente um grupo de artesãs batizado “mães que ajudam mães”. O grupo, além de angariar latas de leite, confeccionava peças em tricô e crochê para doação ao enxoval de bebês atendidos por uma ONG parceira, que atendia mulheres gestantes em situação de risco.

Como frutos iniciais da comissão institucional, houve o estabelecimento de um calendário de atividades voltado a organizar diversas práticas lúdicas às acompanhantes, como grupos de caminhada, piqueniques mensais no parque em comemoração ao aniversário das acompanhantes, um mural de fotos na sala de alimentação com a divulgação dos eventos de

confraternização do grupo, e maior adesão às sessões de terapia comunitária oferecidas pela instituição sob a liderança de voluntários especializados.

Um segundo desdobramento foi a continuidade das rodas de artesanato enquanto espaço de encontro, partilha e criatividade junto ao grupo do período vespertino, já que no período matutino as cuidadoras ocupavam-se de outros modos.

Guilhermina dedicou-se à criação de um estilo de artesanato em panos de prato que unia pintura e bordado, conferindo um bonito e original efeito de tridimensionalidade. Amigas de seu bairro a incentivaram a vender suas produções, inclusive voluntariando-se a crocheter bicos para enfeitar ainda mais os panos de prato. Ela acabou cedendo à idéia e passou a investir no caráter comercial de sua prática, oferecendo seus produtos à própria população da instituição, conseguindo boas vendas. Algumas conversas ao longo dos encontros das rodas de artesanato, Guilhermina tinha desmerecido o potencial do artesanato enquanto prática remunerável. No entanto, naquele momento, integrar à sua experiência como artesã, também a possibilidade de ingressar num processo de autonomia financeira, nem que fosse, na compra de outros materiais, de modo a não depender mais do marido neste quesito.

Fotografia 21. As asas bordadas de Guilhermina alçando vôos em sua carreira como artesã

Artesã já acostumada a lidar com o mercado do artesanato, Luciana apesar das constantes interações do filho e prazos de encomendas, maninha-se participativa nas rodas de artesanato, nem que fosse para dar andamento a seus trabalhos em nossa companhia. Naquele momento se dedicava a personalizar um conjunto de toalhas, bordando a barra em ponto cruz e tecendo o barrado em macramê.

Fotografia 22. O intrincado vai e vem de linhas construindo a teia da vida

Infelizmente Josefa teve um problema de saúde e deixou de acompanhar o neto à escola. Com isso, ausentou-se fisicamente de frequentar nossos encontros. No entanto, seus artesanatos continuavam presentes por meio de outras cuidadoras que a visitavam e levavam seus trabalhos para vender na instituição e também para que os admirássemos no espaço do grupo. Deste modo, conhecemos interessante técnica de construção de vasos decorativos realizada com sucata, embalagem de leite longa vida, recoberta com massa corrida e decorada com laços de papel.

Fotografia 23. O vaso presente, apesar da ausência de Josefa.

Houve um valioso movimento do grupo em decidir pela produção conjunta de peças, visando o convite formal da equipe de desenvolvimento instituição a participar de um bazar tradicional organizado anualmente. Foram construídos anjinhos de pano, toalhinhas bordadas e diversos trabalhos em crochê e tricô. Por fim, as cuidadoras conseguiram inaugurar sua banca para venda de trabalhos artesanais no tradicional bazar da instituição. Realizando um de seus sonhos relatados outrora, em um dos nossos primeiros encontros.

Fotografia 24. Anjinhos coloridos, leves e apaziguadores

Com a entrada de novos alunos, duas novas mulheres integraram as rodas, querendo conhecer de perto nossas experiências, e reaquecendo o círculo com novas idéias, novos talentos e vontades. Ainda que permanecessem em equilíbrio a participação de mulheres assíduas e das faltantes que escolhiam se dedicar em seu tempo livre a outras atividades, era preciso concordar: acima de tudo, mesmo a mais breve passagem pelas cirandas do nosso círculo, e elas se lembravam que podiam optar...

Fotografia 25. A colorida diversidade do círculo e a ousada recriação do antigo

5 - ARREMATES

O arquétipo do Círculo pode ser perfeito. Um Círculo de mulheres nunca é. Mas, se seu centro é mantido quando um problema surge e existe sabedoria, amor, honestidade e espaço para erros, o Círculo é mais do que “bom o suficiente”. É uma obra de arte criativa em andamento.

(Bolen, 2003, p. 94)

As rodas de artesanato referendaram a relevância e aplicabilidade dos conceitos da psicologia junguiana em contextos mais amplos do que os atendimentos psicológicos tradicionais, realizados em contextos individuais e particulares. Reforçaram o caráter empírico da ciência psicológica preconizado por Jung, ao evitarem a imposição de pressupostos teóricos à prática, antes abrindo espaço para a realidade da população atendida em instituições ligadas à prestação de serviços em saúde pública. Deste modo, confirmaram que teoria e prática entrelaçadas compõem a trama que sustenta e renova a prática psicológica, para que se torne cada vez mais consistente e rigorosa, em termos científicos e éticos, porém maleável no que tange à sua prática, visando a vivacidade e a acessibilidade que toda ciência pressupõe.

Neste sentido, a presente dissertação abordou temas que poderão ser aprofundados em pesquisas e práticas psicoterapêuticas futuras: a atuação da psicologia de orientação junguiana no contexto da reabilitação física, os benefícios do atendimento psicológico familiar especialmente voltado às cuidadoras, os atendimentos institucionais em grupo embasados nos grupos vivenciais junguianos, e a utilização do artesanato como recurso expressivo e na manifestação de processos simbólicos.

Definir a proposta das rodas de artesanato é tarefa complexa devido aos seus objetivos ao mesmo tempo terapêuticos e científicos, e por sua natureza maleável, que não partiu de modelos prontos, mas foi construída no alinhavo criativo entre a realidade institucional, a demanda da população atendida, o arcabouço teórico que inspira e fundamenta minha prática profissional e, certamente, minhas experiências pessoais. No entanto, vale definir detalhes que compuseram os fundamentos da proposta, principalmente relacionados ao enquadre terapêutico e ao manejo clínico.

Em termos de enquadre, as rodas de artesanato foram inspiradas nos grupos vivenciais de orientação junguiana, configurando uma modalidade de atendimento psicológico que primou harmonizar diferenças e diversidades. Deste modo, sua estrutura e dinâmica remeteram aos aspectos simbólicos do círculo, cujo contorno ofereceu estrutura e coesão, e a dinâmica interna possibilitou a coexistência, a equidade e a focalização de temas relevantes. Por sua característica aberta e democrática, as rodas de artesanato convidaram

ao clima psicológico de relaxamento, introspecção, imaginação, criatividade, transformação da matéria-prima, alteridade e partilha.

O manejo terapêutico buscou elementos arquetípicos expressos pela deusa grega Héstia em um de seus principais simbolismos, o fogo da lareira queimando em brasa. Neste aspecto, lançou mão do exercício de focalização flutuante, de modo a propiciar experiências emocionais de comunicação entre consciência e inconsciente.

A característica vivencial das rodas de artesanato, fundamentada em aspectos do enquadre e do manejo clínico, possibilitou lançar mão de experiências terapêuticas não verbais. Semelhantes ao movimento da agulha e linha em um bordado, passeando ora pela frente, ora pelo verso da trama, as experiências relacionadas ao fazer artesanal puderam ser compreendidas como manifestação humana preñe de sentido e de potencial criativo, reveladora dos símbolos e dos processos psíquicos grupais. Os aviamentos enquanto recursos expressivos, em sua cor, maleabilidade e potencial para ser transformado assumiram um importante papel mediador, atraindo o grupo ao manuseio e à reflexão, impelindo-o ao reconhecimento de experiências do passado e ao surgimento de novas ideias, favorecendo a imersão em estados diferenciados de consciência – menos racionais e mais ligados à fantasia e ao devaneio. Deste modo, as memórias e aprendizados do passado eram o pano de fundo sobre o qual o grupo se descobria capaz de ousar a partir de novas experiências e criações.

Os símbolos constelados no processo de fazer artesanal indicaram o modo como o grupo vinha se relacionando com a experiência da maternagem e com as possibilidades no contexto de suas vidas. Verificaram-se fantasias e emoções ambivalentes como luto e negação, resignação e aceitação, generosidade e hostilidade, raiva e euforia, vitimização e heroísmo, intolerância e inclusão, desolação e união, dependência e onipotência, abandono e possessividade, rejeição e superproteção, doação e recebimento, entre outros.

O artesanato confirmou sua relevância simbólica, não apenas a partir do objeto concreto, mas como processo que na manipulação e transformação da matéria-prima também se vivenciem transformações psíquicas. Tal fenômeno remete à consideração de que o campo vivencial incluiu todos os fenômenos grupais que aconteciam concomitantemente à prática artesanal. Ou seja, a tomada de decisões, a partilha de

conhecimentos, temores, críticas e afeto, a presença ou a ausência durante os encontros, o sucesso ou o aborto de ideias e fazeres, eram compreendidas como potenciais criativos revelando movimentos do psiquismo grupal. A partir do conjunto de tais manifestações simbólicas, a Psicologia por meio de reflexões, propostas e vivências podia manejar o enquadre.

Confirmaram-se os benefícios do fazer artesanal em diversas instâncias. Em termos cognitivos, ao estimular a atenção, a concentração, a memória, a flexibilidade mental e o aprendizado de novas informações, interviu sobre habilidades comumente prejudicadas em quadros de estresse, depressão e ansiedade. Além disso, a prática do artesanato ao propiciar experiências de manipulação e relativo controle sobre aspectos da realidade incentivou a capacidade de improviso, persistência, criatividade e tolerância frente aos erros e acertos, incrementando a autoconfiança e a tolerância às frustrações. A produção artesanal também favoreceu o reconhecimento de habilidades complementares, na medida em que a matéria-prima ao ser tocada, cheirada, manipulada, transformada e a assumir utilidade prática, favoreceu a integração de psiquismo e corpo, indivíduo e coletivo, planejamento e execução, intuição e sensação.

Sob o ponto de vista psicoterapêutico, cumpriu-se o objetivo de intervir junto a um grupo de mulheres que acompanhavam crianças e jovens com deficiências físicas. Vale lembrar que as limitações neuropsicomotoras dos alunos e a ausência de apoio familiar e social, implicavam no fato das mães e, em alguns casos, avós, tias, irmãs ou amigas, suportarem os desafios naturais do seu desenvolvimento pessoal emaranhadas nas ambivalências da maternagem especificamente longa e demandante. A condição emocional da população atendida era marcada por uma inflacionada identificação do ego com a persona em sua polaridade de cuidadora, repercutindo em atitudes e sentimentos estereotipados frente às demandas da vida familiar, social e institucional. Neste sentido, a manipulação de fios, tramas, cores e formatos permitiu o resgate do potencial de transmutação da realidade cotidiana. O aprimoramento da capacidade de pensar e agir para além da atitude queixosa, dependente e vitimizada, a descoberta de preferências e habilidades, promoveu o processo de empoderamento dos indivíduos e do próprio grupo, que se organizou a partir de lideranças próprias e assumiu a elaboração de projetos voltados aos seus interesses e necessidades. Deste modo, acionaram-se diversas maneiras de criar e

inovar, para além da doação abnegada e masoquista da maternagem, fortemente arraigada em nosso tempo, muitas vezes vivenciada de modo irrefletido e engessado. Mesmo a prática artesanal, outrora exercida de modo a reforçar o papel de subordinação das mulheres aos padrões socialmente estabelecidos de “dona-de-casa” e “mãe exemplar” tem sido revista enquanto fazer criativo e transformador, modificando ao mesmo tempo a dimensão intrapsíquica e a social, melhorando o estado emocional e as relações da mulher com seu grupo, com a instituição e com a criança e/ou jovem sob seus cuidados.

Considero que a proposta da presente pesquisa, nascida no interjogo entre a demanda da população atendida, as características da instituição, meu posicionamento teórico e prático e minha própria admiração pessoal pelo artesanato, a despeito de não ter oferecido receitas prontas e infalíveis, demonstrou que a natureza do recurso expressivo pode ser variável, desde que a prática psicológica seja flexível e criativa, permitindo customizar as rotinas, desmanchar defesas psíquicas, romper preconceitos, enfim, recolocar a vida em movimento. Ao longo da pesquisa, compreender as relações entre a população atendida e a persona relacionada ao papel de cuidadora, permitiu o aprimoramento de propostas de atendimento, remetendo aos processos criativos de desenvolvimento psíquico também no campo profissional de terapeutas que atuam em saúde, educação e reabilitação.

A criação de um espaço para que se manifestassem idéias, desistências, dificuldades e sugestões, convidou a população atendida a responsabilizar-se pela criação de uma ciranda sempre em movimento. Os sinais de que novos projetos e possibilidades estavam sendo tecidos a partir das rodas de artesanato mostravam que a serenidade e o calor das parcerias criativas eram favoráveis ao resgate dos potenciais humanos de transmutação da realidade frente à desafiante tessitura da vida.

6- REFERÊNCIAS²⁰

Aiello-Vaisberg, T.M.J., Silva, L.S., Granato, T.M.M. & De Felice, E.M. (2001). Tricotando Para o Bebê que se Espera: arte terapia para gestantes na clínica winnicottiana. *Mudanças*, 9(15), 37-56.

Aiello-Vaisberg, T.M.J.A. & Machado, M.C.L. (2005). Narrativas: o gesto do sonhador brincante. Resumo de Trabalho do IV Encontro Latinoamericano: estados gerais da psicanálise: recuperado em 12 de outubro, 2009, de http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Tania_Maria_Jose_Aiello_Vaisberg_e_Maria_Christina_Lousada_Machado.pdf

Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2004). *Enquadres Diferenciados na Clínica Winnicottiana*. São Paulo: Idéias e Letras.

Almeida, M.B.V.B. (2007). *Paternidade e Subjetividade Masculina em Transformação: crise, crescimento e individuação*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Alonso, L.G. (2005). Aposição Entre Genética e Arte: uma perspectiva histórica. In Francisquetti, A.A. (Org.). *Arte Medicina* (pp. 13-29). São Paulo: Livraria Médica Paulista.

Amaral, L.A. (1988). *Do Olimpo ao Mundo dos Mortais ou Dando Nome aos Bois*. São Paulo: Edmetec.

Amaral, L.A (1995). *Conhecendo a Deficiência (em companhia de Hércules)*. São Paulo: Robe Editorial.

Amiralian, M.L.T., Pinto, M.E., Ghirardi, M.I.G., Lichtig, I., Masini, E.F.S., & Pasqualin, L. (2000). Conceituando Deficiência. *Revista de Saúde Pública*, 34(1), 97-3.

²⁰ De acordo com o estilo APA – American Psychological Association

Amiralian, M.L.T. (2005). Desmistificando a Inclusão. *Psicopedagogia*, 22 (67), 59-65.

Ancona-Lopez, M. (1984). Contexto Geral do Diagnóstico Psicológico. In: Trinca, W. *Diagnóstico Psicológico: a prática clínica* (Temas Básicos de Psicologia, Vol. 11, 4ª reimpressão, pp. 1-13). São Paulo: EPU.

Andrade, M. (1938/1963). O Artista e o Artesão. In Andrade, M. (1938/1963). *O Baile das Quatro Artes* (pp. 9-33). São Paulo: Martins Fontes.

Araújo, D.A. (2004). Psicologia no Tratamento de Crianças com Paralisia Cerebral. In Lima, C.L.F.A., & Fonseca, L.F. (Orgs.). *Paralisia Cerebral* (pp. 235-239). Rio de Janeiro: Medsi/Guanabara Koogan.

Arcuri, I. G. (2006). *Arteterapia e o Corpo Secreto. técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal*. São Paulo: Vetor.

Badinter, E. (1985). *Um Amor Conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Barcellos, G. (2004). Jung, junguianos e arte: uma breve apreciação. *Pro-posições*, 15, 1 (43), 27-38.

Battistella, L.R., Salimene, A.C.M. & Macedo, A.M.F. (Orgs.). (1997). *O Portador de Deficiência: qualidade de vida, autonomia de decisão. Manual de Orientação. Cuidador Informal e Atendente Pessoal na Assistência Domiciliar*. São Paulo: Lemos Editorial.

Benjamin, W. (1994). O Narrador. In Benjamin, W. (1994). *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras Escolhidas, vol.1, 7a ed., pp. 197-206). São Paulo: Brasiliense.

Benute, G.R.G., Fabretti, L.R.P., Galletta, M.A., Lippi, A., Lucia, M.C.S. & Zugaib, M. (2002). Enfrentando a maternidade: um estudo com gestantes adolescentes. *Anais do 7º*

Congresso Brasileiro de Obstetrícia e Ginecologia da Infância e Adolescência (p.49). Cuiabá, MT.

Benute, G.R.G., Nomura, R.M.Y., Lucia, M.C.S. & Zugaib, M. (2006). Interrupção da gestação após o diagnóstico de malformação fetal letal: aspectos emocionais. *Rev. Bras. Ginecol. Obstet.*, 28(1), 10-17.

Benute, G.R.G., Nomura, R.M.Y., Pereira, P.P., Lucia, M.C.S. & Zugaib, M. (2009). Abortamento Provocado e Espontâneo. *Rev. Assoc. Med. Bras.*, 55(3), 322-327.

Benute, G.R.G., Santos, N.O., Santos, R.M.R., Rondon, F.C., Quayle, J. & Lucia MCS. (2001). A Importância do Psicólogo na Criação e Implantação dos Programas Educativos e de Prevenção em Saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 25, 49-53.

Bertolini, L.B.A. (2002). *Relações Entre o Trabalho da Mulher e a Dinâmica Familiar*. São Paulo: Vetor.

Bisceglia, R.A., Tanaka, E.D.O. & Gaetan, E.M. (2003). Benefícios do Trabalho Fisioterápico Preventivo Junto ao Bebê de Risco Através da Orientação à Mãe. In Marquezine, M.C., Almeida, M.A., Omote, S. & Tanaka, E.D.O. (Orgs.). (2003). *O Papel da Família Junto ao Portador de Necessidades Especiais*. (Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial, vol.6, pp. 57-67). Londrina: Eduel.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Portugal: Porto.

Bohoslavsky, R. (1996). *Orientação Vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes.

Boleiz Junior, F. & Pons, F.E. (n.d.). *Diálogos populares: de Freinet a Freire*. Recuperado em 21 de setembro, 2009, de <http://www.fimem-freinet.org/coope-space-fr-pt/freinet-historia/cerca-de-freinet/c-freinet-p-freire/dialogos-populares-de-freinet-a-freire>

Bolen, J.S. (2007). *As Deusas e a Mulher: nova psicologia das mulheres* (8a ed.). São Paulo: Paulus.

- Bolen, J.S. (2003). *O Milionésimo Círculo. Como transformar a nós mesmas e ao mundo: um guia para círculos de mulheres*. São Paulo: Triom.
- Bondía, J.L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28.
- Bortoletti, F.F. (1996). Assistência Psicológica. In: Moron, A.F., Chooncha. S., & Isfer, E.V. *A Abordagem Multiprofissional em Medicina Fetal*. São Paulo: Sobramef (Sociedade Brasileira de Medicina Fetal)/ Hospital e Maternidade Santa Joana/Escritório Editorial.
- Bourdieu, P. (Org.). (1993/1999). *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes.
- Bowlby, J. (2002). *Cuidados Maternos e Saúde Mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brutsche, P. (2006). [Prefácio]. In Furth, G.M. *O Mundo Secreto dos Desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte* (2a ed., pp. 12-15). São Paulo, Paulus.
- Buscaglia, L. (1997). *Os Deficientes e Seus Pais* (3a ed.). Rio de Janeiro: Record.
- Byington, C.A.C. (1993). Uma Avaliação das Técnicas Expressivas pela Psicologia Simbólica. *Junguiana*, 11, 134-149.
- Cabral e Nick, E. (1995). *Dicionário Técnico de Psicologia* (8a ed.). São Paulo: Cultrix.
- Camargo, S. (1997). *Manual de Ajuda para Pais de Crianças com Paralisia Cerebral* (2a ed.). São Paulo: Pensamento.
- Caldas Aulete, F.J. & Valente, A.L.S. (n/d). *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete Digital*. Recuperado em 10 de agosto, 2009, de <http://www.auletedigital.com.br/download.html>

- Carvalho, M.M. (2002). Psico-oncologia: história, características e desafios. *Psicologia USP*, 13 (1). Recuperado em 03 de junho, 2009, da sciELO (Scientific Electronic Library On Line): http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000100008&lng=en&nrm=iso
- Carvalho, V.C. (2008). *Gênero e Artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp.
- Cavalcanti, T.R.A. (2007). *Jung* (Folha Explica). São Paulo: Publifolha.
- Chataway (2001). Negotiating the Observer-observed Relationship: participatory action research. In Tolman, D. & Brydon-Miller, M. (Orgs.). *From subjects to subjectivities – a handbook of interpretative and participatory methods* (pp. 239-255). USA: New York University Press.
- Chaves, R.C.R.R. (2004). Abordagem Centrada na Família: premissas, limitações e possibilidades. In: Lima, C.L.F.A., & Fonseca, L.F. (Orgs.). *Paralisia Cerebral* (pp. 311-319). Rio de Janeiro: Medsi/Guanabara Koogan.
- Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para a Família de Classificações Internacionais. (Org.). (2003). *Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Cirlot, J.E. (2007). *Dicionário de Símbolos* (4a ed.). São Paulo: Centauro.
- Colnago, N.A.A. & Biasoli-Alves, Z. (2003). Necessidades de Famílias de Bebês com Síndrome de Down – SD: subsídios para uma proposta de intervenção – parte 1. In Marquezine, M.C., Almeida, M.A., Omote, S. & Tanaka, E.D.O. (Orgs.). (2003). *O Papel da Família Junto ao Portador de Necessidades Especiais*. (Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial, vol.6, pp.1-14). Eduep: Londrina.
- Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. (Org.). (2008). *60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos*. São Paulo: CRP/SP.

Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. (2010). *Título de Especialista: psicologia escolar*. Recuperado em 9 de outubro, 2010 de http://www.crpssp.org.br/portal/orientacao/titulo/fr_titulo_psi_escolar.aspx

Cordeiro, A.M. & Palomo, V. (2007). Hefesto: o arquétipo do criador ferido. In Alvarenga, M.Z. (coord.). (2007). *Mitologia Simbólica: estruturas da psique e regências míticas* (pp. 183-198). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Cruz, T.W.M. (1998). *Miragens da Existência: o tecelão, a tecelagem e sua simbologia*. São Paulo: Annablume: Fapesp.

Doman, G. (1989). *O que Fazer Pela Criança de Cérebro Lesado ou Retardada Mental, Deficiente Mental, Paralisada Cerebral, Emocionalmente Perturbada, Espástica, Flácida, Rígida, Epiléptica, Autista, Atetóide, Superativa*. Rio de Janeiro: Auriverde.

Draper, E. (1991). The Patience of Penelope. *Parabola: the magazine of myth and tradition*, Craft, XVI (3), pp. 24-25.

Duby, G. (1990). Convívio. In Duby, G. (Org.). *História da Vida Privada: da Europa feudal à renascença* (Vol. 2, pp: 49-95). São Paulo: Companhia das Letras.

Estés, C.P. (2007). *A Ciranda das Mulheres Sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem*. Rio de Janeiro: Rocco.

Fabretti, L.R.P. (2008) Grupo Psicoterapêutico para Adolescentes: contribuições da equipe interdisciplinar para a inclusão social [CD ROM]. In *Resumos dos Trabalhos da III Jornada Científica do Lar Escola São Francisco*. São Paulo: LESF/ UNIFESP.

Fabretti, L.R.P. & Lima, T.P. (no prelo). Roda anti-violência por meio de danças circulares, artesanato e contos. *Resumo Expandido do 3º Congresso Brasileiro de Psicologia Junguiana*. São Paulo: Escola Paulista de Psicologia Avançada.

- Fabretti, L.R.P. (2009). Artesanato Como Recurso na Reabilitação Física e na Inclusão de Jovens [CD ROM]. In *Resumos dos Trabalhos da IV Jornada Científica do Lar Escola São Francisco*, São Paulo, LESF/ UNIFESP.
- Ferreira, J.C. (2004). *Encontrando a Mulher: a psicanálise do self na abordagem de um singular plural*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Florenzano, J.P. (2009). *A Democracia Corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: Educ/Fapesp.
- Fontenele, C.C., Silvino, F.F., Terra, L.C.T., Alencar, M.A., Pinto, S.M. & Ferreira, S.M.P. (2004). Intervenção Precoce. In Lima, C.L.F.A., & Fonseca, L.F. (Orgs.). *Paralisia Cerebral* (pp. 321-333). Rio de Janeiro: Medsi/Guanabara Koogan.
- Fordham, M. (2001). *A Criança como Indivíduo*. São Paulo: Cultrix.
- Freitas, L.V. (1990). O Arquétipo do Mestre-Aprendiz: considerações sobre a vivência. *Junguiana*, 8, 72-99.
- Freitas, L.V. (2005a). O Calor e a Luz de Héstia: sua presença nos grupos vivenciais. *Cadernos de Educação Universidade de Cuiabá*, Ed. Esp., p. 131-145.
- Freitas, L.V. (2005b). Grupos Vivenciais Sob uma Perspectiva Junguiana. *Psicologia USP*, 2005, 16(3), 45-69. Recuperado em 20 de novembro, 2009 de <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/psicousp/v16n3/v16n3a04.pdf>
- Freitas, L.V., Fabretti, L.R.P., Fiorellini, A., Souza, C.M.C., Nakahara, C., Pukaro, D., Ho, J.Y.S., Tamaki, M., Pereira, O.C.N. & Confessoro, V. (2009). Energia Psíquica e Criatividade na Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung: uma experiência de construção de máscaras no curso de graduação [CD ROM]. In *Resumos dos Trabalhos do III Simpósio de Psicologia Analítica do IPUSP e I Encontro Interlaboratórios sobre Grupos*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

- Furnaletto, E.C. (2007). Pesquisa Simbólica: em busca de novas formas de investigar. In: Nardi, R.G., Lopes, M. C. R. & Hansen, J.H. (Orgs.). (2008). *Identidade Docente: uma construção entre saberes e práticas* (pp. 61-78). São Paulo: Centro Universitário São Camilo.
- Furth, G.M. (2006). *O Mundo Secreto dos Desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte* (2a ed.). São Paulo: Paulus.
- Galiás, I. (2001). O Papel da Mulher no Resgate da Grande Mãe em Nossa Cultura. *Junguiana*, 19, pp.63-70.
- García, M.T. & Beatón, G.A. (2004) *Necessidades Educativas Especiais: desde o enfoque histórico-cultural*. São Paulo: Linear B.
- Gieco, L. (1978). Solo le Pido a Dios [gravado por Mercedes Sosa]. In *Mercedes Sosa en Argentina* [CD]. Gravado en Vivo en le Teatro Ópera en Buenos Aires: Phillips. (1982)
- Gil, M. (1997). Prefácio. In Camargo, S. *Manual de Ajuda para Pais de Crianças com Paralisia Cerebral* (2a ed., pp. 11-13.). São Paulo: Pensamento.
- Gola, E. (2002). *A Jóia: uma pesquisa histórica*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gombrich, E.H. (1993). *A História da Arte* (15a ed.). Rio de Janeiro: LTC editora
- Goodwin, C.J. (2005). *História da Psicologia Moderna*. São Paulo: Cultrix.
- Granato, T.M.M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2002). A Preocupação Materna Primária Especial. *Psicologia Clínica*, 14(2), pp 87-91.
- Grinberg, L.P. (2003). *Jung, o Homem Criativo*. (2a ed.). São Paulo: FTD.

Guggenbühl-Craig, A. (1983). O Arquétipo do Inválido e os Limites da Cura. *Junguiana*, 1, pp. 97-106.

Guggenbühl-Craig, A. (2000). Prefácio. In Pattis, E. (2000). *Aborto: perda e renovação: um paradoxo na busca da identidade feminina* (pp. 17-21). São Paulo: Paulus.

Guggenbühl-Craig, A. (2008). *O Abuso do Poder na Psicoterapia: e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério*. (2a ed). São Paulo: Paulus.

Quilici, M.A.I. (2009). *Dramatização Espontânea e Psicologia Analítica de Jung: consideração da sombra em um grupo de psico-sociodrama*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Jaffé, A. (1964). O Simbolismo nas Artes Plásticas. In Jung, C.G. (1964). *O Homem e Seus Símbolos* (10a ed., especial brasileira, pp. 230-271). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Jesus, D.M. (2003). A Vez e a Voz dos Pais de Filhos com Necessidades Educativas Especiais. In Marqueline, M.C., Almeida, M.A., Omote, S. & Tanaka, E.D.O. (Orgs.). (2003). *O Papel da Família Junto ao Portador de Necessidades Especiais*. (Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial, vol.6, pp.111-122). Eduel: Londrina.

Jung, C.G. (1922/1985). Relação da Psicologia Analítica com a Obra de Arte Poética. In Jung, C.G. (1971/1985). *O Espírito na Arte e na Ciência* (CW XV, pp. 54-72). Petrópolis: Vozes.

Jung, C.G. (1934/2008). Sobre os Arquétipos do Inconsciente Coletivo. In Jung, C.G. (1934/2008). *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo* (CW IX/1, 6a ed., pp 13-8.6). Petrópolis: Vozes.

Jung, C.G. (1935/1972). *Fundamentos de Psicologia Analítica: as conferências de Tavistock* (CW XVIII/I). Petrópolis: Vozes.

Jung, C.G. (1935/1997). O que é Psicoterapia. In Jung, C.G. *A Prática da Psicoterapia* (CW XVI/I, 5a ed., pp. 19-26.). Petrópolis: Vozes.

Jung, C.G. (1939/2008). Aspectos Psicológicos do Arquétipo. In Jung, C.G. (2008). *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo* (CW IX/1, 6a ed., pp 87-116.). Petrópolis: Vozes.

Jung, C.G. (1945/1997). *A Prática da Psicoterapia* (CW XVI/I, 5a ed.). Petrópolis: Vozes.

Jung, C.G. (1950/2008). Sobre o Renascimento. In Jung, C.G. (1950/2008). *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo* (CW IX/1, 6a ed., pp. 117-150). Petrópolis: Vozes.

Jung, C.G. (1951/1997). Questões Básicas da Psicoterapia. In Jung, C.G. *A Prática da Psicoterapia* (CW XVI/I, 5a ed., pp. 106-119). Petrópolis: Vozes.

Jung, C. G. (1952/1986). As Duas Formas de Pensamento. In *Símbolos da Transformação* (CW V/1, p. 6-28). Petrópolis: Vozes.

Jung, C.G. (1964). Chegando ao Inconsciente. In Jung, C.G. (1964). *O Homem e Seus Símbolos* (10a ed., esp. brasil, pp. 18-103.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Jung, C.G. (1971/2008). *O Eu e o Inconsciente* (CW VII/2, 21a ed). Petrópolis: Vozes.

Kandinsky, W. (2000). *Do Espiritual na Arte* (2a ed., 2a tiragem.) São Paulo: Martins Fontes.

Kofman, S. (1996). *A Infância da arte: uma interpretação da estética freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Koltuv, B. (1992). *A Tecelã: ensaios sobre a psicologia feminina extraídos dos diários de uma analista junguiana*. São Paulo: Cultrix.

Leister, A.I. & Reis, N.M.M (2004). Futuro e Perspectivas do Portador de Paralisia Cerebral com Grave Acometimento Motor. In Lima, C.L.F.A. & Fonseca, L.F. (Orgs.). *Paralisia Cerebral: neurologia, ortopedia, reabilitação* (pp. 455-462). Rio de Janeiro: Medsi/Editora Guanabara Koogan S.S.

Lima, G. (2007). Héstia. In Alvarenga, M.Z. (Org.). *Mitologia Simbólica: estruturas da psique e regências míticas* (pp 133-150). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lispector, C. (1999). *Para Não Esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco.

Maia, S.M. (2006). *A Interconsulta Psicológica no Hospital Geral: uma demanda institucional*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Maldonado, M.T. (1997). *Psicologia da Gravidez* (14a ed.). São Paulo: Saraiva.

Mãos de Ouro (Vol. 1). (1968). São Paulo: Abril Cultural.

Marquezine, M.C., Almeida, M.A., Omote, S. & Tanaka, E.D.O. (Orgs.). (2003). *O Papel da Família Junto ao Portador de Necessidades Especiais*. (Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial, Vol.6, pp. xiii). Eduel: Londrina.

Masiero, C.M.T., Carvalho, J., Fabretti, L.R.P., Zanotello, S.A. & Iriya, S.R.R. Abordagem do Setor de Psicologia na Reabilitação de Pessoas com Deficiência Física. In Jardim, J.R. & Nascimento, O. (Coord.). *Reabilitação* (Guias de Medicina Ambulatorial e Hospitalar da Unifesp – EPM, pp. 189-223). Barueri: Manole.

Masiero, C.M.T. (2008). *A Resiliência em Pessoas com Lesão Medular que Estão no Mercado de Trabalho. Uma Abordagem Psicossomática*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Medeiros, A. & Branco, S. (2008). *Contos de Fada: vivências e técnicas em arteterapia*. Rio de Janeiro: Wak.

Megale, H. (Org.). (2008). *A Demanda do Santo Graal*. São Paulo: Companhia das Letras.

Mioranza, C. (1997). *Dicionário dos Sobrenomes Italianos*. São Paulo: Editora Escala.

- Moura, M.J. (2004). Inclusão e Escolaridade. In Lima, C.L.F.A. & Fonseca, L.F. (Orgs.). *Paralisia Cerebral: neurologia, ortopedia, reabilitação* (pp. 339-411). Rio de Janeiro: Medsi/Editora Guanabara Koogan S.S.
- Nardi, R.G. (2007). *Ressignificando a Educação Especial a Partir da Complexidade e do Pensamento Eco-sistêmico*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Educação: currículo, São Paulo.
- Navajas Filho, E. (1998). Os processos de Identificação e Introjeção na Gravidez. In Zugaib, M.; Tedesco, J.J., & Quayle, J. *Obstetrícia Psicossomática*. São Paulo: Atheneu
- Nelson, C. (2004) Paralisia Cerebral. In Umphred, D.A. (Editor). *Reabilitação Neurológica* (pp. 272-301). Barueri: Manole.
- Neumann, E. (1991). *A criança: estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação*. São Paulo: Cultrix.
- Neumann, E. (2006). *A Grande Mãe: um estudo fenomenológico sobre a constituição feminina do inconsciente* (5a ed.). São Paulo: Cultrix.
- Nosek, L. (2008). Bordando Sonhos. In *Bordando Arte: uma experiência inspiradora* [Catálogo, pp. 9-11]. São Paulo: Associação à Criança Cardíaca e à Transplantada do Coração. (Exposição na Pinacoteca do Estado de São Paulo). Recuperado em 28 de março, 2010, de http://www.actc.org.br/catalogo_bordando_arte.pdf
- Nunes, L.R.D.P. (2003). Prefácio. In Marquezine, M.C., Almeida, M.A., Omote, S. & Tanaka, E.D.O. (Orgs.). (2003). *O Papel da Família Junto ao Portador de Necessidades Especiais*. (Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial, Vol.6, pp. xiii). Edue: Londrina.
- Nunes, L.R.D.P., Ferreira, J.R. & Mendes, E.G. (2003). Teses e Dissertações sobre Educação Especial: os temas mais investigados. In Marquezine, M.C., Almeida, M.A. & Omote, S. (Ogs.). *Colóquios Sobre Pesquisa em Educação Especial* (Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial, Vol. 1 , pp. 113-136). Londrina: Edue.

- Ogama, M.A.G. & Tanaka, E.D.O. (2003). Família e Instituição para Portadores de Deficiência Mental. Da Expectativa do Primeiro Contato à Realidade. In Marquezine, M.C., Almeida, M.A., Omote, S. & Tanaka, E.D.O. (Orgs.). (2003). *O Papel da Família Junto ao Portador de Necessidades Especiais*. (Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial, Vol.6, pp. 35-44). Eduel: Londrina.
- Oliveira-Pamplin, R.C. & Sigolo, S.R.R.L. (2003). Relações Díadicas no Contexto Familiar de Crianças com Necessidades Educativas Especiais. In Marquezine, M.C., Almeida, M.A., Omote, S. & Tanaka, E.D.O. (Orgs.). (2003). *O Papel da Família Junto ao Portador de Necessidades Especiais*. (Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial, Vol.6, pp. 23-33). Eduel: Londrina.
- Oliveira, S. R. (2006). *Reflexões sobre a materialidade numa abordagem imagético-apresentativa: narrativa de um percurso teórico e prático à luz da psicologia analítica*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Omote, S. (2003). Introdução: a deficiência e a família. In Marquezine, M.C., Almeida, M.A., Omote, S. & Tanaka, E.D.O. (Orgs.). (2003). *O Papel da Família Junto ao Portador de Necessidades Especiais*. (Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial, Vol.6, pp. XV-VIII). Eduel: Londrina.
- Programa do Artesanato Brasileiro, do Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e do Comércio Exterior. Governo Federal. *A Arte do Artesanato Brasileiro*. (2002). São Paulo: Talento.
- Parisi, S. (2009). *Separação Amorosa e Individuação Feminina: uma abordagem em grupo de mulheres no enfoque da psicologia analítica*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Pattis, E. (2000). *Aborto: Perda e Renovação: um paradoxo na procura da identidade feminina*. São Paulo: Paulus.
- Penna, E.M.D. (2007). Pesquisa em Psicologia Analítica: reflexões sobre o inconsciente do pesquisador. *Boletim de Psicologia*, LVII, 127, pp. 127-138.

- Perera, S.B. (1991). *O Complexo de Bode Expiatório. Rumo a uma Mitologia da Sombra e da Culpa*. São Paulo: Cultrix.
- Pessotti, I. (1984). *Deficiência Mental: da superstição à ciência*. São Paulo: T.A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo.
- Philippini, A. (2009). *Linguagens e Materiais Expressivos em Arteterapia: uso, indicações e propriedades*. Rio de Janeiro: Wak.
- Prohaska, C., Benute, G.R.G., Fabretti, L.R.P., Galletta, M.A., Lippi, A. & Zugaib, M. (2002). Nível de Estresse Associado à gestação: comparação entre a vivência de adultas e adolescentes. *Anais do 7º Congresso Brasileiro de Obstetrícia e Ginecologia da Infância e Adolescência* (p.51). Cuiabá, MT.
- Régner-Bohler, D. (1990). Ficções. In Duby, G. (Org.). *A História da Vida Privada: da Europa feudal à renascença* (Vol 2, pp. 311-391). São Paulo: Companhia das Letras.
- Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação no Século XXI - Educação um Tesouro a Descobrir*. (1996). UNESCO, MEC e Cortez. Recuperado em 29 de setembro, 2010, de <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000009.pdf>
- Requião, M.H.P. (2009). O Olhar Junguiano Sobre os Contos de Fadas. In Silva, L.P.B. (Org.) Carrano, E. (Supervisão). (2009). *Bruxas e Fadas, Sapos e Príncipes: os contos de fadas em experiências arteterapêuticas* (2a ed, pp. 35-43.). Rio de Janeiro: Wak.
- Rey, F.G. (2005) *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os Processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning
- Rodrigues, S.R. (2009). *Corpo Deficiente e Individuação: um olhar sobre pessoas com deficiência física adquirida a partir da psicoterapia breve de orientação junguiana*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Roncière, C. (1990). A Vida Privada dos Notáveis Toscanos no Limiar da Renascença. In Duby, G. *A História da Vida Privada: da Europa feudal à renascença* (Vol, 2, pp. 163-309). São Paulo: Companhia das Letras.

- Rosembaum, P., Paneth, N., Leviton, A., Goldstein, M. & Bax, M. (2007). A Report: the definition and classification of cerebral palsy – April 2006. *Developmental Medicine & Child Neurology*, 49, s2, 1-44.
- Salles, V.(1983). Artesanato. In Zanini, W. (Org.). *História Geral da Arte no Brasil* (Vol. 2, pp. 1032- 1073). São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles/ Fundação Djalma Guimarães.
- Samuels, A. (2002). Além do Princípio Feminino. In Samuels, A. (2002). *A Psique Plural: personalidade, moralidade e o pai* (pp. 119-135). Rio de Janeiro: Imago.
- Sato, L. & Souza, M.P.R. (2001). Contribuindo para Desvelar a Complexidade do Cotidiano Através da Pesquisa Etnográfica em Psicologia. *Psicologia USP*, 12(2), pp29-47.
- Sennett, R. (2008). *O Artífice* (2a ed). Rio de Janeiro: Record.
- Sharp, D. (1993). *Léxico Junguiano: dicionário de termos e conceitos*. São Paulo: Cultrix.
- Silva, M.V.R. & Lemos, L.M. (2004). Aspectos Pré-Natais Determinantes da Paralisia Cerebral. In Lima, C.L.F.A. & Fonseca, L.F. (Orgs.). *Paralisia Cerebral: neurologia, ortopedia, reabilitação* (pp. 3-14). Rio de Janeiro: Medsi/Editora Guanabara Koogan S.S.
- Silveira, N. (1992). *O Mundo das Imagens*. São Paulo: Ática.
- Singer, J. (2002). *A Mulher Moderna em Busca da Alma: guia junguiano do mundo visível e do mundo invisível*. São Paulo: Paulus.
- Soifer, R. (1992). *Psicologia da Gravidez, Parto e Puerpério*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Souza, P.A. (2004). Aspectos Motivacionais na Reabilitação da Paralisia Cerebral. In Lima, C.L.F.A., & Fonseca, L.F. (Orgs.). *Paralisia Cerebral: neurologia, ortopedia, reabilitação* (pp.211-219). Rio de Janeiro: Medsi/Guanabara Koogan.

- Souza, S.R. & Goyos, C. (2003). Ensino de Leitura e Escrita por Mães de Crianças com Dificuldades de Aprendizagem. In Marquezine, M.C., Almeida, M.A., Omote, S., Tanaka, E.D.O. (Orgs.). (2003). *O Papel da Família Junto ao Portador de Necessidades Especiais*. (Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial, Vol.6, pp. 69-78). Eduel: Londrina, PR.
- Tomaz, C.M.M. (2009). *Memória de Mulheres: lembranças e identidades de mulheres brasileiras da ACTC*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Tuleski, S.C., Taguchi, D.M., Alves, L., Oliveira, P.P. & Marques, S.P. (2003). Educação Especial: a família como foco. In Marquezine, M.C., Almeida, M.A., Omote, S., Tanaka, E.D.O. (Orgs.). (2003). *O Papel da Família Junto ao Portador de Necessidades Especiais* (Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial, Vol.6, pp.97-109). Eduel: Londrina.
- Tupy, I.S.S.T. (2004). *Retratos Femininos: gênero, educação e trabalho nos censos demográficos, 1872-1970*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Valladares, C.P. (1978). Introdução. In *Artesanato brasileiro* (pp. 9-25). Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte.
- Valle, L.M.S. (2002). Fatores de Alto Risco e Ansiedade em Mães de Recém-nascido Pré-termo. *Temas*, 62-63, 122-137
- Vash, C. (1988). *Enfrentando a Deficiência: a manifestação, a psicologia, a reabilitação*. São Paulo: Livraria Pioneira.
- Vechi, L.G. (2008). *A Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung no Estudo da Instituição: uma proposta teórico-metodológica*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Veyne, P. (1989). O Império Romano. In Veyne, P. (Org.). *História da Vida Privada: do império romano ao ano mil* (Vol. 1, pp.19-224). São Paulo: Companhia das Letras.

Vitali, L.M. (2004). *Flor-rabisco: narrativa psicanalítica sobre uma experiência surpreendente*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Von Franz, M.L. (1964). O Processo de Individuação. In Jung, C.G. (1964). *O Homem e Seus Símbolos* (10a ed., esp. brasil., pp. 158-229). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Wadeson, H. (1980). *Art Psychotherapy*. New York: John Wiley & Sons.

Waiblinger, A. (1992). *A grande mãe e a criança divina: o milagre da vida no berço e na alma*. São Paulo: Cultrix.

Weinberg, S. (1983). *The First Three Minutes*. London: Fontana Paperbacks.

Woodman, M. (2003). *A Feminilidade Consciente*. São Paulo: Paulus.

Zinkin, L. (1998). *Dialogue in the Analytic Setting*. London and Philadelphia: Jessica Kingsley Publ.

INTERNET

<http://www.escala.com.br/grupos.asp?grupo=10&categoriaid=195&te=0&oe=2>

https://www.edminuano.com.br/catalogo/default.asp?acao=LISTA_CATEGORIA&categ1=4.

7 - ANEXOS

ANEXO 1: modelo do termo de consentimento livre e esclarecido

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo**Programa de Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, Lydiane Regina Pereira Fabretti, psicóloga, CRP 06/60831, desenvolvo no presente momento uma pesquisa de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob orientação da Prof. Dra. Laura Villares de Freitas.

O título da pesquisa é “Rodas de Artesanato: atendimento institucional a mães de crianças com deficiência física na perspectiva da psicologia junguiana”. O objetivo é aprofundar conhecimentos a respeito da utilização do artesanato como recurso de atendimento psicológico a mães que acompanham filhos em tratamentos e/ou no processo de escolarização num centro de reabilitação física.

Serão realizados atendimentos psicológicos em grupo com a elaboração de trabalhos livres de artesanato, durante aproximadamente quatro meses, com encontros semanais de uma hora. As experiências afetivo-emocionais discutidas durante o atendimento em grupo serão estudadas a fim de elaborar a dissertação de mestrado e para a publicação de um artigo sobre o tem pesquisado. O artesanato produzido poderá ser fotografado. Seu nome e os dados que possam identificá-la jamais serão divulgadas. A qualquer momento você poderá solicitar não participar da pesquisa, e mesmo assim poderá continuar freqüentando os encontros do grupo.

Eu, _____ RG _____ aceito participar da pesquisa acima descrita, contribuindo com os dados necessários, sem qualquer compromisso de honorários. Autorizo o registro fotográfico e a utilização das fotos do trabalho artesanal produzido no grupo. Estou ciente de que posso desistir de colaborar com a pesquisa a qualquer momento e ainda assim manter minha participação nas Rodas de Artesanato, e que a pesquisadora está à disposição para agendar eventuais entrevistas, para prestar esclarecimentos ou para compartilhar os resultados da pesquisa.

São Paulo, _____ de _____ de 2009.

Assinatura da colaboradora: _____

Telefone para contato: _____

Endereço: _____

e-mail: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Telefone para contato: 5904-8049

Endereço: Rua dos Açores, 310 – Jardim Luzitânia – São Paulo

E-mail: lydiane@ymail.com; lep@usp.br

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPH-IP-USP). Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 – Bloco G – sala 22. Cidade Universitária – São Paulo – SP. Telefone: 3097-0529